

Da autora da série *Blue Bloods*

melissa de la cruz

As feiticeiras de East End



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

*As feiticeiras
de East End*

2003

melissa de la cruz

Tradução de Áurea Akemi Arata



*"Quando nós três voltaremos a nos ver,
Sob trovões, relâmpagos, ou ao chover?
Quando a confusão estiver arrefecida,
Quando a luta estiver ganha e perdida..."*
— *Shakespeare, Macbeth*

“É possível que algumas Valquírias tenham escolhido abandonar Valhala e se espalhado por várias partes do país, onde começaram uma nova existência como feiticeiras.”

— da *Encyclopedia of Things That Never Were*.
Michael Page e Robert Ingpen

prólogo

A cidade à beira do nada

❧❧❧

North Hampton não existia em qualquer mapa, o que tornava a pequena comunidade insular localizada bem no extremo da costa do Atlântico, um labirinto para forasteiros. Ao que se sabe, eles andavam por aí ao acaso e só descobriram mais tarde que era impossível retornar. Assim, o lugar, com suas notáveis praias vazias de areia prateada, campos verdes ondulados e casas de fazenda imponentes, com suas estruturas especiais, tornava-se mais um tipo de sonho meio lembrado do que uma lembrança. Assim como Brigadoon, o lugar ficava encoberto por névoa e raramente ficava à vista. Perpetuamente úmida, mesmo durante seus verões brilhantes, seus habitantes eram um grupo de famílias muito unido e agregado que estava ali há gerações. Em North Hampton, diferentemente do resto de Long Island, ainda havia plantadores de batatas e pescadores de alto-mar que ganhavam o sustento com suas mãos.

Brisas salgadas sopravam suavemente sobre as águas azuis onduladas, os bancos de areia eram repletos de mariscos e vieiras, e os instáveis restaurantes serviam as especialidades locais: pargos, baiacus e sopa creme de vôngoles feita com tomate, nunca com leite. A era moderna quase não tinha deixado sua marca nos agradáveis arredores; não havia feias instalações de shopping centers nem nenhuma indicação de empresas corporativas do século XX para estragar a paisagem pitoresca.

Do outro lado da cidade ficava a ilha Gardiner, agora abandonada e largada às ruínas. Há muito mais tempo que alguém pudesse se

lembrar, a mansão Fair Haven fora esvaziada e ficara desocupada, uma relíquia ao crepúsculo. Pertencera à mesma família há séculos, mas ninguém via nenhum Gardiner há décadas. Circulavam boatos de que o clã, que já fora ilustre, não conseguiu custear sua manutenção ou que a linhagem tinha murchado e morrido com seu último e definitivo herdeiro. Ainda assim, Fair Haven e suas terras permaneciam intocadas e nunca foram vendidas.

Era a casa que o tempo tinha esquecido: o telhado em ponta com o beiral abaixo repleto de folhas, a pintura lascada e as colunas fendidas enquanto ela afundava lentamente em ruínas. O cais dos barcos da ilha apodrecia e estava penoso. Águias-pescadoras faziam sua morada nas praias intocadas. Os bosques ao redor da casa cresciam espessos e densos.

Então, certa noite no início do inverno, houve um ruído doentio, um barulho horrível como se o mundo tivesse sido rompido; o vento uivava, e o oceano se enraivecia. Bill e Maura Thatcher, casal que cuidava de uma propriedade vizinha, caminhavam com os cachorros ao longo da praia de North Hampton quando ouviram o terrível som do outro lado da água.

— O que é isso? — Bill perguntou, tentando acalmar os cães.

— Parece que o barulho veio de lá — Maura falou, apontando para a ilha Gardiner. Eles fixaram o olhar em Fair Haven, onde uma luz aparecera na janela mais ao norte da mansão.

— Olhe só isso, Mo. — Bill se espantou. — Não sabia que a casa tinha sido alugada.

— Proprietários novos, talvez? — retrucou Maura. Fair Haven parecia a mesma de sempre: as janelas como olhos semiabertos, a entrada descuidada pendia como um velho que enrugava a testa.

Maura levou os cachorros para perto da grama, mas Bill continuou fitando a casa, coçando a barba. Depois, rápido como um piscar de olhos, a luz se apagou, e a casa escureceu novamente. Mas agora havia alguém na neblina, e eles não estavam mais a sós. Os cães ladraram forte para a figura que se aproximava com passos firmes, e o velho caseiro percebeu que o coração disparava no peito enquanto a esposa parecia aterrorizada.

Uma mulher surgiu em meio à névoa. Ela era alta e ameaçadora, usava uma bandana vermelho vivo no cabelo e uma capa de chuva bege bem presa na cintura. Os olhos eram cinzentos no crepúsculo.

— Senhorita Joanna! — Bill falou. — Nós não a vimos lá.

Maura concordou com a cabeça.

— Desculpe por perturbá-la, senhora.

— É melhor vocês saírem agora, os dois, não há nada para ver aqui — respondeu ela, a voz tão gelada quanto as águas profundas do Atlântico.

Bill sentiu um arrepio subindo pela espinha, e Maura tremeu. Eles haviam concordado que havia algo de diferente nas vizinhas, algo fantasmagórico e difícil de apontar, mas até aquela noite eles nunca tinham sentido receio das Beauchamp. Agora estavam com medo. Bill assobiou para os cães, buscou a mão de Maura, e os dois caminharam rapidamente para a direção oposta.

Do outro lado da praia, uma a uma, mais luzes se acenderam em sucessão até que Fair Haven ficou flamejante. Brilhava como um farol, um sinal no escuro. Bill virou-se para olhar para trás mais uma vez, mas Joanna Beauchamp já desaparecera, sem deixar rastros na areia ou nenhum sinal de que tivesse estado ali.

seis meses mais tarde

memorial day[]
desejo do coração*

∞∞∞

capítulo um

Comichão

❧❧❧

Freya Beauchamp girou o champanhe na taça para que as bolhas espocassem uma a uma nos lábios até não sobrar mais nenhuma. Este deveria ser o dia mais feliz de sua vida — ou, pelo menos, um dos mais felizes — mas tudo que ela sentia era agitação.

Isso era um problema, pois sempre que Freya se sentia ansiosa, as coisas aconteciam: de repente, um garçom tropeçou no tapete Aubusson e lambuzou a frente do vestido de Constance Bigelow com as entradinhas; ou os incessantes e normalmente lúgubres latidos e uivos dos cães abafando o quarteto de violinos; ou o Bordeaux de cem anos desenterrado da adega da família Gardiner com gosto de vinho ordinário: ácido e barato.

— O que foi que aconteceu? — a irmã mais velha, Ingrid, quis saber, segurando o cotovelo de Freya. Com a postura rígida da escola de modelos e roupas elegantes impecáveis, Ingrid não soltava a língua com facilidade, mas parecia mais nervosa que o habitual naquela noite, arrumando uma mecha de cabelo que tinha escapado do coque apertado. Tomou um gole da taça de vinho e fez uma careta.

— Este vinho foi totalmente amaldiçoado por uma bruxa.

— Não fui eu! Juro! — Freya protestou. Era verdade, mais ou menos verdade. Ela não conseguia evitar que sua magia vertesse acidentalmente, mas não fizera nada para incentivá-la. Ela sabia das consequências e nunca arriscaria algo tão importante. Freya podia sentir Ingrid tentando sondá-la entre as camadas interiores, para dar uma espiada em seu futuro e achar uma resposta para seu

desânimo atual, mas era um exercício inútil. Freya sabia como manter a linha da vida protegida. A última coisa que precisava era de uma irmã mais velha que pudesse prever as consequências de suas ações impulsivas.

— Tem certeza de que não quer conversar? — Ingrid perguntou com delicadeza. — Afinal, as coisas aconteceram tão rapidamente.

Por um instante, Freya pensou em falar tudo, mas decidiu que não. Era difícil demais para explicar. Mesmo que os presságios negros estivessem no ar: os uivos dos cães, os “acidentes”, o aroma de flores queimadas que inexplicavelmente enchem a sala — nada aconteceria. Ela amava Bran. De verdade. Não era mentira, não era nem um pouco como uma daquelas mentiras que ela se dizia o tempo todo: *esta é a última bebida da noite ou eu não vou botar fogo na casa daquela vadia*. O amor dela por Bran era algo que ela sentia no âmago do seu ser; havia algo nele que a fazia sentir como se estivesse em casa, era como se afundar numa poltrona e dormir: plenamente seguro.

Não. Ela não podia contar a Ingrid o que a incomodava. Não desta vez. As duas eram próximas. Elas não eram apenas irmãs e ocasionais rivais, mas melhores amigas. Mesmo assim, Ingrid não entenderia. Ela ficaria horrorizada, e Freya não precisava das reprimendas da irmã mais velha bem agora.

— Vá embora, Ingrid, você está assustando meus amigos novos — reclamou ela enquanto aceitava os cumprimentos falsos de mais um grupo de mulheres que veio lhe desejar boa sorte.

As mulheres vieram para celebrar o noivado, mas estavam lá principalmente para dar uma espiada, julgar e soltar risinhos abafados. Todas as senhoras possíveis candidatas de North Hampton, que não há tanto tempo abrigaram sonhos não sutis em se tornar a própria senhora Gardiner. Todas vieram à enorme mansão reformada para prestar uma homenagem rancorosa à mulher que tinha conquistado o prêmio, a mulher que o arrebatara antes mesmo de o jogo ter começado, antes de algumas das adversárias sequer terem tido consciência de que o gatilho de partida fora puxado.

Quando Bran Gardimer se mudou para a cidade? Não fazia muito tempo e, no entanto, quase todos em North Hampton sabiam quem ele era; o belo filantropo era objeto de boatos e fofocas em competições hípicas, reuniões de sociedades de preservação e regatas de fim de semana, que faziam o básico da vida de campo. Todos não paravam de falar sobre a história da família Gardiner, em como a família desapareceu há muitos anos, embora ninguém tivesse certeza absoluta de quando. Ninguém sabia para onde eles foram nem o que lhes aconteceu no intervalo, apenas que, agora que voltaram, a fortuna era mais impressionante que nunca.

Freya não precisava ler as mentes para saber o que as peruas de North Hampton pensavam. *Claro que no minuto em que Bran Gardiner chegou à cidade ele escolheria uma garçonete de bar adolescente para casar. Ele parecia diferente, mas era igualzinho à maioria deles. Homens. Pensam com suas pequenas cabecinhas, como sempre. Que será que ele vê nela, além do óbvio? Bartender,* Freya gostaria de corrigi-las. *Garçonete de bar* era uma funcionária de peitos grandes, carregando canecas de cerveja para camponeses sentados em mesas de madeira cambaleantes. Ela trabalhava no North Inn, e a cerveja gourmet era servida apenas em taças altas, com toques de ameixa, baunilha e carvalho de tonéis espanhóis nos quais estava estocada, muito obrigada.

Ela estava na plenitude dos dezenove anos (embora a carteira de habilitação, que lhe dava licença para servir bebidas, dissesse que ela tinha vinte e dois). Ela se apoderava de uma rara beleza arrebatadora e efervescente numa época em que manequins esqueléticas eram o auge da beleza feminina. Freya não parecia estar morrendo de fome nem precisar de uma boa refeição; ao contrário, parecia ter tudo que quisesse no mundo e algo mais. Ela aparentava ser... por falta de vocabulário melhor, *madura*. A sensualidade emanava por cada poro, serpenteando em cada centímetro de suas curvas gloriosas. Pequena e miúda, seus cabelos eram indomáveis e loiros avermelhados, do tom exato de pêssego dourado. Tinha bochechas pelas quais as modelos se matariam, nariz pequeno, olhos verdes enormes como os de um gato que caíam só um pouco na ponta; cintura minúscula feita para usar os *corsets* mais

apertados e, sim, peitos. Ninguém jamais esqueceria os seios dela — na verdade, a população masculina se concentrava lá, totalmente, ao olhar para Freya.

O rosto poderia muito bem ser irreconhecível para eles, mas não os gêmeos, como Freya gostava de chamá-los — não eram muito grandes, não exibiam aquela voluptuosidade pesada que ex-namorados engraçadinhos chamavam de “bolas de diversão”, que soava esquisito para Freya por parecer com “bolas de melão”; *não*, os dela eram magníficos: perfeitos e redondos com uma elevação natural e sensualidade cremosa. Ela também nunca usava sutiã. O que, pensando bem, era o que tinha gerado problemas inicialmente.

Foi no museu Benefit que ela conheceu Bran. A coleta de fundos para a instituição de arte local era uma tradição de primavera. Freya fez uma entrada triunfal. Ao chegar, houve um problema com a alça do vestido; ela se partiu e — *plim!* — foi assim, a súbita exibição a fez firmar-se nos saltos — e se jogar nos braços do cavalheiro mais próximo, que usava um terno de linho riscado. Bran recebeu o que equivalia a um *show* grátis, e no primeiro encontro ganhou também uma mão boba — por acidente, é claro, mas mesmo assim... Aconteceu. Ela caiu literalmente — desvestida — nos braços dele. Resumindo, eles se apaixonaram. Que homem resistiria?

Foi o súbito constrangimento de Bran que a cativou imediatamente. Ele ficou vermelho como o crisântemo na sua lapela.

— Ai, meu Deus, desculpe. Você está bem... precisa de...? — E depois ele apenas ficou em silêncio, encarando-a, e foi assim que Freya percebeu que a parte da frente do seu vestido de alcinhas tinha caído quase até a cintura e corria perigo de escorregar inteiramente — o que seria outro problema, pois Freya também não usava calcinha.

— Deixe eu... — E então ele tentou se afastar, ainda mantendo-a coberta; foi quando a mão tocou no seio dela, enquanto ele tentava levantar o tecido molenga, a mão quente dele acabou resvalando na pele clara dela. — Ai, meu Deus... — ele se sobressaltou. Puxa, Freya pensou, do jeito que ele agia, parecia que ele nunca tinha chegado nem lá! E... em um piscar de olhos — porque realmente toda essa experiência parecia apenas uma tortura para o pobre cara

— o vestido de Freya estava de volta ao seu lugar certo, com alfinete de segurança providenciado, colo adequadamente coberto (bem, mal coberto, a nudez parecia uma progressão natural devido ao amplo decote), e Freya disse daquele jeito natural e despreocupado dela:

— Sou Freya, e você é...

Branford Lyon Gardiner, de Fair Haven, ilha Gardiner. Um filantropo generoso, de mãos abertas, ele fizera a maior contribuição para o museu naquele verão, e seu nome constava com destaque no programa. Freya tinha morado em North Hampton o suficiente para entender que os Gardiner eram especiais, mesmo entre as famílias tradicionais e ricas nessa parte tão ao norte e quase em todo o leste de Long Island, o que não fazia jus a seu nome de jeito algum. Definitivamente ele não era o cara de Long Island (local de origem de cabelos compridos e shoppings maiores ainda, com muito mais cara de Nova Jersey do que Nova York), mas de um local totalmente de outra dimensão.

Esta pequena aldeia, oscilando à beira-mar, não era apenas o último bastião da velha guarda; era um retorno a uma época diferente, a uma era passada. Podia exibir todas as exigências de um enclave clássico do East End, com seus imaculados clubes de golfe e sebes largas, mas era mais um parque de diversão de verão, pois a maioria da população urbana morava na cidade o tempo todo. Suas ruas charmosas com fileiras de árvores eram repletas de armazéns familiares, o desfile da Independência exibia caminhões de bombeiros puxados a cavalo, e os vizinhos estavam longe de serem estranhos, eram amigos que vinham fazer visitas e tomar chá nas varandas. Se havia algo um pouco estranho em North Hampton era, por exemplo, que a Rota 27, que ligava os vilarejos ricos ao longo da costa, parecia não ter saída para a cidade, ou que ninguém de fora do local a conhecesse ("North Hampton? Com certeza, você quer dizer East Hampton, não é?"), mas ninguém parecia se importar ou notar muito. Os residentes estavam acostumados às estradinhas de trás da cidade, e quanto menos turistas aparecerem para encher nossas praias, melhor, não é?

O fato de Bran Gardiner ter estado ausente do cenário social por tanto tempo não parecia tirar a sua popularidade. Qualquer esquisitice demonstrada era rapidamente desculpada ou esquecida. Durante o renascimento de sua casa, por exemplo, Fair Haven ficou escura por dias, mas numa manhã de sol as colunas surgiam totalmente reconstruídas ou, da noite para o dia, a casa repentinamente exibia janelas novas ou um telhado novo. Tudo era um mistério, pois ninguém se lembrava de ter visto um grupo de pedreiros em qualquer lugar perto da propriedade. Era como se a casa voltasse à vida sozinha, chacoalhando suas cornijas, tinindo com tinta nova, inteiramente sozinha.

Era domingo da última semana de maio, no feriado Memorial Day, e o que pode ser melhor para curtir outro verão idílico nos Hamptons do que uma comemoração na mansão recém-restaurada? As quadras de tênis cintilavam à distância, a visão das espumas brancas nas ondas era inigualável, as mesas do bufê vergavam ao peso das iguarias extravagantes: lagostas geladas tão enormes e pesadas quanto bolas de boliche, travessas com milho fresco, quilos e quilos de caviar servidos em tigelinhas individuais de cristal com colherinhas de madrepérola (sem acompanhamentos, sem *blinis*, sem *crème fraîche* para não diluir o sabor). A inesperada tempestade daquela manhã foi um pouco frustrante para os planos, e a festa foi transferida para o salão de baile, longe dos toldos brancos impecáveis que ficaram abandonados e vazios ao longo do penhasco.

O fato de Bran estar com trinta anos, ser inteligente, realizado, solteiro e rico além da imaginação o tornava o partido perfeito, o peixe no lago das casadoiras. No entanto, o que a maioria das pessoas não sabia, ou não se preocupava em saber, era que, acima de tudo, ele era amável. Quando Freya o conheceu, ela pensou que ele era o homem mais meigo que tinha conhecido. Ela sentia que a gentileza parecia emanar dele, como o brilho de um vaga-lume. A forma como ele ficou todo preocupado com ela, seu constrangimento, seu jeito de gaguejar — e quando se recuperou, ele trouxe uma bebida para ela e não a abandonou a noite toda, rodeando-a para protegê-la.

Lá estava ele agora, alto, de cabelos escuros, usando um blazer que lhe caía mal, andando pela festa e aceitando os bons votos de seus amigos com o sorriso tímido habitual. Bran Gardiner não era charmoso nem erudito nem espirituoso nem mundano como os homens de seu meio, que adoravam zunir seus carros esportivos italianos nas ruas sem pavimento. Na verdade, para um herdeiro, ele era estranho e desajeitado, meio tipo *Talentoso Sr. Ripley* — como se fosse um forasteiro de um círculo de elite e não o próprio centro do círculo.

— Achei você. — Ele sorriu enquanto Freya tentava endireitar a gravata-borboleta dele. Ela percebeu que as mangas da camisa estavam puídas e, quando ele colocou o braço nos ombros dela, ela sentiu ligeiramente o cheiro de suor dele. Pobrezinho, ela sabia que ele estava com um pouco de medo desta festa. Ele não ficava à vontade com a multidão. — Achei que tinha perdido você. Você está bem? Quer uma bebida?

— Estou ótima — respondeu ela, sorrindo para ele e sentindo o frio no estômago se dissipar.

— Muito bem. — Ele beijou-lhe a testa, e seus lábios eram macios e cálidos na pele dela. — Vou sentir a sua falta. — Ele mexeu nervosamente no anel de monograma que usava na mão direita. Era um de seus pequenos tiques, e Freya deu-lhe um aperto na mão. Bran viajaria para Copenhague amanhã, em nome da Fundação Gardiner, o empreendimento familiar sem fins lucrativos, dedicado à promoção de caridade humanitária ao redor do globo. Ele ficaria fora quase todo o verão para o projeto. Talvez fosse por isso que ela se sentia tão nervosa. Não queria ficar sem ele, agora que tinham se descoberto.

Na noite em que se conheceram, ele sequer a tinha convidado para sair, o que irritou Freya inicialmente até ela perceber que era porque ele era simplesmente modesto demais para pensar que ela estaria interessada nele. Mesmo assim, ele apareceu na noite seguinte, durante o turno dela no Inn, e na noite posterior e em todas as noites depois dessa, mas ele apenas a fitava com aqueles olhos castanhos enormes, com uma espécie de nostalgia melancólica, até que finalmente ela teve que convidá-lo. Ela

percebeu que se deixasse isso por conta dele, eles nunca chegariam a lugar nenhum. E foi assim... Ficaram noivos quatro semanas depois, e esse foi o dia mais feliz da sua vida.

Ou será que era?

Lá estava ele novamente. O problema. Não Bran, o homem doce que ela prometera amar para sempre. Ele foi roubado pela multidão e agora estava em meio a uma conversa com a mãe dela. A cabeça dele inclinada sobre a cabeça branca de Joanna. Os dois pareciam os melhores amigos.

Não. Ele não era o problema.

O problema era o garoto que a encarava do outro lado da sala e por todo caminho do salão. Freya podia sentir os olhos dele sobre ela, como uma carícia física. Killian Gardiner. Irmão mais novo de Bran, de vinte e quatro anos, que a olhava como se ela estivesse à venda pelo maior lance, e ele estivesse mais que disposto a pagar o preço.

Killian voltou para casa após uma longa estada no exterior. Bran disse a Freya que ele não via o irmão há muitos anos, pois ele se mudava muito, viajando pelo mundo. Ela não tinha certeza de onde ele tinha acabado de chegar — da Austrália, não era? Ou do Alasca? A única coisa que importava era que, ao serem apresentados, ele olhou para ela com seus surpreendentes olhos azuis-esverdeados, e ela sentiu o corpo inteiro formigar. Ele era, por falta de palavra melhor, lindo, com longos cílios escuros emoldurando os olhos penetrantes, e características marcantes como o nariz aquilino e o queixo quadrado. Parecia estar sempre pronto para ser fotografado: meditando, tragando um cigarro, como um ídolo de matinê em um filme da *Nouvelle Vague* francesa.

Ele fora perfeitamente meigo, bem-educado e a abraçara como a uma irmã, e, para seu crédito, o rosto de Freya não tinha traído nenhuma turbulência que ela sentia. Ela aceitou o beijo na bochecha com um sorriso modesto, até conseguiu engajá-lo na conversa habitual de reuniões sociais. O tempo chuvoso, a data do futuro casamento, como ele conhecera North Hampton (ela não conseguia se lembrar, talvez não estivesse ouvindo: tinha ficado totalmente fascinada pelo som da voz dele, um falar rouco como o de um

locutor de rádio tarde da noite). Depois finalmente alguém solicitou a atenção dele, e ela estava livre para ficar sozinha e foi assim que todas as coisas pequenas, mas horríveis, começaram a acontecer na festa.

Comichão. Era isso, não era? Uma coceira impossível de alcançar, impossível de aplacar, que não se consegue eliminar. Freya sentia como se ardesse em fogo — que a qualquer momento entraria em combustão espontânea e não sobraria mais nada dela, apenas cinzas e diamantes. Pare de olhar para ele, ela disse a si mesma. Isso é uma loucura, apenas mais uma de suas péssimas ideias. Ainda pior que na época em que você trouxe o gerbilo[1] de volta à vida (ela recebeu uma bronca da mãe por aquilo, pois alguém do Conselho descobriu, sem nos esquecermos que animais-zumbis nunca foram uma boa ideia). Vá para fora. Respire um pouco de ar fresco. Volte à festa. Ela deslizou até o vaso de rosas-damascenas, tentando sufocar as emoções tumultuadas ao cheirar o seu aroma. Não funcionou. Ela ainda sentia o desejo dentro de si.

Droga, ele tinha que ser tão bonito? Ela pensou estar imune a esse tipo de coisas. Que clichê: alto, moreno e bonito. Ela odiava caras arrogantes e metidos, que pensavam que as mulheres viviam para servir seus vorazes apetites sexuais. Ele era o pior criminoso do tipo, fazendo guinchar sua Harley; e que cabelo ridículo, aquele tipo de franja confusa e farta caindo nos olhos, aquele calor sensual de chega-mais. Mas havia outras coisas. Uma inteligência. O saber em seus olhos. Era como se, ao olhar para ela, ele soubesse exatamente o que ela era e como ela era. Uma feiticeira. Uma deusa. Alguém não desta Terra, mas também não fora dela. Uma mulher a ser amada, temida e adorada.

Ela ergueu o olhar do vaso e o encontrou ainda a encarando diretamente. Era como se ele estivesse esperando o tempo todo apenas por este momento. Ele acenou com a cabeça, apontando para uma porta próxima. Sério? Bem aqui? Agora? No banheiro? Será que não era apenas mais um clichê que vinha junto com a moto e a atitude de *bad boy*? Ela realmente estava indo para o banheiro com outro homem? O irmão do noivo, pelo amor de Deus, em sua festa de noivado?

Ela estava. Freya caminhou, como em transe, para o encontro mencionado. Fechou a porta atrás de si e esperou. O rosto que a encarava do espelho estava corado e radiante. Ela estava tão feliz que delirava, tão excitada que não sabia o que fazer consigo mesma. Onde ele estava? Fazendo-a esperar. Killian Gardiner sabia o que fazer com mulheres devassas, parecia.

A maçaneta girou, e ele entrou suavemente, fechando a porta. Seus lábios curvaram-se em um sorriso, uma pantera com sua presa. Ele venceu.

— Venha aqui — sussurrou ela. Ela fizera a escolha. Não queria esperar mais nem um momento.

Do outro lado da porta, no meio da festa, as rosas-damascenas pegaram fogo.

capítulo dois

Rato do campo



Solteirona. Tia. Celibatária. Ingrid Beauchamp sabia o que as pessoas pensavam dela; ela já observara a maneira com que elas se amontoavam e cochichavam com as mãos em concha enquanto ela passava pela biblioteca, devolvendo livros nas devidas prateleiras. Na década em que ela trabalhou ali, Ingrid fizera poucos amigos entre os frequentadores, que a achavam severa e com pulso forte. Não só ela nunca perdoava uma multa, como tinha a tendência de dar um sermão sobre cuidado e manutenção adequados para os livros sob sua responsabilidade. Um livro devolvido com a lombada rompida, uma capa molhada ou páginas com orelhas, e a pessoa podia ter certeza de que receberia uma bela reprimenda. Já era bem ruim que o orçamento operacional mal cobrisse as despesas, Ingrid não precisava que frequentadores provocassem danos desnecessários nos livros sob seus cuidados.

Claro que Hudson deveria fazer o trabalho chato, mas embora Ingrid fosse arquivista graduada, ela curti os aspectos físicos do serviço e não gostava de ficar atrás da mesa o dia todo, colocando as plantas sob o vapor. Ela gostava da sensação e do peso dos livros — de passar as mãos nas páginas amaciadas pelo uso, ou de colocar uma sobrecapa no seu devido lugar. Isso também lhe dava oportunidade de policiar a biblioteca, acordar qualquer vagabundo que sorrateiramente tirava uma soneca pelos cantos e verificar que não houvesse adolescentes se bolinando por entre as pilhas.

Bolinar era uma palavra tão estranha. Não que ninguém mais bolinasse. A maioria dos adolescentes avançava muito além. Ingrid

gostava dos garotos: adolescentes que visitavam a biblioteca e bradavam pelos últimos lançamentos distópicos pós-apocalípticos a faziam sorrir. Ela não se importava com o que faziam no conforto ou desconforto de seus próprios lares ou carros sujos. Contra a crença popular, ela sabia o que era ser jovem, estar apaixonada e ser destemida: afinal de contas, ela morava com Freya. Mas uma biblioteca não era um quarto ou um motel; era local de leitura, de estudos, lugar de silêncio. Quando os garotos tentavam obedecer à última regra, o som de respiração pesada era o barulho mais alto de todos.

Em qualquer ocasião, a bolinação não estava limitada apenas aos garotos. Outro dia, Ingrid teve que tossir algumas vezes para que um casal de meia-idade se desgrudasse com sucesso até a hora em que ela passaria com o carrinho pelas fileiras.

A Biblioteca Pública de North Hampton ficava localizada em um quadrilátero gramado do outro lado da Prefeitura e perto de um parque e *playground* comunitário; ela era limpa, organizada e bem mantida conforme os fundos magros permitiam. O orçamento da cidade havia encolhido junto com o resto da economia, mas Ingrid fazia o máximo para manter o estoque com livros novos. Ela adorava tudo na biblioteca, e se alguma vez ela gostaria de ter tido a sua varinha mágica (não que não a tivesse mais, mas *se ela tivesse*), seria para colocar tudo em ordem: reformar aquelas almofadas molambentas nos cantos de leitura, substituir os computadores antiquados que ainda brilhavam em monitores pretos e verdes, criar um palco apropriado para contação de histórias com um teatro de marionetes para as criancinhas. Ela ainda podia se consolar com o aroma de tinta dos livros novos, o odor almiscarado e poeirento dos antigos e com o modo como a luz do sol do fim da tarde fluía pelas vidraças das janelas. A biblioteca ficava em local privilegiado diante da praia; a sala de livros de referência tinha uma vista espetacular do mar e, de vez em quando, Ingrid fazia questão de parar perto do pequeno recanto aconchegante apenas para olhar as ondas quebrando na frente da praia.

Infelizmente era a mesma vista exuberante que ameaçava a própria existência da biblioteca. Recentemente o prefeito de North

Hampton fez comentários não tanto sutis de que a venda da excelente propriedade frente ao mar seria a forma mais fácil de pagar os débitos crescentes da cidade. Ingrid não se opunha ao projeto em si, mas soube que no pensamento do prefeito seria uma ótima ideia acabar com a biblioteca de vez, agora que tantas informações estavam disponíveis *on-line*. A destruição burocrática de sua preciosa biblioteca era coisa tão lamentável a se considerar que Ingrid tentava não se sentir tão desamparada naquela manhã.

Graças a Deus nada de terrível aconteceu na festa de noivado de Freya domingo passado. Lá, por um instante, Ingrid preocupou-se quando um dos arranjos de flores pegou fogo inexplicavelmente, mas um garçom rápido no gatilho abrandou as chamas com uma jarra de chá gelado e não houve danos maiores. O fogo foi obra de Freya, claro, os nervos provocando devastação com sua magia indomada. Dava para entender que Freya estivesse inquieta ao assumir um compromisso dessa magnitude, mas ela costumava mostrar melhor controle, especialmente após séculos de vida sob restrição. Agora, Ingrid estava feliz apenas em voltar ao trabalho e à rotina de sua vida ordinária, encontrando conforto familiar. Não fazia muito tempo, sua vida fora bem diferente quando o trabalho era animado e incomum. Mas isso era passado, e era melhor não ficar lembrando disso.

A biblioteca não era apenas o habitual posto suburbano, pelo menos. Depois de sua inauguração, graças a generosas doações de uma grande dama local, ela também abrigava uma das mais requintadas coleções de desenhos arquitetônicos do país, pois muitos projetistas famosos construíram na área. Como arquivista, Ingrid era responsável por preservar a obra para a posteridade, o que significava criar uma tenda de vapor onde as plantas eram abertas, e assim que eram umedecidas, alisadas e secas, ela as enfiava de volta nas gavetas sob linho. Agora ela estava com uma delas na tenda plástica, o papel absorvendo toda aquela umidade. Arquivar era um processo tedioso e provocava danos por esforço repetitivo, então Ingrid gostava de dar uma pausa, andando por ali, colocando os livros na estante.

Tabitha Robinson, a bibliotecária de livros juvenis, uma mulher de meia-idade alegre e inteligente, com paixão pela literatura infantil, parou para uma conversa informal quando se encontraram por acaso nos corredores. Ingrid gostava muito de Tabitha, que era eficiente, profissional e levava o emprego a sério. Quando Tabitha não estava lendo o último lançamento, ela tinha um fraco para o que Ingrid apelidava de romance de “peitudos”, novelas românticas com homens musculosos e sem camisa na capa. Corpetes asfixiantes (com seios explodindo dos *corsets*) estavam fora de moda. Nesses dias, eram os músculos. Há gosto para tudo, Ingrid pensou. Seus prazeres ocultos envolviam sagas históricas: qualquer coisa relacionada aos briguentos Tudors obtinha seu voto. Elas trocavam algumas palavras habituais agradáveis e fofocas da cidade compartilhadas por amigos e colegas antigos quando o celular de Tabitha vibrou.

— Ah, é do consultório médico. Desculpe, preciso atender — ela falou vibrando enquanto se apressava, a longa trança balançando nas costas.

Ingrid pegou o próximo livro a ser guardado — *tsc tsc*, outro volume pesado como um peso de porta daquele autor local que era uma peste. Ele tinha tido um chique ao encontrar seus livros empilhados nas caixas de papelão deixadas na frente da biblioteca para os frequentadores levarem de graça. Mas o que ela poderia fazer? Eles apenas mantinham livros que estavam em circulação regular nas prateleiras. Ninguém lera o último volume, e estava claro que este logo estaria destinado à caixa de sobras também.

Ingrid tentava dar a cada autor um tratamento justo, colocando os livros menos populares na mesa da frente, sugerindo pequenos títulos desconhecidos para aqueles que perguntavam, e emprestando cada livro pelo menos uma vez; mas era o máximo que ela podia fazer. O autor, um tal de J. J. Ramsey Baker (meu Deus, o que era aquilo? Quatro nomes? Certamente duas iniciais eram demais), autor de *Sinfonia Moribunda*, *O Escuro no Centro da Essência*, e seu último, tentativa desesperada para ser selecionado por um clube de livros, *Os Elefantes da Filha do Sapateiro*, teria apenas um mês para contar sua história sobre um sapateiro cego do

Líbano, no século XIX, e os elefantes de estimação de sua filha, até ir para a caixa. Ingrid pensou que nem um pouco de magia poderia ajudar a movimentar aquele produto.

Era realmente péssimo que nenhuma delas tivesse permissão para praticar magia agora, mas foi o acordo que fizeram após o fim do julgamento. Nada de voar. Nada de maldições. Nada de encantos, pós, poções ou feitiços. Elas deveriam viver como pessoas comuns sem o uso de seus poderes ferozes, suas aptidões magníficas do outro mundo. Durante anos, elas aprenderam a conviver com as restrições a seu próprio modo. Freya queimava a energia pelas suas festas enquanto Ingrid adotou uma personalidade severa a fim de eliminar melhor a magia que ameaçava se acumular por dentro.

Já que não havia nada que pudesse fazer para mudá-las, Ingrid descobriu que não podia lamentar suas atuais restrições. Ressentimento e lamentação apenas pioravam as coisas. Por que esperar pelo que não poderia ser? Durante séculos, ela aprendera a viver como um ratinho discreto, pequeno e insignificante e quase se convencera de que era melhor assim.

Ingrid ajeitou o coque atrás da cabeça e colocou o carrinho recostado à parede. A caminho do seu escritório nos fundos, ela viu Blake Aland investigando os novos lançamentos. Ele era um construtor bem-sucedido; foi o primeiro a sugerir ao prefeito a ideia de vender a biblioteca e faria uma bela oferta se a cidade decidisse colocá-la no mercado. Há um mês, ele deixou os documentos de sua empresa, e Ingrid teve a delicada tarefa de lhe dizer que o trabalho deles não era esteticamente importante para ser mantido nos arquivos da biblioteca. Blake absorveu a notícia bem, mas não recebeu a recusa para o convite para jantar tão educadamente. Ele insistiu muito até que finalmente ela concordou em sair com ele na semana anterior. Foi uma noite desastrosa, com mãos afastando outras no assento dianteiro de um carro e sentimentos feridos de cada parte. Era a ele que ela deveria agradecer por ter recebido o odioso apelido "Frígida Ingrid". Que infelicidade que, além de desprezível, ele também fosse esperto.

Ela se apressou antes que ele a visse. Não desejava lutar contra as mãos de polvo tão cedo. Freya teve muita sorte em ter conhecido

Bran, mas então, novamente, Ingrid já sabia há muito tempo que um dia Freya o encontraria. Ela vira na linha da vida da irmã há séculos.

Ingrid nunca se sentira dessa maneira com ninguém. Além disso, o amor não era a solução para tudo, ela pensou, acariciando um maço de cartas que ela mantinha guardado no bolso.

No escritório dos fundos, ela verificou a planta: quase todas as dobrinhas tinham desaparecido. Bom. Ela a colocaria na caixa achatada e depois poria o próximo desenho sob o vapor. Preparou uma nota no cartão de índice, escrevendo o nome do arquiteto e o projeto, um museu experimental que nunca fora construído.

Ao voltar para seu cubículo, ouviu um barulho de soluços da mesa ao lado e quando Ingrid olhou para cima, percebeu Tabitha enxugando os olhos e baixando o celular.

— O que aconteceu? — Ingrid perguntou, embora tivesse a sensação de já saber. Havia apenas uma coisa que Tabitha queria mais que conseguir trazer Judy Blume para visitar a biblioteca.

— Não estou grávida.

— Ai, Tab — Ingrid respondeu. Ela caminhou até a amiga e a abraçou. — Sinto muito. — Durante as últimas semanas, Tabitha estivera totalmente otimista ao seguir mais um procedimento de fertilização *in vitro*, expressando uma certeza obsessiva de que daria certo principalmente por ser sua última tentativa de ser mãe. — Deve haver alguma outra coisa que você possa fazer?

— Não, foi nossa última chance. Nosso dinheiro acabou. Já ficamos endividados demais com esse último. É isso. Não vai acontecer.

— O que aconteceu com o procedimento de adoção?

Tabitha enxugou os olhos.

— Devido ao problema físico de Chad, fomos passados para trás novamente. Também pode ser um beco sem saída. Sinto muito, sei que é egoísmo, mas é tão errado querer nosso próprio filho? Apenas um?

Ingrid seguira a jornada de Chad e Tabitha desde o início: ela sabia tudo sobre os tratamentos de fertilização, as pílulas de hormônios, o coquetel de infertilidade (Clomid, Lupron); ela ajudou

a enfiar seringas tão grandes quanto as de cavalo no quadril esquerdo de Tabitha nas horas estabelecidas. Sabia o quanto eles desejavam um bebê. Tabitha mantinha na mesa uma foto dela e de Chad em um luau durante a lua de mel em Kona, desajeitada com saias e colares havaianos. Fazia quinze anos.

— Talvez eu não tenha sido feita para ser mãe — Tabitha choramingou.

— Não diga isso, não é verdade!

— Por que não? Parece que não há nada que alguém possa fazer para ajudar — Tabitha soluçou. — Tenho que parar de ter esperança.

Ingrid deu outro abraço apertado na amiga e saiu do escritório com o rosto fervendo e o coração disparando no peito, porque ela entre todas as pessoas sabia que o que Tabitha dissera não era verdade. *Havia* alguém que poderia ajudar, alguém que poderia mudar a vida dela, alguém muito mais próximo de Tab que ela imaginava. *Mas minhas mãos estão atadas*, Ingrid disse a si mesma. *Não há nada que eu possa fazer por ela. Nada, sem romper os elos da restrição. Nada, sem me colocar em risco também.*

Ela voltou à estação de trabalho atrás do balcão, apenas uma bibliotecária de cidadezinha imersa nas tarefas diárias. A blusa ainda úmida com as lágrimas da amiga. Se Ingrid nunca lamentou sobre sua situação anteriormente, nunca se irritou contra a restrição imposta sobre elas antes, bem... Sempre há uma primeira vez para tudo.

capítulo três

Incêndios em casas



Joanna Beauchamp sabia que as casas antigas tinham uma maneira de se apegar a você; não apenas na sua pele, mas na alma, e também no fundo do seu bolso, desafiando a lógica e a razão em uma busca sempre esquiva pela perfeição. Durante anos, a propriedade das Beauchamp, um belo colonial construído no final da década de 1740 com lindos frontões e telhados *saltbox* localizado diretamente na praia, na parte antiga da cidade, fora reformada de várias formas: muros derrubados, cozinhas transformadas, quartos redistribuídos. Era uma casa que enfrentou muitas estações e tempestades, e seus muros caindo aos pedaços ecoavam lembranças: a lareira de tijolos maciços as aqueceu por inúmeros invernos, a quantidade de manchas nos balcões de mármore da cozinha relembrou várias refeições aconchegantes. Os pisos da sala de estar foram removidos, refeitos, depois retirados novamente. Agora estava com madeira travertino moderna novamente — de um vermelho-cereja vibrante. Havia um motivo para as casas antigas serem chamadas de poços de dinheiro, elefantes brancos, loucura.

Joanna gostava de colocar a casa em ordem sozinha. Para ela, uma reforma sempre evoluía e nunca terminava. Além disso, ela preferia fazê-la sozinha; na semana anterior, ela mesma tinha posto azulejos e colocado o reboco no banheiro de hóspedes. Hoje ela lidava com a sala de estar. Ela enfiou o rolo de volta à bandeja de tinta de alumínio. As meninas riam — elas caçoavam o hábito de mudar as cores da parede várias vezes por ano, por um capricho. Um mês as paredes da sala de estar estavam com um tom

monótono de vinho; no próximo, um azul relaxante. Joanna explicou às filhas que morar numa casa estática, que nunca mudava, era tenso e sufocante, e que mudar o ambiente era até mais importante que trocar de roupa. Era verão, então as paredes deveriam ser amarelas.

Ela usava os aparatos costumeiros de agitar a casa: uma camisa pregueada e jeans velhos, luvas plásticas, bota Hunter verde, uma bandana vermelha sobre os cabelos grisalhos. Engraçado, aquele grisalho. Por mais que ela tingisse os cabelos, quando acordava de manhã, eles estavam da mesma cor, um tom prateado brilhante. Joanna, como as filhas, não era nem jovem nem velha e, no entanto, a aparência física delas correspondia a seus talentos especiais. Dependendo da situação, Freya poderia ter entre dezesseis e vinte e três anos, o primeiro rubor do Amor, enquanto Ingrid, mantenedora da Lareira, parecia e agia como alguém de vinte e sete a trinta e cinco anos. Já que a Sabedoria vem da experiência, mesmo que seu coração pudesse bater como o de uma estudante, as características de Joanna eram as de uma mulher mais madura, de uns sessenta e poucos anos.

Era bom estar em casa e ter as filhas com ela. Já fazia tanto tempo... e ela sentiu muito mais falta delas do que podia admitir. Por muitos anos, após a restrição ter sido imposta pela primeira vez, as garotas tinham caminhado cada vez mais longe, sozinhas, sem destino e sem propósito e ela nem podia culpá-las. Apareciam de vez em quando se precisassem de algo: não apenas de dinheiro, mas de confiança, incentivo e compaixão. Joanna oferecia seu tempo. Ela sabia que as garotas gostavam de saber que não importa onde estivessem — Ingrid morou em Paris e Roma durante grande parte do século passado, enquanto Freya ficara muito tempo em Manhattan ultimamente —, a mãe delas estaria sempre ao balcão da cozinha, picando cebolas para o caldo, e um dia as meninas retornariam para ela finalmente.

Ela terminou a parede mais distante e avaliou o trabalho. Escolhera um amarelo-narciso claro, um tom muito Bouguereau: a cor do sorriso de uma ninfa. Satisfeita, ela se movimentou para o outro lado. Enquanto pintava cuidadosamente o beiral da janela, ela

avistou o mar pelas vidraças; do outro lado, a ilha Gardiner e Fair Haven. O furacão em torno do noivado de Freya fora cansativo, todas aquelas medidas e rapapés para madame Grobadan, madrasta de Bran, que deixou bem claro que achava que o garoto dela era bom demais para Freya. Ela estava feliz pela filha, mas também apreensiva. Será que a sua garotinha selvagem se aquietaria de verdade desta vez? Joanna queria que Freya desse certo com Bran, que ele fosse o cara certo para ela, aquele por quem ela aguardava todos esses longos anos.

Não que alguém precisasse de marido. Ela sabia disso. Isso ela já tinha feito. Se em alguns dias ela se sentia como uma feiticeira velha toda enrugada com interior seco como poeira e cuja pele não tocara a de um homem por tanto tempo, esses eram os dias em que ela realmente sentia pena de si mesma. Não que tivesse que ficar sozinha; havia muitos senhores mais velhos na cidade que deixavam bem claro que veriam com bons olhos a chance de tornar as noites dela menos solitárias. No entanto, ela não era bem uma viúva e também não estava divorciada, o que significava que não era tão solteira ou tão livre quanto gostaria. Ela era separada. Esta era uma boa palavra. Eles viviam vidas independentes agora, e foi assim que ela quis.

O marido fora um bom homem, um bom provedor, uma rocha quando necessário. Mas ele não conseguiu ajudá-las durante a crise e por isso ela nunca o perdoaria. Claro que não tinha sido culpa dele toda aquela histeria e derramamento de sangue, mas ele não conseguiu impedir o Conselho de aprovar o julgamento delas também, quando a poeira finalmente se assentou e o mal se foi. Suas pobres meninas: ela ainda conseguia vê-las, os corpos inertes com as silhuetas ao crepúsculo. Ela nunca esqueceria e, embora elas tivessem retornado relativamente ilesas (se considerarmos estar sem garras, sem poder e domesticadas, ilesas), ela não conseguia mais abrir espaço para ele no coração novamente durante a sua vida.

— Certo, Gilly? — perguntou ela, virando-se para o corvo de estimação Gillbereth, que estava absorto em pensamentos e que, no momento, estava empoleirado sobre o relógio do avô dela.

Gilly afofou as asas e curvou o longo pescoço negro na direção da janela, que Joanna seguiu com o olhar. Quando enxergou o que o corvo queria que ela visse, ela derrubou o rolo, espalhando algumas gotas de tinta no piso de pedra. Esfregou-as com a bota, mas só piorou as coisas.

O corvo crocitou.

— Tudo bem, tudo bem, vou descer e ver — ela respondeu, deixando a casa pela porta dos fundos e caminhando direto para as dunas. Certamente, lá estavam: três pássaros mortos. Eles tinham se afogado — as penas com pintas molhadas, e a pele ao redor das esporas parecia queimada. Os corpos formavam uma cruz feia no trecho de areia imaculada.

Joanna olhou para baixo, para os corpos rígidos. Que pena. Que desperdício. Eram aves lindas. Enormes aves de rapina com peitos de um branco puro e bicos de ébano. Águias-pescadoras. Os pássaros eram nativos da área, e uma enorme colônia vivia na ilha Gardiner, onde construíam seus ninhos diretamente na praia. As aves eram criaturas perigosas, predadores naturais, mas, como todas as criaturas selvagens, eram vulneráveis à marcha do progresso e do desenvolvimento.

Como suas garotas, Joanna lutou até se conformar com os limites da restrição. Elas concordaram em aceitá-la em troca de suas vidas imortais. O Conselho tomou suas varinhas e a maioria dos livros, queimou suas vassouras e confiscou seus caldeirões. Mas mais do que isso, o Conselho retirou a sua autoconsciência. Decretaram que não havia lugar para magia para os de sua espécie neste mundo e, no entanto, a realidade é que não havia lugar para elas sem a magia também.

Joanna começou a escavar a areia molhada com as mãos e delicadamente enterrou as aves mortas. Seriam apenas algumas palavras, o encanto exato, para fazê-las retornar à vida, mas se ela tentasse usar apenas um grama de suas habilidades memoráveis, quem sabe o que o Conselho retiraria agora?

Ao retornar à casa, abanou a cabeça diante da visão da cozinha. Havia panelas sujas por toda a parte. As garotas se acostumaram a usar todas as peças de louça e talheres que pudessem ter às mãos

em vez de ligar o lava-louça, assim a pia e o balcão estavam repletos de uma mescla bagunçada de pratos de porcelana caros, antiguidades. O armário de louça no corredor estava quase vazio. Se isso continuasse mais um pouco, elas estariam comendo em travessas de servir logo, logo. Assim não dá. Já se esperava isso de Freya, claro, que já estava acostumada com o caos. Ingrid sempre parecia impecável, e sua biblioteca era um brinco, mas o mesmo não se poderia dizer de suas aptidões de dona de casa. Joanna educara as meninas para serem amáveis, interessantes, tão fortes em caráter quanto em seus talentos anteriores de bruxaria, e o resultado é que eram totalmente inúteis em questões domésticas.

Claro que, como mãe delas, ela não estava totalmente isenta nesse campo. Afinal, ela poderia ter passado a manhã limpando em vez de pintar a sala novamente. Mas se gostava de reformar e renovar, ela detestava as tarefas diárias rotineiras que mantinham a vida numa monotonia. Ou, pelo menos, mantê-la limpa. Ela viu Siegfried, o gato preto ente familiar de Freya, se esgueirando para dentro pela portinhola de animais.

— As garotas andaram convidando bastante camundongos pequeninos aqui para você, não é? — Ela sorriu, pegando-o e acariciando o pelo macio. — Lamento dizer que isso não vai durar muito, *liebchen*.

Joanna pensou que por falta de uma varinha, uma casa estava perdida. Se pudesse usar magia para limpar a casa, ela não precisaria de um lava-louça. A campainha tocou. Enxugou as mãos no jeans e correu para atender. Abriu a porta vagorosamente e sorriu.

— Gracella Alvarez?

— *Sí* — uma mulher miúda, de cabelos escuros, que estava diante da porta com um garotinho, sorriu.

— *Bueno!* Entre, entre — Joanna falou, levando-os para a sala de estar semipintada. — Obrigada por ter vindo tão rápido. Como você vê, eu realmente preciso de ajuda aqui — enfatizou ela, olhando para a casa como se fosse pela primeira vez. Poeira acumulada brotava dos cantos, enormes sacos de roupa suja se acumulavam na

escada, os espelhos estavam tão embaçados que era impossível ver o reflexo.

A agência tinha recomendado muito os Alvarez. Gracella mantinha a casa enquanto o marido, Hector, se ocupava do terreno, inclusive da piscina, da jardinagem e do telhado. Gracella explicou que o marido estava terminando um trabalho fora da cidade, mas que ele apareceria pela tarde. A família deveria ficar na casa nos fundos, e eles trouxeram os pertences no carro. Joanna fez que sim com a cabeça.

— E quem é esse anjo? — ela perguntou, abaixando-se para dar cócegas na barriga do garoto. Ele saltou para trás e bateu os braços, rindo.

— Este é o Tyler.

Quando a mãe o motivou, o menino falou:

— Tenho quatro anos — disse ele, de repente, balançando-se nos calcanhares. — Quatro. Quatro. Quatro. Quatro. Quatro.

— Que maravilha. — Joanna se lembrou do próprio garoto há tanto tempo atrás. Ela imaginou se o veria novamente.

A camiseta de Tyler do Mickey Mouse estava manchada, e seus olhos eram brilhantes e alegres. Quando Joanna se movimentou para cumprimentá-lo, estendendo a mão, ele recuou, mas deixou que ela o acarinhasse na cabeça.

— Prazer em te conhecer, Tyler Alvarez. Sou Joanna Beauchamp. Agora, enquanto sua mãe se acomoda, você gostaria de caminhar na praia comigo?

TYLER PASSOU A TARDE correndo em círculos; Joanna o observava com carinho. De tempos em tempos, ele olhava para trás para ter certeza de que ela ainda estava lá. Parecia que ele se deu bem com ela imediatamente, o que a mãe notara, antes de dar permissão para acompanhá-la até a praia. Quando ele se cansou de correr, eles cataram conchas juntos. Joanna encontrou uma perfeita, que o garoto imediatamente ergueu para a orelha. Ele sorriu com o som, e ela sorriu ao vê-lo. Mesmo com a alegria do novo e jovem amigo, ela

não conseguiu evitar sentir-se apreensiva. Algo pulsava bem depois do momento idílico, pouco abaixo da superfície.

Havia algo de errado com os três pássaros mortos na praia durante a manhã, os que ela enterrou um pouco adiante na areia, mas Joanna não conseguiu atinar naquele momento. Era uma ameaça? Ou um aviso? Para quê? De quem?

capítulo quatro

Tudo que ela toca é mágico



Antes de contratar certa *bartender* de cabelos crespos no outono passado, o bar North Inn era um local pequeno e sonolento, o tipo de bar descuidado, onde as pessoas do lugarejo gostavam de se reunir para trocar fofocas e visitar sem ter de competir com receitas inebriantes à mesa. O Memorial Day significava que o verão chegou oficialmente, e mesmo que a cidade fosse obscura e desconhecida, a onda sazonal de turistas a East End trazia um bom número de visitantes que se viam dentro dos limites da cidade. Vários estabelecimentos novos começavam a servir essa população, mas não o North Inn. As bebidas eram fortes e baratas e, além da vista decente do mar, era isso que rolava por lá.

Como as coisas tinham mudado. Ainda era um lugar dos moradores de lá, mas não era mais calmo ou silencioso. A cortiça, como eles diziam, fervia ao máximo, mais que nunca. Havia um *jukebox* pulsante que tocava apenas coisas boas quando não era *rock*, tocado por verdadeiros astros — ainda outra espécie em extinção da nova era. Homens de calça justa cantavam sensualmente sobre mulheres e drogas, e a depravação estava confinada a paródias de celuloide ou à reabilitação em *reality shows* na televisão. A valentia antiga do *rock* era reino exclusivo do *rap* agora, o único gênero que ainda celebrava o prazer em todas as suas formas. Os caras com guitarras se dedicam a escrever pequenas canções melancólicas, cançonetas emocionais e seguras que ninguém consegue dançar.

Freya gostava de *rap* e era conhecida por lançar as últimas músicas de gângster de vez em quando, mas no North Inn ela preferia os clássicos, os britânicos: Sex Pistols. The Clash. Os estilistas da Ópera-rock: Queen. Yes. O Genesis antigo (isso era essencial — o Genesis *com* Peter Gabriel, não a dor de ouvido de Phil Collins). Metal: Led Zeppelin. Deep Purple. Metallica. *Rock* de festa: AC/DC. Def Leppard. Mötley Crüe se ela estivesse se sentindo um bocadinho irônica. Desde que ela começou a trabalhar no North Inn, o lugar estava sempre explodindo com o guincho de guitarras e os hinos de dança que levavam o povo a se remexer, erguendo os punhos; mas perto das bebidas que ela vertia, a música era quase irrelevante.

A *bartender* de cabelos vermelhos tinha um jeito especial de fazer coquetéis: o gim e tônica adstringente e estimulante, o *dark and stormies*, lascivo com uma pegada. Era festa todas as noites, e todas as noites terminavam com os clientes dançando no bar, perdendo a inibição e, de vez em quando, a roupa. Se você viesse ao North Inn sozinho e estivesse se sentindo tristonho, saía de lá com um novo amigo, ou com uma ressaca; às vezes, com ambos.

No entanto, uma semana após a festa de noivado, o bar, assim como Freya, ficou um pouco restrito. Se a música ainda continuava alta e agitada, ela exibia um eco pesaroso oculto. Os Rolling Stones cantavam "Waiting on a Friend" (*I'm not waiting on a lady, I'm just waiting on a friend...*), os coquetéis eram doces e sem energia, o gim *fizz* não efervesceia, o champanhe era insípido, a cerveja ficava morna em questão de minutos. Era como uma festa de noivado, mas pior. Ela ficou contente por Ingrid não estar por ali para perceber; ela não queria que a irmã ficasse mais desconfiada do que já estava. O que aconteceu com Killian naquela noite fora um ato impulsivo, mas agora tinha passado, e tudo estaria bem. Não era preciso entrar em pânico. E daí que ela não parava de sonhar com Killian? E daí que ele tivesse invadido sua consciência, tinha se tornado o sujeito de todos os seus pensamentos quando acordada? Quando fechava os olhos, ainda podia ver seu lindo rosto pairando sobre ela. Ela queria fazê-lo sumir. Queria fazer com que *ele* desaparecesse. Ai, se

fosse Killian que estivesse do outro lado do mundo e não o seu amor.

Bran tinha ligado antes: ele chegou bem na Dinamarca e estava a caminho da reunião. Ela sabia que tinha que se acostumar com aquilo; desde o início ele explicou que sua vida e seu trabalho envolviam um bom número de viagens e que ele raramente ficava em casa, mas que planejava se acalmar após o casamento. Ouvir a voz dele a alegrou um pouco, mas seu humor pesado ainda crescia quando ela se inclinou para trás, observando os clientes chegarem. Dan Jerrods e a namorada nova, Amanda Turner, entraram, e uma imagem passou pela mente de Freya: Dan pressionava Amanda contra a parede, os dois ofegantes e se agarrando, a blusa de Amanda desabotoada, o jeans de Dan nos joelhos. Isso aconteceu alguns minutos antes de eles partirem para o bar. Era o começo do relacionamento deles, e sexo ainda era o modo de eles falarem oi. Freya certamente falava essa linguagem.

Bem atrás do casal que acabara de transar estava o prefeito Todd Hutchinson (masturbação frenética diante do computador na noite passada) com o amigo, construtor em ascensão, Blake Aland (um rala e rola de algum tipo dentro do carro na semana passada: a visão estava embaçada e sem foco, mas Freya sentiu um tipo de frustração sexual aqui), depois o bom reverendo e sua esposa (vislumbre de chicotes de couro e máscaras durante o fim de semana do feriado). Às vezes, Freya se sentia um pouco tonta com todas as informações. Ela deveria estar acostumada com isso agora, seu talento — ela se recusava a chamá-lo de “dom” — ainda a surpreendia.

Esta era apenas outra manifestação de sua natureza, a capacidade de enxergar emoção intensa — e não era apenas paixão sexual ou romântica que ela conseguia ver. Freya também lia raiva intensa e ódio, o oposto de amor: raiva assassina e ansiedade dominadora. Durante séculos, seu talento fora muito útil. Embora restasse pouco dele, North Hampton não estava imune ao crime. Quando ocorria, geralmente era escandaloso e espetacular, como o frio assassinato de uma *socialite* que fora envenenada em seu próprio jantar, ou triste e incomum, como o que ocorrera com Bill e Maura Thatcher.

Seus corpos foram encontrados na praia apenas no inverno passado, os dois sangrando na cabeça. Bill morreu devido aos ferimentos, mas Maura ainda estava na UTI do hospital, em coma.

Freya ajudou a elucidar o assassinato da *socialite* para a justiça. Uma empregada magoada, cliente ocasional do bar, estava por trás da morte da herdeira. Freya viu exatamente como ela fez: colocou um dedal de veneno no champanhe e, com destreza, fechou a rolha novamente. Ela havia apontado a direção certa para a polícia de modo que eles puderam encerrar o caso. Os investigadores encontraram uma garrafa com a substância tóxica entre os objetos da empregada, levando-a à condenação, uma conclusão emocionante para todos.

Ela ficou feliz em ser útil, em poder usar seus talentos naturais de forma discreta, mas ainda tecnicamente dentro da restrição imposta a ela. Ela não estava praticando nenhuma bruxaria, afinal. Não conseguia evitar ver motivo, intenção e culpa, e já que praticamente todos na cidade entravam no North Inn, Freya mantinha o pulso da comunidade na mão. Sempre sabia quem tinha roubado do caixa, ou invadido a pensão, ou vandalizado a escola pública. Se os policiais já tinham sido céticos a respeito dela, agora não mais, exceto por aquele investigador, que continuava a incomodá-la por explicações de seus palpites. Então era estranho que ela ainda não tivesse ideia do que acontecera com os Thatcher, sendo que os dois eram bem queridos. Talvez a polícia estivesse certa, foi um ato isolado de um vagabundo, um estranho, mas Freya ficou frustrada por não saber.

Ela serviu as bebidas de Dan e Amanda. Sorriu para o casal em lua de mel — as duas primeiras semanas de qualquer relacionamento eram lua de mel para Freya. Os casais esperavam tanto tempo para casar nos últimos tempos, ou viviam juntos anos antes de isso ocorrer, e a maioria das luas de mel tinha muito pouco de luar ou de mel. O sexo, se houvesse, costumava ser do tipo papai-e-mamãe, estilo missionário. A maioria dos casais ficava muito mais excitada com os quartos de hotel confortáveis que ao ver o outro nu. Os dias de noivas virginais trêmulas se enfiando em lençóis frios há muito já eram passado. Por isso, Freya encarava os casais

novos com afeição. Esses eram seu pessoal, adoradores de seu templo. Ela os abençoava com um sorriso e bebidas grátis a rodo.

O reverendo e a esposa pediram uma garrafa de vinho de boa qualidade, e Blake queria uma cerveja. Ela levou os pedidos para o balcão e se virou para o último cliente.

— O que o senhor deseja? — ela perguntou ao prefeito.

— Uísque puro, obrigado, Freya.

— Claro, prefeito — ela respondeu. Todd Hutchinson era jovem, esperto e ambicioso. Tinha grandes planos para North Hampton e assumiu o cargo de supetão, com doações de campanha de pessoas como Blake Aland. O jovem prefeito era popular na cidade, embora Freya soubesse que a irmã Ingrid não era fã dele desde que soube da proposta de venda da biblioteca. Pobre Ingrid, não havia nada que ela pudesse fazer se a proposta fosse aprovada.

No entanto, Freya, ao contrário de Ingrid, não tinha nada contra Todd, que era educado e dava boas gorjetas. Ele era casado com uma apresentadora do noticiário local, e havia boatos de que ela estava na fila para uma posição nacional na rede. Talvez por esse motivo ele tivesse de recorrer à pornografia na internet. Duas carreiras importantes significavam que raramente o casal teria tempo para o outro. Isso era tão ruim. Freya lhe entregou o uísque e virou-se para o balcão.

— O que acontece hoje? Está tão quieto para uma sexta — observou o patrão dela, Sal McLaughlin, que tinha herdado o North Inn e seu bar do irmão que se aposentara. Sal era um homem alegre de setenta anos, com sobrancelhas emaranhadas e uma gargalhada forte. Ele contratou Freya no ato, e agia como avô honorário dela. Sal tossiu com estardalhaço no lenço, e a respiração dele estava ofegante.

— Tudo bem? Nossa, isso foi nojento — ela provocou enquanto Sal assoou o nariz de novo com um grasnar.

— Alergia — ele respondeu, erguendo os ombros. — Deve ser a mudança do tempo. — Ele enxugou o nariz e suspirou, os olhos soltando lágrimas. — Sempre me pega em junho. — Fora uma mudança abrupta de primavera chuvosa para o verão úmido, o ar

estava denso e pesado, ainda mais que sempre. O calor não costumava ser tão abafado e opressivo no início da estação.

— Parece um funeral aqui dentro. Quem morreu? — Sal fez piada, enquanto acionava o som.

Freya deu de ombros. Sabia que era a energia dela que provocava a melancolia, mas não conseguia evitar. Então foi um dia apagado. Não podiam esperar que ela mantivesse a festa contínua para sempre, não é? Alguém fez um sinal, e ela foi até o outro lado do balcão em forma de U, onde Becky Bauman fazia descer martinis turvos como se fossem doces.

— Mais um? — Freya ofereceu.

— Por que não? — Becky suspirou enquanto encarava o marido, que flertava com a garota do outro lado do bar. Becky e Ross tinham se separado recentemente. Eles não estavam casados há muito tempo, mas eram pais de um bebê de seis meses. Freya observou que uma escuridão havia enevado o amor que eles já tinham compartilhado um dia enquanto a exaustão e a falta de sono levavam a brigas incessantes. As discussões tornaram os dois ainda mais infelizes e insatisfeitos, até que Ross finalmente deu um basta e se mudou.

No momento, Ross estava entretido na conversa com Natasha Mayles, ex-modelo que era uma das demais da cidade: dinheiro demais, linda demais, exigente demais. Boa demais para qualquer homem se aproximar de fato. As Natasha Mayles do mundo eram certamente convencidas demais para ficarem com qualquer um. Era um milagre o que ela fazia com Ross Bauman, que nem tinha se divorciado ainda.

— O que aconteceu conosco? — Becky perguntou, enquanto observava Freya misturar seu coquetel. — Eu o odeio. Verdade. Não sei o que vou fazer.

Freya, num relance, viu uma imagem: outra briga, desta vez vívida e visceral, culminando em violência que não estava ali antes: braços se agitando, o bebê chorando, um empurrão na escada... Ela se virou e hesitou. Independentemente do que a mãe ou irmã acreditavam, era verdade que ela não fazia muito com as bebidas, além de torná-las mais deliciosas, resultado do mero fato de ela

fazê-los. Tudo que Freya fazia ou cozinhava era saboroso, consequência de sua herança mágica.

No entanto, a cena feia que ela acabara de testemunhar — e ela não sabia quem exatamente estava em perigo, Becky, Ross ou o bebê; a imagem não revelava tanto assim — a deixou pensativa. Talvez, se não houvesse um restinho de amor entre eles, Freya nunca pensaria em fazer o que estava para fazer. Mas *havia*. Ela observou os dois trocando olhares quando pensavam que o outro não estava vendo. Além disso, Natasha Mayles era totalmente errada para Ross. Ela entrava no North Inn como um cisne, com seu sotaque arrogante e aborrecido, com uma atitude quase europeia.

Na verdade, de qualquer modo, era uma regra ridícula: por que elas não *podiam* usar magia? Por que não? Só porque algumas garotas idiotas contaram algumas mentiras? Então algumas vadias mentirosas podiam estragar as suas vidas para sempre? Freya nunca se esqueceria da maneira como aquelas meninas horrorosas tinham inventado aquela história criativa, as caretas loucas na sala do tribunal, a crescente lista de suspeitos, as carruagens que levaram as condenadas até Gallows Hill. Como ela fora teimosa e cega! Estava certa de que ninguém acreditaria nas pessoas que a acusaram, que ninguém em juízo perfeito pensaria que ela e Ingrid seriam capazes de tamanha maldade. Para acrescentar afronta à injúria, os de seu próprio sangue, o seu próprio Conselho, tiraram seus poderes após tudo que elas tinham passado — punição dura demais. Bem. Para ela bastava. Estava cansada de sentir medo. Cansada de se sentir inútil. Cansada de fingir ser algo que não era. Cansada de esconder a sua luz em um canto. Sob um abajur, atrás de uma cortina, em uma sala escura. *Cansada*.

Freya Beauchamp era *feita* de magia. Sem magia, ela era apenas alguém que servia coquetéis. Ela fora boa por tanto tempo, todas foram, e para quê? Qual o propósito de tudo, afinal? Era um desperdício de seus talentos; elas estavam destinadas a apenas viver nas sombras e desaparecer? Agir como se fossem comuns pelo resto de suas vidas imortais?

Freya pensou em tudo que elas abriram mão: voar, por exemplo, ela ainda se lembrava da sensação, disparando pelo céu, o vento

nos cabelos. Ela sentia falta das travessuras de meia-noite na floresta também, dos rituais poderosos que eram tabu agora que *pagão* era um palavrão. O mundo tinha se movimentado, claro, isso era esperado; talvez a mesma coisa tivesse acontecido sem a restrição, mas agora elas nunca saberiam. Assim como o resto de sua família, estava presa deste lado da ponte, sem jeito de retornar ao lar.

Então, ela decidiu. Tocou a caneca de Ross e acrescentou apenas um tantinho de gengibre e raspas de limão. Então a misturou com o canudinho vermelho do coquetel de Becky. A caneca de cerveja tornou-se um tom brilhante de rosa por um segundinho. Agora isso era *totalmente* contra as regras, essa pequena receita que ela preparou, essa pequena poção de amor. Com certeza ela tinha praticado um pouco de magia antes, aqui e acolá — aquele cara de Nova York, o parente vampiro que ela tinha curado, por exemplo. Mas aquilo fora em East Village, onde ela tinha quase certeza de que aquela magia pequenina, insignificante e inconsequente que ela fizera ficou escondida magistralmente e foi absorvida pela energia cinética da própria cidade.

Isso era um pouco diferente, diferente até mesmo das pequenas dicas que ela dava para a polícia ajudando a resolver os crimes. Essa era a primeira poção de amor verdadeira que ela criou há... bem, quando o número de anos era tão grande, quem contava? Além disso, era uma vergonha deixar um casal tão bom se perder, e ela tremeu com o pensamento do que lhe poderia acontecer se não o fizesse: aquela briga terrível, uma criança crescendo sem pais, um morto, outro na prisão. Freya aumentou a potência das bebidas que estava para servir. Aquilo não precisava acontecer. Tudo que eles precisavam era de uma ajudinha para superar o obstáculo. Só precisavam de uma lembrança do que tinham compartilhado antes. Ela pôs o martíni diante de Becky e a cerveja na frente de Ross.

— Saúde! — ela lhes disse, segurando a própria taça.

— Saúde! — Becky murmurou, provavelmente estava constrangida por ter revelado tanta coisa para Freya antes.

— Saúde! — Ross falou para Becky do outro lado do bar. Ele tomou um gole enorme da caneca e, por um instante, seu rosto

tornou-se cinzento e parecia que ele ia ficar doente ou vomitar. Freya sentiu um tremor nervoso — e se ela tivesse esquecido a mistura correta? E se ela o tivesse envenenado de alguma forma — e se ela tivesse se esquecido da quantidade correta para colocar no elixir? Ela correu para o lado dele, esperando que ainda houvesse tempo de servir um antídoto quando a cor retornou ao rosto e ele respirou profundamente.

— O que é que tem *nisso*? — ele perguntou a Freya.

— Por quê? Tem algo errado? — ela quis saber, tentando não se mostrar tão assustada.

— Não tem nada de errado! É incrível! — ele declarou e mandou ver tudo em um único gole enorme. Quando terminou, os olhos pareceram se iluminar, e ele olhou para o outro lado do bar, para a esposa, com o rosto repleto de admiração, apaixonando-se por ela novamente. Becky retribuiu o sorriso, meio insegura; e em alguns minutos os dois riam, depois uivavam de tanto gargalhar enquanto Natasha parecia confusa e mal-humorada. Então, Ross pediu desculpas a ela, foi até a esposa e lascou-lhe um beijo que a fez inclinar, um beijo de vitória tipo “Times Square — a Segunda Guerra Mundial terminou!”[2]. Natasha disparou para fora, batendo os pés e praguejando.

Freya suspirou de alívio. Alguns minutos mais tarde, ela sorria como o gato de Alice. Sua poção havia *funcionado*. Ela ainda sabia exatamente como prepará-la. De repente, a música no *jukebox* bombeou à vida: Axl Rose guinchando uma canção de amor: “Sweet Child o’ Mine” (*She’s got a smile that it seems to me. Reminds me of childhood memories...*). A música começou a encher a noite, lasciva e apaixonada, fazendo as garotas agarrarem as mãos dos caras, conduzindo-os para o simulacro de pista de dança diante do *jukebox*. Dan e Amanda começaram dançar coladinhos, e até o reverendo e a esposa deram uma volta. No canto, os Bauman se agarravam tanto — era a mão de Ross subindo pela blusa de Becky? — que eles deveriam realmente pensar em sair, a coisa estava ficando quente demais. Até o prefeito sentou-se ao balcão com uma cara sonhadora.

Freya tamborilou os dedos no balcão, balançando-se ao som da música. Sal estava certo. Pareceu inverno lá, por um instante, mas a geada tinha derretido agora. Claro que ela ainda se sentia péssima com o que acontecera com Killian. Mas um pouco de magia foi longe.

capítulo cinco

Conversa de irmã



— Você não fez isso! — exclamou Ingrid, desviando o olhar da tigela de cereais e rapidamente colocando a carta que estava lendo de volta no bolso.

— Fiz! — Freya respondeu alegre, alegre demais, Ingrid pensou, sentindo uma pontinha de ciúmes pela exuberância da irmã enquanto pegava algumas uvas da fruteira para alimentar seu grifo de estimação, um híbrido parte águia, parte leão, a única concessão de magia do passado que o Conselho permitira, somente porque não havia modo de separar uma feiticeira de seu ente familiar sem destruir um deles. Na verdade, Oscar estava ficando grande demais para o feitiço sem-entidade em que ela o colocara há séculos, estava quase do tamanho de um labrador, embora tivesse a alma de um gatinho.

— E não aconteceu nada? — Ingrid perguntou incerta. — Ah, Siegfried, eu estou te ouvindo também, mas você não gosta de uvas! — enfatizou ela ao gato preto.

— Nadinha — Freya respondeu com a voz aguda, remexendo o armário à procura de farinha. Ela acabara de voltar do turno da noite no bar. Tinha sido uma noite muito longa, bem corrida, uma das melhores em memória recente. — Estou a fim de panquecas, você também quer?

— Acho que sim. Então, o que vai fazer?

— O que você acha? Vou fazer de novo! Eu me senti *bem*, Ingrid. Eu me senti... como se fosse eu novamente... sabe? — Ela começou a quebrar os ovos na tigela, olhou em volta e se admirou com a

cozinha limpinha de novo. As coisas estavam muito mais agradáveis agora que os Alvarez estavam cuidando da casa. Joanna também estava muito apegada ao menininho. Era lindo. Todas acharam o garoto um amor. Tyler era um garoto interessante, muito esperto para a idade. Ele ganhava de todas no xadrez e já conseguia somar e subtrair números grandes de cabeça. Certo dia, ele disse com um rosto sério que eram cinquenta e sete passos para chegar até a praia da casa delas. A maioria da dieta dele consistia em sobremesas, o que era ideal para Joanna, que ainda precisava descobrir um bolo de que não gostasse. Ingrid trouxe-lhe livros sobre xadrez da biblioteca, e Freya corria atrás dele pelo jardim. A casa era mais feliz com a família Alvarez por perto.

Ela percebeu Ingrid lendo discretamente a carta de novo. A irmã começara a receber cartas no verão. Sempre chegavam em um envelope branco simples sem endereço do remetente. Ingrid não disse quem as enviava, e Freya não perguntou. Desde que se mudaram de volta à casa, as irmãs mantinham a paz. Freya não perguntava a Ingrid por que ela passava vários anos como humilde bibliotecária, e Ingrid não perguntava a Freya por que ela tinha desistido da NYU e vendido o bar em Nova York. Se estivessem a fim de conversar a respeito, elas falariam. Elas compartilhavam confidências como roupas, mas respeitavam a privacidade uma da outra.

Era engraçado, em casa, como elas voltaram aos hábitos antigos, assumindo seus lugares de sempre na árvore genealógica da família. Ingrid trabalhava de dia, Freya mantinha os turnos da noite, e elas sempre se encontravam para o café da manhã, no início do dia de Ingrid e no fim do de Freya.

Após alguns segundos, ela virou as panquecas. Ela não precisava de magia para saber que ficariam deliciosas: leves e amanteigadas, com uma doçura de amêndoas. Freya empilhou dois pratos e os levou para a mesa. Derramou xarope de bordo sobre as panquecas enquanto Ingrid consumia as suas com frutas.

— Mamãe lhe falou sobre os pássaros mortos na nossa praia no outro dia? — Ingrid indagou.

— Sim. O que foi aquilo? — Freya assentiu com a cabeça, cortando a panqueca com o garfo.

— Ela não tem certeza. Acha que é um presságio.

— Hã-hã. Lembra quando ela pensou que meu antigo professor de inglês era um *warlock* que estava lá para nos pegar depois que ele me acusou de colar na oitava série? — Ingrid riu. — Pobre senhor Sweeney, foi bom que ela não podia fazer feitiçarias contra ele, senão era isso que teria acontecido! — ela prosseguiu, curtindo a solidariedade da irmã. Um dos grandes prazeres da vida das duas era conversar sobre a incrível mãe. Esse assunto nunca se esgotava.

— Mamãe está precisando namorar — Freya falou, alimentando Siegfried do seu prato. — Ela precisa superar papai de alguma forma. — Elas não viam o pai desde que a restrição fora imposta a elas, que era um dos assuntos sobre os quais elas nunca conversavam. Papai tinha partido; mamãe não queria falar sobre isso, fim da história. Freya tentou não ficar novamente contra a mãe, ou o pai, já que ele saíra da vida delas e nunca mais tentara contato.

Era tão mais fácil daquele jeito, assim como era mais fácil fingir que sempre houve apenas duas filhas na família. Era difícil e triste demais pensar no irmão gêmeo desaparecido, e, além de acender uma vela todos os anos no dia do aniversário dele, em fevereiro, elas nunca o mencionavam. Quanto a papai, não havia vela nem lembrança, apenas um vazio, um lugar vago à mesa.

— Então, o que você acha? Mamãe e Sal? Eu poderia fazer isso rolar. — Freya sorriu maliciosamente. — Ele está a fim.

— Não, não faça isso com ele. Mamãe o comeria vivo no café da manhã. Você precisa parar de pensar que todos os problemas das pessoas se resolvem com a paixão. — Ingrid retrucou, parecendo desconfortável e afastando o prato.

— Ufa! — Freya suspirou, levantando-se da mesa e começando a empilhar os pratos.

— Tome cuidado. Você pode ter escapado por ter feito a poção desta vez, mas quem sabe o que acontecerá da próxima vez? — Ingrid a avisou. — Você pode se ver em apuros se continuar fazendo isso.

— Talvez — Freya assentiu. — Mas eu não me importo mais. Eu já não assusto ninguém, e até eles realmente chegarem aqui para me mandar parar, vou continuar — ela anunciou. — Estou cansada de viver com as mãos atadas! — Ela fez uma pausa, deixando a água quente correr sobre os pratos sujos. De algum modo a cozinha impecável e a presença dos Alvarez inspiraram-na a limpar, coisa que ela nunca fizera antes. — Mas de qualquer modo, não conte nada para a mamãe.

— Não contar o quê? — Joanna perguntou alegre, entrando como uma brisa na cozinha e sorrindo para as lindas filhas; Gilly voava perto de seu ombro.

— Nada — as duas murmuraram. Por um instante elas eram crianças de novo, e tinham acabado de enterrar o pobre gerbil-zumbi no quintal. O chão ficara tremendo por um tempo que parecia não acabar nunca. Ingrid encontrara um dos livros antigos de Joanna, os que ela não deveria tocar, que a mãe tinha escondido quando a restrição fora decretada, e finalmente tinha se deparado com o encanto correto para cessar o feitiço da varinha de Freya.

— Humm... Joanna falou, olhando o rosto de uma e de outra, com ceticismo. — Por que estou com a sensação de que ninguém me diz nada sobre o que acontece por aqui?

capítulo seis

Um nó na barriga



Ingrid pensava no recente entusiasmo de Freya ao chegar do trabalho naquela manhã. Percebeu que nunca vira Freya tão feliz daquele jeito, não há muito tempo. Não apenas feliz, havia algo mais. Freya pareceu mais vibrante, de alguma forma, ela estava mais *presente*. Viver sem magia tirara um pouco de brilho delas; mesmo sem perceber, elas se tornaram tão cinzentas e sem graça quanto o mundo mundano ao seu redor. Ingrid prendeu a bicicleta no portão da frente e entrou na biblioteca escura. Passando pela mesa de Tabitha vazia, ela sentiu outra pontada de frustração. Durante anos, Ingrid se mantivera em silêncio, permitira que a ciência e a medicina fizessem seu trabalho, mas agora sentia uma coragem incansável agitando sua alma. Ela não conseguia mais aguentar ver a amiga com tanta dor. Tanta dor desnecessária.

Ingrid olhou ao redor, temerosa. No que estava pensando? Ela não era a irmã, ousada e corajosa. Ingrid se lembrava de tudo tão bem, como ela fora largada naquela cela para morrer de fome, o escárnio da multidão, como ela se sentira tão assustada, sozinha e odiada. Se ela fizesse isso, estaria quebrando o acordo que ainda a permitia ficar neste mundo.

Mas o que Freya disse naquela manhã? *Estou cansada de viver com as minhas mãos atadas*. Bom, Ingrid também. Ela estava farta de ser inútil e insignificante. Quando Tabitha chegou ao trabalho, Ingrid a levou para um canto.

— Tab? Posso falar com você um segundo? — Ela conduziu Tab para o escritório dos fundos, onde estocavam o material de arquivo.

— Você precisa confiar em mim, tudo bem? — ela a acalmou, enquanto apagava as luzes. A sala foi banhada por uma escuridão esverdeada que vinha da película da janela.

— O que é? — Tabitha perguntou, um pouco nervosa. — O que aconteceu com você, Ingrid? Você parece... possuída.

— Apenas fique aqui, em pé — Ingrid instruiu. Ela se ajoelhou no chão e começou a desenhar um pentagrama ao redor dos pés de Tabitha. O contorno do giz branco brilhava na sala escura.

— Isso é...?

— Psiu! — Ingrid ordenou, retirando uma vela branca do bolso e colocando-a no centro da forma com cinco pontas que ela fizera. Ela acendeu a vela e murmurou algumas palavras. Virando-se para Tabitha, ela disse: — Você confia em mim, não é? Estou tentando ajudá-la.

Elas eram colegas, mas amigas também, e Ingrid esperava que Tabitha confiasse na amizade o suficiente para permitir que ela fizesse aquilo. Continuou a trabalhar de uma forma serena e carinhosa, mas o coração saltava no seu peito. Ela estava fazendo aquilo, estava praticando feitiçaria novamente. Magia. Freya estava certa, era como se algo que estivesse enterrado fundo na sua alma voltasse à vida novamente, como se tivesse acabado de descobrir que conseguia respirar embaixo da água também. Ingrid sentiu-se zozna e atordoada. Ela não fazia isso há... mais tempo que ela conseguia se lembrar. Esperou que houvesse um relâmpago. Mas nada aconteceu.

Com a visão de bruxa do pentagrama, ela observou a amiga por um bom tempo, até que a bibliotecária se contorceu sob o olhar penetrante. O pentagrama revelou o que Ingrid sempre suspeitara. Alguma coisa bloqueava a energia de Tabitha, uma escuridão no cerne, uma massa de cor prateada vedada e concentrada, um nó, como um punho ou um tumor. Não era de se espantar que não conseguisse engravidar. Ingrid já vira outras antes, mas nada tão mortal. Colocou uma mão na barriga de Tabitha e a arrancou, quase caindo para trás com a tentativa. Mas conseguiu retirá-la bem. A malignidade se dissipou assim que foi retirada da hospedeira física.

Tabitha ficou apenas encarando Ingrid, como se ela tivesse ficado louca. Não sentira nada, parecia que Ingrid apenas agitava as mãos a esmo e balbuciava.

— Já terminamos?

— Ainda não — Ingrid respondeu. Retirá-la foi o primeiro passo. Ela acendeu a luz novamente e apagou a vela. — Você precisa fazer alguma coisa com o seu cabelo.

— Meu cabelo! Como assim? — Tabitha parecia descrente.

Ingrid percebeu, durante todo o tempo de convívio, que ela nunca vira Tabitha com os cabelos soltos. O penteado era puxado tão firme para trás, desde a testa, que parecia doer, e depois era amarrado e trançado de modo que ficava tão grosso como uma corda. Ingrid também percebeu outras coisas: os pesados sapatos Oxford de Tabitha estavam sempre amarrados bem apertados. O casquinho (fazia frio, devido ao ar-condicionado) era preso com fitas em vez de botões. A mulher tinha mais nós nela que um barco a vela. Se continuasse assim, havia a possibilidade de o mal prateado se formar novamente. A escuridão se alimentava da constrição; era atraída por ela, como mariposas à chama. Ela cochichou com a voz firme:

— Experimente. Use os cabelos soltos e livre-se desses sapatos e de seu casaco. Ponha sapatos abertos. Use uma malha aberta na frente. Sem zíper. Sem botões. Nada além do tecido voando solto. Livre. Sem nós.

— O que é que isso tem a ver com tudo?

— Experimente alguns meses. Li em algum lugar que isso pode funcionar. É como se fosse um carma. — Nos últimos tempos, a sabedoria New Age era uma explicação mais fácil para um pouco de magia branca. Tabitha disse que pensaria no assunto, mas saiu do depósito abanando a cabeça.

Ingrid apagou os sinais do pentagrama e voltou ao trabalho; a mente ainda acelerada. Claro que usar panos soltos não funcionava sozinho. Ela tinha de combater fogo com fogo, ou nós com um nó próprio. Quando Tabitha não estava olhando, Ingrid pegou um pouco do cabelo de Tabitha que tinha caído na cadeira do escritório. Agora, tudo o que preciso é um do Chad... Então ela se lembrou que

Tabitha mantinha um tapete do Afeganistão no carro, seria fácil achar um cabelo de Chad, já que Tabitha era loira. Durante o intervalo, Ingrid foi até o Camry de Tabitha e achou o que procurava. De volta ao escritório, ela trançou os dois fios de cabelo juntos, fazendo um nó minúsculo, do tamanho de um inseto, enquanto apressadamente recitava as palavras certas para o encantamento.

Seu coração agora ribombava no peito, e ela se arrepiou enquanto os dedos trabalhavam rapidamente, girando e virando. Isso não é magia, ela se dizia. Eram apenas algumas palavras. Um nozinho minúsculo. Ninguém nunca saberia. Isso era mais divertido que retirar aquele bloqueio; em vez de apenas tirar o lixo, aqui ela estava *criando* algo, Ingrid sentiu a magia borbulhando dentro dela, a agitação emocionante que vinha de captar e dirigir um poder selvagem e inimaginável à sua ordem, e ela se sentiu ruborizar de tanta excitação. Sentia mais falta disso do que poderia admitir.

— O que você está fazendo?

O som da voz a abalou e quebrou o encanto. Ingrid rapidamente guardou o nó no bolso.

— Matthew Noble! Você me pegou de surpresa. — Ela não respondeu à pergunta.

— Me chame de Matt, estou sempre insistindo. — Matthew sorriu. Ele era investigador sênior da polícia e mesmo aos trinta anos ainda parecia o atleta universitário que fora no passado, alto, cabelos castanho-claros, um rosto irlandês simpático, pele clara, nariz queimado do sol, olhos azul-claros, usava o uniforme de jaqueta esporte amarrotada e calça bege. Ela sentia que havia algo mais pelo modo como ele a olhava — tão franco e, bem... tão fascinado. Ele era bonito, com certeza, mas ela não estava interessada — nem um pouco —, e isso estava se tornando um incômodo, esse interesse dele por ela. No entanto, ele parecia satisfeito em apenas olhar para ela e perturbá-la com os livros. Ela duvidava que os lesse. Ele não parecia ser do tipo que apreciava leitura.

— Desculpe incomodar, mas não havia ninguém no balcão da recepção, e pensei se você teria algum livro para recomendar. — Quando ele sorria, seus dentes brilhavam.

— Claro que sim — Ingrid respondeu, pensando rapidamente. — Aqui — ela disse, pressionando o último J. J. Ramsey Baker nas mãos. Ei, vamos ver o que ele acha deste! Seria ótimo para Matthew Noble (Será que eles viviam em *Our Town*? Será que o nome dele não podia ser mais ridículo?) Tudo bem. Pelo menos ela tinha encontrado um meio de desviar a atração dele por ela para uma boa causa. — Se você curtir o livro, gostaria que recomendasse para várias pessoas. — Talvez dessa maneira ela conseguisse mantê-lo na estante, e o autor sensível não teria um chilique quando o encontrasse largado na sarjeta, ela pensou, enquanto carimbava o cartão da biblioteca e registrava a transação no computador.

— Claro que vou gostar — Matt respondeu, assentindo com a cabeça e colocando o livro de lado sem mesmo olhar a capa. Parecia que ia dizer mais alguma coisa, mas decidiu que não. Ingrid o observou saindo e notou seus ombros largos e passos tranquilos, depois retornou à sua tecelagem. Antes do fim do dia, ela pôs o pequeno nó de cabelos na bolsa de Tabitha.

Não era magia. Apenas um pequeno nó da sorte para ajudar uma amiga, era isso, Ingrid continuava a se dizer. Ninguém nunca saberia nem descobriria.

capítulo sete

Um garoto novo



A maternidade roubara a silhueta de Joanna; disso ela estava certa. Por mais que fizesse dieta (e ela tinha tentado todas: a do Atkins e da Zona, a de baixas calorias e a de baixos carboidratos, a do repolho e do biscoito, a de Jenny e dos Vigilantes, a de South Beach e a dos Sugar Busters, a limpeza com chá e sucos, as longas horas gastas em exercícios — primeiro a corrida, depois o *spinning* — a aulas de *step*, de ioga e de Pilates), ela nunca conseguia se livrar daqueles temíveis últimos cinco quilos que formavam pneuzinhos ao redor da barriga. As filhas a censuravam pela obsessão, dizendo que ela estava bem para *a idade*. Mas que idade seria exatamente? Seis mil anos?

Dizia-se que as mulheres de certa idade não se preocupavam mais com a aparência, mas era mentira. A vaidade não morria de velhice, especialmente em mulheres belas, e ela fora bonita no passado — tão bela que tinha arrebatado o mais temível dos deuses, mas era tarde demais para pensar no que ela tinha sido. O marido a abandonara, junto com a boa aparência dela, há muito tempo. Ela supunha que sob a luz certa, ainda era atraente, ainda era “simpática”, mas quem gosta de ser chamada “simpática” quando já fora bela?

O problema, na visão dela, era que quando ela finalmente estava para recuperar a silhueta, ela se via grávida novamente, e todo o ciclo de ganhar e perder peso começaria de novo. As crianças precisavam renascer sempre que se vissem em apuros e tivessem que sair do mundo, ou deviam ser resgatadas por um acidente (uma

batida de carro, talvez; certa vez, Freya morreu em um incêndio de hospital) ou maldade (como a crise que exigiu suas vidas no século XVII) e Joanna começava a sentir os sintomas. Costumava acontecer quando ela não ficava sabendo das filhas por um século ou dois. Primeiro, os cabelos grisalhos se tornavam loiros novamente. Ela se maravilhava com a aparência mudada, a perda de rugas, as bochechas cheias, as mãos fortes que não sofriam de artrite. Então tudo acontecia: os vômitos, a náusea e o cansaço. Então percebia que, droga, ela estava grávida!

Nove meses depois, ela teria um bebê gordo e chorão para cuidar e amar. Desta vez as garotas renasceram apenas com alguns anos de diferença, então na vida atual, cresceram como irmãs novamente, brigando por causa dos brinquedos, perturbando-se nos longos passeios de carro. A vida tinha sido um tédio feliz da pré-escola à natação à ginástica e às infinitas festas de aniversário junto com a explosão de magia accidental e ocasional: o grifo de Ingrid provocando tumulto nos canteiros de flores; e ter de conter as bruxarias de Freya contra as garotas de quem ela não gostava.

Era fácil enganar os vizinhos; a restrição não proibia Joanna de usar seu poder considerável para manter a imortalidade escondida. Não dava para ter pessoas se perguntando por que a “viúva” Beauchamp, de repente, tinha a aparência de metade da idade e estava grávida do nada. Pelo menos, a magia era útil neste caso.

Entretanto, não importa o quê, não importa quanto tempo tinha sido, a cada gravidez ansiada, ela nunca recuperou seu menino. Nunca. Claro que ela entendeu que era inútil esperar que isso acontecesse. Isso fora deixado bem claro durante a sentença após a ponte entre os mundos ruir. Joanna sabia que ele ainda estava vivo, mas que nenhuma feitiçaria poderia ajudá-lo agora. Ele estava fora de seu alcance.

Acreditava-se que, após tantas vidas, a dor se acalmasse um pouco, mas nunca aconteceu. Na verdade, cada ano que passava apenas fazia a dor aumentar um pouquinho. Ela sentia saudades dele mais que nunca e pensava nele todos os dias. Este era o problema da maternidade: não apenas a fazia engordar e trazia rugas de ansiedade na testa, mas o amor sentido — aquele amor

intenso por uma criança que consome a gente — era como possuir a faca mais afiada e mais especial, enfiada direto no coração. Seu garoto estava vivo em algum lugar, mas ele poderia muito bem estar morto para ela, já que ela nunca o teria de volta. Eles o tinham tomado dela. Era o pior tipo de castigo que uma mãe poderia suportar, e foi por isso que fora decretado.

Seu lindo garoto, seu filho mais alegre: seu sorriso era o sol, sua luz iluminava o mundo todo. É verdade o que dizem sobre as mães e filhos: era uma ligação especial, uma sociedade de admiração mútua. Também era verdade o que diziam: os filhos eram amados igualmente, mas, às vezes, você *gostava* de um filho mais que do outro. Ela estivera de luto por ele por tanto tempo, e as garotas eram um grande alívio. Ainda assim, nunca fora a mesma coisa. Agora, porém, ela tinha esse menino novo: Tyler Alvarez, das peculiares mãos que batiam palmas e do sorriso travesso, que não a abraçava, mas, ainda assim, batia com a cabeça no traseiro dela se quisesse um beijo no topo da cabeça. Ele não curou o vazio no seu coração, mas preencheu uma lacuna que estivera desocupada por muito tempo. Joanna se apegou ao menino imediatamente. Ele a chamava de Abuela, ou “Lala”, abreviando. Ela o chamava de Checkers. Ela não tinha certeza de onde surgira isso, talvez devido às bochechas do menino, ela sempre as beliscava. Ela amava as filhas, mas elas não precisavam mais dela; eram adultas com seus próprios problemas. Tyler era outra história.

Agora mesmo, estavam fazendo uma torta. A maternidade pode ter-lhe roubado a silhueta, mas, para ser honesta, Joanna tinha sido cúmplice nessa questão. Além de sempre reformar a casa, sua outra fraqueza era fazer tortas e bolos. A cozinha sempre cheirava a manteiga derretida, envolvendo o ar com sua fragrância caramelada, cremosa e densa. Joanna ensinava Tyler a fazer torta de nectarina e amoras. As frutas foram colhidas do pomar da família, as nectarinas explodiam de doçura, e as amoras eram ácidas e picantes. Tyler segurava a colher de medidas.

— Quanto de açúcar? — questionou ele, os dedos suspensos sobre o saco de açúcar no balcão. Ela tinha lhe dado a tarefa de adoçar a calda.

— Mais, querido, mais — Joanna insistia, enquanto sovava e abria a massa que formaria a crosta. Depois de Tyler ter acrescentado o que pareciam duas xícaras de açúcar na mistura, ela cortou uma fava de baunilha preta e comprida e raspou o interior, adicionando-a no recheio. Após a torta ser montada, Tyler ajudou-a a colocar no forno, um forno antigo Aga que ela comprara durante a reforma anterior.

— E agora? — ele quis saber, o rosto com manchas de frutas, e os cabelos, brancos de farinha.

— Agora esperamos. — Joanna sorriu.

Ontem eles tinham feito *brownies*, no dia anterior *cupcakes*, antes ainda um rocambole de nozes úmido e fofo. Era uma orgia na cozinha, mais que de costume, e Ingrid e Freya pediram que o maremoto de açúcar parasse. Elas podiam ser imortais, mas seus corpos não eram imunes ao tumulto provocado por uma dieta regular de doces e tortas.

Joanna respondeu que elas precisavam lidar com isso da mesma forma que todos, com disciplina e controle. Não era por que ela fazia aquelas delícias que elas precisavam comer. Ela não estava enfiando *brownies* e bolo nas suas bocas, não é? Além disso, Tyler adorava doces, e ela estava curtindo demais para parar. Ela achava o máximo da diversão agir como mãe de alguém, sem o peso da responsabilidade. Tudo que ela precisava fazer era nutrir e alimentar alguém enquanto outra pessoa controlava a disciplina e a diversão.

— Vamos precisar de sorvete para comer com a torta — Joanna falou, retirando um pacote do freezer. — Alguém mais vai querer?

Tyler assentiu com firmeza, e ela mexeu no cabelo dele. Havia algo com os menininhos. Geralmente, os garotos adoram as mães. As garotas são mais manhosas. Ela sabia que elas a amavam, mas também entendia que, no fundo, elas a culpavam pela ausência do pai. Não a compreendiam, e, às vezes, ela não sabia como falar com elas. Tudo que dizia era tomado como crítica, como julgamento. No decorrer dos anos, aprendeu que nunca deveria comentar nada.

Então... ela falou alguma coisa quando Ingrid retornou à casa e, em vez de assumir aquele cargo na universidade, escolheu trabalhar como atendente na biblioteca local? Não! Alguma vez ela mencionou

a decepção de a filha brilhante, com doutorado, passar papel no vapor durante os últimos anos? Nenhuma palavra! Ela dissera algo quando Freya abriu aquele bar em Nova York, sem a licença para vender álcool? Não! Alguma vez sugeriu a Freya que poderia se vestir de forma um pouco menos provocante? Nunca! Ou que talvez ela estivesse se apressando demais com o casamento? Claro que ela e Bran foram feitos um para o outro, bastava olhar para os rostos felizes que indicavam tudo o que uma mãe precisava saber. Mas mesmo que não aprovasse, Joanna sabia que não deveria interferir nas coisas das filhas. Porque bastava um “acho que já comemos muitos biscoitos” (afinal, elas já tinham comido três!) e lá estava *aquela cara*. A que dizia *Mamãe não está com nada*.

Ou então, ela deveria se calar, como fizera naquela manhã. Elas pensam que não reparei? Às vezes, ela ficava com ciúmes da ligação entre as irmãs, assim como ela ficara com ciúmes há muito tempo da relação fácil que elas tinham com o pai. Filhas. Elas poderiam retalhá-la com um olhar.

Ela sabia que Tyler nunca olharia para ela daquela forma. Ele a adorava, e o sentimento era recíproco. Joanna agora pagava para ele frequentar uma pré-escola chique integral, os pais se revezavam para levá-lo de manhã e Joanna o buscava todas as tardes com um lanche ou mimo nas mãos. Após a escola, eles iam para a praia, onde Tyler ficava o resto da tarde perseguindo pássaros e catando conchas enquanto Joanna o observava.

Não acontecera nada de estranho desde os três pássaros mortos na semana passada, e Joanna começou a relaxar. Talvez aquele incômodo no fundo da mente fosse apenas produto de seu histórico. Talvez ela estivesse vendo sinais onde não havia nada. A vida em North Hampton nunca mudava; ela mesma tinha garantido isso antes de se mudar para a cidade.

Puxa, a torta queimou. Ela se esqueceu de marcar o *timer*, e agora estava preta, soltando fumaça. Se fosse Freya, isso nunca teria acontecido, mas seu tipo de magia era diferente. O rosto de Tyler se enrugou, ameaçando uma avalanche de lágrimas. Lala tinha prometido que eles comeriam torta com sorvete.

— Sinto muito, querido — Joanna suspirou.

— Torta — Tyler falou, teimosamente. — Torta.

— Vamos fazer outra...

— Torta.

Joanna colocou as mãos nos quadris. Ela tinha ouvido as filhas conversando naquela manhã. Algo sobre como Freya tinha preparado uma poção de amor — entre as três, Freya sempre fora a mais corajosa, devido à sua impulsividade natural e audaciosa. Mas, se nada aconteceu a Freya, então... bem... não seria lógico que ela poderia fazer o mesmo? Seria apenas uma torcidinha do pulso, um pequeno feitiço e tudo estaria certo no mundo de Tyler. Eu não desperdiçaria tanta energia, afinal e, na verdade, o oráculo estava silencioso há muitos anos; quem sabia se a restrição se aplicava a algo tão *pequeno*?... As mãos de Joanna começaram a tremer. Ela queria fazê-lo. Ela o *faria*. Afinal, era apenas uma torta, ela disse a si mesma. Era apenas parte do processo de assar. Torta assada. Torta queimada. Torta arrumada.

— Não diga a ninguém — ela cochichou. A recuperação e renovação era sua marca de feitiçaria. Ela cobriu a torta queimada com um pano de prato, sussurrou algumas palavras e quando o tirou, a crosta estava perfeita, com um tom marrom-dourado.

Os olhos de Tyler se arregalaram e ele começou a pular.

— Você é uma bruxa! — ele falou com alegria.

— Psiu! — os olhos de Joanna espreitaram de lado, mas isso devido ao medo. Ninguém a chamava assim por séculos. Isso trouxe de volta lembranças demais, nem todas boas.

— Você é? Você é uma bruxa?

— E se eu for? — Joanna riu.

Durante um instante, o menininho pareceu assustado e se afastou dela, provavelmente pensando nas bruxas dos contos de fada, feiticeiras feias que enfiavam crianças nos fornos e as assavam em tortas.

Joanna o envolveu nos braços e por um momento ele se deixou abraçar, deixou que ela o acalmasse com um beijo na nuca. O menininho tinha cheiro de loção de bebê e açúcar.

— Não, querido. Nunca. Você não precisa ter medo de mim.

capítulo oito

A cavalo dado...



— Com licença, Ingrid? Tem alguém aqui procurando você — Hudson Rafferty sussurrou, vindo do escritório dos fundos. O bibliotecário júnior ergueu uma sobrancelha para que Ingrid entendesse que não era um cliente habitual com uma pergunta sobre o horário de contar histórias para criancinhas, ou se as multas da biblioteca poderiam ser abonadas (a resposta era sempre “não”, então por que insistir, Ingrid nunca conseguia entender).

— Quem é? — Ingrid perguntou, tirando os óculos que usava para ler a impressão delicada nas elevações dos projetos.

— Não sei, mas ele é *bem* atraente — Hudson falou, naquele tom habitual, insinuando alguma coisa. Ele tinha preferência por colete xadrez escocês, abotoaduras gravadas e gravata borboleta, e estava no sétimo ano para obter o doutorado em línguas românicas. A família de Hudson era praticamente dona da costa leste e, na verdade, ele não precisava de um estágio de verão colocando livros na estante. Os outros bibliotecários faziam piada de que ele era o estagiário mais velho do mundo (ele acabara de completar trinta anos) e o mais bem vestido; só um de seus ternos custava mais que o guarda-roupa inteiro deles. Ele era preciso no serviço e se movia com determinação. Não dava para imaginar Hudson correndo, por exemplo, ou se apressando por qualquer motivo ou mesmo suando. Ele era um diletante natural, com amplo conhecimento em vários assuntos relacionados às ciências humanas e artes, além de experiente viajante do mundo. Era a Hudson que se recorria se fosse preciso saber o preço de uma litografia de Ruscha, onde encontrar

as melhores *tapas* em Madrid, e a quem ligar se o seu hotel no Cairo, de repente, “perdesse” a sua reserva pré-paga. Ele tinha “quebra-galhos” e uma rede de conhecidos no mundo todo e era um dos melhores amigos de Ingrid, pois compartilhavam o amor pelo teatro, pela ópera e pela música clássica.

— Desculpe-me, a alergia está forte este ano — Hudson falou, enxugando o nariz e tossindo. — Bem, não deixe o visitante esperando. Alguém pode lançar mão dele.

Por um instante, Ingrid pensou que Hudson estava falando de Matt Noble, e sentiu-se irritada que o policial tivesse voltado tão cedo. Com certeza ele ainda não poderia ter dado conta do livro de mil páginas. Mas, quando ela caminhou até o balcão, o homem que a esperava não era Matt.

Killian Gardiner estava recostado no balcão principal. Sua camiseta cinza estava repleta de buracos, e o jeans caía do quadril. Mesmo com o calor, ele usava uma jaqueta de motociclista preta. Parecia um astro de cinema, com óculos de aviador de aros dourados e a barba por fazer. Não, não um astro de cinema, um ícone. Ele tinha o tipo de rosto que deveria estar estampado em cartazes em todos os quartos de adolescentes. Quando a viu, ele tirou os óculos de sol e a beijou no rosto.

— Oi, Killian! — Ela começou, tentando injetar um pouco de calor na voz. Algo no irmão Gardiner mais jovem a deixava nervosa. Não era por ele ser bonito demais, como regra, Ingrid sempre desconfiava e hostilizava os homens bonitos — ela os achava vaidosos, metidos e egoístas. Blake Aland tinha confirmado a tese no seu primeiro e único encontro. Ela preferia homens caseiros; não que Matt Noble fosse caseiro — longe disso — o que provavelmente a exasperava nele, já que ela gostava dele, apesar da aparência. Homens bonitos achavam que a adoração das mulheres era obrigação, e Ingrid não curti pessoas que se achavam.

Killian Gardiner era um pavão vaidoso, e estava claro que ele sabia exatamente que impressão provocava, com os cabelos escuros que caíam sobre os olhos, na medida, e aquele corpo magro e malhado sob a camiseta batida e o jeans gasto. Ela pôde ver o V esculpido nos músculos do quadril projetando-se acima da cintura. Quando se

encontraram na festa, ela perguntou o que ele fazia e ele fora vago, de propósito. Mais tarde, ela descobriu que era porque ele não parecia fazer muita coisa. Ouviu que Killian era baladeiro, que mudava conforme as estações, que ele teve um barco para mergulhos na costa da Austrália e trabalhou como *chef* de cozinha de navio num cargueiro do Alasca. Havia outros boatos: que ele tinha engravidado uma garota, que esteve preso e que era viciado. Se era verdade ou não, Ingrid sabia que um homem bonito como ele era definitivamente um Mau Pedaco e não esperava ouvir nada que provasse o contrário.

— Pensei que você já tivesse deixado a cidade — admirou-se ela. Killian não tinha parecido aborrecido e preocupado na festa? — Posso ajudá-lo?

— Na verdade, eu vou ajudar você — ele respondeu, pegando uma sacola extragrande da L.L. Bean e colocando-a sobre a mesa. Na sacola havia várias plantas enroladas. — Ouvi você pedindo as plantas para Bran durante a festa de noivado, e pensei em trazê-las nesta manhã.

— Puxa, que gentileza! Não esperava vê-las tão cedo! Bran me disse que daria retorno, mas que não tinha certeza de onde estavam nem que existiam. Que maravilha! — Ela pegou a sacola, segurando-a com reverência. A biblioteca estava organizando uma exposição de desenhos da coleção que mostraria as plantas de projetos de todas as casas importantes da cidade. Como a mais antiga e mais importante casa da área, Fair Haven era essencial para o catálogo. Muitas casas imponentes em termos arquitetônicos tinham plantas rolando por aí; os donos iniciais mantinham-nas imaculadas, como parte da tradição de entregar um precioso objeto de arte aos novos donos.

Ingrid juntou as mãos e vibrou com Killian, a quem ela encarou com muito mais carinho, agora. O que ele fazia com seu tempo não era da conta dela, afinal. Ele era livre para desperdiçar a vida em indolência e apatia.

— Isso vai ser uma maravilha!

— Fico feliz por ajudar — respondeu ele. — Mal consigo esperar ouvir o que você acha. É uma casa antiga bem interessante, há

muita história nela. Se precisar de mais alguma coisa, me ligue. — Ele olhou para a caixa de madeira que Ingrid mantinha sobre o balcão principal para “Doações para a Biblioteca”. — O que é isso?

Ela explicou a situação: a cidade deficitária, o destino precário da biblioteca nas mãos do Conselho da cidade. Killian franziu a testa.

— Você não vai conseguir levantar fundos com essa caixinha perto da porta. Você sabe o que tem que fazer, Ingrid, faça-os pagar por algo que apenas você consegue fornecer.

— Não sei bem do que você está falando — Ingrid retrucou, um pouco confusa. — Mas obrigada pelas plantas. — Ela pensou que ele realmente era um charme, fazendo uso de seu sorriso de megawatts. Tão atencioso, também — levar as plantas sem ser solicitado, e perguntando sobre a biblioteca, como se ele realmente se preocupasse com seu futuro.

— De nada — ele respondeu, agitando a mão. — Vejo você na festa de quadrilha no sábado? — Uma instituição de caridade do hospital estava organizando um “fundo para erguer o celeiro” naquele fim de semana, completo com montes de feno e quadrilha, a festa temática típica de verão de North Hampton.

Ingrid fez que não com a cabeça. Freya se lançava no cenário social, mas Ingrid gostava de ficar em casa, tricotando, lendo e ouvindo canções antigas no toca-discos. Se ela se aventurasse para fora de casa geralmente seria com Hudson, duas peruas saindo para ver uma reprise de Truffaut.

— Eu não vou, mas acho que Freya vai.

À menção do nome de Freya, Killian se aprumou.

— Ela está aqui agora?

Ingrid assentiu.

— Então, você vai ficar por aqui? No verão?

— Acho que sim — Killian confirmou. — Vou ver que tipo de ação consigo curtir por aqui. — Ele piscou. — Não se preocupe, vou ser bonzinho.

— Bom, então acho que a gente se vê por aí — Ingrid concordou.

Killian lançou um adeus alegre e partiu com a motocicleta rugindo, fazendo um barulho enorme que chacoalhou as vidraças.

QUANDO ELA RETORNOU à sala dos fundos, Hudson a esperava de braços cruzados.

— E aí?

— E aí o quê?

— O cara bonito convidou você para sair? Ou vocês dois só trocaram os números de telefone — neste ponto, Hudson desenhava “aspas” no ar com os dedos — para uma futura “rapidinha”? — Os lábios dele estremeceram com um sorriso malicioso. Às vezes, Hudson ia de trinta para oitenta anos por causa do jeito que ele adotava a linguagem dos “jovens” erroneamente, como ele dizia.

— Não! — Ingrid franziu o nariz. — Claro que não! Ele só trouxe as plantas de Fair Haven, sabe, para a exposição — ela retrucou, segurando a sacola. — E de qualquer maneira, ele é jovem demais.

— Oh! — Hudson pareceu desapontado. — *Quel dommage*. Você pareceu tão extasiada por um momento que eu acreditei que tivesse marcado um encontro. — Ele voltou ao catálogo de cartões. Ele tinha a tarefa ingrata de digitar todas as informações arcaicas no computador. Após resistir por muitos anos, o sistema da biblioteca finalmente estava se tornando informatizado. Ele começou a digitar, catando milho no teclado com um dedo delicado.

Ingrid balançou a cabeça. Ela verificou a planta sob a tenda de vapor. Assim que tivesse terminado aquela, começaria a pôr as plantas dos Gardiner. A exposição estava marcada para o fim de agosto, como parte da festa de gala da biblioteca, que costumava encerrar a temporada de verão. O levantamento de fundos seria o último suspiro da biblioteca, e todos os procedimentos ajudariam a compensar os custos da mudança, se fosse o caso.

Caitlin Parker, que tinha a mesa perto de Hudson, fingiu não ouvir a conversa. Ao contrário dos outros, Caitlin não tinha uma afinidade particular com os livros ou projetos e tinha caído no trabalho quase que por acidente. Era agradável e simpática e nunca fazia fofocas de ninguém. Linda e amável, como uma professora de jardim de infância. Ingrid gostaria de apreciar Caitlin, não havia nada a desgostar, mas ela a achava insípida, sem graça. Na verdade, a garota parecia quase adorável demais, ela sempre deixava os

clientes levarem os livros raros que não deveriam sair da sala de reserva e ela nunca, nunca, cobrava multas por atraso. Isso deixava Ingrid furiosa.

Os três bibliotecários trabalharam em silêncio por um tempo, até que Hudson sibilou:

— Então, você já a viu?

— Quem? — Ingrid quis saber.

— Stevie Nicks.

— Do que você está falando?

Bem naquele instante, Tabitha entrou. Os cabelos estavam soltos e longos. Ela usava uma camiseta comprida, uma saia que varria o chão, e um tipo de casaco que parecia um caftã pregueado. O efeito total não era diferente de uma hippie chique da década de 1970 na praia.

Hudson começou a cantarolar *Landslide* contendo a respiração.

— O que é tão engraçado? — Caitlin perguntou, erguendo o olhar do computador enquanto Hudson abafava um riso e Ingrid sorria abertamente. — Não estou entendendo.

— Eu me sinto esquisita — Tabitha admitiu, parecendo constrangida enquanto se sentava perto da entrada.

— Não, você está ótima. Sério. — Ingrid falou para ela. Ela não precisou de um pentagrama para ver que não havia mais traços da ameaça prateada em qualquer parte de Tabitha: a amiga projetava saúde e felicidade. Soltar os nós tinha feito o truque. Ela já conseguia ver a magia operando no organismo de Tabitha, tecendo um brilho invisível ao seu redor, abrindo os chacras, deixando o ar entrar, liberando o espírito, preparando o corpo e a alma dela para criar vida nova e trazê-la neste mundo. Ela conceberia até o meio da semana.

capítulo nove

Ame quem estiver
com você



Bran retornara da viagem ao estrangeiro e chegaria a North Hampton até as dez daquela noite. Freya pediu para Kristy Hannagan, uma *bartender* que Sal havia contratado para o verão, para trocar a folga e cobrir o seu turno senão ela teria de trabalhar até o último cliente, como sempre. A família de Kristy trabalhou no litoral por gerações, seu pai e irmãos nas traineiras de lagostas, enquanto o namorado pescava atum-patudo que eles vendiam em leilões para compradores japoneses. Ela era uma moça de olhos faiscantes, língua afiada e sorriso fácil, que logo se tornou uma das amigas mais próximas de Freya, na cidade.

— Tudo bem, mesmo, Kris? — Freya perguntou. Kristy balançou a cabeça e lhe lançou um sorriso aberto.

— Claro! Se eu tivesse um cara como ele, eu também pegaria folga à noite. Vamos lá, já.

Kristy se divorciara duas vezes e tinha quatro filhos com menos de cinco anos. Ela comparava o serviço no bar a separar um bando de criancinhas briguentas.

— Eu comando o navio.

— Fico devendo essa — Freya prometeu, batendo o quadril dela em Kristy, de uma forma carinhosa, a caminho do banheiro para se refrescar. Bran entraria no bar a qualquer minuto. Freya jogou água no rosto, tentando esfregar e tirar a culpa dele. Ela temia vê-lo novamente, mas não conseguia mais adiar. Era a primeira vez que se veriam desde a comemoração do noivado.

Quando voltou ao bar, ele a esperava, sentado em seu banco costureiro, com um jornal aberto diante de si, parecia refrescado e másculo com o terno escuro e a gravata vermelha.

— Até que enfim! — ele disse, puxando-a para perto e apertando a cintura dela. — Lembre-me de nunca mais deixá-la — prosseguiu ele, enquanto encolhia a cabeça sob o queixo dela.

Ela riu e o apertou também.

— Desculpe deixá-lo esperando, mas Sal não está se sentindo bem, e eu tive que esperar a babá de Kristy chegar. — Ela ficou feliz que, ao ver Bran, sentiu exatamente a mesma coisa: o mesmo calor, o amor sólido que os atraía em primeiro lugar ainda estava lá. Ele era aquele por quem ela esperara todos aqueles longos anos. Ela se aconchegou na cabeça dele e pressionou seu corpo mais perto do dele, gostando do salto imediato provocado no batimento cardíaco. Fazia muito tempo que ela não se sentia dessa maneira.

— Sério? Pobre Sal — Bran perguntou, preocupado, tocando o anel de ouro com o brasão da família.

— Ele vai ficar bem — ela respondeu. — Ele é teimoso e não toma o remédio para a alergia.

— Há! — Bran assentiu. Embora Bran tivesse chegado à cidade apenas há pouco tempo, Freya tomou isso como sinal de que Sal lhe dera a aprovação quanto ao anúncio do noivado e não foi apenas por Bran ter sido o único que declarou gostar do destilado caseiro de Sal, apesar de ele nunca ter feito mal. Certa vez, Sal lhe dissera que o namorado dela era quieto. Uma dessas pessoas que a gente leva tempo para conhecer, e que ele gostava disso. Bran não era como esses cabeças de vento tagarelas que contam vantagem e não dizem nada.

— Como foi a reunião? Já gastou todo o dinheiro? — ela brincou. O objetivo dele, segundo dissera a Freya, era doar toda sua herança para os mais necessitados.

— Quase todo. Estou me empenhando nisso. — Ele riu.

— Acho que não somos Elizabeth e o senhor Darcy. Carruagens e Pemberley não fazem parte do meu futuro. — Ela suspirou de forma dramática, e a mão dele ao redor da cintura avançou um pouco mais, sob o *jeans*, esfregando a pele dela por baixo, marcando seu

território, deixando o mundo saber que ela era dele. Cadê a timidez, hein?

— Espero que não seja muito frustrante — Bran declarou rindo, pois ele já sabia a resposta. — O que é isso? — ele perguntou, pegando um dos novos cardápios plastificados de coquetéis.

— Ah, nada — ela respondeu, erguendo os ombros, embora tivesse orgulho dele. Após o sucesso com os Bauman, ela fora incentivada a expandir o seu campo. Seu cardápio novo de coquetéis era um tremendo sucesso, e não era difícil ver o porquê. *Poções de Amor*, ele anunciava em enormes letras rosa, *dezessete dólares cada*. O único comentário de Sal sobre o novo cardápio foi que se ela fosse usar bebidas de primeira qualidade e ingredientes frescos, deveria cobrar por eles.

Paixão: uma mistura de água de rosas-hibiscos e gim inglês. Faz as cabeças virarem para você durante a noite e inspira uma afeição sensual.

Irresistível: vodca, purê de cerejas, taboa em pó e suco de limão. Não é para tímidos. Prepare-se para perder a inibição.

Não correspondido: licor St. Germain, lavanda com mel e Prosecco. Pare de suspirar e comece a amar. Garantido para preencher os desejos de seu coração.

Para todo o sempre: duas taças do melhor champanhe francês, fortificado com pétalas de margarida esmagadas. Para os que esperam reacender a paixão mútua.

— É só uma coisa que eu aprontei para o Sal — respondeu ela, esperando que ele não fizesse muitas perguntas.

— Coisa boa — ele respondeu, colocando-o de lado. — Tudo que você toca vira ouro. — Só Bran poderia dizer coisas como essa sem soar ridículo. — Por sinal, espero que a festa não tenha assustado você demais. — A testa dele enrugou. — Você se divertiu?

— Foi linda — Freya afirmou. — Eu não me assusto com facilidade, então, não se preocupe. — Ela sentiu um ligeiro arrepio de ansiedade e desejou que ele não tivesse tocado no assunto quando uma imagem de Killian, os dois juntinhos num abraço apertado, de repente, surgiu-lhe na mente. Ela se afastou um pouco

de Bran por um instante, os cabelos dourados repentinamente esconderam o rubor de seu rosto.

— Então, o que você achou do meu irmão não-tão-bom-caráter-assim? — ele insistiu, com o sorriso desaparecendo um pouco do rosto.

— Normal — Freya respondeu, esperando mudar de assunto. Felizmente Bran não pareceu notar nada de estranho. Eles saíram do bar e foram até o carro, de mãos dadas, os dois felizes e em silêncio por estarem juntos.

Pegaram a ponte para a ilha Gardiner, e Freya se maravilhou novamente com a linda aparência de Fair Haven e seus arredores. Ela sabia que Bran tinha ignorado as mudanças de projeto e preservara muita beleza natural da ilha, sem perturbar os animais e a flora. Ele estacionou o carro na garagem e se virou para ela, ao desligar o motor.

— Ouça, sei que tudo aconteceu rápido demais... Se você precisar mudar alguma coisa, se você mudar de ideia... Eu entendo. Eu posso esperar por você. Só quero que você seja feliz. — Então, ele olhou para ela com aqueles olhos castanhos gentis dele, e ela se apaixonou por ele ainda mais. De perto, ele começava a ter marcas de expressão perto dos olhos, mas elas só o deixavam parecer mais distinto. — Eu quero que você esteja certa de mim.

— Amor — ela sussurrou. — Não tenho certeza de nada, *a não ser* de você. — Ela o puxou para um beijo, e então entendeu por que concordara em se casar com ele, apesar de conhecê-lo apenas há um mês. De todos os caras que ela conheceu em sua vida imortal, ele era o único que a deixava se sentir tão segura. Ela, que distribuía amor, apenas se sentia amada naqueles braços fortes que a envolviam.

FAIR HAVEN ESTAVA ESCURA e encoberta, mas Bran preferiu não ligar nenhum farol.

— Psiu! — ele pediu. — Não vamos acordar madame Grobadan.

— Não vamos, não! — Freya concordou. Madame podia ser a madrastra dos rapazes, mas ela basicamente os criara e permanecia

uma presença formidável na vida de Bran. Freya tinha certo receio dela, deixou que ela organizasse a festa de noivado e tomasse todas as decisões, concordando com tudo em relação aos pedidos mais rigorosos. Madame amava os rapazes como a ela mesma, e com a sua postura intimidadora e atitude distante, de alguma forma, ela era ainda mais assustadora que uma sogra verdadeira.

Se fosse possível, a casa parecia ainda mais impressionante que na festa, com seus vastos espaços abertos vazios. O piano de cauda brilhava ao luar, e Bran abriu as portas francesas para que eles pudessem ouvir o som do mar. A casa era tão grande, o salão principal poderia acomodar um exército, e a ala residencial poderia muito bem ter a sua própria zona postal exclusiva. Freya caminhou até o carrinho do bar e preparou um martíni para Bran, extrasseco. As azeitonas no vidro pareciam um pouco mirradas, mas com um toque de seu dedo, elas ficaram suculentas e gordinhas. Ela lhe deu as azeitonas uma a uma e ele bebeu o coquetel de um só gole.

Bran pôs a taça de lado, depois se jogou em uma das poltronas espaçosas perto da lareira e afrouxou a gravata. Era o jeito de ele pedir que ela se sentasse no colo dele. Ele tinha sido tão inseguro e hesitante no começo, como se não ousasse acreditar que ela pudesse estar a fim dele. Seu cavalheirismo másculo era tão atraente, e ela rapidamente montou sobre ele, de modo que os cabelos longos, espessos e ondulados roçaram o rosto dele. Ele a puxou para si avidamente, e logo suas mãos tiraram o vestido dela pela cabeça; ela desafivelava o cinto dele e o ajudava a tirar a calça.

— Mas e...? — ela perguntou. — Será que a gente não deve ir para o seu quarto?

— Eles estão a quilômetros de distância, dormindo... Não vamos fazer barulho... — sussurrou.

À luz da lua, o corpo dela parecia tão perfeito quanto uma estátua. Quando ela se afundou nele, a respiração absorveu a agitação da sensação de estar sendo rompida e tomada enquanto eles se movimentavam calmamente, unidos, de modo que a cada impulso ela sentia como se partisse novamente. Ele arfou, o rosto tenso de desejo enquanto a tomava, os dois ainda unidos; de repente, estavam no chão, e ele a virou, deixando-a de joelhos com

as costas diante de si, ela segurou a cabeça nas mãos, extasiada com o jeito como ele a segurava pela cintura, como ele se apertava contra ela, as mãos fortes enquanto ele a movimentava de todas as maneiras, agora nas costas, agora na barriga, agora em cima, dominando sua força e mantendo-a sem fôlego. Ele estava sempre no controle, e ela nunca encontrara alguém que a fizesse sentir tão...

Bem, não, agora isso não era *bem* verdade, era...?

Havia outra pessoa que...

Ela tirou a imagem da cabeça... mas lá estava ela...

Killian com as mãos fortes sob a sua saia enquanto ela abria o zíper do *jeans* dele.

Isso não tinha nada a ver aqui... especialmente *agora*... Por que ela pensava nele? Ela não queria nada daquilo. Não queria pensar nele de jeito algum, especialmente naquele momento em especial, mas não conseguia evitar e se lembrava... como ela tinha ficado de quatro, como ela o pegou na boca, sentiu o gosto dele e de como Killian tinha se forçado contra ela, e ela pensou que poderia explodir de desejo...

Não... pare... por favor... Ela tinha que parar de pensar nisso... tinha que parar de sonhar com isso... tinha que parar de pensar nele...

Então, ela montou Bran de novo, as mãos dele nos seios dela, e as mãos dela sobre as dele, alisando e beliscando. Eles prenderam as mãos, e ela repousou o quadril sobre o colo dele, mantendo o ritmo frenético e compassado... e desejou que a imagem de Killian se dissipasse... tentando se concentrar no belo rosto de Bran, em seu corpo e em seu desejo, em vez disso...

Contra sua vontade, o outro rosto retornou à mente...

Ela não conseguia evitar, o equívoco daquilo tudo, o que ela fizera na outra noite durante sua própria festa de noivado: os dois pressionados contra a parede do banheiro apertado, suas pernas ao redor da cintura de Killian enquanto ele a penetrava cada vez mais — combinado com o que ela fazia agora... e ela gemeu e se perdeu na sensação terrível de estar com um homem enquanto pensava em

outro... Mordiscou o lábio e perdeu controle enquanto o corpo tremia com os espasmos...

Ao mesmo tempo, abaixo dela, Bran liberou um uivo enorme (que silêncio, que nada!) e lançou o corpo contra o dela várias vezes até que ele tremeu, se aquietou, e eles caíram um sobre o outro, o corpo dela sentindo a dor da saudade enquanto ele se afastava lentamente.

Bran a beijou no rosto com um gesto doce de gratidão, como se fosse incapaz de acreditar na extensão de sua sorte extraordinária. Freya sorriu ao sentir os lábios dele na pele, o corpo dela todo trêmulo e, quando ela abriu os olhos, viu uma figura se movimentando na penumbra do corredor.

Eles não estavam sozinhos, afinal...

Alguém estivera lá observando — alguém de cabelos escuros e os olhos brilhantes de água-marinha do homem que a arrebatara apenas na sua mente.

Mas quando ela olhou novamente, Killian se fora.

capítulo dez

Negócios de bruxa



Como Ingrid previu, Tabitha logo ficou grávida. Levou apenas uma semana para a notícia se espalhar pela cidade e somente alguns dias até algumas mulheres decidirem que elas também gostariam de ver se a bibliotecária local poderia ajudá-las com seus problemas. Numa manhã clara de segunda-feira em junho, a entusiasmada futura mamãe presenteava mais um grupo de mulheres reunidas em volta do balcão principal com sua história. Elas já a conheciam, mas isso não impedia Tabitha de contá-la, e a audiência ficava feliz em ouvi-la mais uma vez enquanto aguardava a ocasião de ver Ingrid.

— Os médicos dizem que é um milagre médico! Porque quando nossos testes foram devolvidos, eles eram *péssimos*. Disseram que era virtualmente impossível eu engravidar, mas aconteceu! Tudo graças à Ingrid! Vocês ouviram o que ela fez por Stephanie Curran? Currou-a daquele problema de pele que nunca sarava! Juro, a mulher é uma fazedora de milagres. Bem, não uma milagreira, mas algum tipo de feiticeira, talvez.

— Feiticeira! — Mona Boyard repetiu, um pouco chocada.

— Feiticeira? *Por favor*. — Hudson interrompeu, com a mão no quadril. — Isto é North Hampton. Preferimos “cuidadora especial”. Sabe, como uma médium ou vidente — ele falou animado.

Ninguém sabia exatamente como Ingrid ajudava as pessoas, apenas que funcionava, sem nenhuma explicação médica óbvia ou científica. Então tinha que ser algum tipo de... magia? Mas quem acreditava em magia nesses últimos tempos? As mulheres de North

Hampton não se importavam com o nome, apenas queriam algo que funcionasse.

No início, Ingrid não quis levar o crédito pela gravidez de Tabitha, ou dar mais ajuda ou conselhos, mas logo achou difícil recusar. Já que não houve relâmpago voando do céu após ela ter feito o encantamento de fertilidade de Tabitha, pareceu justo ajudar todos os que pediam. Talvez Freya tivesse razão, talvez fosse tanto tempo que o Conselho tivesse se esquecido, talvez nada acontecesse desta vez. Ingrid estava disposta a agarrar aquela chance. Ela também não conseguia negar: praticar magia novamente não apenas era agradável, mas lhe dava um sentimento de propósito. Havia sentido na vida novamente. Ela desperdiçou tanto tempo e esforço negando seus talentos inatos, enterrando-se em pequenas tarefas e pegando um emprego na biblioteca: do qual ela gostava, claro — mas mesmo assim. Era para *isto* que ela fora colocada na Terra. Ao inferno as restrições. Com certeza, após tantos anos elas tinham obtido um passe livre? Talvez o Conselho nem reparasse. Além disso, os cidadãos de North Hampton eram iluminados, nem temerosos nem supersticiosos. Eram curiosos e céticos, mas prontos para tentar algo novo.

Ela ficou surpresa em encontrar uma frequência incomum de má sorte em cada história dos suplicantes. Alguns problemas, embora menores, eram impossíveis de serem tratados da forma habitual: dores e padecimentos estranhos que nenhuma medicina conseguia curar; cegueira temporária, dores de cabeça bizarras, pesadelos frequentes. Havia várias mulheres mais jovens que Tabitha que vinham tendo dificuldade para engravidar, seus espíritos bloqueados pela mesma massa prateada que ela vira na colega. Ingrid trabalhava muito, criando pentagramas, acendendo velas cônicas, distribuindo alguns nozinhos, um encantamento, uma bruxaria ou outra. Ela aceitava clientes, como Hudson as chamava, apenas durante a hora do almoço. Afinal, ela tinha uma exposição para planejar e documentos a serem passados no vapor. Como recompensa, Ingrid pedia que doassem o que pudessem para o fundo da biblioteca, levantando dinheiro, cobrando das pessoas por algo que elas queriam e que ela conseguia fornecer. Talvez ela

conseguisse tapar o buraco daquele orçamento, e sua ambição principal seria fazer desistirem da venda da biblioteca.

Sua última consulta era Emily Foster, uma mulher atraente, com quase quarenta anos. Emily era artista bem famosa na região, conhecida pelos murais abstratos gigantes de marinhas e cavalos. Ela morava com o marido, Lionel Horning, também artista, numa fazenda na beira da cidade, onde criavam animais. Eles mantinham as Beauchamp abastecidas com ovos e leite e nunca cobravam já que Joanna sempre lhes oferecia verduras do seu jardim.

— Posso ajudar? — Ingrid perguntou.

— É uma coisa tão estranha — Emily respondeu, assoando o nariz. — Mas eu preciso de algo para... não sei... é tão idiota...

— Não julgo nada aqui, Em — Ingrid prometeu.

— É que... eu não consigo me concentrar ultimamente. Nunca tive esse problema antes... de ficar bloqueada, sabe? Mas é como se não pudesse nem mesmo pintar nem nada... É tão estranho. É claro que de vez em quando você fica parada... mas já faz duas semanas agora e parece que não me consigo concentrar. É como se a minha mente estivesse... vazia... como se eu não pudesse ver nada, nenhuma forma, nada... apenas um cinza. — Ela soltou uma risada.

— Você consegue curar bloqueio de artista?

— Posso tentar — Ingrid respondeu.

— Obrigada. — Os olhos de Ingrid se encheram de lágrimas. — Tenho uma exposição dentro de alguns meses. Eu ficaria muito agradecida.

Ela colocou Emily em um pentagrama, acendeu a vela e avaliou seu espírito. Sim, lá estava, a mesma massa prateada, bem no centro do tórax, e agora Ingrid estava prática em retirá-la. Percebeu que ela não apenas bloqueava a criação de vida, mas o próprio processo criativo. Ingrid pensou que poderia mencionar isso para Joanna oportunamente. Eram muitos acontecimentos estranhos ultimamente para serem aleatórios. Alguma coisa bizarra acontecia por lá.

DEPOIS, NAQUELA TARDE, Ingrid voltou ao seu trabalho de verdade e começou a tarefa de preparar as plantas dos Gardiner para a exposição. Ficou diante da mesa de reuniões e aos poucos desenrolou o pesado projeto com as plantas. As folhas eram grandes, quase do tamanho da mesa, e o papel estava amarelado e frágil. Com destreza, Ingrid virou as páginas até encontrar a planta do local. Ela sempre começava por ali. Um projeto era como um romance em andamento, um texto preparado pelo construtor, uma história escrita pelo arquiteto sobre como a casa deveria ser construída. A planta do terreno era como uma introdução ao romance.

Ela mostrava linhas concêntricas onduladas circulando um único ponto no centro, uma forma compacta desenhada com lápis escuro, representando Fair Haven. Ela se inclinou mais perto, para examinar as linhas pesadas a lápis. Cada projeto continha sua própria linguagem de articulação: símbolos e marcas que levavam a desenhos específicos para cada parte da casa. Um conjunto de plantas florescia de fora para dentro, da planta do terreno até a do piso principal, às elevações e aos detalhes específicos.

Enquanto se movimentava pelo conjunto de desenhos, uma imagem da casa começou a se formar em sua mente. Ela espiou a marca de articulação da planta do piso principal até uma elevação do salão de festas principal e a virou para ter certeza de ter lido corretamente. Era estranho. A marcação da elevação era diferente da que ficava na planta do local. A maioria das marcas de articulação arquitetônicas era composta de números e letras como "A 2.1/1" dentro de um pequeno círculo, mas esta marca com número era decorada de forma elaborada com padrões sinuosos.

Ingrid puxou uma cadeira para se sentar e olhar mais de perto a pequena cartela. Havia algo intrigante nos padrões densos das formas. As linhas sinuosas pareciam florais em sua natureza, sugestivas de arabescos do *art nouveau*, e enquanto ela continuava a encará-las, as formas começaram a se parecer com letras; mas se fossem letras, eram de um idioma que ela não conseguia ler ou nunca vira antes. Não eram hieróglifos egípcios ou qualquer língua

morta com a qual ela tivesse uma familiaridade passageira durante todo o tempo na Terra.

Ela examinou mais desenhos e encontrou várias marcas de articulação decoradas de forma semelhante, não apenas marcação de aposentos e paredes, mas de equipamentos e acabamento, cada uma com brasões de escrita elaborada, cada uma diferente da outra. Ela nunca vira antes nada semelhante em qualquer projeto. Ingrid estava familiarizada com as articulações-padrão de arquitetura, e estava certa de que seja o que fosse que estivesse escrito ao redor das marcas não eram instruções para qualquer construtor ou empreiteiro. O desenho das articulações deveria levar o leitor de um desenho a outro, mas estas tinham outra função oculta, uma que não tinha nada a ver com a arquitetura ou construção da casa.

Ingrid tirou o celular do bolso, focou em uma das articulações estranhas e bateu uma foto. Ela o enviou para o e-mail. Embora não conseguisse interpretar a linguagem, sabia de alguém que poderia decifrá-la, pensando nas cartas que ela sempre mantinha no bolso.

capítulo onze

O raio de sol de sua vida



Então era assim que as avós se sentiam. Joanna nunca tinha se interessado por aquela experiência em especial. Não com aquelas filhas solteironas dela, que optaram por viver sozinhas por séculos. Talvez fosse uma bênção disfarçada: veja o que a criação de todos aqueles semideuses provocou nos gregos. Bagunça. Talvez Freya mudasse de ideia quando ela e Bran estivessem casados, mas Ingrid provavelmente era uma causa perdida.

Não há dúvida, o pequeno Tyler Alvarez conquistou seu coração. Após o incidente com a torta de amoras, Joanna, como as filhas, ficara cada vez mais ousada na prática da magia. Ela curtia surpreendê-lo. Deu vida a seus soldadinhos de brinquedo, e eles passavam horas enviando os soldados para a batalha. Com Joanna na sala de brinquedo, os ursinhos de pelúcia falavam, e as marionetes dançavam sem os fios. Ela era babá e mágica, o melhor tipo de companheira de farras. Ela até mostrou o grifo de estimação de Ingrid.

— Este é o Oscar — ela o apresentou. — Ninguém de fora da família tem permissão de vê-lo. Mas quero que você o conheça.

Oscar se aconchegou na mão de Tyler e abanou o rabo de leão com orgulho enquanto Tyler o alimentava com o seu lanche preferido, *Cheetos*.

— É o nosso segredo.

Mantendo a palavra, o menino de quatro anos nunca disse nada aos pais sobre o que Joanna conseguia fazer. Além disso, era fácil

para Joanna fazer alguns objetos inanimados virem à vida. Não era preciso muito para entreter um garotinho.

Naquela tarde, ela estava cuidando do jardim. Ela sempre mantinha um canteiro atrás da casa, pequeno, embora, graças a seu dom de manter as coisas crescendo, ela produzia os maiores e mais suculentos legumes de Hampton. Cultivava milho, abobrinha, pepino e repolho, tomates-caqui tão grandes quanto bolas de basquete. Ela estava limpando o mato do terreno quando o celular tocou. Olhou para o número, e o coração começou a disparar ao ver que era da Pré-escola Sunshine. A escola não tinha o hábito de ligar durante o dia, o que só podia significar uma coisa: algo acontecera com Tyler. As mãos começaram a tremer ao atender o telefone.

— Joanna? — perguntou a voz calma da diretora. Marie May fundou a escola há trinta anos, e numa cidade pequena como North Hampton onde todos se conheciam, as duas mulheres costumavam trocar algumas palavras quando se encontravam no armazém, no posto ou na quitanda.

— Marie, que aconteceu? — ela indagou. Se algo tivesse acontecido a Tyler, a diretora não teria aquele tom de voz tão agradável, ela tentou se convencer. Se ele tivesse batido a cabeça ou se machucado muito, Marie estaria com a voz mais assustada, não é? Joanna desejou ter o dom de Ingrid de ver o futuro. O que estava acontecendo? Por que a escola estava ligando agora? Gracella deixara o garoto às nove, e Joanna deveria pegá-lo às duas. Hoje ela ia lhe mostrar como fazer bolhas de sabão indestrutíveis com a ajuda de um encanto de fortificação.

— Querida. Não quero assustá-la, mas há algo de errado com Tyler. Ele não caiu nem se machucou, mas não para de chorar. Fizemos de tudo para acalmá-lo, e tentei ligar para os dois pais, mas eles não atendem. Você está na lista como outro contato de emergência. Tudo bem...?

— Ai, meu Deus! Claro! Hector e Gracella estão em Nova Jersey ajudando o irmão dele a se mudar. Sou a responsável pela criança. Já estou indo.

O coração de Joanna batia tão rapidamente, e as pernas tremiam tanto que levou um tempo até ela perceber que estava voando. De

alguma forma, ela tinha encantado uma vassoura e a erguera para o céu, ainda usando o chapéu de pescador e os tamancos de jardinagem. Ela se distanciou bem acima das árvores altas e das casas triangulares, tomando cuidado para se proteger de quaisquer olhos abaixo, sob um dossel de nuvens. Agora, isso era totalmente contra as regras, mas ela não se importou muito; fora natural como respirar. Assim que ela permitiu um pouco de magia de volta à sua vida, foi como se ela sempre tivesse feito parte dela. Por que Tyler não parava de chorar? O que havia de errado? Marie tinha sido bem amável, tentando mascarar a preocupação, mas Joanna percebeu um toque de temor real na sua voz.

Tyler nunca chorava. Ele era a criança mais alegre que Joanna conheceu, alegre à moda antiga, com os olhos brilhantes e o rosto adorável de Munchkin. Claro que ele estava longe da perfeição; como muitos de sua idade, de vez em quando, ele fazia birras enormes, especialmente se alguém tentasse alimentá-lo com algo fora de seus quatro grupos de comidas prediletas. Ele só comia maçã, atum, biscoitinhos na forma de peixe e doces. Ele cheirava o pão que a mãe fazia para os sanduíches para ter certeza de serem do tipo adequado, senão ele não comia. Joanna já sentia o coração apertado só de pensar que algo pudesse ter acontecido ao garoto.

A escola Sunshine ficava em duas casas de praia rebaixadas cercadas por um portão de metal. Sempre que Joanna buscava Tyler, ele estava com algum tipo de projeto de arte feito por ele: macarrão grudado num papelão, ou uma nova criação com papel higiênico — e havia um informativo semanal alegre com anexos especiais: fotos ou vídeos de crianças no tanque de areia. Era uma escola limpa, segura e alegre, e Tyler gostava de lá. Joanna esquecera o código de segurança da porta e agitou a mão para abri-la mais rapidamente. Não havia tempo; ela queria ver o menino *agora*. Joanna dizia a si mesma para não entrar em pânico mesmo quando a sua mente começou a disparar com medos apocalípticos. Havia tantas doenças que podiam afetar as crianças atualmente, uma horda de gripes incuráveis e doenças misteriosas que podiam atacar um sistema imunológico em desenvolvimento. Enquanto corria, ela começou a

imaginar o pior: gripe suína, meningite, infecção por estafilococos. Marie estava no escritório e se levantou assim que avistou Joanna.

— Ele está bem, ainda chorando. Eu odeio assustar, mas achei que era melhor ligarmos... — ela se adiantou.

Naquele momento, um dos professores, uma mulher jamaicana grande e doce, que era a preferida de Tyler, entrou com o choramingão nos braços. O rosto todo estava vermelho, e ele soluçava, com lágrimas redondas enormes rolando pelas bochechas gordinhas. Ele apontou para o ouvido direito e urrou.

— Desculpe, tentamos de tudo — a professora se desculpou. — Algumas crianças vieram com algum vírus terrível que os deixou fora da escola por alguns dias. Provavelmente Tyler se contaminou.

— Talvez seja uma infecção no ouvido; elas são muito doloridas. — Marie falou com conhecimento de causa. — Achamos que é um pouco cedo para chamar uma ambulância, pois ele não está vomitando nem com febre, mas talvez seja melhor levá-lo ao pediatra.

— Claro, claro — Joanna concordou, pegando o menino choroso nos braços e beijando as bochechas úmidas. — Tylerino — falou ela, com carinho — você vai ficar bem, garoto. — Ela lançou um *tchau* e obrigada apressados e saiu pela porta, os tamancos ressoando no caminho de pedras.

O consultório médico ficava a apenas alguns quarteirões, o que era uma boa coisa, já que, com a pressa, Joanna se esqueceu que não tinha carro. Uma enfermeira os dirigiu para a sala de exames assim que chegaram. Tyler ainda chorava, baixinho agora, com suspiros e chiados de cansaço. A camisa estava ensopada de suor. Joanna segurou a mão do menino com firmeza e esperou que Marie estivesse certa, que fosse apenas um resfriado, um vírus que ele havia pegado. O médico, que tinha cuidado das duas garotas quando jovens, examinou Tyler e deu o diagnóstico. Claro que as meninas nunca ficaram doentes, nenhuma vez na vida inteira. Como imortais, eram imunes à doença.

— Parece que é um caso sério de otite. Está dando por aí — ele falou, enquanto jogava fora a espátula de língua.

— O que é isso? — Joanna perguntou, abraçando o menino mais ainda.

— Infecção no ouvido. — Ele escreveu uma receita para tratamento com antibióticos no bloco. — É preciso tomar todos os comprimidos. Você é a tutora legal? Preciso da assinatura de consentimento pelos remédios.

Joanna sentiu-se tomada por uma sensação de alívio.

— Não, mas vou trazê-los assim que possível. Eles devem voltar à cidade hoje à noite.

Tyler finalmente parou de chorar e agora fungava e piscava. A enfermeira lhe deu um adesivo, além de uma colher de chá com Tylenol infantil para a dor.

— Sorvete? — Joanna sugeriu, beijando-o no rosto.

O garotinho concordou com a cabeça, cansado demais para falar. Joanna o abraçou apertado. Tyler ficaria bem. Ela nunca se sentiu tão agradecida pela medicina mundana.

capítulo doze

Multas de biblioteca



Quando Ingrid chegou ao serviço no dia seguinte, havia um recado na sua caixa de e-mail. Ela ficou encarando a tela do computador, tinha enviado a foto da articulação da planta apenas no dia anterior à tarde, e ele já tinha respondido. Ela esperava por isso, mas ainda assim ficou surpresa com a rapidez.

<<bom saber de você. coisa interessante isso aqui. vou retornar depois com a análise. já faz um bom tempo. concluo que isto significa que você recebeu minhas cartas?>>

Sim, ela recebeu as cartas. Já estava ficando quase cansada de tanto ler, embora imaginasse como se sentiria se elas parassem de aparecer. Se passasse uma semana sem uma carta, ela ficaria mais feliz ou mais triste? Ela massageou as têmporas. Não deveria ter respondido. A mãe e a irmã nunca aprovariam, mas isso não estava relacionado a ela ou elas ou mesmo a ele. Havia alguma coisa naquelas articulações de planta, decoradas de modo tão elaborado. Algo importante, ela sentia, algo que ela esquecera, e ele era o único que sabia como decifrá-las. O único que podia ajudá-la a descobrir o mistério do código. Ela respondeu.

<<recebi suas cartas. não sei se esta é a hora certa de nos reunirmos, mas espero que possa me ajudar com isso.>>

A resposta foi instantânea.

<<claro. você sabe que não precisa nem pedir.>>

Ela suspirou e não enviou uma resposta. Estava na hora da "bruxaria", como Hudson a chamava. A fila diante do balcão principal saía pela porta. Algumas mulheres já estavam lá quando a biblioteca

abriu. Esperaram pacientemente a manhã toda, algumas investigando as prateleiras, outras lendo os livros, a maioria apenas feliz em esperar por lá em pé. Os resultados impressionantes do trabalho de Ingrid continuavam a surgir: os pesadelos que cessavam, as dores e os incômodos que eram curados, a onda de testes de gravidez positivos.

Becky Baumann, que recentemente se reconciliara com o marido, era uma das primeiras clientes. Becky se acomodou num assento diante da mesa de Ingrid.

— Posso ajudar? — Ingrid perguntou.

— Não sei se este é o lugar correto para perguntar ou se você pode ajudar. Eu só... Eu sinto que nossa casa é assombrada. Tenho a impressão mais estranha à noite, como se houvesse alguém lá. Ross disse que eu deveria vir aqui embora ele nunca tenha sentido nada. Mas tenho quase certeza de que há outra presença na casa. As luzes acendem e apagam. A televisão liga em horas estranhas. Você acredita em fantasmas?

— Não — Ingrid respondeu lentamente. Fantasmas não existem, mas ela também sabia a que os seres humanos se referiam como fantasmas: espectros espirituais e espíritos vistos sob uma luz sombria, além de outros fenômenos sobrenaturais — geralmente eram devido à proximidade do limite de uma junção, onde o mundo físico e o mundo da Ligação ficavam tão próximos que os do outro lado conseguiam sentir a presença de outro mundo pouco além de sua visão. Os limites da junção deveriam ser mantidos por um encanto poderoso de ligação, que Joanna fizera há muito tempo quando elas se mudaram para North Hampton. Parecia apenas natural, Ingrid supôs, que os encantamentos diminuíssem e enfraquecessem com o tempo, embora isso nunca tivesse acontecido antes. Ela criou um talismã para Becky que ajudaria a manter as fronteiras presas e a livrar das malditas inconveniências paranormais — nunca mais televisão ligando a toda às três da manhã.

Ingrid atendeu a mescla costumeira de queixas inexplicáveis até que chegou um visitante inesperado no escritório.

— Olá! — Matt Noble entrou no escritório. Ele era tão alto que parecia desengonçado, sentado no banquinho do outro lado do

balcão. — Então, eu soube que você consegue ajudar as pessoas.

— Isso mesmo. O que você faz aqui, Matt? — Ingrid perguntou, alisando a saia e sem conseguir olhá-lo no olho. Ela estava irritada consigo mesma por agir como uma solteirona desajeitada ao lado dele.

Matt se inclinou sobre o balcão, e ela se forçou a olhar naqueles olhos azul-claros.

— Estou com um problema... — disse ele, com a voz rouca.

— Que é?

— Eu gosto dessa garota, sabe. Gosto muito. Ela é inteligente, linda e simpática, e ela realmente parece se preocupar com as pessoas. Mas parece que ela não gosta de mim.

Ingrid ficou tensa.

— Sim...

— Então, eu acho... O que eu faço para ela aceitar quando eu a convidar para sair? — Os olhos dele brilhavam, e havia uma sugestão de sorriso formando-se no rosto.

Ela franziu a testa. Ingrid não gostava quando as pessoas tiravam sarro dela; ela tinha senso de humor, mas não gostava da piada quando ela era o assunto central. Era óbvio que ele falava dela, e se esta era a maneira de convidá-la para sair, ele deveria pensar melhor. Vamos desapontá-lo devagarinho, ela se disse. Claro que o pobre cara estava apaixonado por ela, e ela não queria ferir os sentimentos dele. Ela não era totalmente desprovida de coração.

— Ouça, Matt, você é um cara especial, mas eu...

— Cara! Você realmente acha que a Caitlin não vai sair comigo? — ele interrompeu.

Ingrid levou um segundo para se recuperar, mas o momento passou sem que o investigador notasse. Ele estava falando de *Caitlin*. Sua colega. Aquela que nem lia. Ingrid refletiu sobre a época em que eles contrataram a garota. Foi exatamente quando o homem da lei bonito começou suas visitas regulares à biblioteca. Então, todo aquele tempo ele estava interessado na Caitlin, e não em Ingrid. Ela estava tão enganada que foi constrangedor. Então por que o coração dela apertou um pouco quando ele pronunciou o nome da colega? Não que ela se importasse com a pessoa de quem

ele gostava. Na verdade, ela ficou muito aliviada. Ela lhe lançou um sorriso tenso.

— Na verdade, esse tipo de coisa não é minha praia. Quer dizer, romance. É melhor você procurar minha irmã no North Inn. Peça-lhe para fazer uma bebida do cardápio novo de coquetéis. Diga a mesma coisa que me disse e talvez ela possa ajudá-lo.

— É mesmo? — ele perguntou.

Ela assentiu e rapidamente o conduziu para fora do escritório. Olhou no relógio, tinha a intenção de trabalhar apenas uma hora, mas já eram quase duas e meia e ela ainda não tinha almoçado. Freya tinha preparado um sanduíche de atum em pão de trigo. Quase tudo que Freya preparava era delicioso, mas por algum motivo hoje a comida tinha gosto de areia.

Ah, bem. Então eu estava enganada. Ele gosta da Caitlin. Quem não gosta de Caitlin? Todos na cidade gostavam de Caitlin, que não levava os livros a sério e não dava sermões sobre multas de biblioteca esquecidas e sobre o cuidado devido com os manuscritos e nem aborrecia as pessoas sobre casas antigas e projetos. Caitlin não gerava apelidos maldosos como “Frígida Ingrid”, nem as pessoas achavam que ela era indiferente ou esquisita por ter uma fila de pessoas clamando por talismãs e encantamentos. Ela era apenas uma garota simpática, normal, bonita, mas um tanto sem graça, o tipo de garota que Ingrid jamais poderia ser nem nunca fora.

Após a insípida refeição, Ingrid retornou aos documentos, determinada a não pensar mais em Matt Noble.

capítulo treze

Choques pós-traumáticos



— Volte aqui, gata — Bran grunhiu, puxando Freya de volta à cama.

— Pare, já estou atrasada para o trabalho. — Ela riu, tentando calçar os tênis enquanto ele lhe acariciava o pescoço. As mãos cálidas rodearam a sua cintura, e ela desistiu, tirando os tênis e deixando que ele a puxasse de novo para baixo das cobertas.

Ela havia evitado o toque dele desde aquela noite à beira da lareira, envergonhada demais pelos pensamentos em Killian. Fingiu estar com dor de cabeça, pediu desculpas por estar exausta, mas sabia que ele não seria recusado desta vez. Bran estava de saída novamente naquela tarde. A separação seria breve — apenas alguns dias em Estocolmo desta vez, motivo de alegria para Freya. Ela pensou que no fundo ela não estava a fim de ser uma viúva da fundação, e embora entendesse o bom trabalho que ele promovia em todo o globo, sentia falta dele.

Bran tirou a camiseta dela, beijou o vale entre seus seios, e ela correu os dedos pelos cabelos castanhos macios dele.

— Não vá — ela sussurrou, quase entre os dentes.

— Não quero ir, acredite. Prefiro ficar aqui com você. — Bran ergueu o olhar para ela preocupado.

— Sei disso. Não se preocupe comigo. — Ela balançou a cabeça e afastou o olhar para a janela aberta. O quarto de Bran dava para a face norte, ela pôde ver de relance o cais onde os barcos estavam ancorados lá embaixo.

Bran suspirou e se inclinou para lambar um mamilo rosado. Ela gemeu como era de se esperar e agarrou os cabelos dele, puxando-o para mais perto; com a outra mão ela o buscou, encontrando-o pronto e rijo e o guiou para dentro. Ele a penetrou; ela se agarrou a ele de forma selvagem, e enquanto faziam amor e arquejavam juntos, ele cobria o rosto dela de beijos. Ela sugou a língua dele com força enquanto ele se movimentava freneticamente. No entanto, o coração de Freya não estava lá. Talvez fosse por ela estar chateada por ele estar de saída novamente, ou porque ela fazia força para que sua mente não vagasse para algum lugar indevido, mas ela não conseguiu curtir, apenas seguia os movimentos. Killian estragara tudo, mas não era culpa de Bran, era dela.

Eles se vestiram e saíram da casa. Enquanto caminhavam pela porta, ele parou, quase tropeçando no tapete da entrada.

— Eu me esqueci de uma coisa — ele falou, subindo as escadas de volta.

— O seu passaporte? — Freya gritou. Ela o encontrou sobre a mesinha lateral. — Está aqui embaixo.

— E o meu anel — Bran assentiu enquanto retornava, segurando o anel de sinete de ouro e enfiando-o no dedo. Ele aceitou o passaporte com um beijo.

— Qual a sua relação com esse anel, hein? — ela brincou.

— Era de papai — ele respondeu. — Significa muito para mim. É a única coisa que eu tenho dele. — Freya movimentou a cabeça, constrangida. Ela sabia que Bran e Killian ficaram órfãos quando jovens.

Ele a deixou no serviço, e ela estava preparada com desculpas e explicações ao chegar no North Inn, sabendo que a multidão de sábado à noite deixava todos megaocupados. Mas em vez do caos habitual, ficou surpresa em encontrar música baixa e todos amontoados diante de uma televisão minúscula.

— O que aconteceu? — ela perguntou a Sal enquanto guardava a bolsa sob o balcão. Ela espremeu os olhos na tela, que mostrava uma visão de helicóptero sobre a costa atlântica. Houve algum tipo de explosão no fundo do mar, não muito longe da costa. Talvez um terremoto, os especialistas ainda não tinham certeza, dizia a âncora

na televisão. Mas agora havia todos aqueles peixes mortos flutuando, e algum tipo de coisa gosmenta cinza-prateada que vazava para a água. Os especialistas eliminaram vazamento de petróleo, pois eles estavam a quilômetros de distância do oleoduto mais próximo.

— Olhe para isso — disse alguém enquanto a câmera se afastava para mostrar uma massa densa crescendo nas águas azuis-acinzentadas do Atlântico. — Isso não pode ser bom.

Agora, um cientista sendo entrevistado no noticiário local dizia que era algum tipo de desastre natural, mais provavelmente uma explosão vulcânica subterrânea que liberou uma toxina semelhante ao petróleo no mar. Ele preveniu que a substância cinza, semelhante a alcatrão, não apenas ameaçaria a vida silvestre ao redor e seus habitats, mas também que não era seguro pescar ou comer peixe ou frutos do mar de qualquer tipo que viesse das águas de North Hampton. Além disso, até segundo aviso, ninguém deveria nadar nas praias locais até que a toxina fosse examinada.

— Eca! — Freya falou, para ninguém em especial, enquanto a multidão do bar começava a murmurar nervosamente.

— O que eu acho é... — Ela ouviu uma voz clara perto dela, e ficou surpresa ao encontrar Killian Gardiner sentado numa banqueta do bar, vendo televisão e bebendo cerveja. Ele não pareceu notá-la também, pois ele só tinha olhos para a tela.

— Você não terminou a sentença — ela cutucou. Era a primeira vez que os dois se falavam desde a noite da festa de noivado, e ela tentou manter a voz normal. Ela corou ao se lembrar da outra noite — se ele realmente a vira com Bran. E se ele ainda pensava sobre o que acontecera entre eles no Memorial Day.

— Estou pensando... há quanto tempo isso está na água? — Ele mal olhou para Freya enquanto bebeu de um gole só o resto da cerveja e deixou o bar sem nenhuma outra palavra.

DURANTE O FIM DE SEMANA INTEIRO, todos na cidade só falavam no desastre, e na manhã de segunda até Ingrid e seus colegas na biblioteca estavam nervosos com o fato. Mesmo se North Hampton

recebia sua porção de furacões, era um local de sorte: sem incêndios florestais no verão como Malibu, sem inundações repentinas e não ficava sobre falha geológica. O terremoto subterrâneo e o muco cinzento resultante pareciam uma interrupção infeliz de eventos, um mau agouro, uma pústula no pequeno oásis. A biblioteca tinha um aparelho de televisão velho no escritório dos fundos, que eles mantiveram ligado nos canais de notícias. Mostravam a massa cinzenta boiando nas águas perto da costa de North Hampton. Ingrid não tinha certeza se o terremoto afastara os clientes, mas pela primeira vez ela pôde almoçar fora da biblioteca. Um rosto familiar a aguardava quando ela retornou.

— Estávamos vendo você na televisão! — Ingrid falou, destrancando a porta para o escritório dos fundos.

Corky Hutchinson lançou-lhe um sorriso sem graça.

— Estou no intervalo. Não preciso voltar ao estúdio até as notícias das quatro da tarde. — A esposa do prefeito era uma garota sensual, e ela ainda estava com a maquiagem carregada e exagerada para as câmeras. Parecia deslocada naquele local sem vida.

— Você está aqui para uma consulta? — Ingrid quis saber. — Desculpe, mas você terá de voltar amanhã, pois só dou consultas entre meio-dia e uma.

— Sei disso, sua garota me disse. — Corky fungou. — Mas espero que você possa abrir uma exceção.

Ingrid franziu a testa. Ela sabia que isso acabaria por acontecer. Sempre haveria pessoas como Corky Hutchinson que pensavam serem boas demais para esperar em fila. Ela também não gostou do jeito que Corky chamara Tabitha de "sua garota"; Tab não era secretária, mas Ingrid sabia que mulheres como Corky Hutchinson, com seus BlackBerrys e suas agendas megaocupadas, não gostavam de receber "não" como resposta.

— Só desta vez. Vamos lá — Ingrid respondeu. — Então, eles já descobriram algo daquela coisa?

— Eles ainda não têm certeza. Foi enviada para alguns laboratórios. Houve um caso semelhante no Pacífico há alguns meses, perto do porto de Sydney. E a mesma coisa aconteceu na

Groenlândia, parece. Os mesmos sintomas: peixes mortos, algum tipo de veneno na água — dizimou a maior parte da população local de baleias. Atividade vulcânica sob a água, mas eles não estão certos.

— Que curioso — Ingrid respondeu. Ela também se lembrava de ter lido a respeito, mas não prestara muita atenção. — Bem, sei que você não veio aqui para conversar sobre isso. Posso ajudá-la? — Ela sabia um pouco sobre Corky. Ela e o prefeito eram o tipo de casal poderoso. O casamento fora o evento social do ano, e quando ele foi eleito, houve uma reportagem de cinco páginas em uma revista da moda sobre o romance.

Corky hesitou, depois soltou de uma vez:

— Acho que Todd está me traindo.

Ingrid não ficou surpresa. Às vezes, as irmãs fofocavam sobre os segredos que descobriam dos conhecidos, e Freya dissera que o prefeito tinha muito mais intimidade com o computador que com a esposa, ultimamente. Ingrid não se sentiu melhor por saber de fatos libertinos sobre seu inimigo, e nas últimas semanas ela encarava Todd Hutchinson como nada menos que sua maior fonte de problemas. A proposta de vender a propriedade da biblioteca para levantar fundos públicos seria votada pelo Conselho da cidade até o fim do verão. Estava em exame e, como Blake Aland estava envolvido, já era negócio fechado. Ele apareceu com os assistentes no outro dia, medindo exatamente onde a esfera de demolição iria bater.

Ingrid tentou parecer neutra. A mulher tinha direito ao mesmo serviço que qualquer um, por mais que seu marido fosse Todd Hutchinson.

— Por que você acha isso? — ela quis saber.

— Aquela coisa de sempre. Ele trabalha até tarde. Chega em casa cheirando a perfume. Não responde o celular quando eu ligo, e quando faço perguntas sobre isso, ele inventa um monte de desculpas. Ele mudou a senha de todas as contas de e-mail. A da mensagem de voz também. Eu verifiquei — ela falou com a voz amarga. — Fiquei diante das câmeras o fim de semana todo por causa do desastre, e ele não me ligou nenhuma vez.

— O que você gostaria que eu fizesse? — Ingrid perguntou.

— Eu não me importo com os casos dele. Não quero enfrentá-lo. Não quero me envolver com isso. Eu só quero... Só quero ele de volta. Quero que ele fique em casa comigo. Sei que estou trabalhando muito, não apenas esta semana, mas o ano todo. Mesmo assim, eu não mereço isso. Eu amo o meu marido e acho que ele ainda me ama. Trouxe isto. — Ela arrastou um saco de papel na direção de Ingrid. — Soube que você precisa ter... cabelo... para o... seja lá o que você faz. Os nós. — A mulher do prefeito soltou o ar. — Acho que provavelmente é algum tipo de vodu, e eu deveria lidar com isso sozinha, mas sei lá...

Ingrid pegou o saco. Por um instante, ela teve vontade de mandá-la ir embora, dizendo que não poderia fazer nada para ajudá-la. Ela achou estranho que uma mulher como Corky Hutchinson — sensual, confidente e agressiva — decidira resolver a infidelidade do marido, consultando uma bruxa. Corky não era do tipo. Ela era do tipo que jogaria o conhecimento da infidelidade do marido direto na cara dele e teria uma briga de gritos; seguida de sexo apaixonado com maquiagem se eles tivessem sorte. Freya tinha certeza disso.

Ela não estava certa de que ajudá-la seria a coisa adequada a fazer, especialmente porque Corky Hutchinson tinha usado a palavra *v* — *vodu* — que indicava que ela menosprezava os dons de Ingrid. Mas ela também sabia que uma lutadora como Corky não deixaria o escritório de Ingrid até conseguir o que buscava. O que haveria de mal? Talvez se a vida doméstica do prefeito fosse feliz, ele parasse de tentar vender a biblioteca. Ingrid abriu o pacote e se pôs a trabalhar, criando um nozinho com o cabelo de Todd, tecendo-o junto com um fio da blusa da esposa, que Ingrid discretamente tirou quando elas se cumprimentaram. Ela colocou o nó num minúsculo saco de veludo e passou o pequeno talismã para a esposa do prefeito.

— Ponha embaixo do seu travesseiro. Ele o manterá no caminho, e você o terá todinho a partir de agora. Isso o deixará em casa como você quer. Mas você também precisa arrumar tempo. Se não ficar muito em casa, o poder do nó vai se desfazer.

Corky assentiu.

— Quanto é? — ela perguntou, abrindo a bolsa.

— Eu só peço uma doação para o fundo da biblioteca — Ingrid respondeu. — Ficaremos muito contentes com qualquer coisa que você possa doar.

— Isso é tudo? — Corky riu, enquanto escrevia o cheque. — Você realmente não sabe muito sobre as pessoas, não é?

Ingrid sentiu raiva, por um instante, pela arrogância da âncora da TV. Talvez ela não devesse tê-la ajudado com o nó. Bem, aquilo deveria evitar que o prefeito saísse por aí, mas não o manteria lá por muito tempo se a esposa não fizesse nada para ajudá-lo a ficar. Ela pensou naquelas seis páginas deslumbrantes sobre a nova e fabulosa vida de Todd e Corky. Eles explodiam de felicidade e amor. Pessoas que eram tão deslumbrantes que Ingrid não conseguiu evitar sentir uma ponta de ciúme, exatamente do jeito que a revista queria que você se sentisse — que havia pessoas em seu meio que viviam de modo mais glamuroso e importante que você jamais poderia imaginar. Gozado que a verdade nunca era assim tão perfeita. Você nunca sabe das pessoas, ela brincou. O casamento era como a superfície do oceano, aparentemente plácida e serena por cima; entretanto, se você não tomasse cuidado, turbulenta e raivosa com terremotos subterrâneos por baixo.

capítulo catorze

Amizades coloridas



Como se tratava de North Hampton, a única resposta adequada ao desastre era por meio de estupendo levantamento de fundos. “Pescar por uma boa causa”, como foi apelidada, colocou a comunidade em ação. A festa foi organizada nos terrenos diante da prefeitura, com Todd Hutchinson cumprimentando todos e prometendo um *lobby* vigoroso para fundos federais e estaduais para limpar as águas novamente. No entanto, ainda não havia explicação oficial quanto à substância misteriosa. Nenhum dos cientistas conseguia descobrir o que ela era.

Os Gardiner eram os patrocinadores essenciais do evento. Bran deveria fazer o discurso de abertura, mas o voo estava atrasado, então Killian bancou o anfitrião em seu lugar.

— Obrigado a todos por estarem aqui hoje — ele falou, acenando para a multidão reunida. O jovem Gardiner parecia lindo e sério sob as luzes. Ele limpou a garganta. — North Hampton é um local muito especial, e queremos que se mantenha assim. Tem um significado especial para a minha família. Sei que ficamos fora daqui por muito tempo, mas mesmo estando aqui há tão pouco, considero este lugar o meu lar. — Ele era muito articulado e se movimentava enquanto continuava a falar sobre a ligação histórica tão próxima de sua família com a região e o quanto eles investiam na recuperação das águas costeiras, ajudando aqueles cuja sobrevivência dependia delas.

Freya foi ao evento com a mãe e a irmã. Um desastre dessa magnitude forçou Ingrid a deixar de lado sua posição antissocial, e

Joanna tinha pedido para ajudar de qualquer forma que pudesse. Freya sabia que a mãe estava se segurando para não usar seus talentos na restauração do delicado equilíbrio ecológico da área, mas a restrição a impedia. Ela ficou impressionada com as palavras de Killian, embora lutasse para não ficar.

— Que idiota pomposo — ela cochichou para a irmã.

Ingrid pareceu surpresa com a veemência.

— Puxa... Achei que ele tinha feito um belo discurso. O que você tem contra o rapaz? Sempre que o nome dele surge à tona, você fica assim. — Ela fez uma expressão azeda, imitando a careta de Freya.

— Nada — Freya murmurou. — Esqueça o que eu disse. — Ela realmente não queria falar sobre Killian. Então, deu uma volta no salão e conversou com o prefeito, que parecia um pouco pior e cansado, com olheiras sob os olhos.

— Não está conseguindo dormir à noite por causa disso? — ela perguntou.

— Sim, sei lá por que estou com dificuldade de dormir. Meu médico receitou uns comprimidos, mas não funcionam.

Freya olhou para ele com cuidado. Ela conseguia ver os vestígios do encantamento, reconheceu como obra de Ingrid. Era um encantamento de infidelidade, que mantinha seu histórico sexual obscurecido, pois a magia de uma irmã anulava a da outra. Freya esperava que a esposa dele soubesse o que estava fazendo. Aqueles nós de fidelidade da sua irmã não eram piada.

Freya continuou a perambular pela festa, preocupada em evitar Killian de qualquer jeito. Ela realmente não tinha nada a dizer e não queria tornar seu relacionamento ainda mais estranho que tinha sido. Ela não o via desde aquele dia no bar quando houve notícias sobre a explosão. Então quando ela o encontrou perto de si, na fila do bufê, ela sorriu educadamente, pegou um espetinho de frutas e o colocou no prato. Infelizmente, Killian tinha outros planos. Acontece que ele tinha muito a dizer para ela, desta vez.

— Eu vi você... — ele cochichou no ouvido dela. Ele estava tão perto que sua respiração fez o cabelo picar a pele dela ligeiramente.
— Na outra noite... diante da lareira.

Então ela estava certa. Ele *tinha visto*. Freya sentiu as bochechas pegarem fogo.

— Você estava *incrível*.

— Pare com isso — Freya sibilou. — Pare.

— Sei que você estava pensando em mim. Pude sentir. Foi o que me trouxe para baixo — ele falou. — Diga, você estava pensando em mim quando...

— Killian. Por favor. Não aqui.

— Onde, então? — ele respondeu rapidamente.

— Em nenhum lugar. — Ela balançou a cabeça e olhou em volta para ter certeza de que ninguém percebera os dois juntos, falando daquela maneira. Ingrid olhava aborrecida pela sala, para o belo investigador Matt Noble, o único que questionara a possibilidade de Freya trabalhar no North Inn, citando a formatura dela no ensino médio, há não muito tempo (o truque da carteira de motorista não tinha funcionado com ele, por algum motivo). Ele conversava com uma das jovens bibliotecárias que trabalhavam com Ingrid, com um braço sobre os ombros dela. Enquanto isso, Joanna comia *profiteroles* numa mesa próxima; no rosto, uma máscara de excitação.

— Eu já disse, como disse naquela noite. Eu não posso ver você de novo — Freya sussurrou.

— Mas eu quero — Killian insistiu.

— Mas eu não.

Sim, eles tinham feito amor na noite da festa de noivado... não, eles tinham *transado*. No minuto em que ele trancou a porta, ela praticamente se lançou contra ele, arrancando a roupa do corpo dele, para tocá-lo. Ela precisou de muita força de vontade para conter o grito no momento em que as mãos dele deslizaram entre suas pernas. Quando ele a submeteu contra a pia e abriu o caminho, ela estava aberta e ávida e depois... depois... ela olhou para o seu lindo rosto e quis gritar. Em resposta, ele a beijou novamente, e eles fizeram amor pela segunda vez, mais vagarosamente desta vez, saboreando cada momento, o que o tornou ainda mais sensual que o primeiro...

Mas chega. Depois daquilo, ela recuperou a razão. Ela disse a ele que sob nenhuma circunstância deveria fazer aquilo novamente, pois fora um engano terrível. Ela deixou a festa e não olhou para trás, nenhuma vez.

Freya tinha consciência de não ser perfeita e nunca alegou ser. No entanto, nunca faria nada para magoar alguém que amava tanto. Foi um escorregão, um acidente, nervos de noiva, suas próprias questões com compromisso. Afinal, fazia *muito* tempo que ela não tinha marido... mas agora ela estava pronta e determinada. Ela amava Bran e um momento (ou dois realmente, caso contasse exatamente) de fraqueza com Killian não mudaria isso. Não mudaria nada.

— Killian, eu deveria ter telefonado para conversar. Desculpe se não liguei. Eu realmente fui sincera no que disse naquela noite, não sabia o que estava fazendo, estava fora de mim, foi uma horrível falta de juízo.

Ele colocou um morango no prato dela, maduro e sensual.

— Chame isso do que quiser, mas você sabe onde pode me encontrar. — Ele enfiou uma chave no bolso dela. — Isto vai te levar ao *Dragon*, que está ancorado no lado extremo da ilha Gardiner. Não se preocupe, Bran nunca vai lá. Vou esperá-la todas as noites desta semana. Se você não aparecer até domingo à noite, não vou mais incomodá-la.

Antes que ela conseguisse responder, ele se afastou rapidamente e desapareceu na multidão.

— Desculpe! O que eu andei perdendo? — Bran perguntou, finalmente aparecendo a seu lado, parecia cansado e esgotado de suas viagens. — O leilão silencioso já começou? — ele quis saber, pegando o espetinho de frutas do prato dela e dando uma mordida. — Estou faminto! Sobrou alguma comida?

— Vamos lá ver — Freya respondeu. Ela beijou o amado no rosto, a chave pesada e quente no seu bolso, como um atizador de ferro.

capítulo quinze

Certa magia selvagem



O vestido apertava na cintura e Joanna se contorcia no seu corpete fora de moda. É por isso que ela não ia a muitas festas da moda ultimamente, pois odiava usar roupa apertada. Era sua imaginação, ou o vestido era muito menor do que se lembrava? Os pés doíam também; por que ela deixara Freya convencê-la a usar saltos? Era um belo evento, e foi bom ver a comunidade se unindo após um desastre. Havia muita inquietação e incerteza no ar. Ninguém estava muito seguro de como isso afetaria a economia local, mas certamente não apenas a indústria pesqueira, mas vários restaurantes locais que se especializavam em frutos do mar das águas costeiras corriam perigo. Era uma vergonha, que ninguém mencionava por ser muito doloroso, mas as consequências já eram sentidas; em vez do habitual patê de verão à moda do nordeste, a entrada era algum tipo de frango à *la monotonia*.

Joanna lançou adeusinhos para as filhas: Freya estava aos amassos com Bran em algum lugar enquanto Ingrid estava à mesa com alguns dos colegas da biblioteca. Ela deixou a festa e começou a caminhar para casa. A praça da cidade ficava a apenas alguns quarteirões da praia, e a sua casa estava a uns dois quilômetros praia abaixo. Era uma noite agradável de verão, e as dunas cobertas de grama deixavam esse trecho da praia parecer mais privado que o resto da costa. Ela mal ouvia os últimos sons da festa atrás de si quando pisou na areia quente. Tirou os sapatos e os carregou pelas tirinhas, pisando nos cristais aquecidos. O calor do dia ainda irradiava do chão, e foi bom senti-lo nos pés, como os pisos

aquecidos de mármore que havia em banheiros de hotéis sofisticados.

As dunas altas formavam um corredor privativo, um local onde ela podia ficar sozinha com o bramir do mar e os gritos das gaivotas. A noite estava mais calma que o habitual. As ondas estavam mansas, e as gaivotas ausentes. Talvez aquela massa cinzenta no oceano tivesse silenciado as aves. Ela olhou para o mar, que parecia mais escuro que o normal, como se o que aconteceu lá tivesse tragado todo o brilho trêmulo da água. O oceano parecia morto e vazio, mais negro que o céu.

Ela gostaria de estar com a capa de gabardine quando as primeiras brisas frias sopraram da água até ela. Já não conseguia ouvir os sons da festa, apenas as ondas apressadas rolando. Joanna parou para olhar um círculo de fita amarela da polícia presa em estacas de metal um pouco à sua esquerda. A fita estava esfarrapada e soprava ao vento; estava lá desde janeiro quando uma mulher que corria na praia avistou Bill e Maura no chão, bem cedo da manhã. Ela não era próxima de nenhum deles, mas, assim como o casal, compartilhava uma afinidade por este lugar. Durante as noites, costumava ver os dois caminhando pelas dunas altas, às vezes, empoleirados na falésia mais alta, encarando o oceano ou olhando para cima para as estrelas mais brilhantes. Joanna fez um arco largo ao redor da linha da polícia, olhando de esguelha para a fita amarela recortada.

A areia perto do mar era fria e úmida, então Joanna decidiu escalar a duna. Ela subiu, sentindo a grama espessa e os talos secos rasparem suas pernas, até chegar ao topo. O vento era mais frio aqui, mas a vista era melhor. Ela conseguia ver tudo até a ilha Gardiner e Fair Haven, até o farol que Bran havia restaurado. Joanna decidiu se sentar e descansar por um minuto, e como quem não quer nada agarrou um talo do capim comprido e morto que cobria o monte. Ela odiava ver coisas mortas, e o talo cinzento e quebradiço começou a se soltar e expandir na mão fechada, a cor cinzenta transformou-se de prateado para um verde intenso quando a vida voltou a emanar da planta. Espera aí, o que estava acontecendo? Ela não fizera nada para trazê-lo de volta à vida, ela tinha certeza.

Joanna olhou fascinada enquanto o verde se espalhava como uma onda pela duna, trazendo todas as plantas à vida. Ela jogou o talo fora e olhou admirada para o capim verde e espesso. Parecia exuberante e macio ao toque, e crescera na altura da cintura.

Ela quase riu, mas sentiu um súbito comichão na nuca e se virou. Ao redor dela, o capim tinha multiplicado e a fustigava por todos os lados. O verde viçoso parecia agora de uma cor mais escura, como se coberto por uma sombra. Os talos a castigavam violentamente. Isso não era mais uma gracinha, nem parte da magia, se é que fora. Ela se virou para sair, mas antes que pudesse agir, Joanna sentiu um empurrão poderoso e foi atirada ao chão. As estrelas desapareceram enquanto um banho de escuridão fluiu sobre seu corpo, e o capim enrolava e se enroscava sobre sua garganta e peito. A textura do capim não era mais macia, mas áspera, parecia cada vez mais dura e mais densa. Joanna lutava, mas quando o capim serpenteou apertando cada vez mais, ele formou um tipo de camisa de força natural, prendendo seus membros e achatando seu peito. Ela sentiu uma massa a espremer como se forçasse o ar para fora dos pulmões. Joanna gritou e ouviu sua voz ecoar na praia solitária. A festa estava longe, os sons altos inaudíveis.

Joanna puxou um talo mais próximo à cabeça e o apertou, gritando um encantamento que não usava há muito tempo. As palavras funcionaram, e o emaranhado ao redor de seu rosto se dispersou. Ela conseguiu ver as estrelas novamente, e os talos começaram a enfraquecer e a se esvaír bem diante de seus olhos, afinando como os cabelos de um velho.

O que trouxera as plantas à vida se fora, e tudo ao redor era grama cinzenta e murcha como antes. Ela não tinha certeza se as plantas reagiram à sua presença, ou se sua magia, por acidente, as perturbou. Com certeza, North Hampton era um local onde coisas como esta poderiam acontecer, estando tão próxima à linha de junção e tudo o mais. Ingrid havia mencionado algo brevemente na outra manhã, sobre como ela percebera uma escuridão cinzenta nos espíritos das pessoas da cidade. Joanna pretendia examinar isso, mas ficou ocupada com a reforma da casa e com Tyler. O menino se recuperou da desagradável infecção de ouvido e estava de volta aos

velhos hábitos: enfileirar seus trens, correr por ali em círculos, recusar-se a comer qualquer coisa além de sanduíches de atum.

Joanna se censurou por ter se distraído; a vigilância constante era a chave para manter North Hampton protegida. Ela se levantou e correu até a ribanceira, rasgando o capim morto enquanto cortava o caminho de volta para a praia. Primeiro os três pássaros mortos, agora isto. Havia algo novo e estranho na cidade, alguma coisa perversa desta vez.

capítulo dezesseis

Amiga ou fraude?



Posso enviar as hordas raivosas? — Hudson perguntou, inclinándose na porta do escritório, com a mão na maçaneta. Ingrid sabia que ele achava toda a atividade muito engraçada — ele insistia em chamá-la de a Bruxa Branca da Biblioteca e tinha ameaçado vender camisetas, ou pior, começar um site na internet.

— Não faça piada. — Ingrid franziu a testa enquanto guardava os arquivos e limpava a mesa antecipadamente. Ela gostava que o escritório parecesse neutro quando seus clientes entravam e não bagunçado ou repleto de plantas e de material para arquivo.

— Não estou fazendo. Na verdade, acho tudo uma graça. — Hudson pareceu magoado.

— Você acredita no que dizem sobre mim? — ela perguntou. Na verdade, eles nunca tinham conversado sobre o que ela fazia; tudo acontecera tão rapidamente que não tiveram uma segunda chance de conversar. Eles costumavam passar a hora do almoço juntos, mas, ultimamente, Ingrid tinha pouco tempo para bate-papos com colegas.

— A coisa mágica? — Hudson perguntou. — Os encantamentos e feitiços? — Ele colocou um dedo na bochecha. — Não tenho certeza se acredito em alguma coisa, na verdade. Acho que você apenas diz o que eles querem ouvir. Não é assim que o trabalho “espiritual” funciona? Como aquele curandeiro barbudo na televisão a cabo que fala com os mortos?

— Hudson! Você acha que eu sou uma fraude! — Ingrid soltou uma risada, tentando não parecer tão ofendida. Ela esperava ouvir

que ele era cético ou que tinha dúvidas, mas não que ele admitisse que ela meramente fazia truques de magia.

— E não é? — Hudson perguntou, com rosto de inocente. — Pensei que tudo era um stratagem para fazer as pessoas virem para a biblioteca, ler livros e doar para a causa. Muito esperta, na verdade. Você está sempre tentando ver como tornar a biblioteca mais popular — eu acreditei que finalmente você havia descoberto como.

Quando ele colocou a questão daquele modo, tudo pareceu tão razoável, mas Ingrid teve comichões de mostrar o seu poder. Ela lançou-lhe um olhar.

— Espere um pouco, então você não está apenas inventando tudo? — Hudson perguntou.

— Pode me testar. — Ingrid falou. — Com certeza, há algo que você queira mudar.

— Você não pode me ajudar. — Hudson ergueu os ombros. Ele pescou algo no bolso traseiro e mostrou-lhe um folheto gasto. Ingrid desdobrou-o vagarosamente e leu o título: **GAY? VOCÊ NÃO PRECISA SER! HETEROSSEXUALIDADE A APENAS 12 PASSOS!**

— Minha mãe está insistindo que eu consulte este... “terapeuta”. Uma dessas pessoas que podem, vamos dizer, curar a minha *doença*.

— Ai, ai! — Ingrid colocou a mão na boca.

— Acho que deve ser engraçado. — Hudson suspirou e ergueu os olhos, concordando.

— Claro que não. É só que... Hudson, isso é ridículo. — Ela devolveu o livreto e segurou a mão dele por muito mais tempo que o necessário. — Hudson?

— Sim, senhora?

— Vamos lá para os fundos comigo, deixe-me ler a sua linha da vida.

— Não, obrigado. Não gosto de saber do futuro. Nem sei se estarei aqui amanhã.

— Você vai estar... trabalhando na biblioteca até a esfera de demolição bater. Vamos lá. Eu insisto — Ingrid falou, levando-o para

a sala de depósito. Ela o deixou no meio da sala e desenhou um pentagrama ao redor dos pés do rapaz.

— Que medo! — Hudson falou, tentando não rir.

— Psiu! — Ingrid esbravejou, tentando espiar sua linha de vida. Com o olhar de bruxa no pentagrama, deveria estar claro, mas havia algo bloqueando a visão — uma escuridão cinzenta enevoada, uma ausência bem onde a visão deveria estar. Ela acendeu outra vela, murmurou algumas palavras, a névoa acinzentada se dissipou um pouco, e ela pôde ver um pouco mais claramente.

Ela acendeu as luzes e olhou para o amigo.

— Que bom, sua mãe vai mudar um dia — ela lhe disse. Ela tinha visto em sua linha de vida, o lento derreter do coração teimoso de sua mãe, a homofobia entranhada (tudo bem o cabeleireiro, o decorador, o seu *chef* pessoal serem *gays* — *mas não o filho dela!*) batalhando contra o amor ardente que ela sentia pelo seu lindo garoto. Sentindo falta dele durante cada Natal solitário. Os lentos e hesitantes passos em busca de reconciliação e perdão. Uma viagem de mãe, filho e genro para Paris. — Ela te ama, Hudson. Não desista dela.

— Hmm! — Foi tudo que Hudson conseguiu dizer, mas ela sabia que ele ficou tocado. Mais tarde, ele deixou um buquê com as flores favoritas dela sobre a mesa.

NA PRÓXIMA HORA, Ingrid ajudou várias mulheres com suas preocupações: mais dores de cabeça, mais infecções de pele bizarras, um ou dois animais morreram subitamente. Ingrid não tinha certeza do que eles pensavam que ela pudesse fazer em relação aos animais mortos, mas ela registrou o fato, pensando nos pássaros mortos que a mãe vira mais no início daquele verão. Emily Foster, a artista que teve bloqueios criativos, entrou quase ao fim da hora.

— Desculpe incomodar — ela falou para Ingrid, parecendo pálida e abatida, ela usava uma túnica indiana e calça de seda manchada com tinta.

— Não é incômodo, Em. Está com bloqueio de novo?

— Não, não, o trabalho vai indo bem. É Lionel — Emily respondeu, a voz aguda. — Não sei se você soube, mas ele não está bem.

— Não soube de nada. O que aconteceu?

— Ele estava na água no dia do acidente — sabe, aquela explosão enorme na costa. Ele sempre sai de barco de manhã. As ondas o derrubaram no frio, e ele engoliu muita água. — Emily enxugou o canto dos olhos com as mãos trêmulas e respirou fundo. — Ele teria morrido — ele teria se afogado — mas felizmente alguns surfistas o encontraram e o levaram para a praia.

— Ai, meu Deus.

— Pois é — Emily concordou. — Eles sabiam fazer reanimação cardiorrespiratória e conseguiram fazer o coração voltar a bater e o levaram para o hospital.

Ingrid pareceu aliviada.

— Então, ele está vivo?

— Por pouco, ele está no respirador, os médicos dizem que está com morte cerebral. — Emily começou a chorar abertamente.

— Sinto muito — Ingrid consolou, pegando a mão de Emily pelo outro lado da mesa e a apertando em compaixão. Lionel era um bom amigo de sua família, era a ele que as Beauchamp recorriam para substituir lâmpadas de difícil acesso ou fazer serviços de carpintaria e tarefas de quebra-galho da casa.

— Não consigo acreditar. Ele estava bem de manhã e agora... está com morte cerebral? — Emily começou a chorar. — Além disso, a mãe dele me odeia. Ela está me expulsando.

— Como assim?

— Veja, tecnicamente, a casa é de Lionel. Nunca nos casamos — Emily prosseguiu. — A gente não planejava ter filhos, então não víamos por que ter nossa própria casa. Meu Deus, como eu gostaria de não ser tão teimosa! Eu e meus ideais boêmios e fantasiosos! Agora eles querem a casa de volta. Eles me deram até o fim do mês para tirar as minhas coisas, vão se mudar para a casa para ficar mais perto de Lionel, e eu que me vire. Na verdade, eles nunca gostaram de mim, achavam que eu não era boa o suficiente para a família dele. Moramos naquela casa desde que nos conhecemos. É a minha casa. Meu estúdio fica lá. Não sei aonde ir. Se ao menos ele

acordasse. Os médicos dizem que não há esperança, que ele é um vegetal.

— O que você quer de mim?

Emily tirou o olhar de seu lenço úmido e enrolou o tecido.

— Eu sei que ele está lá. Ele não pode me deixar. Ele precisa acordar. Ele precisa... Você pode acordá-lo, Ingrid? Por favor?

— Gostaria de poder, gostaria muito — Ingrid respondeu, balançando a cabeça. — Mas minha magia — isto é, o que posso fazer, não funciona assim.

A mulher enlutada balançou a cabeça:

— Entendo. Só pensei em pedir... — ela começou a juntar as coisas, e ver a amiga tão perdida e derrotada tocou alguma coisa no coração de Ingrid. Foi o mesmo impulso que a fez ajudar Tabitha a engravidar e a ignorar os limites da restrição.

— Espere. Eu não posso ajudá-lo — Ingrid falou, levantando-se da cadeira. — Mas conheço alguém que pode.

capítulo dezessete

Sonho de uma noite de verão



Durante uma semana agonizante, Freya manteve a chave do barco de Killian no bolso, e na noite de domingo ela se viu diante das sombras do cais. Os sonhos de Killian estavam ficando cada vez mais vívidos; ela não conseguia dar um passo ou respirar um quilômetro sem pensar nele. Seus beijos a marcaram, e à noite ela conseguia sentir o desejo dele pressionando o seu.

O barco de pesca esportiva, de tamanho médio, era popular na comunidade devido ao brandal de oito metros e meio. Seu pai já fora dono de um daqueles. Ela sabia que Killian estava dentro, ela podia sentir sua presença próxima, podia senti-lo esperando no silêncio. Se ela fechasse os olhos e se concentrasse, conseguiria até ver o que ele pensava — o peso do seu corpo contra o dela, o que ele faria assim que ela entrasse. Isso era tudo que precisava fazer. Colocar a chave na fechadura. Abrir a porta... e cair de um penhasco. Freya retirou a chave do bolso. Ela parecia vibrar, mas era apenas porque ela tremia muito.

Houve movimento no deque, e Killian apareceu na cabine abaixo, espiando na noite escura.

— Freya? — ela o ouviu sussurrar. — Você está aí? Entre. — Bastou isso para armar a sua força de vontade. Com um arremesso heroico, ela atirou a chave desgastada no oceano e correu de volta para o carro. Ela podia sentir aquilo começando a se formar dentro dela, uma escuridão, uma negligência que ela não seria capaz de deter, não conseguiria conter. Ela precisava fugir dele.

Mais tarde, naquela mesma noite, Freya teve um sonho. Começou quando percebeu não estar sozinha na cama, e um corpo pesava contra o dela. Era um peso familiar, e ela lutava contra ele. Ela não conseguia falar, não conseguia abrir os olhos, e finalmente parou de lutar enquanto uma paz silenciosa a tomava. Quando piscou e abriu os olhos, ela caminhava no bosque, de mãos dadas com Killian. Ele sorriu para ela:

— Não tenha medo.

— Não estou com medo — ela respondeu. Ela sabia onde estavam. Caminhavam no meio da floresta atrás da casa dela, para uma fonte secreta que só ela conhecia, bem no meio da selva, o único bosque virgem que se mantinha na propriedade, perto das margens de um lago azul e límpido, uma cratera natural para nadar.

— Como você conhece este lugar? — ela perguntou a Killian, cujos olhos azuis-esverdeados brilhavam de malícia.

— Foi você que me trouxe aqui — ele respondeu.

Freya pensou a respeito. Não sabia se estava sonhando ou se isso era real. Com certeza, a sensação *era* real, mas havia uma qualidade estranha naquilo. Como ela tinha chegado ali? Ela não conseguia se lembrar.

Ela caminhou até a margem do lago e, com um gesto fluido, tirou o vestido, mostrando que estava nua por baixo. Deixou-o olhar para ela, os olhos dele devoravam os seus seios, a curva da cintura, a barriga lisa e as pernas tonificadas. Foi tão profundo quanto uma carícia física.

— Me siga — ela gritou, mergulhando na água.

Ele logo tirou os sapatos, desabotoou a camisa e jogou o cinto no chão junto com a calça.

— Nada que você não tenha visto antes — ele falou com um sorriso malicioso, seguindo-a e mergulhando no lago, o corpo dele era como uma seta firme, caindo com graça na água. Ele provocou uma onda no lago, enviando um espirro enorme que a molhou até os ossos.

O ar estava cálido como um cobertor sobre a pele dela quando ela mergulhou de volta à água. Nadou o mais profundo que pôde até sentir que não conseguia mais prender a respiração. Assomou à

superfície, e Killian atirou água nela. Eles nadaram e brincaram, mergulharam longe um do outro, provocando e rindo, revezando-se ao submergir na água.

FREYA SENTIU A ÁGUA SE movimentar com ela, e a sua alegria enchia o ar como o grito das Valquírias. Ela se lembrou de suas antigas tradições: dançar nua sob a fogueira, coberta de alcatrão e tinta, as máscaras, a cantoria, a comunhão extática com a natureza e com tudo que fazia a Terra. Certa vez, a humanidade havia compartilhado essa conexão eclesiástica, mas não mais. Mas aqui, com Killian, ela era a mesma novamente, dançando, rindo e celebrando a beleza de ser jovem e viva para sempre.

A água se avultou e se ergueu, explodindo em uma fonte alegre que brilhou sob a luz deslumbrante, sua magia se expandindo conforme a alegria aumentava, Killian ria e sorria maravilhado. A própria Terra parecia abençoá-los, a grama úmida e orvalhada, o som do vento assobiando uma melodia complementar através das árvores. Ela mergulhou na água e nadou para a parte mais profunda do lago, e, quando emergiu novamente, Killian colocou os braços ao redor de sua cintura e a puxou para si. Ela retribuiu o beijo e sentiu a profunda paixão de seus beijos. Seu coração batia cada vez mais rápido, enquanto as mãos dele traçavam círculos pelo seu corpo, nos seios, entre as pernas. Ele a conduziu até margem e se pôs sobre ela.

Ela fechou os olhos e começou a consagrar o círculo, clamando os elementos da terra e da água para testemunharem sua união. Começou a recitar e a cantar sob a respiração. Os bosques estavam vivos com a magia; cada ser, das folhas de capim às copas graciosas dos carvalhos, vibrava com a celebração de seu amor.

— Eu dou... *Eu me dou para você*, ela teria dito, só que não conseguiu terminar a sentença, pois os céus explodiram com um estrondo de trovão e relâmpago, e Killian foi afastado de seu corpo; a cálida eletricidade entre eles esfriou instantaneamente. A magia terminara. Os elementos desapareceram. Killian se foi.

Freya abriu os olhos. Ela estava de volta ao quarto, e o telefone tocava. Ela o atendeu.

— Querida? — uma voz preocupada perguntava.

— Bran! — O alívio a tomou. Ela reclinou contra os travesseiros e suspirou. Ela estava salva — salva de si mesma novamente, e de Killian.

— Estou com saudades. Tenho alguns minutos antes da minha conexão para Oslo, então pensei em ligar. Desculpe se te acordei — ele falou.

— Fico contente com isso — Freya respondeu, trêmula. O que tinha acabado de acontecer? O que ela tinha feito? Ela quase tinha partido e se casado com Killian, pelo amor de Deus. Se ela tivesse dito as palavras seria o fim — *o que os deuses uniram, ninguém pode separar* — essa era a regra, era assim que funcionava, era assim que sempre fora... Ela teria sido dele, e apenas dele, para todo o sempre. Teria sido o fim de tudo.

Ela se apegou ao telefone e à voz de Bran, desejando que os últimos vestígios de seu sonho desaparecessem, até o coração dela desacelerar, e ela adormeceu novamente ao som das ondas do oceano fustigando a costa.

capítulo dezoito

O santo patrono das
causas perdidas



Por que a sua filha tinha prometido este milagre, Joanna não sabia. Claro que ela sabia que Ingrid tinha criado algum tipo de clínica na biblioteca, distribuindo seus vários encantos práticos e talismãs domésticos; enquanto Freya agora oferecia aos clientes preparos de um novo cardápio de coquetéis no bar North Inn. Os dois empreendimentos iam claramente contra a restrição e, no entanto, Joanna não teve coragem de chamar a atenção das filhas pelas ações, ou de pedir que parassem. Como tinha ouvido as garotas dizerem no outro dia, ela também não era completamente inocente no assunto. Alguém já havia reportado uma aparição de Ovni na área, depois de ela ter decolado nos céus, no outro dia — Joanna não tinha sido cuidadosa o suficiente com a cobertura de nuvens como tinha pensado. Óvnis, uma ova! Ela não tinha aumentado *tantos* quilos assim, não é?

No início, ela dissera a Ingrid que não havia jeito de fazê-lo, que estava totalmente fora de cogitação. Ela ainda estava nervosa com a experiência após a festa beneficente; à noite, ela sentia as gavinhas começarem a se prender nas pernas e a sufocar a sua boca. Joanna tinha verificado a junção, que ela descobriu ter se enfraquecido em alguns lugares. Deixou de mencionar qualquer coisa para as filhas, pois não queria preocupá-las antes de saber o que era.

Também, uma coisa era fazer soldadinhos de brinquedo correrem e arrumar uma torta queimada, bem diferente de desempenhar tarefa semelhante a Lázaro que a filha mais velha pedia para ela

fazer. Aqui a gente falava de ressurreição, e, sim, ela fora colocada na Terra exatamente para essa tarefa. Mas aqueles dias se foram: a restrição garantiria isso — e também havia o Pacto dos Mortos a ser considerado. Não se entrava no território de Helda sorrateiramente sem consequências. Era preciso dar a César o que é de César. Tudo bem, então talvez Lionel estivesse tecnicamente vivo, mas de acordo com os médicos era apenas um vegetal. Joanna tremeu com a expressão e gostaria que as pessoas parassem de usá-la. Pensar que um homem não era mais que uma planta era tão... degradante, de alguma forma. Claro, essa era a questão — diminuir a tristeza para que a família deixasse partir, já que o amado, na verdade, não estava mais lá.

No entanto, Ingrid tinha pedido, e realmente era uma história terrível: Emily, que pintava aquelas maravilhosas marinhas e trazia lindos ovos orgânicos de suas galinhas e leite das vacas, estava sendo expulsa da sua casa apenas por causa dos sogros desagradáveis do marido. Definitivamente, Joanna sabia disso. Ninguém era bom o suficiente para os preciosos filhos de outros. Ninguém jamais chamava as noras de preciosas, e por quê? As coisas não mudaram muito. No fim, mulheres como Emily, Ingrid, Freya e Joanna só podiam contar consigo mesmas. Os homens eram maravilhosos quando estavam por perto, mas seus fogos queimavam forte demais, eles viviam perto demais do sol — veja o que acontecera com o seu garoto e com o seu homem. Se foram. No fim, as mulheres só podiam contar com as outras. Então ela concordou em fazer o que pudesse por Lionel, por causa de Emily.

De qualquer modo, no fundo, Joanna começou a pensar se provocar o Conselho seria uma boa ideia. A proximidade das núpcias de Freya a deixaram com um humor otimista. Se a inconstante deusa do Amor estava amarrando o nó na noite da lua da colheita (o fim de semana do dia do Trabalho caía bem no feriado tradicional — não que tivessem mais permissão de celebrá-lo, claro), talvez ainda houvesse esperança de que as coisas finalmente mudariam por lá.

Porém, se ela realmente ia fazer isso, precisava estar com a munição correta. Poderia ser uma boa ideia tê-la de qualquer modo, depois do que aconteceu naquela noite. Elas precisariam de

proteção de qualquer coisa que estivesse por lá. Joanna subiu os degraus do porão e percorreu o espaço atulhado até encontrar a parede falsa onde escondia os maiores tesouros. Ela tinha tido muito cuidado para que o Conselho não retirasse tudo delas, afinal. *Ah!* Lá estava o baú preto, bem onde ela o deixara escondido sob um lençol de piano anos atrás. Tirou o lençol empoeirado, destrancou a tampa e olhou dentro. O baú estava vazio, exceto por uma caixa simples de madeira e, de dentro dela, Joanna retirou três varas mágicas de marfim, tão puras e lindas como no dia em que foram feitas.

— Mãe? O que você está fazendo aí em cima? — Ela ouviu Ingrid chamar lá de baixo. — Precisamos sair para o hospital agora, antes que a hora de visitas acabe.

— Já vou, querida — ela respondeu. Quando desceu, segurava firmemente três varas mágicas na mão esquerda. Ela passou duas para Ingrid. — Entregue a de Freya assim que ela chegar em casa, mas lembre-se de tomar muito cuidado, use apenas quando absolutamente necessário.

— Você tem certeza disso, mãe? — Ingrid questionou, segurando as varinhas com reverência. Eram feitas de osso de dragão, do esqueleto de deuses antigos, mais velhos que o próprio Universo, os mesmos ossos que criaram a Terra, os mesmos que no passado suportaram a ponte. Transparentes, brancas ao olhar, elas brilhavam com uma luz furta-cor.

— Na verdade, não. Mas algo me diz que está na hora de tirarmos as varinhas do armário — Joanna respondeu, guardando a varinha no bolso do casaco. — Então, vamos lá, vamos ver se eu consigo acordar Lionel.

ELAS CHEGARAM AO HOSPITAL no fim da tarde, conseguindo entrar pouco antes de os quartos dos pacientes serem fechados às visitas.

— Então, há quanto tempo ele está assim? — Joanna quis saber, erguendo as mangas enquanto elas entravam no andar correto.

— Cerca de uma semana.

— E não há nenhuma atividade cerebral?

— Pouca, mas não o suficiente para garantir que ele recobre a consciência.

Joanna assentiu com a cabeça.

— Bom. Então não vai ser tão difícil assim. — Se ainda havia alguma atividade cerebral em Lionel, isso significava que Lionel submergiu apenas no primeiro nível da camada inferior, e seria fácil trazê-lo à superfície.

— Foi o que pensei. — Elas chegaram no quarto certo, mas antes de Ingrid abrir a porta, ela se virou para Joanna.

— Obrigada, mãe.

Joanna tocou o braço da filha. Ela nunca teria concordado em fazer isso a não ser por Ingrid ter pedido, e como Ingrid nunca pedia nada, como mãe, ela não conseguiu recusar. Além disso, a história de Emily Foster tocou no senso de justiça de Joanna. Os casamentos não eram mantidos por causa de papéis, e ela ficou zangada ao pensar que uma mulher pudesse ser expulsa de seu lar, apenas por causa de má sorte e sogros horríveis.

Ingrid abriu a porta e viu Emily chorando ao lado da cama de Lionel. Seu corpo estava coberto com um lençol, e Ingrid trocou um olhar assustado com a mãe, antes de se aproximar.

— Eles desligaram o aparelho enquanto fui para casa trocar de roupa e cuidar dos animais. Quando voltei, a enfermeira me disse que a mãe dele tinha assinado os formulários de consentimento. Ela sabia que eu não concordaria, então fizeram tudo nas minhas costas. Ele se foi. Ele se foi, Ingrid. Vocês chegaram tarde demais — Emily soluçava.

Joanna tirou o lençol lentamente e pegou o pulso do morto na mão. A pele estava cinzenta, e as unhas estavam brancas e sem sangue, mas ainda havia um pouco de cor nos antebraços.

— O corpo ainda está quente. Quando fizeram isso... há apenas alguns minutos? — ela perguntou.

— Pouco antes de vocês chegarem — Emily respondeu.

— Emily, esta é minha mãe. Ela vai ajudar Lionel.

— Eu sei — Emily falou, assoando o nariz. — Oi, senhora Beauchamp.

— Feche a porta — Joanna instruiu. — Feche as cortinas e leve-a daqui.

Ingrid fez o que a mãe pediu e guiou Emily para fora do quarto.

— O que vai acontecer? Ele está morto, não é? — Emily perguntou, olhando para as duas feiticeiras, com medo.

Ingrid e Joanna trocaram outro olhar.

— Não exatamente. Mesmo sem a máquina, o coração continua batendo, só que não é detectável, pois o pulso está muito muito baixo — Joanna falou, esperando que a mulher enlutada acreditasse na sua pequena mentira branca. Mas seria difícil contar-lhe a verdade: que ela traria Lionel dos mortos. Ele tinha falecido apenas alguns minutos atrás, nem mesmo uma hora, o que estava bem dentro do tempo necessário.

Ao ficar sozinha no quarto, Joanna tomou a mão fria de Lionel nas dela. Fechou os olhos e entrou na Ligação, o mundo crepuscular das almas desencarnadas. Na Ligação havia um caminho, uma trilha na areia. Usando a varinha para iluminar o caminho, Joanna viu que Lionel só tinha chegado até o segundo nível, ele subia a montanha na direção do portal, e assim que ele cruzasse o portal, seria muito mais difícil trazê-lo de volta, pois além do Reino dos Mortos ficava a fronteira do Inferno.

Havia algo diferente na Ligação, uma sensação de maldade e desespero que ela nunca sentira antes.

Lionel! Lionel! — gritou ela. Ela queria sair dali o mais breve possível.

Lionel se virou. Ele era careca e tinha o rosto sério, usava sua roupa de sempre, repleta de borrões de tinta. Ao vê-la, ele sorriu:

— Senhora Beauchamp, o que está fazendo aqui?

Joanna subiu perto dele de modo que os dois observassem a vista.

— Vou levá-lo para casa.

— Estou morto, não é? — ele quis saber.

— Só em termos humanos. Seu coração parou de bater — explicou Joanna.

— Eu me afoguei? Eu me lembro de estar todo molhado.

— Sim.

— Emily sempre disse que o oceano me pegaria um dia.

Joanna analisou seu espírito. Havia vestígios de uma teia prateada em volta da alma dele, ela nunca vira aquilo antes e se preocupou.

— Você prefere ficar aqui, Lionel?

— Na verdade não. Que lugar é este? — Ele respondeu, olhando em volta.

— Pense nisto como a estação do meio do caminho. Vê aquele portal lá? Assim que chegar nele, será mais difícil conseguir levá-lo até a superfície.

— Como está a Emily?

— Não está bem. Ela vai ser expulsa da sua casa.

— Meus pais! — resmungou ele. — Sei que deveria tê-la forçado a casar, mas ela é teimosa, sabe?

Ele suspirou.

— Não posso deixá-la.

— Então não deixe.

Ele olhou para o caminho brilhando, para a trilha da montanha que alcançava o portal prateado. Ela sabia como essa decisão era difícil para ele. Ele estivera na camada inferior, na Ligação, por uma semana, agora. Ele se esqueceu das dificuldades e do medo; estava começando a transição para o mundo espiritual. Talvez não fosse uma boa ideia. Talvez ela nunca devesse ter concordado em fazer isso.

Ele olhou para o portal distante, brilhando a distância:

— Certo. Vamos, então.

Joanna tomou a mão dele e o conduziu pelo caminho que ele percorrera. Ele começou a caminhar, mas de repente parou.

— Não consigo me mover — grunhiu ele. — Meus pés estão presos.

— Tente com mais força — ordenou ela. Ela sentia o forte puxão do outro lado; aquela seria a irmã Helda, agarrando o espírito dele.

— Não me teste, irmã! — clamou Joanna, agitando a varinha no ar de modo que ela brilhou com a luz quente e branca. — Lembre-se que você concordou em manter o Pacto! Ainda não é a hora dele! — Ela manteve a mão no braço de Lionel e puxou. O vento uivou, os

oceanos bateram forte, o relâmpago se iluminou. O Reino dos Mortos não desiste de suas almas com facilidade.

Mas a magia de Joanna era mais forte; este era o poder ancorado nela, mais velho que a Terra, mais antigo que a Morte, e sua vontade furiosa se manteve com Lionel e o impeliu para fora da trilha...

Houve um clarão poderoso...

Joanna estava sentada ao lado do leito de Lionel, segurando a mão dele num agarrão apertado. O morto piscou os olhos. Ele tossiu e olhou ao redor.

— Cadê a Emily?

OS PAIS DE LIONEL FICARAM extasiados ao ter o filho de volta, um pouco tristes por perderem a casa, embora tentassem não demonstrar. Joanna e Ingrid se despediram.

— Como posso agradecer? Não sei o que fizeram, ou como fizeram, mas obrigada. — Emily chorava. — O que posso oferecer? ... Qualquer coisa. Peguem a casa — ela riu. — Lionel vai me colocar no testamento.

Joanna a abraçou e a beijou nas duas bochechas.

— Cuidem-se — falou. — E fique de olho nele. Ele pode se sentir um pouco desligado nos próximos dias. Se houver mudança na situação dele, nos avise imediatamente.

Ingrid a conduziu para fora do salão.

— Então essa coisa toda sobre a restrição... Eu diria que trazer um homem de volta à vida quebra essas regras totalmente, não é? — ela provocou.

Joanna sorriu. Ela sentiu que toda essa aventura tinha sido fantástica, como nos velhos tempos, novamente. Ela enfiou a varinha no coque.

— Para o inferno isso tudo. Podemos muito bem admitir. Somos feiticeiras. Que eles tentem nos impedir desta vez.

quatro de julho

Poção perigosa

8063

capítulo dezenove

Rhinemaiden



—Matt, oi. Caitlin está acabando de registrar alguns livros, ela já vem — Ingrid falou com o que ela esperava ser um sorriso simpático.

O investigador bonito assentiu e se sentou no assento habitual, no banco do outro lado do balcão principal. Ingrid sentiu como se ela tivesse piscado e, ao abrir os olhos, Matt e Caitlin fossem um casal. Aconteceu tão rápido que ela suspeitou que Freya tinha posto uma de suas agora famosas poções de amor no café do homem da lei. A irmã jurou que Matt não ia ao bar há um tempo, e que ela não tinha servido Caitlin recentemente, que era uma dessas garotas que ficavam bêbadas após uma taça de vinho e que quase não frequentava o North Inn.

Ingrid tentava se concentrar nos arquivos diante de si, mas saber que Matt estava sentando do outro lado dificultava as coisas. Se ele já frequentava a biblioteca antes, agora não havia escapatória. Todas as tardes ele aparecia na biblioteca por volta das cinco da tarde, pontualmente. Tudo bem, hoje era quinta-feira e o começo de um fim de semana de feriado, mas mesmo assim. Será que ele não tinha coisa melhor a fazer? Como ele tinha tanto tempo para gastar à toa, esperando? Não havia crimes a serem desvendados? Já havia passado mais de seis meses desde que Bill Thatcher fora encontrado morto na praia, e a polícia ainda não tinha pistas. A mulher dele, Maura, ainda estava em coma, o que era ruim demais, já que ela era a única testemunha do que ocorrera com eles.

A presença constante do investigador era um incômodo, mas não tão irritante quanto ver Caitlin se aprontando para seus encontros. A garota estava na sala dos fundos, passando *blush* e batom furiosamente, falando a todos que pudessem ouvir sobre seu novo relacionamento. Até Tabitha e Hudson ficaram envolvidos com o seu drama — Tabitha porque adorava romance sob todas as formas, e Hudson porque ele absorvia o drama como uma esponja. Ingrid tentou escapar de toda a comoção da garota apenas para ver o homem da lei gastando tempo perto do balcão central.

Ela tentou fingir que ele não estava lá, ou que ela fosse imune à sua presença, o que era difícil, pois algo nele fazia a sua garganta se apertar e o corpo congelar de tal modo que ela conseguia realmente ver os arrepios se formando no braço. Ingrid fechou o casaco bem firme e tentou não tremer. Ela não se deixaria afetar dessa forma. Ingrid concentrava-se tanto para parecer indiferente que não registrou que alguém estava em pé diante do balcão até Emily Foster cutucá-la no ombro.

— Ingrid? Volte à Terra, Ingrid?

— Emily, desculpe. Eu estava...

— Sonhando de olhos abertos... — Emily sorriu e lhe entregou alguns livros. — Não se preocupe, eu estou acostumada com isso. Lionel sempre fica com o olhar perdido.

— Como ele está? — Ingrid perguntou, feliz com a distração. Do canto do olho, ela viu Matt teclando no BlackBerry.

— Bem. Ele está bem. Um pouco mais avoado que de costume, mas provavelmente por estar ocupado, trabalhando em uma nova série de pinturas. Elas são lindas e meio fantasmagóricas, trilhas que levam a lugar nenhum, um tipo de montanha com um portal prateado. Ele não exhibe em Nova York há um bom tempo, e sua galeria está muito interessada.

— Que bom saber disso, por favor, mande lembranças para ele — Ingrid falou, entregando a Emily a sua pilha de romances.

Até agora, após a ressurreição de Lionel não houve nada em relação ao Conselho. Nenhuma mensagem do oráculo, nenhuma indicação de que eles tivessem sabido ou se incomodassem com isso. Isso era um pouco inquietante e Ingrid pensou se elas não

estiveram se preocupando demais com as regras. Se o Conselho não se incomodava com a desobediência das regras, talvez elas pudessem ter usado magia muito antes.

Havia mais alguns clientes na fila, estocando livros para o fim de semana prolongado, o que mantinha Ingrid ocupada. Veja, ela queria gritar para o pomposo prefeito, as pessoas ainda *usam* a biblioteca — ela ainda era relevante para o cotidiano. No entanto, não havia muita esperança. Ela soube que eles planejavam mudar o arquivo de arquitetura para um depósito com um escritório minúsculo, mas isso apenas porque o fundo do legado conseguiu arcar, pois, em relação à biblioteca em si, o futuro era triste.

Enfim, a fila diminuiu, e lá estavam apenas Ingrid e Matt novamente. O silêncio entre eles a estava deixando louca, então ela decidiu tomar a iniciativa.

— Vamos ver por que ela está demorando — ela falou com ele enquanto terminava de arrumar o balcão principal. Caminhou rapidamente para o escritório dos fundos, onde Caitlin estava sentada à mesa, examinando o reflexo no espelho do pó compacto, enquanto fazia um biquinho com os lábios.

— Você sabe que o Matt está aqui, não é? — Ingrid perguntou.

— Sei, estou tão atrasada. — Caitlin suspirou, fechando o estojo com um ruído. — Ele não se importa, claro, mas eu odeio fazê-lo esperar. Você sabe como ele é com a hora! Sempre tão pontual, ele me faz sentir péssima. Acho que isso faz parte da personalidade dele. Você sabia que o pai dele foi capitão da força armada antes de se aposentar? E o avô dele também. Parece que está no sangue da família — não é uma graça? — Era como se a garota tivesse desenvolvido personalidade do dia para a noite. De repente, ela era uma caixa falante, não dava para fazê-la se calar. A equipe estava bem informada dos prezados hábitos gastronômicos de Matthew (ele fazia a maior parte das refeições no restaurante perto da rodovia), opinião política (como Ingrid, ele não votara no atual prefeito) e ex-namoradas (não muitas). Ingrid achava cada vez mais difícil evitar uma bruxaria nela. Só precisava de treze velas pretas e um pentagrama e aquela garota idiota não saberia nunca por que estava coberta de herpes.

Ingrid preferia não saber tanto sobre Matt Noble. Especialmente porque a figura que Caitlin pintava era de um cara simples, honesto e trabalhador, alguém que ela não conseguia fazer nada além de respeitar e admirar, mesmo que apenas de longe.

— Você acha que estou bem, Hudson? — Caitlin perguntou, preocupando-se com o traje, um vestido branco de linho que mostrava o comecinho de seus seios bronzeados.

Hudson arqueou uma sobrancelha.

— Considerando que eu a ajudei a escolher, acho que está fantástica.

— Você está ótima — Tabitha concordou, olhando com inveja. A barriga ainda não aparecia, mas ela tinha as bochechas ligeiramente mais cheias e o indispensável acesso de enjoo matinal.

— Aonde é que ele vai te levar, mesmo?

— Para a ópera ao ar livre, sabe, na praia? Não me lembro qual.

— É Wagner, o ciclo do Anel — Ingrid respondeu, com frieza. Ela tinha planejado vê-la também. A orquestra de North Hampton executava uma versão resumida todos os anos no feriado do Quatro de Julho com uma exibição de fogos de artifício ao fim. Ingrid planejava assistir com a família, mas Freya tinha cancelado no último minuto, e Joanna tinha pedido dispensa da velha tradição, dizendo que não estava a fim de todos aqueles *Sturm und Drang* naquele verão. Ingrid decidira não ir, pois não estava a fim de ir à ópera sozinha.

— Espere um pouco — Hudson falou e apertou o cinto ao redor da cintura de Caitlin para acentuar ainda mais a silhueta de ampulheta do vestido. — Assim está melhor. — Ele mexeu a cabeça, aprovando. O traidor agora era o melhor novo amigo de Caitlin, Ingrid lamentou-se. Hudson tinha a alma de uma garota de treze anos. Não conseguia evitar se extasiar com um novo caso de amor. Certamente era melhor que rever os *reality shows* da noite anterior.

Caitlin corou e riu, e Ingrid tentou não ouvir, dizendo a si mesma não estar com ciúmes; ela não estava com ciúmes! Se houvesse algum modo de ela parar de se sentir como estava se sentindo. Ela conseguia ajudar outras mulheres com seus problemas e, no entanto, não parecia conseguir arrumar os seus próprios. Freya lhe

diria para pegar uma de suas poções de amor e arrebatá-lo. Mas Ingrid não queria isso, não queria que ele gostasse dela devido a algum truque de magia. Não que ela gostasse dele, de verdade. Certo? Estava ficando cada vez mais difícil fingir indiferença. Ela gostava de Matt Noble, e não era por ele estar fora do alcance. Ingrid não sofria da aflição de amar homens que ela não podia ter. Para ser honesta, ela nunca tinha amado nenhum homem, nenhum, em toda sua longa vida. Ela preferia ficar sozinha. Então essa obsessão com Matt veio bem na hora errada. Ela pensou que ele gostava dela, exacerbando o interesse dela. Ela tinha errado quanto à atração dele, mas agora parecia não haver nada a fazer em relação aos sentimentos dela.

Hudson sussurrou alguma coisa no ouvido de Caitlin que fez a garota ruborizar totalmente, deixando-a ainda mais bonita do que já era.

— Bem, se você quer mesmo saber — ela respondeu, e Ingrid não pôde deixar de ouvir —, hoje é a noite de sorte dele!

— Noite de sorte para o quê? — Tabitha perguntou. — Ah, sim! — exclamou ela, ao perceber do que Hudson e Caitlin estavam falando e riu com malícia.

— Já estamos saindo há duas semanas, acho que está na hora — Caitlin falou afetadamente.

— É algum tipo de regra que desconheço? — Hudson perguntou. — Transa depois de duas semanas? — Ele se virou para Ingrid e Tabitha aguardando.

— Não para mim. — Tabitha gargalhou. — Chad foi sexo casual, por uma noite.

— Tab, sua putinha — Hudson provocou. — Sexo casual, por uma noite, que durou quinze anos, é?

— Acho que sim. — Ela sorriu. — E você, Ingrid?

Ingrid cruzou os braços. Alguns dias ela realmente se sentia a virgem mais velha do mundo.

— Uma dama nunca revela essas coisas. — Ela balançou a cabeça para os colegas e se desculpou para ir ao banheiro. Caitlin a seguiu.

À pia, Caitlin de repente soltou:

— Juro que é tudo muito estranho, o tempo todo eu achava que ele vinha aqui para ver você. — Ela abriu a torneira e lavou as mãos. — Ele sempre perguntava de você.

Ingrid a olhou surpresa.

— Sim, que tipo de livros você gostava de ler. Que tipo de trabalho você fazia com aquelas plantas. Pensei que ele estivesse a fim de você... — Caitlin pressionou os lábios para espalhar o batom. — Mas, na verdade, ele falava de você comigo por estar tão nervoso por estar falando *comigo*! Não é engraçado?

Hilário. Ingrid bateu a porta do banheiro e voltou ao balcão principal. O investigador, o objeto de toda a fofoca no banheiro, tirou os olhos do livro que lia. Colocou o livro no balcão. A obra de J. J. Ramsey, o prendedor de porta de mil páginas que Ingrid não tinha conseguido fazer ninguém levar emprestado e ler.

— Gostou? — ela perguntou com a voz suave.

Matt Noble pensou por um instante:

— Foi... interessante, mas não é o meu tipo de leitura.

— Que tipo de livros você gosta, então? — Ingrid perguntou, um tanto na defensiva.

— Não sei... — Ele ergueu os ombros. Ela estava certa, pensou, satisfeita. Ele não era um bom leitor, apenas um espreitador de biblioteca. Provavelmente é um desses estranhos que gostavam de tirar sonecas nos cantos.

— Bem, qual o seu livro predileto? — ela quis saber, sentindo-se confiante de que ele não seria capaz de nomear nenhum, ou se o fizesse seria algo como...

— *O sol é para todos*.

— Sério? — Ingrid se surpreendeu, desarmando a defesa. — É meu livro preferido, também. — Mas será que ele dizia aquilo por dizer? Ou era algo que Caitlin havia contado para ele? Mas quando ela discutiu *O sol é para todos* com Caitlin? Ela não gostava de ler. Passava todo o tempo livre atualizando o *status* de seu perfil na internet.

— Sério. — Matt sorriu, e por um instante, ele pareceu um pouco com Atticus Finch, ou talvez com Gregory Peck representando Atticus Finch se Gregory Peck tivesse cabelos castanhos claros,

sardas e olhos azuis. Ele a encarou por um instante e parecia que ia dizer algo mais quando finalmente Caitlin apareceu, toda radiante com seu vestido branco.

— Matthew!

Ele desviou o olhar de Ingrid e a beijou na bochecha enquanto os dois se abraçavam. Foi só então que Ingrid viu que ele estava com uma cesta de piquenique, uma garrafa de vinho e uma baguete saíam pela lateral.

Tabitha e Hudson vieram atrás.

— Tudo limpo, patroa! — Tabitha falou, significando que a biblioteca estava vazia. Ingrid desligou as luzes principais, ligou o alarme, e o grupo saiu do prédio junto. Estava quente, e com brisa e a noite que brilhava, ficaria claro até tarde. Uma noite perfeita de verão para ouvir música. Ingrid sentiu uma pontada.

— Ei, você quer uma carona até o concerto? — Caitlin perguntou enquanto Ingrid se dirigia à bicicleta. — Ingrid vai todos os anos com a família — ela explicou ao namorado.

— Não, tudo bem — elas não vão poder ir este ano. Acho que eu vou para casa — Ingrid respondeu, enquanto Tabitha acenava um tchau.

— Então venha com a gente! — Caitlin ofereceu.

— Não posso... Não quero incomodar... — Ingrid respondeu, com o rosto começando a queimar novamente, se isso continuasse assim, ela acabaria por ganhar um bronzeado. Se havia alguma coisa que ela não queria fazer era segurar vela num encontro romântico.

Mas, por algum motivo, Caitlin não aceitou um não por resposta.

— De jeito algum. Matt não vai se importar, não é, Matt? — Ele balançou a cabeça e sorriu para Ingrid.

— De jeito algum. Vamos, por favor. Eu coloquei queijo suficiente para alimentar uma vaca.

Hudson despreendeu a bicicleta e começou a andar quando Caitlin também se lançou nele.

— Podemos fazer um quarteto! Hudson, venha à ópera comigo, Matt e Ingrid. Ela precisa de companhia! — Não havia meio de dissuadir Caitlin, e Ingrid sentiu-se impossibilitada de recusar.

Hudson olhou para Ingrid, em dúvida. Ele tinha oferecido levá-la de manhã quando ela mencionou que a família tinha dado para trás, mas ela recusou, e Ingrid torcia para que o amigo não mencionasse isso. Graças a Deus, Hudson deixou isso de lado.

— Wagner é tão sombrio. Prefiro Puccini, mas claro.

A ORQUESTRA FORA ORGANIZADA sobre um pequeno palco num campo gramado a alguns quilômetros da praia. Já havia uma multidão enorme esperando. Encontraram um local vazio entre dois grupos de fanáticos por ópera que brindavam a noite com vinho em copos plásticos, balões flutuando no ar como sinalizadores para marcar o local para errantes ou pelo menos para alguém que se perdesse no caminho de volta dos banheiros. O sol começava a se pôr no horizonte, banhando o cenário com uma luz cálida, alaranjada, e então a música começou a tocar. Compôs uma cena muito bonita, mas Ingrid não conseguiu achar nenhuma beleza nela.

Caitlin se aconchegou em Matt a noite inteira e, quando os dois não estavam aninhados, estavam se beijando. Ingrid pensou que poderia queimar todos os seus discos de Wagner até o fim da noite; sentia-se enjoada. Sua biblioteca maravilhosa seria dizimada para abrir espaço para condomínios, e o cara de quem ela gostava tinha acabado com outra. Ela se prometeu que conquistaria Matt Noble, de qualquer modo. Mesmo que tivesse que tomar um dos antídotos amargos de Freya.

capítulo vinte

Escuridão visível



Os Alvarez convidaram Joanna para celebrar o Quatro de Julho com eles. Na sexta à noite, após ter ido ao churrasco comemorativo, ela caminhou ao longo da praia de volta à casa principal. Independentemente do que acontecera da última vez em que fizera uma longa caminhada, Joanna ainda mantinha o hábito. Ela deu uma volta rápida pelos arredores para arejar o espírito e ponderar sobre os caprichos do dia, sem se esquecer de tentar caminhar para eliminar as calorias adicionais trazidas por aquela segunda fatia de bolo de Gracella com cobertura aveludada vermelha. Fora uma bela festa, e Joanna ficou feliz pela companhia e pela oportunidade de conversar com amigos e vizinhos. Vários ouviram falar do milagre que ela tinha feito em Lionel Horning e perguntaram se ela cuidaria de seus familiares doentes. Joanna prometeu fazê-lo se pudesse, apesar de prevenir que Lionel era um caso muito especial.

Ultimamente, as três mulheres Beauchamp foram conquistando bastante fama na cidade por suas habilidades de fazer o que outros não conseguiam. Joanna se perguntou o que o Conselho faria. Até agora, não houve uma palavra sequer dos poderes superiores; ou eles escolheram ignorar as ações das Beauchamp, ou ainda deliberavam uma resposta. Em qualquer caso, a bravata que tinha exibido na outra semana começava a dissipar. Ela não tinha medo do Conselho, exatamente, mas estava ansiosa para ver o que fariam. Não havia maneira de prever como eles reagiriam. Ela desejou que o oráculo aparecesse, lidasse com elas imediatamente e acabasse com

tudo: castigo, repreensão, seja o que fosse. Era muito difícil viver na incerteza.

Ficou contente por descobrir, após alguns quarteirões, que Gilly a alcançara, o corvo batia as asas silenciosamente. Os dois, bruxa e espírito familiar, serpentearam por um caminho bem calçado, que descia para a praia, além das enormes casas que davam para o mar. Joanna estava prestes a voltar para casa quando o corvo começou a voar em direção à passarela que levava à ilha Gardiner.

— Você quer ir para lá? Por quê?

Gilly a olhava concentrado. *Você precisa ver isso.*

— Hoje à noite?

Venha. Você já andou adiando as coisas por muito tempo.

— Você está certo, você está certo, como sempre. Acho que agora é um momento tão bom quanto qualquer outro.

COISAS ESTRANHAS ACONTECIAM na cidade, ela não podia mais negar. Os pensamentos de Joanna voaram até as aves mortas, a toxina prateada que poluía o mar, além da ameaça do capim que tentara estrangulá-la na outra noite. Desde que havia tirado Lionel Horning dos mortos, Joanna ficara muito preocupada. O que era aquela teia de aranha prateada que cercava a alma dele? Ela nunca vira nada como aquilo antes. Será que ela cometera um erro ao trazê-lo de volta do Reino dos Mortos? Mas ela ressuscitara almas antes; não era uma ocorrência tão incomum. Às vezes, a ressurreição acontecia naturalmente. Os humanos a chamavam de "experiências de quase morte", quando voltavam e relatavam terem visto a si mesmos flutuando sobre seus corpos, ou que tiveram um vislumbre de luz branca no fim do túnel. A morte era apenas o começo de uma jornada que todos faziam, em algum momento.

Almas tomadas pela Morte não ficavam envoltas em uma névoa prateada, elas brilhavam com as cores do arco-íris. Joanna atentou ao fato de que não visitava o mundo dos mortos há muito tempo. Talvez eles tivessem mudado a decoração! Ela estava brincando, e Gilly a repreendeu por isso, beliscando-lhe a bochecha e grasnando. Joanna seguiu o caminho do pássaro até a ponte. Fair Haven

brilhava no escuro, iluminando o caminho. Até o final do verão, a filha seria a dona da casa e da ilha, como planejado. Mas mesmo que tudo parecesse estar indo bem, com a data do casamento iminente (Freya tinha até concordado em usar branco), Joanna ainda sentia uma pontada de inquietude, que não conseguia explicar, já que tudo acontecia exatamente como Ingrid havia previsto.

— Vamos ficar quietos agora, não é, Gilly? Não deixe ninguém nos ver, tá? — ela pediu enquanto eles escolhiam o caminho descendo para a ponte, na direção da praia deserta. Havia pilhas estranhas de madeira-balsa por toda parte, mas quando Joanna chegou mais perto viu que não eram detritos do mar. A praia estava repleta de corpos de águias-pescadoras mortas. Centenas. Uma lama espessa e viscosa sobre as penas, os bicos queimados. Pareciam exatamente como os pássaros que tinha visto mortos em sua praia no início daquele verão. Então. Ela estava certa... Os pássaros eram uma premonição, um presságio, um aviso. Ela queria dizer às filhas “eu bem que avisei”, apesar de estar certa de ser um consolo raso. O coração dela se partiu ao ver a mortandade por toda a parte. Ela poderia trazer suas almas de volta, mas seria inútil já que os corpos estavam além do ponto de reparação.

Por que ninguém disse nada? Ela olhou para Fair Haven, para a casa que mantinha a base da junção que protegia a cidade do mundo crepuscular da Ligação. Joanna estava lá quando ela fora construída pela primeira vez, mas ela estava destinada a ficar vazia. Ficou surpresa quando os Gardiner chegaram. Talvez houvesse mais em sua aparência do que ela imaginara?

Joanna notou as imensas dunas que rodeavam a casa. Ela não conseguia se lembrar de ter visto esses cumes enormes na ilha Gardiner antes. Quando passou por elas, teve a nítida sensação de estar sendo observada. As dunas eram como montanhas pequenas de homens, morros com olhos e narizes estranhos; quando roçou numa, sentiu como se fosse granito e não areia. Ela apertou os olhos para o horizonte distante, então viu que a mancha prateada no oceano havia se mexido; ela batia ao redor das margens da ilha Gardiner, circundando-a em um perímetro escuro.

Joanna enfiou a mão no bolso; colocou as luvas, um par de luvas boas e grossas de couro que mantinha as mãos quentes no inverno, e se ajoelhou na arrebentação das ondas. Ela tinha de ver o que havia na água.

O corvo grasnou um aviso, e Joanna acalmou seu animal de estimação.

— Não se preocupe, estas luvas são feitas de pele de serpente, nada vai penetrar. — A feiticeira de cabelos grisalhos ajoelhou-se sobre as rochas escorregadias e mergulhou o dedo na água escura.

Joanna esfregou os dedos e os trouxe à luz. Cientistas ainda não tinham explicação para a explosão, nem tinham conseguido identificar o material tóxico que vazara nas águas do mar. As pessoas da cidade tinham sido aconselhadas a continuar evitando pescar, nadar no mar e consumir quaisquer frutos do mar local. Pior ainda, ninguém sabia dizer aos moradores como eles planejavam limpar o mar, ou o que poderia ser feito a respeito. Ninguém sabia ao certo o que *era*.

Ela esfregou os dedos, avaliando o líquido entre eles. Parecia e tinha a consistência escorregadia, mas quando apertou um pouco mais, ela descobriu que havia algo mais que isso. Era granulado e quebradiço, um cristal rígido e transparente. Joanna sentiu uma profunda inquietude dentro da alma. Aquilo era muito ruim. Fosse o que fosse, ela entendeu agora o motivo de ter evitado lidar com isso enquanto pôde — tentado não se debruçar sobre os limites rompidos da junção, a escuridão cinzenta, o sentimento de desespero e ansiedade que se instalara na cidade. Lembrou-se do que Ingrid lhe dissera: que as mulheres de North Hampton foram se vendo estéreis e que vários animais tinham morrido de repente, sem motivo aparente.

Joanna ergueu a sua varinha. O feitiço de contenção não se sustentaria por muito tempo. Evitaria que o veneno se propagasse, mas apenas por um curto período. Ela não poderia enfrentar esse perigo desconhecido sozinha, estava além de seus poderes ou entendimento e soube imediatamente que teria de buscar ajuda. Reforços. Sozinhas, ela e as filhas não conseguiriam lidar com essa ameaça. Ela retirou as luvas e jogou-as na água. Já havia um

buraquinho à direita na ponta do dedo onde ela tinha segurado o cristal escuro.

capítulo vinte e um

A única maneira de evitar a tentação...

❧❧❧

Na sexta-feira do feriado de Quatro de Julho, com as águas ainda interditas, os turistas praticamente desapareceram da cidade, mas os moradores ainda iriam comemorar. No bar North Inn, o som de Bon Jovi explodia, e embora não estivesse nem perto da meia-noite já havia um monte de garotas que dançavam sobre as mesas, as alcinhas caindo dos ombros, o *jeans* solto e baixo nas cinturas.

Como sempre, Bran estava fora da cidade, e esta seria sua separação mais longa, pois ele estava viajando pelo Sudeste da Ásia desta vez, com um grupo enorme de doadores. Ela pensou que estaria acostumada com isso agora e se repreendeu por ser tão fraca.

Para se sentir melhor, Freya aumentou o volume ainda mais bem quando Killian Gardiner entrou no bar. Ela tentou não ficar tensa, mas sentia a pele corar apenas com a visão dele e o vislumbre de seu histórico sexual, vendo-se num lampejo nos seus braços enquanto ele a beijava em toda a extensão de seu corpo nu. No entanto, aquilo era passado, e desde que ela mantivesse a distância, era assim que ele permaneceria. Não importa quantos sonhos ela tenha tido sobre ele. Ele podia fantasiar sobre ela o quanto quisesse, ele poderia repetir a cena do banho muitas vezes, até o mundo acabar, mas nada mais haveria entre eles, ela cuidaria para que isso não acontecesse.

— Oi! — disse ele, deslizando e tomando um assento bem na frente. Como isso aconteceu? Ela tinha certeza de que todos os

bancos estavam tomados, mas a multidão tinha se separado como os rios do Nilo.

— Killian — respondeu ela, secamente. — Eu lhe disse para me deixar em paz.

— Eu queria ver você. Além disso, Bran está longe agora. A costa está limpa. — Killian sorriu. Ele pegou o menu plastificado com a lista de coquetéis mágicos. — Amei o coração, uma graça.

Tinha sido uma ideia brega do Sal, adicionar os corações. Freya gostaria de não ter se deixado convencer por ele, mas não quis ferir os sentimentos de seu chefe.

Ela observou Killian lendo o cardápio, com um sorriso sarcástico no rosto, desejando que ele estivesse em qualquer outro lugar, exceto ali naquela noite. Ela não precisava piorar as coisas. A multidão do North Inn não era o grupo de *socialites* de puro-sangue de Bran, mas ainda era uma cidade pequena, e as línguas ficariam feridas se eles parecessem muito próximos ou íntimos.

— Por favor! Senhorita?

— Um instante — Freya disse a ele. Ela virou-se para a cliente, uma menina que se parecia com um pardalzinho marrom, estudava a lista de coquetéis como se estivesse memorizando-a para os exames finais. — O que deseja? — ela perguntou.

— Hum... Não sei... — Molly Lancaster era uma coisinha nervosa, estagiária de verão na prefeitura, recém-saída da faculdade. Freya “captou” dicas de um caso de amor fracassado, a coisa adolescente normal de namoro digital. — Eu queria o *Irresistível*, por favor — Molly finalmente sussurrou.

— Prepare um para mim também. — Killian provocou, atirando o cardápio de volta ao balcão.

Freya o ignorou e começou a preparar a bebida de Molly. Ela mantinha as taboas em maços. Num pote de vidro, na prateleira de baixo. Retirou-as e começou a esmagar as pontas com um pilão.

— Ei, deixe-me ajudá-la com isso — disse Killian, indo para trás do balcão, para poder ficar ao lado dela e se inclinando de modo que ela sentisse seu hálito quente no pescoço.

— Killian, por favor. Volte para o outro lado. Vá agora.

— Mas você está precisando de ajuda — respondeu Killian, apontando para um cara acenando uma nota de vinte dólares. Ele rapidamente serviu a cerveja solicitada, fez troco e fechou a caixa registradora com barulho. — Vamos lá, deixe eu ajudar.

Parecia uma boa ideia, o bar já estava totalmente cheio e todos estavam esperando. Sal não se importaria, e Kristy tinha faltado por doença. Freya suspirou. Ela bem que precisava de uma mão a mais.

— Então, o que mais você vai acrescentar lá? — Killian perguntou, observando-a medir o pó de taboa na coqueteleira.

— Nada. Só uma dose de suco de limão, cerejas e completar com vodca.

— Parece bem inofensivo; difícil acreditar que algo assim poderia transformar esse camundongozinho em Marilyn Monroe.

— Eu não coloco todos os meus ingredientes no cardápio — retrucou ela, buscando um dos potes secretos negros que ela mantinha na geladeira sob o balcão, e começou a adicionar algumas gotas de cada na bebida: áster, avencas, raiz de vetiver. Ela gostava de ter os olhos de Killian sobre si, a atenção dele concentrada nela enquanto observava seu trabalho, e começou a se exhibir um pouco. Tirou uma garrafa cor de âmbar que continha grãos de paraíso, sementes minúsculas repletas de magia potente, e lançou um punhado delas na mistura. A poção transformou-se em um vermelhão profundo num instante. O ar se encheu de fumaça, levando o aroma inebriante de baunilha e mel.

— Isso tem cheiro quase tão delicioso quanto você — Killian murmurou, acariciando o pescoço dela e enfiando a mão furtivamente ao redor da sua cintura.

— Ei! — protestou ela, afastando-se dele, mas não fazendo um esforço tão grande. — Cuidado com as mãos! E você tem clientes, você está aqui para ajudar, lembra? — ela ralhou, enquanto derramava o coquetel numa taça de martíni. Será que ela já tinha posto a raiz de vetiver? Ela não conseguia se lembrar e acrescentou um pouco mais só para ter certeza. Entregou a taça de martíni repleta de líquido espumoso roxo para Molly. — Aqui está. Um *Irresistível* — disse ela, rapidamente.

Killian provou ser capaz de atender no bar, o que não deveria ter sido uma surpresa. Eles trabalharam lado a lado, preparando bebidas, triturando gelo, mantendo o agito, a energia em alta.

— Vamos, você sabe que sentiu minha falta — prosseguiu ele, enquanto servia uma bandeja de bebidas para um grupo barulhento de senhoras. — Ah, vai me dar um tratamento de silêncio, é? — ele suspirou quando ela não respondeu. — Você não pode ainda estar com raiva de mim por aquilo que aconteceu na noite de seu noivado, não é? Está? Como você é chata. Não é como se você nunca tivesse ido me ver ido me ver no barco.

Freya tinha ouvido o suficiente.

— Killian!

— Sim, amor?

— Por favor.

— Por favor, o quê?

— Por favor, me deixe em paz.

— Não.

— Não? — Seus olhos se encontraram, e foi exatamente como na festa de noivado, tudo de novo. Não havia como negar a grande atração que ela sentia por Killian. Era tão forte quanto seu amor por Bran, como se uma força invisível a empurrasse para ele. Quando pensou em Bran, o coração dela parou por um instante no peito. Ela já havia tentado. Já havia tentando tanto resistir. Tinha se saído muito bem até agora.

Killian inclinou a cabeça na direção dela, os lábios roçando o rosto dela, mas no último momento, ela se afastou e correu para o outro lado do bar, o coração batendo acelerado em seu peito. Ela aumentou o volume no *jukebox*. Talvez com a música bem alta, pudesse afogar seu turbilhão de emoções confusas.

— Você não precisa se esconder de mim — sussurrou ele, achando-a alguns minutos depois, na entrada da despensa onde Sal mantinha o estoque. — Não vou te morder, juro. Passe o vidro de cerejas ao maraschino.

Ela deu de ombros, ergueu as mãos como se fosse desistir e entregou o vidro para ele. Os dedos dele roçaram a pele dela, e ela sentiu o fogo entre eles começar a arder; não conseguia mais olhar

para ele sem ver o desejo e sua necessidade em todo o seu belo rosto delicado.

— O que você está fazendo? — Ela se assustou, quando ele pôs o pote de lado e colocou os braços ao seu redor.

— Você sabe o que estou fazendo. — Ele começou a beijá-la e a pressionar seu corpo contra o dela, e o calor entre eles a consumia... O que ela estava fazendo... Por que ela estava fazendo isso? Por que não conseguia parar? Por que não conseguia emitir sequer uma palavra de protesto?

— Freya — suspirou ele. A voz dele era baixa e musical, tocando-a como uma flauta. Então, ele segurou o rosto dela nas mãos e eles começaram a se beijar. Ele a beijou por todo o rosto e pescoço, e eles se pressionavam um contra o outro. Os beijos eram longos e macios, molhados e sequiosos, ela podia sentir sua excitação crescente e era como se derretesse sob a língua dele.

Este é o início do fim — ela pensou. A primeira vez fora um erro, um ato impulsivo e súbito de uma jovem tola. Desta vez, ela já sabia... e ainda assim ela tinha sucumbido. Freya retribuiu os beijos ansiosamente e caiu de cabeça dentro do abismo.

capítulo vinte e dois

O longo caminho
de retorno à casa



Se fosse esse o caso, não seria possível enfrentar o perigo sozinha, não importa quanta coragem a pessoa tivesse. Ao chegar em casa, Joanna dirigiu-se para o quarto e imediatamente começou a fazer as malas. Ela não tinha ideia para onde essa viagem a levaria, ou quanto tempo demoraria, apenas que tinha muito pouco tempo. Ela esperava que após todos esses anos ele concordasse em ajudá-la. Afinal, eles tinham uma responsabilidade com este mundo, com os que ficaram presos do lado de cá da ponte.

Joanna refletiu sobre sua longa vida ali. Doía-lhe admitir, mas os Beauchamp, com todo o orgulho, sua história e sua magia, não tinham nada para mostrar a si mesmos, exceto uma casa aos pedaços e um filho na cadeia. Apesar de todo o seu bom gosto, estilo e sua obsessão com a melhoria da casa e joias “boas” (ela tinha especial orgulho de um par de brincos de pérolas pequenas, mas raras, que usava em ocasiões especiais), basicamente ela era um fracasso em tudo que era importante. Ela falhara com o filho; falhara com o marido. Não conseguiu trazer o filho de volta a salvo quando o mundo era novo e criticou o marido por fazer o mesmo quando se tratava de suas filhas. Era triste, mas pelo menos agora ela faria alguma coisa. Ela poderia reparar, pelo menos, parte dele.

— Mãe? O que está fazendo? Você está de partida? — Ingrid piscou, sem os óculos. Ela usava um robe branco, e os cabelos loiros caíam pelos ombros. Parecia anos mais jovem, e Joanna desejou

que a filha deixasse os cabelos soltos com mais frequência; Ingrid ficava muito mais bonita e mais delicada assim.

— Só por pouco tempo — ela respondeu, dobrando uma blusa e colocando-a na valise de tapeçaria.

— Você não respondeu minha primeira pergunta — assinalou Ingrid.

— Será mais seguro para todos se você não souber para onde estou indo — Joanna respondeu, enfiando sua varinha de marfim no bolso do casaco. Ela esperava poupar suas meninas da dor se falhasse em sua missão. Era melhor se elas não soubessem o que ela estava tentando fazer. Ela sabia o quanto elas sentiam falta dele e como o queriam de volta. Claro que ela sabia. Sabia o que tinha feito para a família, a linha irreparável que desenhara, ela a partira em dois, mas não havia tempo para a autocomiseração. Não havia como alterar o passado. — Como foi o Wagner ontem? — ela quis saber.

— Ah! — Ingrid balançou os ombros. Joana percebeu que sua filha mais velha estava desesperada, terrivelmente infeliz com alguma coisa. Ela desejou saber como consolá-la, mas Joana não era esse tipo de mãe, e Ingrid não era esse tipo de filha. O pai dela era o único bom nesse tipo de coisa. A fala, a escuta e o apoio emocional: era ao pai que elas recorriam quando tinham alguma desilusão ou quando tinham boas notícias para compartilhar.

— Bem... faça uma boa viagem, onde quer que esteja indo — Ingrid resmungou.

— Tome cuidado, querida — Joanna falou, dando um abraço apertado na filha. — Cuide de Tyler, tá? — Ela não podia suportar dizer adeus ao menino, então fez uma coisa covarde, saiu no meio da noite porque seria doloroso demais fazer uma despedida tão longa. Não importa, com sorte ela estaria de volta em breve. Ela só estava partindo para manter a cidade e todos seguros.

A família de Dan Jerrods tinha o único serviço de táxis da cidade, e ele a aguardava diante da casa com o carro, um Buick velho com assentos que cheiravam a uma loja de charutos. Ela sentou-se no banco da frente e colocou a valise de tapeçaria surrada no colo e a maleta de Gilly no assoalho.

— Para onde, senhora Joana? — ele perguntou.

— Estação de trem, por favor, Dan, e rápido.

— Tudo bem.

— Como estão as coisas? — ela perguntou. Ela gostava de Dan, um dos jovens bons da cidade, sempre disposto a dar uma mãozinha com suas janelas de tempestade a cada inverno. Dan agarrou o volante firmemente até os nós dos dedos ficarem quase brancos.

— Não muito bem no momento, dona Joanna, Amanda está no hospital — respondeu. — Desculpe perturbá-la com isso. Só estou um pouco preocupado com ela.

— Não, imagine! Sinto muito! O que aconteceu? Existe algo que eu possa fazer para ajudar?

— É algum tipo de vírus que ela não consegue superar. — ele prosseguiu. — Os médicos disseram que já viram esse tipo de coisa: que vem acontecendo por aqui e que ela deve melhorar em breve, mas agora ela está com ventilação mecânica

— Vou ver o que posso fazer quando voltar. — Joanna prometeu, dando um apertão de solidariedade no braço de Dan. — Ela está em boas mãos, Dan, os médicos não vão falhar.

North Hampton não tinha uma estação na Estrada de Ferro de Long Island, então eles se dirigiram até a parada mais próxima em Montauk. A estação estava deserta, pois já era quase meia-noite, e Joanna teve de tranquilizar Dan de que ela ficaria perfeitamente bem esperando na plataforma sozinha.

Finalmente, o expresso de Nova York chegou. Ela embarcaria em seu caminho de volta para a cidade, de onde ela faria a transferência para a Metropolitana-Norte até chegar em New Haven. Esperou a multidão desembarcar e notou um jovem casal de boa aparência entre eles. Eles discutiam. A menina estava irritada, e o garoto a acalmava. Não, ela estava errada, Joanna percebeu, pela conversa ficou claro que eles não eram um casal, apenas amigos.

— Isso é um desperdício de tempo — disse a menina. — Vamos voltar para o Cairo. Duvido que eu encontre a cidade; há algum tipo de feitiço de proteção em torno dela.

— Você mesma disse que talvez eles possam saber de algo. Os antigos, para ajudá-la. Além disso, nós já tentamos uma vez e não conseguimos; não há nada a fazer no Egito se não conseguirmos essa informação. Além disso, tenho a sensação de que vou ter sorte, as coisas nunca são tão sem esperança como parecem ser — respondeu o garoto.

— O que você está olhando? — a garota disse de repente, dirigindo-se a Joanna.

Joanna recuou, até agora ela não tinha notado que havia algo de diferente na garota. Ela não estivera na presença de Anjos Caídos há muito tempo.

A menina olhou para ela com desdém, como se entendendo que a velha bruxa soubesse quem ela era, e mostrou os caninos para ela.

Pirralha arrogante. Joanna franziu a testa. De todas as coisas que eram um insulto à restrição pela qual ela passava, o fato de os Anjos Caídos terem autorização para usar suas habilidades sobrenaturais era o que mais lhe doía, o mais difícil. Ela se perguntou o que trouxera a garota vampira e seu companheiro humano para North Hampton, porque ficou claro que era a cidade que eles procuravam. Eles não pareciam estar lá para celebrar o feriado. A menina estava errada: não era uma proteção mágica, essas eram muito fáceis de desfazer. Em vez disso, quando elas se estabeleceram em North Hampton por todos aqueles longos anos, haviam escolhido construir em um dos poucos bolsões que resultaram do colapso da ponte. North Hampton estava localizada em um local do Universo que não estava exatamente nem aqui nem lá, um pouco fora do tempo, é por isso que ela estava situada tão perto da junção.

A menina continuava a encarar Joanna, até que o garoto agarrou-a pelo braço e a conduziu até a rua.

— Mimi! Vamos! — o garoto falou. — Desculpe a minha amiga, ela não está se sentindo bem — ele se desculpou, e eles se afastaram dali.

JOANNA SUSPIROU E SUBIU os degraus para embarcar no trem. Ela queria ter voado, mas ela tinha que ter mais cuidado desta vez. Não

daria certo ocorrer outra visão de ÓVNI naquela área. Ela encontrou um assento no fundo, e guardou a valise no compartimento de cima. Não havia mais ninguém na cabine, e ela ficou feliz por poder se espalhar em vários assentos para ficar mais confortável. Ela se preparou para uma longa viagem de trem na escuridão.

Após séculos de separação, Joanna Beauchamp partira para ver o marido.

capítulo vinte e três

Desaparecida



Segunda-feira após o feriado de Quatro de Julho era como acordar de uma ressaca de três dias. Freya abriu o bar, naquela tarde, um pouco apreensiva para ver o que havia no estabelecimento, como tinha sido o estrago. Ela virou a chave na fechadura, empurrou a porta e aspirou o familiar aroma adocicado do bar: suor, cigarros e álcool derramado. Sexta à noite tinha sido uma das noites mais malucas do North Inn, e por muitas noites e verões depois aqueles que lá estiveram naquela noite falaria sobre o que acontecera por lá: como o ar tinha se partido com o calor e o fogo; como a música penetrou direto na alma, nas pernas e braços; como as bebidas eram lascivas e viciantes; como todo mundo parecia um pouco fora de controle. A festa continuou raivosa, derramando-se até o sábado e domingo, sem descanso ou pausa; ela manteve o bar aberto sem fechar no fim de semana inteiro; a música cada vez mais alta, a multidão barulhenta a ponto de ser desagradável. Tinha sido carnaval, circo e festival, tudo junto.

Ela estava emocional e fisicamente exausta, não apenas pela farra e pelo trabalho, mas por passar três dias na companhia de Killian Gardiner; nenhum deles saiu para comer ou dormir, tirando sonecas nos fundos enquanto o outro servia os clientes. Não importava que eles estivessem prestes a ser família, que ela seria a esposa de seu irmão, que havia um casamento no horizonte, nada disso importava, apenas calor e desejo, *agora*. Não havia amanhã. Havia apenas Killian, e Freya era vulnerável a cada desejo e a cada comando seu.

Ele até se ofereceu para ajudá-la na limpeza da segunda-feira de manhã, mas ela recusou. Ela precisava de alguns dias para si. A caminho do North Inn, ela ligou para Bran, mas o celular não pegou. Ela continuou a tentar de qualquer maneira, ouvindo a sua mensagem, querendo ouvir a voz dele para trazê-la de volta à Terra.

Ela não sabia como se sentia sobre nada nem ninguém. Sentia como se estivesse sendo puxada em duas direções, e se ela tinha tanta certeza de Bran e de seu amor mútuo, ela agora estava igualmente certa de que não poderia viver sem Killian também. O que havia de novo? Freya era o tipo de garota que pulava na cama ao menor convite; no passado ela teve muitos amantes dos dois sexos, e estava constantemente no auge da paixão. Mas sexo era diferente, sexo era fácil — uma liberação física, um jogo, um pouco de diversão —, *shag*, como os britânicos gostavam de dizer. Não significava nada. Amor era outra coisa, e era difícil. Ela não estava preparada para se sentir assim por dois homens e não queria pensar no que isso significava. Tinha tanta certeza sobre seus sentimentos por Bran, mas agora havia Killian, que se tornou muito querido para ela em um curto período.

Felizmente, o bar não parecia muito bagunçado. Freya começou pegando todos os sutiãs descartados no chão e os colocou na caixa de achados e perdidos. Sal tinha proposto pregar todos na parede como troféus, mas Freya achou que era um pouco demais e o tinha convencido que não. Os auxiliares do bar tinham varrido a maior parte da sujeira do piso, ligado a máquina de lavar louça, retirado o lixo e varrido todo o vidro quebrado. Por isso, além de arrumar uma cadeira aqui e ali, não havia muito o que fazer. Ela ficou agradecida. Começou a arrumar as coisas para seus coquetéis: picou hortelã, espremeu limões, preparou água com açúcar, reabasteceu o congelador com vodca. Mesmo numa noite de segunda, o North Inn com certeza atrairia uma multidão.

Freya ficou grata por ter algo para fazer com as mãos, isso a mantinha ocupada e sua mente ficava longe de Killian. Ele já tinha ligado várias vezes em seu celular, mas ela se recusou a responder. Ela o tinha deixado na cama naquela manhã, saindo de debaixo dos

lençóis, sem sequer uma nota de explicação. Que clichê, esgueirar-se para fora morrendo de vergonha pela manhã.

— Não estamos abertos ainda, desculpe — Freya avisou, ao ouvir a porta da frente do bar se abrir e o sininho anunciando a chegada de um cliente.

A mulher de preto entrou no bar. Ela era alta e notável, com os cabelos loiros puxados para cima em um rabo de cavalo apertado. O rosto era eterno e sereno.

— Você é Freya Beauchamp?

— Sim, sou eu, quem é você? — ela perguntou.

— Me disseram que eu encontraria Killian Gardiner aqui — disse a mulher, sem responder a pergunta, o que Freya achou um pouco indelicado.

— Ele não está aqui agora — Freya falou, continuando a limpar o balcão.

— Você sabe onde eu poderia encontrá-lo?

Freya hesitou, perguntando-se se deveria dizer a verdade, mas não havia nenhum motivo para mentir.

— Provavelmente ele está lá embaixo no barco. Está ancorado na ilha Gardiner, no lado extremo esquerdo da casa. Não tem como errar.

— Obrigada.

Freya se lembrou do que Bran lhe dissera sobre a vida errante de Killian e de como Ingrid soube que ele tinha deixado um rastro de corações partidos atrás dele. E, ainda assim, a estranha com ar sério não parecia uma ex-namorada chateada, ao contrário, ela tinha o ar ligeiramente formal de pessoas envolvidas na aplicação da lei. Será que Killian estava com algum tipo de problema? Ele não parecia estar escondendo nada. Quando ela lhe perguntou a respeito dos rumores sobre seu passado, ele riu e disse que as pessoas gostavam de contar histórias e que nenhuma era verdadeira.

Alguns minutos depois a porta da frente se abriu novamente e entrou uma jovem.

— Estamos fechados, desculpe. Volte em mais ou menos uma hora. — Freya pediu, tirando os olhos da tábua de cortar.

— Não vim para beber — respondeu a menina franzindo a testa.

— Ainda bem, já que não estamos abertos ainda. — Freya sorriu. Ela olhou para cima e tomou conhecimento da história sexual da garota conforme passava diante de seus olhos: virgem de vinte e dois anos. Alguns beijos castos e várias paixõezinhas não correspondidas; Freya relembrou um pouco a experiência limitada de sua irmã nesse departamento.

— Estou procurando minha companheira de quarto.

Freya olhou para o bar vazio com dúvida. — E você está procurando... *aqui?*

— Ela disse que estaria aqui. Sexta à noite — insistiu a garota.

— Isso foi há três dias.

— Sim. Eu sei. — A garota suspirou. — Na verdade, ela sumiu. Ah, meu nome é Pam.

Pam mostrou-lhe uma foto de uma garota de cabelos castanhos usando óculos grandes. Era o pardalzinho marrom, a mesma menina que tinha tomado a poção Irresistível, na noite de sexta-feira. Freya piscou os olhos para a imagem. — Eu me lembro dela. Molly, não é?

— É. Ela não voltou para casa no dia Quatro. Ela é adulta, então a polícia me disse que eu tinha que esperar quarenta e oito horas antes de eles registrarem a ocorrência. Eles acham que ela só passou o fim de semana com um cara qualquer. Mas juro que não é o caso. Estou muito preocupada. Ela nunca fez nada assim antes.

Freya franziu a testa, mas a sua experiência lhe dizia que Pam estava tirando conclusões precipitadas. Com aquela poção, Molly definitivamente se deu bem na noite de sexta. Ela provavelmente saiu para um *brunch* com seu recente amor. Freya pensou em como ela mesma tinha passado o fim de semana, um borrão de bebida, trabalho e Killian. Os três dias tinham se passado tão rápido, e ninguém também sabia onde *ela* estava, ela não deixou recado para Ingrid nem Joanna. (Não que elas entrassem em pânico, já que Freya ia e vinha como quisesse.)

— Ela costuma me ligar para dizer onde está — Pam insistiu teimosamente. — Estou preocupada.

Freya lembrou-se de Molly naquela noite, dançando sobre uma mesa, cantarolando a letra de *You Shook Me All Night Long*, os óculos esmagados sob os pés, os cabelos selvagens e soltos,

balançando o corpo ao ritmo da música, enquanto um grupo de universitários, de bochechas vermelhas e alegres, gritava com vozes roucas aprovando. Parecia que Molly estava tendo o melhor momento de sua vida. Depois Freya vira Molly dando uns amassos nos fundos com um dos rapazes, os dois tão agarradinhos, tão apertados, que era difícil ver onde um terminava e o outro começava.

Não havia nada para se preocupar. Pam podia não entender, já que ela nunca tinha experimentado: como o tempo acelerava e desacelerava nos braços de um amante, como a rotina diária desaparecia de repente e tudo girava em torno de estar com uma pessoa pelo máximo de tempo possível. O tempo não existe quando o amor e a luxúria estavam em questão. Ainda assim, sempre era melhor ser cautelosa. Freya pegou a fotografia.

— Vou perguntar por aí. Ver se alguém conhece algum desses garotos que estavam com ela naquela noite. Mas tenho certeza de que Molly está bem. Provavelmente ela vai voltar esta tarde.

capítulo vinte e quatro

Anjo da morte



Quando Ingrid chegou ao trabalho na manhã de segunda-feira, em meio à pilha de correspondência interna, ela encontrou um memorando do escritório do prefeito informando que, devido a recursos limitados, o Conselho da cidade tinha cortado o orçamento da biblioteca novamente, o que significava reduzir mais horas de programação. Eles pareciam estar sempre se confrontando. O prefeito incluiu uma nota pessoal pedindo seu apoio ao plano de vender a biblioteca durante a reunião do Conselho no final do verão. Sua presunção e condescendência eram irritantes. Ela amassou a carta e jogou-a do outro lado da sala.

Era uma maneira terrível de começar o que já era um dia terrível, o único fator que o redimia era que Caitlin faltara por doença, por isso, ao menos, ela não teria de ouvir cada detalhe excitante sobre a noite de amor entre Caitlin e Matt. Se ela não tinha os dons de Freya para mudar o ambiente, ao menos seus colegas de trabalho entendiam o suficiente para deixar seu caminho livre naquele dia. Ela também não estava disposta a assumir suas habituais funções de bruxa, então disse a Hudson para avisar a todos para voltarem no dia seguinte.

Ingrid se ocupou com o vapor e o estudo das plantas dos Gardiner e se comunicou com sua fonte, a quem ela enviara cópias escaneadas de cada página para exame. Ela tinha repassado o conjunto inteiro e encontrara dezenas dessas marcações, estavam por toda parte da planta, e o significado ainda era um mistério. Para ter certeza, ela consultou um dos arquitetos que frequentavam a

biblioteca para ver se elas foram usadas no passado. Ele confirmou não ter visto nada parecido antes.

Ela enrolou o papel e o deixou de lado por enquanto. Do escritório da frente, ela ouviu uma voz feminina fria e clara, dizendo:

— Me desculpe, mas eu insisto em vê-la.

Poucos minutos depois, quando Hudson entrou no escritório, seu rosto estava vago, com os olhos vidrados.

— Você tem que arrumar tempo para ela — pediu ele com um tom monocórdio. Ele saiu da sala, e uma bela garota loira entrou, andando com confiança e porte que imediatamente colocaram Ingrid na defensiva.

A visitante tinha cerca de 18 anos de idade, olhos verdes frios e cabelos platinados longos e espessos que caíam pelas costas. Ela emanava o poder e a riqueza que cercavam aqueles acostumados com os mais pródigos privilégios. Ingrid percebeu imediatamente que havia algo mais nesta garota. Ela era um dos Anjos Caídos. Uma Blue Blood, uma vampira imortal, um dos filhos perdidos do Todo-Poderoso.

— Você não é daqui — Ingrid falou secamente. — E eu não gosto que meus amigos sejam usados como brinquedos. Seu povo pode ter conseguido isenção para praticar seu tipo de feitiçaria, mas não vou tolerar isso na minha biblioteca, especialmente se você está procurando ajuda para sua causa. É uma questão insolúvel, se quer saber.

— Relaxe, *Erda*, não estou aqui para redenção — disse a garota, sentando-se diante da mesa, olhando ao redor com desprezo para o ambiente miserável. — Bom, porque certamente está fora de nossa jurisdição. — Ingrid franziu a testa, irritada por ter sido chamada pelo seu nome imortal verdadeiro. As Beauchamp dificilmente usavam seus nomes reais, agora, pois eles tinham saído de moda, e isso chamaria muita atenção, algo que o Conselho havia advertido para não fazer. Claro que Freya, de teimosa, manteve seu nome todos esses longos anos, o que não importava, pois ele, como tudo mais em sua irmã, era bonito.

— Então, o que posso fazer por você, Madeleine Force? — Ingrid se recusou a fazer o mesmo e se dirigiu à criança pelo nome dado à

vampira em seu passado celestial. Elas estavam em North Hampton agora, no início do século XXI. Nada disso importava mais.

A garota se recostou na cadeira e cruzou as pernas bronzeadas.

— Você sabe quem eu sou. — Ela olhou em volta com ar presunçoso. — Interessante escolha de ambiente, embaixo do braço dos Hampton. Mas isto não é realmente os Hampton, é? O uso inteligente de um espaço desorientador. Sorte que eu tenho um amigo que pode farejá-los de alguma forma. Levou um tempo, mas encontramos esta triste cidade. Aquele bar baladeiro no nosso hotel foi um cenário e tanto na noite de sexta-feira. Você deve dizer à sua irmã para esfriá-lo um pouco. Não me importo de ser molhada uma vez, mas três vezes em uma noite é demais até para o meu dedicado tintureiro.

Ingrid falou asperamente:

— O que você quer, Mimi? É assim que você é chamada hoje em dia, não é? Eu leio os tabloides.

— Quero a mesma coisa que você está distribuindo para as legiões de não dignos. Ajuda. — Mimi perdeu a expressão gelada por um instante, e seu rosto se tornou grave enquanto ela puxava a barra da saia por cima do joelho.

— O que faz você pensar que vou ajudá-la? O tratado entre os de nossa espécie não cobre esse tipo de coisa, você sabe disso. Além disso, estou limitada pela nossa restrição, se você conhece sua história — Ingrid falou ríspidamente.

— Ah, eu não preciso da sua magia boba. Oliver teve até de me convencer para encontrá-la. Parece que ele se encontrou com sua irmã antes. Embora ela nem tenha se lembrado dele na noite passada, coisa triste. Ele ficou tão desapontado. — Ela se inclinou sobre a mesa e tamborilou as unhas pintadas em expectativa.

Ingrid conteve a vontade de golpear e afastar aquela mão.

— Então, se você não precisa de minha magia, por que está aqui?

— Preciso tirar uma alma do Mundo Subterrâneo. Presa abaixo do sétimo círculo por um *subvertio*. Eu já tentei e falhei antes. Não quero que isso aconteça novamente.

— Você conhece as regras. Assim que a alma se conecta a Helda além do sétimo círculo, é dela para sempre. — Ingrid fungou. —

Você está perdendo tempo, é impossível. Essas são as leis do Universo.

— Mas deve haver um jeito. Uma permuta, uma troca, alguma coisa — disse Mimi, com o desespero visível em sua voz. — Achei que você podia saber. Vocês estão por aqui há mais tempo.

A bruxa suspirou. Os Anjos Caídos e seus problemas não tinham nada a ver com ela, mas Ingrid sabia que se ela não se livrasse dessa maldita vampira, Mimi poderia usar seus poderes nas trevas para provocar perturbação e caos na cidade — se é que já não tinha começado. Ingrid precisava se preocupar com sua equipe, sem mencionar o resto da comunidade. Claro, os anjos rebeldes foram expulsos do Paraíso, mas eles praticamente receberam a Terra do Meio: eles comandavam o *show* aqui embaixo, enquanto o povo de Ingrid fora banido para as laterais. Mimi Force não deveria brincar com o Reino dos Mortos.

— Por favor, Erda. Estou implorando. — Mimi pediu, com lágrimas aflorando no rosto, de repente. — Eu o amo. Não posso perder Kingsley. Se você tiver qualquer coisa para compartilhar, qualquer coisa que possa ajudar... eu ficaria em dívida eterna com você.

Ingrid suspirou.

— Tudo bem. Existe uma maneira de recuperar uma alma além do *subvertio*. A Emenda Orfeu. Você conhece?

— Achei que fosse apenas um mito — Mimi zombou.

— Querida, *você* mesma é um mito — Ingrid falou ríspida. — Helda abriu exceção uma vez e desde então a Emenda Orfeu prosseguiu. As mesmas regras se aplicam. Uma olhada para trás e acabou.

— É isso?

— É isso.

— Vou correr esse risco — disse Mimi, levantando-se e apertando a mão de Ingrid. — Obrigada.

— Tem mais uma coisa que eu me esqueci de contar. A Emenda Orfeu demanda um sacrifício em pagamento pela liberação da alma — Ingrid prosseguiu.

— Uma alma por uma alma — Mimi concordou, parecendo tímida.

— Não se preocupe, eu já tinha consciência de parte disso. Eu nunca

desceria ao Inferno sem estar preparada.

Ingrid esperou não ter cometido um engano ao ajudar a jovem vampira. Os Anjos Caídos poderiam ser um inimigo perigoso, e ela ficou feliz em vê-la saindo. No fim, Mimi Force queria de Ingrid a mesma coisa que seus assemelhados humanos: uma saída de uma situação impossível. Ingrid só pôde apontar a direção correta. O resto era por conta deles.

capítulo vinte e cinco

Acusação



Além da morte recente da *socialite* e de Bill Thatcher, por concussão, não houve homicídios registrados em North Hampton, desde a sua fundação. Freya não assistia ao noticiário, a menos que alguém ligasse a televisão em um canal de notícias, nem lia jornais, então não sabia que Molly Lancaster era oficialmente uma pessoa desaparecida até Sal mencionar na semana seguinte que os garotos que estiveram com Molly naquela noite do bar tinham sido trazidos para interrogatório pelo promotor distrital.

— Espera aí, você está me dizendo que eles pensam que aqueles garotos tiveram alguma coisa a ver com o desaparecimento de Molly?

— Onde você esteve a semana toda? — Sal zombou, sacudindo o jornal para ela. Ele estava melhor após seu acesso do que seria uma gripe, mas as bochechas ainda estavam coradas, e os olhos lacrimejavam. Ele também pareceu ter perdido parte de seu bom humor. Quando retornou ao trabalho, estava mal-humorado e se irritava com facilidade.

Freya não respondeu e continuou a misturar tussilagem com columbina para um novo preparo. Bran ainda estava longe, conseguiram se falar na outra noite, mas a conexão estava péssima e tudo que ela ouviu foram chiados e assobios da transmissão. Ele se sentia cada vez mais longe dela. Ela se esforçou muito para evitar ver Killian novamente, embora ele aparecesse em seus sonhos todas as noites. Se ao menos ela pudesse ver Bran de novo, mas ele só estaria de volta dentro de algumas semanas.

Ela leu a manchete: Derek Adam, Miles Asheleigh, Jock Pemberton e Hollis Arthur foram levados para interrogatório. Testemunhas que estavam no North Inn na noite anterior ao Quatro de Julho disseram à polícia que Molly agiu de forma estranha naquela noite, dançando loucamente e “flertando com todos os garotos do lugar”. Ela saiu do bar com Derek, no carro de Jock, e com Miles e Hollis no banco de trás. Por meio do advogado, Derek declarou que ele e Molly tinham ido até a praia para curtir, mas que ele a tinha deixado lá, porque ela lhe dissera que tinha um encontro na praia, uma história que ninguém, inclusive o repórter — que declarou que os garotos estavam mentindo para salvar a pele —, estava propenso a acreditar. Os garotos tinham entre dezenove e vinte e três anos de idade, jovens universitários ricos, cujas famílias tinham raízes profundas em North Hampton. O investigador principal do caso, Matthew Noble, não faria qualquer comentário.

— Pobres garotos — murmurou Freya.

— Garotos? — Sal bufou. — Eles vão se ferrar. Quem vai acreditar que eles só deixaram a garota na praia? Ora, a gente sabe que eles a mataram e esconderam o corpo. Eles são culpados.

Freya ergueu o olhar. Não percebeu ter falado em voz alta e se perguntou por que ela se sentia solidária com os suspeitos. Então percebeu: ela acreditava neles. Molly tinha tomado uma poção Irresistível, um preparado que nunca provocaria qualquer dano ou violência a quem o bebesse. Freya garantia isso quando a preparava, ela a embutia com uma magia poderosa de proteção para garantir que esse tipo de coisa nunca acontecesse. O que aconteceu com Molly naquela noite não tinha nada a ver com a poção do amor, o que significava que não tinha nada a ver com os garotos que ela conheceu no bar.

Ela tinha certeza de que os garotos estavam dizendo a verdade, que eles não tinham matado Molly. Mas como poderia provar isso?

Ela tentou se lembrar de quem ela vira no bar naquela noite, se ela tinha flagrado qualquer coisa, qualquer sinal de perigo ou intenção, mas ela não era Ingrid, uma vidente, alguém que poderia espiar o futuro de uma pessoa em sua linha de vida. Se Ingrid estivesse lá, ela teria visto que tipo de escuridão estaria preparada

para Molly. Mas quem sabia se Molly realmente estava em perigo? Ela era adulta, e se simplesmente decidiu desaparecer por conta própria? Era possível. Será que todos estavam apenas tirando conclusões precipitadas?

— Acho que é melhor deixá-las de lado, por enquanto — Sal disse, pegando o cardápio plastificado de poções. Ele olhou para o jornal por cima do ombro e apontou para a sentença condenatória no meio do parágrafo, lendo-a em voz alta. — As meninas disseram que devia haver algo na bebida de Molly que a deixou tão louca. Algum tipo de poção maluca. Ouviu isso, Freya? Algum tipo de coquetel louco do North Inn a fez agir sensualmente, eles estão dizendo. Eles vão vir atrás de nós com certeza.

— Não, não virão. — Freya balançou a cabeça horrorizada. Como alguém pode acreditar nisso? Além disso, como alguém poderia pensar que um coquetel poderia levar a seu desaparecimento? Era ridículo. Não era? Ela tentou se lembrar do que aconteceu naquela noite, conseguiu retratar cada momento claramente, viu Killian entrar no bar, chegar-se nela um pouco perto demais atrás do balcão. Ela se viu fazendo a poção, Killian a seu lado. Será que ela tinha posto raiz de vetiver demais? E se isso aconteceu, e daí? Não era erva nociva, só estava lá para melhorar a atratividade do bebedor. Parecia improvável que pudesse provocar qualquer dano. Claro, a magia era imprevisível, e havia uma possibilidade de algo ter dado errado. Mas ela não tinha visto nada nos espíritos daqueles garotos naquela noite, exceto pelo entusiasmo para as delícias da noite e a costumeira excitação de estudantes provocada pela presença de garotas bonitas. Se um deles fosse um assassino, ela teria visto. Era *sempre* assim. Com exceção de Bill Hatcher. Ninguém tinha resolvido aquele assassinato em especial, e a polícia ainda parecia totalmente perdida quanto ao que tinha acontecido. Não havia esperança para a esposa dele também. A família de Maura falava em desligar os aparelhos.

Tudo bem. Ela teve que se esforçar mais para lembrar. Quem mais estava no bar na noite de sexta-feira? Tudo era um borrão, havia uma névoa branca sobre sua memória, talvez efeito colateral da culpa que sentia por trair Bran. Ela sentiu-se mal, como se ela não

fosse ela mesma. Deveria ter prestado atenção. Talvez se não estivesse tão ocupada com os avanços de Killian durante todo o fim de semana, ela teria percebido alguma coisa. Agora Molly estava desaparecida, e os garotos com quem ela brincou e que ela curtiu estavam sob suspeita.

— Você vai ver. Vamos ficar na moita. É apenas questão de tempo.

Freya sentiu uma escuridão se formando na sala.

— Você acha que meu coquetel a matou, Sal?

— Claro que não — Sal fungou. — Não sei o que você põe nessas bebidas, mas são potentes. Muita gente tem falado principalmente que se sentem bem, que encontraram o amor de suas vidas no nosso barzinho. Mas acho que as pessoas daqui vão querer uma resposta. E são garotos ricos. Os pais deles vão querer encontrar o bode expiatório que puderem. Melhor se cuidar, talvez tirar alguns dias de folga.

capítulo vinte e seis

O verme se revira



Uma semana depois, Freya foi incentivada a tirar uma licença indesejada, e Ingrid estava com a ideia de parar seu trabalho por completo. Sem isso o que ela teria? Para Ingrid, se o trabalho era insuportável não havia motivo para viver. Afinal, ela nunca teve muita vida doméstica e tinha perdido a companhia exuberante de sua irmã. Antes de Freya conhecer Bran, Ingrid podia contar com a irmã para as noites de cinema, um ou outro jantar ocasional. Mas desde o noivado, Freya não ficava em casa, mesmo com Bran fora da cidade ou em viagens. Ingrid refletiu nisso, ela achava que Freya sentiria mais falta dele, mas ela estava com as mesmas bochechas vermelhas, a mesma expressão sonhadora, e voltava tarde da noite, ele estando na cidade ou não. Talvez eles estivessem tendo muito... como é que eles chamam? Sexo por telefone? Ingrid estremeceu. Ultimamente, porém, Freya parecia estar alheia e agitada, então, talvez a separação estivesse começando a cobrar o seu preço.

Quanto ao paradeiro de Joanna, Ingrid não podia sequer arriscar um palpite. A mãe estava em algum lugar onde seu serviço de celular não chegava, parece, já que as ligações para Joanna caíam direto na caixa postal. Ingrid sempre poderia usar o substrato para sondar sua localização, ou talvez enviar Oscar para procurá-la, mas teve a sensação de que a mãe queria privacidade.

Ingrid nunca se sentia só, não quando tinha tantos livros para ler e tantos bons amigos na biblioteca, um emprego no qual ela ansiava chegar todas as manhãs nos últimos sete anos. Ela sabia que a mãe achava que ela desperdiçava o tempo, suas habilidades, seu

intelecto, seu tudo, trabalhando em uma biblioteca parada de cidade pequena, que Freya achava incrivelmente chata. Mas, para Ingrid, sua biblioteca era sua casa; ainda nas últimas semanas, ela fora trabalhar com o coração pesado e questionava se talvez a mãe e a irmã não estavam certas. Se talvez não estivesse na hora de parar. Praticar magia novamente devolvera a excitação e o propósito para sua vida, mas ela não o precisava fazer na biblioteca. Ela poderia projetar sua própria clínica, bem montada, com um escritório, uma agenda e uma recepcionista. Havia tantas coisas que ela poderia fazer com sua magia, além de curar pesadelos e ajudar mulheres a engravidar.

Por sinal, desde o Quatro de Julho, Ingrid havia notado que havia menos daquela escuridão cinzenta nos espíritos das pessoas. Talvez ele já estivesse se dissipando da cidade, mesmo aquele lodo tóxico estranho no meio do oceano tinha parado de se movimentar, e os últimos relatórios diziam que parecia finalmente estar encolhendo. Embora os últimos relatórios de notícias dissessem que uma massa semelhante reaparecera recentemente perto da costa do Alasca.

Ela estacionou a bicicleta e a amarrou no poste habitual. A bicicleta de Hudson já estava no local. A porta estava aberta, as luzes estavam acesas, e tudo estava limpo e em ordem.

— Bom dia — ela falou, tentando demonstrar alegria enquanto caminhava para a escrivaninha.

— Bom dia. — Hudson bocejou.

— Oi, Ingrid. — Tabitha sorriu. Ela estava apenas no segundo mês e curtia cada minuto, até o terrível enjoo matinal e a impossibilidade de comer qualquer coisa que não fosse chá e biscoitos, além de ainda parecer inchada.

Não ouviu nada de Caitlin, além de um silêncio de pedra. Ingrid ignorou, pois não tinha muito interesse em saber qual era o último drama naquele romance em particular. Na semana passada, Ingrid teve de suportar a ladainha de Caitlin sobre como ela e Matt saíam para um fim de semana romântico no fim daquele mês, em uma pensão em Martha's Vineyard. Caitlin entreteve Hudson e Tabitha com os detalhes de seu enxoval de noiva: *lingerie*, champanhe e tudo a que tinha direito. Hudson se divertiu modelando os tapa-

mamilos, enquanto Tabitha deu indicações muito sérias sobre as vantagens de lubrificantes e outros apetrechos eróticos, inclusive uma descrição muito-detalhada-demais de algemas diversas, anéis de metal e dispositivos eletrônicos. Foi bem nessa hora que Ingrid começou a se questionar sobre a dedicação ao trabalho. Ela teria de demitir Caitlin ou se demitir. Mas ela não aguentava mais encarar o escritório todo enviando a garota ao nirvana do romance com bandeiras de preservativos voando.

Quando Caitlin saiu do escritório, Ingrid enviou um torpedo para Hudson.

<<o que tem de errado com ela>>

Ele se virou com a cadeira, um sorriso malicioso no rosto. Ele pediu a Tabitha para fechar a porta.

— Você não soube? — ele sussurrou.

— Soube o quê? — Ingrid perguntou.

— O fim de semana romântico foi cancelado?

— O quê?

— Você saiu cedo demais ontem.

— Como assim?

Tabitha olhou por cima do ombro e a informou.

— Matt veio ontem à tarde como sempre. Eu os ouvi brigando lá fora. Depois Matt saiu dirigindo sem ela. Perguntei o que tinha acontecido e ela me disse que o fim de semana já era. Ele cancelou o fim de semana por ter que trabalhar no caso da garota desaparecida, sabe, Molly Lancaster. Disse que a relação não estava funcionando mesmo. Ele não sentia nada, ele se desculpou.

— Nossa! — Ingrid exclamou.

— Então...

— Pobre Caitlin — Ingrid falou, sentindo pena da garota. Só um pouquinho. Ela sabia como era difícil quando alguém que você curte para de gostar de você.

— De qualquer forma, Caitlin acha que ele é mentiroso, que existe uma outra. Você se lembra como na noite do concerto deveria ser a noite de sorte dele? Bem, foi quando ele lhe disse que queria esperar até que fosse especial. Foi quando ele pediu para ela ir a

Vineyard com ele, mas agora ele cancelou tudo também. — Tabitha informou.

— Então... eles não...? — Ingrid esticou o pescoço para a frente.

— Não! — Hudson exclamou, parecendo desapontado. — Parece que o único com sorte neste escritório sou eu, já que Tab tem medo de “machucar o bebê”. Mas agora meu Scott anda esquivo, desde que eu disse que achava que ele não conseguia mais entrar na calça capri.

— Se querem mesmo saber, eles faziam um par estranho — Tabitha falou, acariciando a barriga, que mostrava mínimo sinal de gravidez.

— Psii! Ela está voltando — Hudson avisou. Ingrid fingiu estar ocupada com um desenho, e os outros dois voltaram para os seus computadores.

DE REPENTE, o dia pareceu muito mais claro. As mulheres que vieram visitar Ingrid na hora do almoço foram tratadas com uma série de encantos e magias que não só cuidaram de suas dores e males, mas foram aspergidas com uma leveza, uma alegria, um pouco de algo adicional que faltava em sua magia antes. Seus encantos de sacos de dinheiro cheiravam a madressilva, suas magias pareciam emitir um brilho dourado, e até mesmo seus nós eram belos e perfeitos, cada qual uma obra de arte.

— Bem, se você não é a pequena Mary Sunshine! — Hudson provocou. — Esta manhã você parecia pronta para beber cicuta.

— Psii! — Ingrid fez. — Você não tem ideia do que está falando. — Ela tentou manter o rosto sério quando retornou à mesa. A tela do computador assinalava a entrada de duas mensagens instantâneas.

<< acho q sei o que estas plantas mostram e o q essas marcas de articulação significam>>

<<?>>

<<mas primeiro vc tem q fazer uma coisa pra mim>>

<<?>>

<<vc consegue entrar em fair haven?>>

Ingrid hesitou antes de digitar a resposta. Após refletir alguns minutos, ela escreveu, *sim*.

capítulo vinte e sete

Doente do coração



North Hampton ainda se recuperava da notícia do desaparecimento de Molly Lancaster quando o escritório anunciou que o prefeito não apareceu para trabalhar naquela segunda-feira e que não se conseguia localizá-lo. Ele saiu da casa no meio da noite sem dizer palavra à esposa ou à equipe. Após o desastre do terremoto oceânico e o sumiço misterioso de Molly, uma sensação de mal-estar começou a se espalhar na cidade; alguns começaram a sussurrar que North Hampton estava amaldiçoada e que não era mais o local bucólico que costumava ser.

Em casa, assistindo a toda a história triste mostrada no noticiário, Freya desligou a televisão e se sentou pensativa durante alguns minutos. Ela tinha de pegar Tyler na pré-escola em breve. Colocou o casaco e procurou as chaves. Primeiro Molly Lancaster, agora o prefeito Hutchinson. O que estava acontecendo? Coisas como estas nunca aconteceram em North Hampton antes, exceto pelo que acontecera com os Thatcher. Freya tentou lembrar a última vez em que tinha visto o prefeito, ele costumava parar no bar de vez em quando, mas não aparecia há algumas semanas, muito provavelmente devido a esse nó de fidelidade que o prendia à sua casa — não que Todd fosse o tipo que flertasse com qualquer garota do North Inn. Ele se preocupava demais com sua carreira para fazer qualquer coisa idiota.

Freya estava cansada de limpar o chão da casa, e a notícia do desaparecimento do prefeito a deprimia. Ela tinha se esquecido de como a vida podia ser chata sem o bar, sem nada para fazer, sem

peessoas para ver, sem bebidas para preparar. Pelo menos Ingrid parecia ter se recuperado do que a deixara mal-humorada nas últimas semanas, o que era bom já que Oscar podia ficar irritado sempre que sua dona se sentia fora de foco, e Freya não gostava muito de ser beliscada pelo seu bico afiado apenas porque Ingrid tinha se esquecido de comprar seu suprimento de *Cheetos*. O grifo gostava tanto deles que algum dia seu bico acabaria por ficar alaranjado.

A casa estava mais vazia que o habitual, pois Joanna ainda não retornara da viagem. A mãe saía com alguma pressa logo após o feriado. Ingrid tinha se despedido dela, mas explicou que Joanna não dissera para onde estava indo, apenas que elas foram autorizadas a usar as varinhas novamente, embora Freya não tivesse encontrado muito uso para a dela. No entanto, foi bom tê-la de volta; ela se esquecera de como era lisa, de quanto ela se tornava mais poderosa com a varinha na mão.

Freya dirigiu até a escola e caminhou até a casinha que abrigava a classe do pré-K. Tyler brincava com blocos e pareceu contrariado ao vê-la:

— Cadê a Lala? — ele perguntou chateado, com os braços cruzados.

— Então, Ty, você sabe que ela ainda não voltou. — O garotinho sentia muito a falta dela. No dia anterior, ele tinha se descabelado numa birra horrível quando ela foi buscá-lo.

— Eu não quero ir com você. Quero a Lala.

— Ah, meu amor, vamos lá! — ela falou, tentando não perder a paciência com o menino. Ela também estava chateada e frustrada, mas não queria descontar nele. Eles foram até o portão, e ela ajeitou Tyler no assento do carro, prendendo as tiras bem apertadas ao redor do peito dele.

— O que você sabe fazer? — ele perguntou curioso.

— Como assim?

— Lala faz meus aviões voarem, de verdade — ele falou com um tom acusatório.

Freya sabia que Joanna exibia sua magia para o menino, mas ainda era chocante ouvi-lo falar de forma tão natural. A mãe dela

não parecia ter limites quando se tratava de mimá-lo. Freya se lembrava bem de sua infância que não incluía uma infinidade de pães e bolos nem inúmeros bichos de pelúcia falantes. Ela se lembrava da mãe principalmente se queixando de como era difícil criar filhos. Olhou em volta para ter certeza de que ninguém olhava para eles.

— Bem, eu consigo fazer isso. — Ela mostrou, virando um gato preto. Então, num piscar de olhos, ela era Freya novamente.

Tyler riu, depois tossiu. Havia um montinho de catarro do tamanho de uma moeda na mão dele, e Freya notou a coloração verde. Quando chegaram em casa, ela perguntou a Gracella se ela tinha percebido que Tyler estava tossindo novamente. A governanta assentiu.

— Os médicos estão dando outra série de antibióticos. Disseram que deveria sumir em uma ou duas semanas.

— Ele parece estar bem, só está com essa tosse estranha... — Freya falou, sentindo o primeiro arrepio de temor. Joanna não era a única da casa que amava o menino. — Ele vai ficar bem. — Ela tranquilizou Gracella e pensou a quem ela tentava convencer mais, a mãe do garoto ou ela mesma.

Bran ligou mais tarde naquela noite. Ele se desculpou por ser difícil contatá-lo, ele estava viajando por toda parte, e as mudanças de fuso horário tornavam a comunicação difícil.

— Como está a minha garota?

— Com saudades de você — respondeu ela, sentindo um aperto forte no peito. — Quando você vai voltar para casa? Quando você vai voltar *para mim*?

— Logo, prometo. — Onde ele estava agora? Em que cidade? Que país? Não conseguia mais saber. Ele estava simplesmente “fora”. Houve um longo silêncio do outro lado, e Freya começou a se preocupar.

— Bran, você está aí?

— Oi, desculpe, tive que responder um recado. Madame quer saber se você tem alguma ideia sobre o planejamento do casamento que ela enviou na semana passada.

Freya mal tinha pensado no assunto e se surpreendeu ao perceber o que tinha acontecido, ela quase se esqueceu. Claro que eles teriam a cerimônia propriamente dita, vestido branco, centenas de convidados, uma orquestra e tudo mais.

— Diga que ela pode fazer o que quiser. As flores, a comida, os convidados. Desde que convidem a minha família, Sal e Kristy, é claro. O que ela quiser.

— Você não se importa? Essa é novidade. Para uma noiva, quero dizer.

Ela seria uma noiva. A palavra foi como uma faca em seu peito, girada brutalmente. Por um instante, ela nem conseguiu falar.

— Oi, amor, o que há de errado? Você está chorando?

— Não... — Ela balançou a cabeça, embora ele não pudesse ver.
— Não, não é nada.

— Fale comigo, você sabe que pode me dizer qualquer coisa, não sabe?

Ela sacudiu a cabeça e não disse nada. As lágrimas começaram a correr silenciosamente em seu rosto.

— Você sabe que eu te amo, não importa o que aconteça. — Bran a consolou, com a voz tensa e nervosa. — Seja o que for, eu sempre a amarei, Freya. Sempre.

— Eu sei — ela sussurrou. — Eu também te amo.

Ela desligou o telefone, o coração disparando no peito. Será que Bran ainda a amaria se soubesse o que ela estava fazendo? O que ela tinha feito? Será que ele a amaria do jeito que ela era? Será que conseguiria ser sincera com ele? A monogamia não fazia parte de sua natureza, e ela pensou por que tinha concordado com esse casamento, com essa cerimônia.

O telefone tocou novamente, e ela atendeu, pensando que fosse Bran novamente para enfatizar seu amor.

— Freya. — A voz de Killian era rouca e baixa. Eles não se falavam desde o fim de semana selvagem entre eles. — Eu fiz algo de errado? Você nunca retorna minhas ligações. Estou com saudades de você. — Ouvir a voz dele era como um bálsamo para seu coração partido. Talvez ela devesse ficar com Killian, mas nunca saberia a

menos que fizesse algo a respeito. Na verdade, ela também sentia saudades dele. Freya enxugou as lágrimas.

— Tudo bem. Já vou aí.

Ela estava cansada de se sentir culpada. Bran estava longe. Ela sabia que ele tinha trabalho a fazer, mas não conseguia deixar de ter ressentimentos contra ele. Talvez as coisas acontecessem por um motivo. Talvez o relacionamento entre eles já estivesse ruim, mesmo antes de Killian aparecer em cena.

Porque como quase tudo que aconteceu neste verão com Bran e Killian, ela sentia como se fizesse parte de uma história mais ampla, e o lado curioso e irresponsável de Freya — aquele que bebia demais, brincava com fogo e desiludia um milhão de corações antes do café da manhã — queria ver qual seria o resultado final desse jogo.

capítulo vinte e oito

A porta fechada



Ingrid olhou ao redor do salão vazio em Fair Haven e sacudiu as pernas. Voar sempre lhe dava câibras, especialmente quando tomava a forma de Oscar. Assim como Freya e Siegfried e Joanna com Gilly, Oscar fazia parte dela, e ela podia se transformar em sua forma à vontade. Não fizera isso muitas vezes, apenas em ocasiões necessárias. Durante a festa de noivado de Freya, ela percebeu que as janelas de cima do salão de festa eram sempre deixadas abertas. Agora Ingrid voou para dentro através de uma delas, antes do amanhecer, quando tinha certeza de que todos na casa dormiam. Ela poderia ter tomado uma vassoura, mas desde que Joanna fora vista no outro dia, Ingrid achou que seria mais prudente se assumisse uma forma de animal. Havia muitas formas de viajar e, como sua irmã, Ingrid preferia a mais natural: erguer-se no ar e subir para os céus enquanto a sua magia diminuía o peso da gravidade no seu centro. Elas usavam as vassouras para aterrissar e se centrar, uma âncora na Terra que já não as mantinha enquanto elas voavam.

Enviou um torpedo para a sua fonte:

<< estou dentro >>

<< muito bem. vc está com as plantas? >>

<< sim >>

<< ótimo. vá ao salão de festa. marca de articulação central um pouco diferente >>

Ele estava certo. Havia algo um pouco estranho na marca de articulação central na planta do piso do salão de festa; o pequeno losango que apontava para as paredes da sala onde ela estava em

pé estava cercado por uma estranha caligrafia de símbolos. Uma dessas pontas no losango estava um pouco torta. Poderia ter sido a mão um pouco descuidada do artesão, mas toda a marcação parecia pender ligeiramente para o canto direito da sala. A ponta do losango naquele canto era um pouco mais longa que as outras como se estivesse esticada na direção desse canto oposto, levando o olho para aquela parte da sala. Ela vasculhou o quarto e encontrou o canto. Foi uma sensação emocionante, entender um desenho abstrato de um espaço e sua relação com o mundo real.

<<ok, encontrei a parede.>>

<<bata nela, qual o som?>>

Seguindo a instrução, ela bateu na parede, que produziu um som surdo e pesado.

<<pesado, tem alguma coisa atrás dela>> — Ingrid sabia que uma parede normal faria um som oco, agudo e redondo.

<<o que quer que eu faça?>>

<<veja o que tem embaixo>>

Ingrid saiu da sala e retornou alguns minutos depois com um pé de cabra que encontrou na garagem. Pegou a ponta afiada e a enfiou no canto da parede. A lâmina deslizou adiante, partindo a pintura enquanto mordiscava a parede. Ingrid decidiu que teria de experimentar uma das magias de restauração de Joanna para arrumá-la depois de descobrir o que estava por trás, mas não havia tempo para pensar no estrago que fazia agora. Ela precisava se concentrar naquilo.

Empurrou a lâmina mais fundo na parede, mas parou após uns dois centímetros. Puxou a ponta do pé de cabra para o lado, e um pedaço da parede do tamanho de uma bola de beisebol caiu, aterrissando no piso. Ela pegou o pedaço de reboco e o examinou.

Uma casa reformada como Fair Haven deveria ter paredes feitas com argamassa de cimento em camadas sobre uma malha de arame. O cimento seria áspero e arenoso, mas Ingrid segurava um pedaço de rocha dura muito mais antiga. Ela largou-o no piso e se ajoelhou abaixo do buraco que tinha feito. Ao longo da rachadura ela viu a tinta lascada pela lâmina do pé de cabra. A camada de tinta externa era uma emulsão espessa e brilhante; tinha o brilho intenso

e escuro de tintas à base de chumbo. Mas por baixo da tinta, onde o pé de cabra havia rompido o acabamento, havia algo mais. Ela continuou a escavar até toda a tinta nova sair e conseguiu ver o que havia por atrás.

Era uma porta. Não tinha dobradiças nem maçanetas, mas Ingrid reconheceu a forma imediatamente. A madeira rompida liberava um fraco odor de pinho. Ao inalar seu aroma vívido e limpo, ela foi transportada para um passado profundo.

Pensou em lugares há muito esquecidos, que se tornaram mais um mito e lenda que qualquer verdade, um sonho. Ela se recordou do que tinha dito àquela jovem vampira. *Você mesma é um mito.* Todos eram, aqueles que viviam e respiravam e andavam na Terra do Meio, semelhantes e diferentes dos humanos que os cercavam.

Ela tocou o pinho suavemente e se virou de costas para o desenho da parede que tinha rompido. Mostrava uma porta de madeira que se estendia do chão ao teto, com um desenho elaborado esboçado na superfície. Eram instruções para o artesão, que sem dúvida teve de gastar anos esculpindo os painéis sofisticados. Os desenhos, ela via agora, eram os mesmos das pequenas marcações decorativas ao redor das articulações.

Ela tirou várias fotografias com o celular e as enviou para sua fonte.

<<você vê o que eu vejo?>>

<<sim, como eu suspeitava>>

<<o que é isso?>>

<<não agora. te conto dp. saia daí primeiro>>

Ingrid acenou sua varinha e murmurou um encantamento que restaurou a parede ao seu estado anterior. Foi uma magia de má qualidade, ela não era tão boa quanto a mãe em restauração, mas estar com a varinha ajudou. Estava quase pronta quando ouviu passos se aproximando no enorme salão. Ingrid rapidamente tomou a forma de Oscar e voou para fora da janela assim que Killian Gardiner entrou no salão vazio.

— Tem alguém aqui? — ele gritou. — Eu ouvi alguém na casa. Mostre-se!

Ingrid voou para longe, o coração disparando em seu peito. Foi por pouco! O que era aquela porta e para onde levava? Ela saiu da ilha, pensando na pena que sua família sofrera por milênios. A ponte rompida... seu irmão mais jovem perdido. O que havia atrás daquela porta? Sua fonte sabia. Logo ela ficaria sabendo também.

capítulo vinte e nove

Maridos e esposas



A última vez em que Joanna estivera na enorme universidade no oeste de Connecticut, a apenas algumas horas de distância de North Hampton, fora na formatura de Ingrid. A escola parecia especialmente linda naquele dia, com as bandeiras azuis voando e os universitários de bochechas vermelhas se misturando entre os formandos, que usavam vistosos chapéus pretos e becas, girando bastões de mogno cobertos de fitas das cores da escola. Ah, ela estava tão orgulhosa naquele dia! É claro que Joanna ficou nervosa, pois poderia se encontrar com o marido, mas felizmente ele mantivera distância mesmo então. Se Ingrid descobrisse que seu pai lecionava na mesma universidade que ela frequentava, ela tinha certeza de que odiaria a mãe por manter isso em segredo. Joanna forçara o bom professor a tirar licença de quatro anos enquanto a filha estava matriculada.

Joanna caminhou por três ruelas ladeadas por árvores, passando pelos prédios góticos. Pareciam os mesmos de sempre, o arenito e a hera.

— Com licença! — ela perguntou à pessoa mais próxima. — Como posso achar o professor Beauchamp?

Só porque ela não tinha falado com o marido na maior parte do século, isso não significava que não tivesse ideia do que acontecia com ele. Longe disso. Ela tinha informações dele desde a separação. Não era difícil. Ela sabia que ele passara a maior parte do tempo perto do litoral, mas, quando o serviço escasseou perto da costa, ele deixou o negócio de pesca e se estabeleceu na pacata vida de

professor universitário. Ele ensinava há vários anos agora; era um milagre que não percebessem a idade dele, mas provavelmente ele usava o mesmo encantamento que ela para conseguir viver em North Hampton o tanto que vivera.

Ela foi até o escritório dele, mas seu assistente de ensino falou que ele não tinha passado por lá a semana toda. Joanna conseguiu descobrir seu endereço residencial, que não era muito longe do câmpus. Em poucos minutos, ela encontrou o predinho, bem conservado. O zelador a deixou passar pela porta da frente quando disse ser a esposa do professor. O apartamento era no piso térreo.

— Olá? Tem alguém em casa? É a Jô. — Ela bateu na porta antes de entrar e viu que estava entreaberta. Entrou furtivamente. Era um pequeno estúdio, e Joanna não estava preparada para o que viu. Um quarto minúsculo, simples e monástico. Havia um pequeno *futon*, com cobertores dobrados e uma geladeira do tamanho de um armário pequeno, uma escrivaninha com nada sobre a superfície além de algumas fotografias. Havia uma foto de Ingrid, na formatura na universidade — que provavelmente ele tirou enquanto ninguém olhava — e uma de Freya de quando ela apareceu na capa de uma revista, na época em que morava em Nova York. Ela sentiu uma pontada de tristeza e arrependimento.

Eles foram felizes no passado, tão felizes no casamento quanto é possível ser, imperfeitos e discutindo um com o outro, como acontece com todos os casais. Houve brigas, raiva e discussões. Ele não era um homem paciente, e ela era teimosa como sempre fora. Se não fosse pelos julgamentos, talvez ainda estivessem juntos. Se ao menos ele tivesse feito o que ela pedira, talvez as coisas pudessem ter sido diferentes com eles... O que ela estava pensando? Não havia nada que ele pudesse fazer, nada que algum deles pudesse fazer para evitar que os julgamentos acontecessem. Isso ficou claro no momento em que a ponte fora destruída e eles ficaram presos na Terra do Meio. Para ficar aqui, eles teriam que seguir as leis de seus habitantes originais, eles não tinham jurisdição e não poderiam interferir no reino humano.

Joanna tirou o casaco e se sentou no *futon*, com Gilly empoleirada no ombro. Esperaria o quanto fosse necessário até o marido voltar

para casa.

Após algumas horas, ela cochilou e a porta se abriu vagarosamente.

— Norman? — ela chamou. — É você?

capítulo trinta

A primeira pedra



No dia seguinte, Ingrid ainda pensava na porta secreta descoberta em Fair Haven. No minuto em que chegou ao trabalho, enviou uma mensagem para o endereço que sabia de cor. Não houve nenhuma comunicação na noite anterior, o que ela achou um pouco estranho, pois estava ansiosa para saber o que sua fonte tinha descoberto. Ele normalmente respondia em minutos, ou até em segundos, mas depois de uma hora ainda não havia nada.

<<ei tudo bem? o q vc descobriu?>>

Ela clicou em Enviar e esperou. A tela permaneceu inalterada. Ela voltou ao trabalho, decidindo lidar com o resto das plantas Gardiner e prepará-las para o moldureiro. No outro dia, ela tinha escolhido uma linda moldura de madeira-balsa, mais barata que aquelas que usaram nos anos anteriores, mas, agora que cada moedinha contava, ela precisava cortar gastos em algum lugar. Estranho, a gaveta onde ela costumava guardá-las estava vazia. Ela se lembrava com clareza de ter colocado a planta do piso principal na caixa de armazenamento com o resto do conjunto de plantas quando voltara à biblioteca na tarde anterior. Talvez alguém as tivesse levado para a mesa de conferência? Não. Não havia nada lá.

O coração de Ingrid começou a disparar. Ela voltou rapidamente ao seu computador e mandou outra mensagem para o mesmo endereço.

<<ei, já está de volta?>>

<<oi??>>

<<se vc está aí responda, por favor>>

Ela viu suas mensagens se acumulando sem resposta na tela. Finalmente, escreveu:

<<algo está errado. não consigo achar as plantas.>>

— Você mexeu nas minhas plantas? — ela perguntou a Hudson depois de clicar em Enviar. — Sabe, as plantas dos Gardiner de Fair Haven para a exposição?

Hudson tirou os olhos de seu trabalho e retirou os fones de ouvido antirruído. Ele pigarreou.

— Não. Não mexi nelas. Talvez a Tabitha?

Tabitha não sabia das plantas, assim como Caitlin, que havia retornado ao trabalho depois de uma gripe. Hudson fechara tudo na noite anterior, ativando o alarme como de costume. Não havia nada de anormal: o alarme não tinha disparado e, além das plantas, nada havia sumido. Não que houvesse algo especialmente valioso na biblioteca.

Ingrid foi atrás do serviço de porteiros que eles usavam, mas relataram não ter visto nada fora do normal na noite anterior. Ela voltou ao depósito e abriu a gaveta novamente. Vazia. Verificou o computador. Nenhuma resposta ainda. As plantas tinham desaparecido, e sua fonte estava fora de alcance. Ela pegou o telefone e discou para Killian Gardiner.

— Alô. — Ele atendeu, sonolento.

— Killian, oi. É a Ingrid Beauchamp.

— Oi, Ingrid — cumprimentou ele, com sono. — O que foi?

— Killian, eu o acordei? Sinto muito, mas é meio-dia e meia — ela não pôde deixar de acrescentar.

— E o que você quer dizer com isso? — ele retrucou cordialmente.

— Desculpe, isso foi grosseiro da minha parte. Está sendo um dia e tanto. Estou ligando por causa daquelas plantas de Fair Haven. Você por acaso veio pegá-las de volta?

— Por que eu as pegaria de volta? — ele perguntou, soando mais alerta dessa vez. — Eu entreguei para você. Por que está perguntando? Aconteceu alguma coisa com elas?

— Não, não... não. — Ingrid sacudiu a cabeça com vigor embora Killian não a pudesse ver. Não seria bom assustar mais ninguém. — Acho que a equipe colocou em outro armário. Desculpe incomodar.

— Tudo bem — respondeu Killian.

Ela desligou o telefone, o coração disparando. As cópias. Ela tinha escaneado todos os desenhos, pensou, executando uma busca no computador. Ela escaneou todas as folhas que continham as identificações estranhas e os símbolos elaborados. Mas, como suspeitava, todos os arquivos relacionados às plantas tinham sumido.

Ingrid tentou não entrar em pânico. Quem roubaria as plantas e apagaria todos os documentos do seu computador? Por quê? Então Hudson irrompeu na sala. Sua gravata tinha se soltado, e ele parecia confuso de maneira pouco usual.

— Acho que é melhor você ir para a entrada — parece que a Corky Hutchinson perdeu a cabeça.

INGRID SEGUIU HUDSON até o salão principal e encontrou a âncora de telejornal ao lado da mesa de devoluções, parecendo histérica e treloucada, usando uma blusa de pijama e calça larga de moletom. Ao ver Ingrid, ela apontou um dedo esmaltado de vermelho em sua direção.

— É tudo culpa dela! — ela gritou.

— Como é? — Ingrid perguntou. A biblioteca estava repleta de mães com bebês, adolescentes nos computadores e frequentadores habituais nas estantes de revistas. Matt Noble estava devolvendo alguns livros de bolso e correu até ela.

— O que está acontecendo? — ele perguntou, olhando para Corky e depois para Ingrid.

— Foi ela! Foi ela que fez isso! — Corky gritou. — Ela me fez pôr aquele... aquele nó para o Todd embaixo do travesseiro! Ele não conseguia dormir... ele estava agindo de modo tão estranho — ela fez algo para ele!

— Corky, acalme-se, do que você está falando? — Matt se aproximou para segurá-la pelos ombros já que ela parecia prestes a bater em Ingrid.

— Ela é uma bruxa! Ela fez isso! Ela fez isso acontecer! Com sua magia negra e aqueles nós idiotas! — Corky gritou.

— Sinto muito... mas não funciona desse jeito — Ingrid negou, recuando e balançando a cabeça. Ela tremia inteira também, mas tentou projetar uma sensação de calma.

Matt olhou confuso para Ingrid.

— Espera aí... o que você quer dizer? Que história de magia é essa?

— Ele se enforcou! Com um nó! Parecido com este! — a mulher sibilou, erguendo o pequeno nó marrom que Ingrid lhe dera um mês atrás.

— O que está acontecendo? — Ingrid olhou para Hudson em busca de ajuda. As pessoas começavam a observar e a aglomerar, olhando para Ingrid com curiosidade e medo. Ingrid teve uma visão de seu passado, quando a multidão se reuniu pela primeira vez à sua volta na praça naquela bela manhã. Eles a tinham cercado, assim como os usuários da biblioteca faziam agora.

— Como se você não soubesse! Eles encontraram o corpo dele de manhã! Todd se enforcou! Em um motelzinho sujo na Rota 27! — Corky acusava.

Ingrid ficou ofegante.

— É verdade? — perguntou a Matt.

O investigador confirmou com a cabeça.

— Respondemos a uma chamada de emergência do motel hoje de manhã. A polícia ainda está lá. Corky, acalme-se. Vamos levá-la até a delegacia. — Ele lançou um olhar demorado, examinando Ingrid, e guiou a jornalista até a porta.

— Meu Deus... que mulher louca! — exclamou Hudson, saindo do escritório. Ingrid notou que todos na biblioteca a olhavam de maneira cética, alguns com franca hostilidade. — Você está bem?

Ingrid assentiu mesmo não estando bem. Primeiro as plantas sumiram, e ela parou de receber torpedos ou mensagens de sua fonte e agora estava sendo acusada de... ela nem mesmo tinha certeza... mas não conseguia expulsar da mente as palavras de ódio e as acusações de Corky.

Tabitha deu um tapinha nas costas de Ingrid.

— Não se preocupe, ninguém vai dar ouvidos a ela. Você não teve nada a ver com isso — ela falou com firmeza. — Ela perdeu o

marido e não sabe do que está falando.

Havia apenas umas poucas mulheres esperando para se consultar com ela naquele dia, o que fez Ingrid se sentir ainda pior. Tentou não pensar muito naquilo, mas não podia deixar de refletir que tinha algo a ver com todas as coisas terríveis que Corky dissera naquela manhã. O que foi que aquela mulher horrível tinha dito? Magia negra? Que ela era uma feiticeira — uma bruxa — uma falsa curandeira?

Ingrid pensou no que Freya estava enfrentando: Sal tinha mandado que ela parasse de fazer poções e, na verdade, a despedira. De agora em diante, a cidade ficaria de olho nelas. Ingrid sentiu um arrepio na espinha. Já tinha passado por isso antes; sabia como a história terminava.

Há muito tempo, em Massachusetts, Ingrid teve um negócio próspero, uma clínica assim como esta, mas então os cochichos se iniciaram, e as acusações começaram a se espalhar. Mas este não era o passado, Ingrid tentou dizer a si mesma. Talvez ninguém precisasse de sua ajuda porque tudo estava maravilhosamente bem. Certo. E se Ingrid acreditava nisso, ela tinha uma ponte para fazê-la acreditar. Gallows Hill podia ter passado, mas sua sombra perdurava, e Ingrid não era tola o suficiente para achar que o que aconteceu uma vez nunca poderia acontecer de novo.

O dia ainda não tinha acabado. Antes de a biblioteca fechar, ela recebeu outra visita. Emily Foster entrou, pálida e trêmula.

— Ingrid. Você tem um segundo? Preciso falar com você.

capítulo trinta e um

Isolada



Freya observou Killian colocar o telefone com delicadeza no gancho e admirou seu perfil e o arco de músculos em suas costas largas. Ela colocou a palma da mão na pele dele; não conseguia parar de tocá-lo. Passaram a noite inteira proporcionando prazer um ao outro, tentando variações novas e excitantes da mesma dança e, por um momento ali, ela receou que ele nunca se cansaria, de tão insaciável... Ela nunca encontrara um homem que conseguisse acompanhá-la, mas agora achara seu par. Eles terminavam apenas para recomeçar alguns minutos depois, uma mão inocente na perna ou um carinho no rosto levando-os de volta ao início, e Freya descobriu que ficava excitada só de pensar em todas as coisas que ele a fez sentir na última noite. A pele dele era macia ao toque e, como tudo nele, fisicamente perfeita, sem espinhas protuberantes ou secura ou cicatrizes, toda bronzeada por igual.

Estavam na cabine dele no *Dragon*, e pelas escotilhas ela pôde ver a luz clara do dia, provavelmente pouco após o meio-dia, já que o sol não projetava nenhuma sombra. Que dia era? Ela não estava certa. Aonde o tempo ia quando ela estava com ele? Ela nunca prestava atenção, era uma qualidade fugidia, ela nunca conseguia se lembrar do que eles faziam — quer dizer, quando não estavam na cama — e parecia sempre estarem na cama quando estavam juntos. O quarto deveria estar abafadiço e com ar meio envelhecido, já que eles não saíam há alguns dias e Freya fizera todas as suas refeições no pequeno fogão do barco com qualquer coisa que encontrara na geladeira. Mas, em vez de cheirar a sexo, suor e óleo de cozinha, o

quarto estava claro e limpo, e quando ela fechava os olhos inalava o perfume fresco de pinho e flores. Ela se perguntava por que ele preferia viver em um barco em vez de viver em Fair Haven, que definitivamente tinha quartos suficientes, mas desde o começo Killian fizera do barco de pesca seu lar.

— Quem era no telefone? — ela se interessou, soltando o abraço.

— Sua irmã — ele respondeu, deitando-se novamente no travesseiro e dobrando os braços atrás da cabeça, com olhar pensativo no rosto. A franja escura cobria um olho, e ele a empurrou sem paciência.

— Ingrid? O que ela queria? — Freya se apoiou em um cotovelo.

— Eu emprestei umas plantas da casa há um tempo para a exposição de arte. Parece que elas sumiram — explicou Killian. — Ela não disse isso, mas deu para imaginar.

— O que essas plantas têm de especial? Bran perguntou sobre elas outro dia — disse Freya, puxando as bolinhas do lençol. — Ingrid disse que achou algo interessante nas marcas de articulação do projeto nessas plantas. Há algum tipo de código que ela quase decifrou, que tem alguma importância histórica. — Ela estava tagarelando e tentou mudar de assunto, pois estava falando de Bran na cama de Killian.

Killian ergueu as sobrancelhas.

— Você falou com o Bran?

— Ontem. — Ela se deitou e puxou as cobertas sobre o rosto.

— Ei — ele disse, afastando as cobertas com suavidade.

— Não sei o que estou fazendo aqui. — Ela sacudiu a cabeça e não conseguia olhar para ele.

— Você sabe sim.

— Olha, eu tenho que ir — Freya levantou-se para poder vestir as roupas.

— Não vá. — Ele começou a beijar seu pescoço, beijos leves de borboleta que eletrizavam cada sentido em seu corpo. — Você acabou de chegar.

Freya teve uma sensação de *déjà vu* — ela não tinha passado pela mesma situação com Bran há pouco tempo? E agora estava em uma cama diferente, com um irmão diferente.

— Killian, qual é? Eu cheguei aqui há quatro dias. — Ela empurrou os braços dele com gentileza.

— Eu te amo — sussurrou ele. Ele estava inclinado para frente de modo que a cabeça repousava nos ombros dela e as mãos cobriam seus seios delicadamente, fazendo-a sentir calor por toda parte.

— Você não tem permissão de dizer isso — ralhou ela. — Já falei. Nada vai mudar. Ainda vou me casar com o Bran em setembro. — Ela mordiscou o lábio.

— Não faça isso com nós dois — pediu Killian, segurando o ombro dela com firmeza.

— Não há nós dois, Killian. Nunca houve.

— Não diga isso — falou ele, desesperado.

— Pare, você está me machucando — disse ela. Seu coração estava se partindo, assim como o dele. Ela o amava tanto. Era amor o que ela sentia por ele, profundo, duradouro e enraizado, um poderoso fogo branco, e mesmo assim era errado. Ela sabia que era errado, que ficar com ele era errado. Se ela o tivesse conhecido primeiro. Se... Mas era tarde demais agora. Ela e Bran se encontraram, e ela prometera a Bran que se casaria com ele, e ela ia mesmo se casar com ele. Era a coisa certa a fazer, era o que devia fazer. Ela não podia mudar o seu destino.

Killian levantou-se e começou a andar pelo quarto, passando as mãos pelo rosto, parecendo perdido, confuso e ansioso.

— Freya, por favor — foi tudo o que ele disse.

— Isto é... isto é apenas um erro — ela lhe disse, fechando o jeans e vestindo a blusa. Enfiou os pés de volta nos tênis. — Sinto muito, Killian. Sinto mesmo. Mas eu disse desde o começo que não era uma boa ideia.

DEPOIS DE SAIR DO BARCO, Freya precisou caminhar um pouco para desanuviar a cabeça. Não queria continuar a pensar em Killian e vagou sem destino por algumas horas. Surpresa, percebeu estar praticamente no centro da cidade, perto da delegacia de polícia, um predinho próximo à prefeitura. Já que estava ali, pensou em perguntar sobre o progresso feito na investigação do

desaparecimento de Molly Lancaster, talvez perguntar se ela poderia conversar com algum daqueles garotos, ver se conseguia sentir alguma coisa vindo deles. Embora estivesse bem confiante de que não era possível que sua poção tivesse desempenhado algum papel no que acontecera com Molly, ela começava a cogitar a possibilidade de que talvez algo em sua magia pudesse ter dado errado e queria ver se poderia fazer algo para ajudar. Embora não acreditasse que os garotos tivessem algo a ver com o desaparecimento de Molly, ela sabia que era minoria. Muitas pessoas na cidade já resmungavam que os garotos tinham recebido tratamento preferencial do promotor distrital.

A delegacia estava no seu terrível caos de sempre.

— Ei, Freya — Jim Lewis, um dos policiais, a cumprimentou com um sorriso. — E aí?

— Resolvi dar uma passada por aqui, ver como está o caso Lancaster.

— Ah, não posso falar sobre isso agora — ele disse, balançando a cabeça.

— Você não pode ou você não quer, Jim? Qual é, sou eu. Lembra como ajudei a capturar aquele ladrão de bicicletas? — Freya tentou persuadi-lo.

— Eu sei, garota. Mas isso é diferente.

— O que está acontecendo? — ela perguntou, ao notar todos os detetives aglomerados em volta do cubículo de Matt Noble. — Aquela é a Corky Hutchinson? Aconteceu algo com o Todd?

— Não posso falar. Não posso falar. — Jim tamborilou os dedos no balcão de recepção. — Mas vou falar sobre o caso Lancaster. Parece que um desses universitários vai ceder. Logo haverá uma prisão, pode aguardar.

AO VOLTAR para a casa, Gracella praticamente lançou-se sobre ela no minuto em que ela entrou pela porta.

— Sinto muito por incomodar, Senhorita Freya, mas é o Tyler.

— Claro, não é incômodo nenhum. O que aconteceu?

A governanta torceu a camurça que segurava.

— Ele está com febre muito alta, desde a noite passada. Pensei talvez em levá-lo para o hospital, mas eu tenho medo. O Hector saiu e...

Freya seguiu a mãe ansiosa até o chalé. O quarto de Tyler era no segundo andar, um lugar alegre, cheio de figuras de desenho animado no papel de parede, cujas prateleiras estavam abastecidas com brinquedos de todas as formas e tamanhos. Os soldadinhos de brinquedo estavam amontoados em uma pilha, os fantoches permaneciam quietos no baú. O conjunto de trem estava silencioso e à espera. Em uma cama em forma de carro de corrida, Tyler estava enrolado em um acolchoado, como uma tartaruginha. Ela ficou chocada em encontrá-lo tão mudado em tão poucos dias. Ele perdera muito peso e não tinha cor nenhuma nas bochechas.

— Oi, garoto — ela disse com delicadeza, colocando a mão na testa do menino. Estava queimando. — Sim, vamos levá-lo ao hospital agora. Não há por que esperar — ela disse a Gracella. — Eu dirijo.

Elas acomodaram o garoto no banco traseiro.

— Ele vai ficar bem; vou ligar para Joanna assim que o deixar lá — Freya disse, enquanto conduzia mãe e filho pelas ruas desertas de North Hampton até o pequeno hospital do município. — Eu prometo — acrescentou, mesmo sabendo que não tinha direito de prometer coisa alguma. Freya sabia tão bem quanto sua irmã o limite dos poderes da mãe, especialmente quando se tratava daqueles que ela amava.

capítulo trinta e dois

Um ladrão na noite



Mais tarde naquela mesma noite, Ingrid teve um sonho. Começou quando percebeu não estar sozinha na cama. Sentiu um grande peso sobre seu corpo e então um puxão na calça do pijama. Ela se remexeu e tentou erguê-la, mas descobriu que não conseguia, e agora sua blusa estava sendo desabotoada, sentia o ar frio na pele e não estava certa do que acontecia — onde estava seu cobertor? Então surgiu uma mão em sua boca e ela foi despertada subitamente, mas não conseguia gritar. Não conseguia nem mesmo abrir os olhos.

Havia um homem sobre ela, as mãos eram quentes e macias, o corpo dele pesava sobre o dela, as mãos estavam no peito dela, e ela estava nua embaixo dele; lutou contra o peso mas não havia nada que pudesse fazer, estava imobilizada e desamparada, então ele começou a pressioná-la com seu corpo, agora ele estava dentro dela e se movia tão vagorosamente. Ela queria gritar, mas não conseguia, porque ele a beijava com tanta doçura e o corpo dela respondia ao toque dele e ela não conseguia se conter. Ela estava úmida, ele estava rijo, e era bom. Era tão bom estar embaixo de um homem, ser possuída e amada, embora isso não fosse amor.

De repente, seus olhos se escancararam e ela conseguiu vê-lo.

O rosto belo e delicado, cabelos preto-carvão e olhos azuis esverdeados. Ele agia com mais violência agora... Suas mãos estavam em volta do pescoço dela, e ele a estrangulava, pressionando fundo, fazendo-a ofegar enquanto ele a empurrava implacavelmente rumo a um clímax... Isso estava *realmente*

acontecendo... Killian tentava matá-la... Ela podia sentir seu espírito começar a oscilar e bruxulear na Ligação... Ela ia morrer — não! — ela não ia... ela não deixaria aquilo acontecer... Com toda a sua força, Ingrid dobrou o joelho e o empurrou contra o peito dele; foi o suficiente para desequilibrar seu invasor, e ele soltou o aperto em seu pescoço.

Ingrid abriu a boca para gritar...

E acordou.

Dessa vez ela realmente estava acordada.

Foi tudo um sonho, afinal. Ingrid sentou-se na cama, ofegante e trêmula; ela estava completamente vestida e sozinha, mas as costas de sua blusa estavam cobertas de suor. Mesmo assim, foi só um sonho. Um pesadelo. Ela tinha sonhado que Killian Gardiner a tinha estuprado e tentado matá-la, e tudo tinha parecido tão real que ela se sentiu enjoada — excitada, confusa e violentada ao mesmo tempo. Pensou que fosse morrer.

O que tinha acontecido?

Uma visão? Uma mensagem?

Então ela entendeu.

Tudo fazia sentido agora. A ansiedade estranha e agitada de Freya em sua festa de noivado, as flores queimadas, os cabelos desalinhados, seus longos silêncios e ausências sem explicação, suas bochechas coradas e semblante ansioso. Ela pensou no jeito que sua irmã agira durante todo o verão — sonhando acordada, distraída, confusa e então mordaz e brusca. Isso não era característico de Freya. Algo havia acontecido, mais especificamente, *alguém* tinha acontecido para ela. Exatamente como antes. Óbvio, tudo fazia sentido agora.

Ingrid saiu da cama e vestiu o roupão. Olhou para o relógio. Era apenas meia-noite e meia. Freya ainda estava fora na noite, mas Ingrid achava que sabia exatamente onde encontrá-la. As irmãs tinham se visto brevemente quando Freya retornou do hospital. Ingrid também estava preocupada com o menino e esperava que sua gripe não piorasse ainda mais. Ela não conseguia imaginar outra possibilidade. Mesmo que Freya não pudesse mais trabalhar no North Inn, ela não conseguiu ficar longe de lá e agora era uma das

melhores clientes. Ingrid não frequentava o North Inn regularmente, mas não tinha nada contra bares e entendia os prazeres que eles ofereciam: companhia alegre, o conforto de uma bebida bem-feita e a excitação de um bom *jukebox* no ouvido. De vez em quando, ela e a turma da biblioteca iam para lá nas noites de sexta, mas, como Tabitha engravidara e Hudson tentava a última moda em dieta de desintoxicação, eles não visitavam o bar há algum tempo. Ela entrou no salão lotado e acenou para alguns rostos familiares.

— Você quer alguma coisa, querida? — perguntou Kristy. A *bartender* longilínea jogou um pano sobre os ombros e aguardou o pedido de Ingrid.

— Não vou querer nada hoje, obrigada. Só estou procurando minha...

Houve uma grande algazarra da outra ponta do balcão, e Kristy deu de ombros.

— Ela está em boa forma hoje. Eu avisei que se ela não se acalmasse eu acabaria com ela em um instante — disse ela, fazendo um movimento de cortar diante do pescoço. — Ela não quer me dizer o que há de errado, mas está se afogando na tequila.

Ingrid concordou com a cabeça. Tequila era a resposta de Freya a qualquer problema emocional. Ela olhou para onde a comoção ocorria e encontrou a irmã virando bebidas e gritando as respostas das questões de adivinhação enquanto chupava metades de limão.

— Freya!

— Inge! O que você está fazendo aqui? — Freya perguntou, parecendo surpresa, mas feliz em vê-la. Ela agarrou Ingrid em um abraço de urso, e Ingrid sentiu o álcool em seu hálito.

Ingrid não perdeu tempo. Inclinou-se próxima ao ouvido da irmã e sussurrou irritada:

— Você está tendo um caso com Killian Gardiner?

Freya ficou sóbria rapidamente depois daquilo.

— NÃO NEGUE! — Ingrid alertou enquanto levava a irmã para casa. Freya tinha implorado para terminar suas bebidas, mas Ingrid não

permitiu. Agora as irmãs estavam sentadas no carro, Freya olhava pensativa pela janela enquanto Ingrid se enfurecia ao volante.

— Não estou negando — Freya disse, um pouco insolente. Claro que Ingrid descobriria sobre ela e Killian. Ela esperava isso acontecer; a única coisa surpreendente sobre esse desdobramento era o tempo que Ingrid demorou para chegar a essa conclusão. A irmã costumava descobrir todos os seus segredos antes mesmo que ela os soubesse.

Ingrid olhou enviesado para ela.

— Eu senti.

— Epa! Nem me conte como! Você teve um daqueles sonhos assustadores?

— Assustador não é o bastante. — Ingrid se arrepiou ao se lembrar das mãos geladas ao redor de seu pescoço e de como sentiu o corpo dele no dela. Ela sacudiu a cabeça. — O que você está fazendo? Pensei que estivesse apaixonada pelo Bran, que você achava que ele é o homem da sua vida.

— Eu sei. Eu disse ao Killian essa tarde que as coisas entre nós acabaram. Terminei tudo. — Freya soluçou.

— Bom. — Ingrid olhou para sua irmã pelo canto do olho, de modo que ainda pudesse manter o olhar no trânsito. — É melhor assim, Freya. Lembre-se do que aconteceu da última vez que você se casou.

Freya não respondeu, e elas ficaram em silêncio por um tempo na estrada escura e deserta.

— Estou com medo — Ingrid disse finalmente. — Tive um dia horrível. Uma pessoa me chamou de bruxa nessa tarde, na frente de todos do trabalho.

Freya se sobressaltou.

— Nossa!

— Corky Hutchinson. Eu sabia que não devia dar aquele nó idiota para ela. Ela não ia mantê-lo em casa. Merda! — Ingrid nunca falava palavrões, mas estava aborrecida e chateada. — Desculpe.

— Não é sua culpa. — Freya a tranquilizou. — Nós sabemos que sua magia não funciona assim. Seu nó não matou Todd. Ele mesmo se matou, Ingrid. Ninguém sabe por quê.

— Não sei... — Ingrid mordiscou o lábio inferior. — Quero acreditar que eu não podia fazer nada, mas eu estava tão chateada. Ele ia destruir a biblioteca... E se eu não pretendia fazer isso, mas mesmo assim aconteceu? Faz tanto tempo que não pratico magia, posso estar enferrujada. Eu posso tê-lo dobrado do modo errado sem querer. — Ingrid sentiu um terror gélido afundando no estômago. E se, mesmo não pretendendo praticar magia negra, ela tivesse feito isso? Não havia regras quanto a esse assunto. Qualquer coisa podia acontecer. Ela poderia ter matado Todd. Talvez ela o tivesse matado.

— Você está sendo paranoica. — Freya a confortou. — Você não enfeitiçaria nem uma mosca. De jeito nenhum você pode ser culpada pelo que aconteceu com ele.

— Mas eu estava tão brava... e Corky, ela gritou isso, na frente de todos. Ela me chamou de bruxa! Quase todos na cidade já foram me ver, Freya. Eles acreditam que eu faço magia. Eles a viram funcionar com eles.

— E daí? — Freya deu de ombros.

— E daí? Você não se lembra do que aconteceu na última vez em que praticamos magia abertamente?

Freya começou a desenhar na condensação formada pelo ar-condicionado na janela.

— Sério? É isso que a preocupa? Esta é North Hampton! E da última vez que verifiquei, o calendário dizia que estamos no século XXI. Eles podem achar que você curou suas dores e aflições e fez alguns problemas complicados irem embora, mas sério? Você acha que eles *realmente* acreditam em magia? De jeito nenhum. *Ninguém* mais acredita em nós. Estamos seguras — Freya enfatizou. — Olhe ao seu redor, este é um mundo de ciência e tecnologia, de computadores e aparelhos eletrônicos. Eles têm iPads, GPS e micro-ondas. Sequer se preocupam com a morte, porque, segundo eles, você pode derrotar o câncer só comendo tofu! Não é como antigamente.

— Espero que você esteja certa.

Freya abriu a janela para sentir a brisa do mar.

— Tenho certeza que sim.

Ingrid parou o carro com um ruído, e a cabeça de Freya bateu no painel.

— Ops, desculpe — disse Ingrid. — Tem mais uma coisa que eu venho querendo contar para você. Sabe aquele cara que a mamãe salvou da morte? Lionel Horning?

— Sim? O que tem ele?

— Bem, ele está desaparecido — disse Ingrid. Ela não podia acreditar que tinha se esquecido de mencionar isso até aquele momento, mas ficou tão confusa com as ações de Corky Hutchinson naquela tarde e com o sonho terrível que tivera à noite que aquilo lhe escapou completamente.

— Como assim, desaparecido?

— Emily passou lá, disse que ele vinha agindo de modo estranho, falando sobre uma trilha na montanha, sobre como ele não pertencia a esse lugar, e que ele estava levando algumas pessoas com ele.

— O quê?

— Eu sei. Parece que ele pode estar se transformando em um zumbi. — Ingrid suspirou. Como Freya, ela sabia que quando uma alma humana tinha passado uma quantidade considerável de tempo na Ligação, havia o risco de o corpo físico não aceitar sua ressurreição se a alma e o corpo tivessem se separado por muito tempo. Isso raramente acontecia, Joanna era boa demais em seu trabalho, mas não eram desconhecidos casos de mortos que voltavam à vida apenas para sucumbir a um caso grave de zumbitite. Freya respirou fundo.

— Você não acha que ele teve algo a ver com a Molly...? — ela questionou.

— Não sei... quer dizer, Lionel não é violento. A não ser que Helda tenha colocado mais de si mesma nele antes que a mamãe o tirasse da Cidade dos Mortos.

— Desde quando ele está desaparecido?

— Desde o fim de semana do Quatro de Julho. A mesma noite em que Molly Lancaster desapareceu.

— Ai, meu Deus!

— Tem outra coisa. — Ingrid prosseguiu, girando os polegares. Ela empurrou os óculos no nariz. Na pressa para achar a irmã, ela se esquecera de colocar as lentes de contato. Os óculos de armação preta faziam-na parecer mais velha que era; Ingrid odiava usá-los, considerando que ela já se parecia demais com a clássica bibliotecária de cidadezinha.

Freya virou-se para a irmã.

— Há algo mais além de um possível zumbi à solta em North Hampton?

Ingrid tentou não parecer encabulada demais.

— Logo depois do fim de semana do feriado...

— Sim?

— Alguém veio me visitar. Um dos Anjos Caídos.

Freya a encarou.

— Um vampiro veio visitá-la e você não me contou? Por que não?

— Não achei que fosse importante. — Ingrid suspirou. — Sei lá. Fiquei com vergonha. Não consegui fazê-la ir embora, então eu a ajudei. Eu sei as regras, não devemos ter nenhuma relação com eles. Mas ela pediu ajuda, e eu ajudei.

— Quando foi isso?

— Eu disse, logo depois do Quatro de Julho. Ela falou que ficou na cidade o fim de semana inteiro, mencionou ter visto você no North Inn na sexta à noite.

Freya tentou se lembrar. Ela não teria notado uma vampira em seu bar? A última vez em que ela tinha entrado em contato com os Anjos Caídos foi com um garoto que havia curado em Nova York no último outono, pouco antes de ter voltado a North Hampton, e com um susto ela percebeu que pôde ter tido um vislumbre dele mais tarde em algum lugar — foi no North Inn? Qual era seu nome mesmo — Oliver? E ele não estava com uma loira platinada? O que era essa nova vampira? Estava tudo tão nebuloso. No entanto, foi naquela noite que as coisas começaram a rolar com Killian. Não era surpresa que ela não tivesse prestado atenção.

— Quem era ela? A loira? — ela perguntou.

— Azrael.

— Interessante. Então, o maldito Anjo da Morte surge na cidade bem quando uma garota desaparece e nosso prefeito aparece morto!

— Mas por que ela se importaria com eles? — Ingrid questionou. — Você sabe que os Anjos Caídos estão presos àquele Código deles. Eles não devem provocar danos a humanos, e não há mortes humanas atribuídas a eles há séculos. Simplesmente não faz sentido... — Então seu rosto empalideceu. — Espere um pouco... Eu falei a ela da Emenda de Orfeu... que ela precisaria sacrificar uma alma para Helda em troca da que ela queria de volta, e ela disse que já sabia dessa parte, que estava preparada para isso. — Ingrid parecia aterrorizada. — Você não acha que Azrael possa ter levado Molly, acha? Ou Todd?

— Qualquer coisa pode ter acontecido — disse Freya. — Especialmente com zumbis e vampiros por aí. Só falta você me dizer que o papai está de volta.

— Na verdade... — Ingrid mordeu os lábios. — Deixa para lá. — Freya pareceu não entender, então Ingrid seguiu em frente. — Então, o que você acha que devemos fazer? — Em tempos como aqueles, ela se voltava para a irmã para ação e liderança. No fundo, Ingrid era uma vidente, alguém que estudava e analisava situações; ela gostava de pôr os fatos na mesa e deixar outra pessoa tomar as decisões difíceis.

— Primeiro vamos fazer uma visita a Azrael. — Freya decidiu. — Depois procuramos Lionel.

capítulo trinta e três

Esconderijo seguro



— **A**chei que mamãe tinha mandado destruir todos os túneis — disse Ingrid. Elas estavam em pé diante da porta do armário de Freya. Tinham dirigido de volta para casa em vez de ir para a cidade, por ordem de Freya. — Sério que ainda tem um aqui?

Freya pôs as mãos nos quadris e deu um sorriso malicioso.

— Ela guardou as varinhas, Ingrid. Não acha que ela pode ter mantido algumas outras coisas? — Ela abriu as portas, tocou na varinha, e uma luz emanou da ponta, guiando o caminho. — De qualquer jeito, é tão ridículo. Por que eu teria que viver em um predinho sujo em Nova York quando tínhamos isso o tempo todo?

Cada moradia de bruxa automaticamente gerava caminhos mágicos que as bruxas poderiam usar para viajar distâncias longas que seriam muito cansativas de vassoura. Mas, quando a casa em North Hampton foi construída, o Conselho ordenou que fossem destruídos como parte da restrição. Freya sempre suspeitara de que Joanna tivesse mantido um, como medida de segurança e, algumas décadas atrás, descobriu estar correta em sua suposição. Ela foi na frente, passando pelos cabides de casacos e peles e pela placa feita por ela que dizia, “Procurando por Nárnia? Você está no Universo errado”, até elas se virem no antigo apartamento de Freya em Nova York.

Como estava conectado a North Hampton, assim como à cidade, o apartamento ficava ligeiramente deslocado do tempo; então, enquanto no mundo físico ele tinha apenas algumas dezenas de metros quadrados, ele também era uma mansão enorme com

lareira, uma bela cozinha e mobília inglesa de campo muito elegante.

— Legal, né? — Freya sorriu. — Nestes tempos você não consegue esse tipo de coisa no mercado pelo preço que paguei.

— Então, enquanto nós vivíamos do trabalho pesado e não podíamos nem mesmo usar magia para lavar a louça, você estava morando aqui todos esses anos? Não é de se espantar que nunca tenha voltado para casa.

— Ei, eu descobri o túnel que levou a esse esconderijo. A mamãe deve tê-lo mantido caso algum dia precisássemos sair de North Hampton. Útil, não é? — Freya sorriu. — Que saudades deste lugar. Usei um dos antigos feitiços dela para redecorar. Imaginei que a restrição só se aplicava à magia nova.

— Tudo bem, então. Como fazemos para encontrar uma vampira nesta cidade? — Ingrid perguntou, acenando com aprovação para o ambiente luxuoso. — Acho que eles não estão registrados na lista telefônica.

— Na verdade, estão — Freya retrucou, ligando o computador e sentando-se à escrivaninha. — Os Anjos Caídos governam Nova York. Vamos ver o que podemos encontrar. — Ela digitou o nome de Mimi na ferramenta de buscas.

Como Mimi era a bela e estilosa filha de um dos homens mais ricos da cidade, talvez do mundo, havia muitas ocorrências sobre sua vida social frenética, inclusive inúmeras menções nos tabloides e colunas de fofoca. Havia artigos documentando sua rotina de beleza, seus hábitos alimentares, que clubes ela frequentava atualmente. No entanto, a internet não revelava nenhum detalhe privado. Como muitos dos ricos e famosos que viviam dentro de um casulo de privacidade raro às pessoas comuns, as propriedades e bens dos Force eram em sua maioria “escondidas” por uma rede de procuradores e advogados.

— Se quiser saber o que ela vestiu na semana passada para ir a alguma festa, eu posso dizer, mas acho que não vamos encontrar o endereço. — Freya observou, dando tapinhas de frustração no teclado.

Ingrid se empoleirou no braço da cadeira de Freya e espiou a tela.

— Bem, então, se não vamos conseguir encontrá-la dessa forma, a melhor aposta é tentar emboscá-la em uma dessas festas.

— Você é um gênio, sabia. É por isso que somos parentes. — Freya sorriu, entrando em um site que listava os eventos sociais marcados para aquela semana. — Aqui. O Comitê do Banco de Sangue tem algum tipo de festa amanhã à noite, que tecnicamente é hoje à noite, pois já é amanhã. Todos os Blue Bloods com certeza estarão lá, inclusive Mimi. É a pequena caridade preferida deles para manter o suprimento de sangue limpo. — Ela bocejou. Ingrid tinha ido buscá-la no bar por volta da meia-noite e já eram as primeiras horas da manhã. — Vamos dormir um pouco para ficarmos prontas para a emboscada. Se Azrael pegou mesmo a Molly, ela não vai devolvê-la facilmente.

FREYA TEVE UM sono irregular, agitando-se e virando na cama. Ela podia ouvir Ingrid roncando no quarto de visitas, mas esse não era o motivo da insônia. Ela não conseguia parar de pensar no estranho sonho de Ingrid sobre Killian — sua irmã não divulgaria mais detalhes, mas ela captou a essência, e isso a incomodava. Por que Ingrid sonharia que Killian queria matá-la? Ele gostava de Ingrid, até onde Freya sabia; ela não conseguia ver como ele poderia desejar que ela fosse prejudicada... exceto... mas isso aconteceu há tanto tempo, não era possível que ele ainda tivesse isso contra ela?

Quando não estava se preocupando com isso, ela não conseguia parar de agonizar sobre como tinha terminado com ele antes. As coisas tinham acabado mesmo entre eles? Ela não conseguia suportar a ideia de nunca mais vê-lo, mesmo que provavelmente fosse melhor assim. Bran voltaria para casa logo; ele prometeu que, depois que seu grande projeto de verão estivesse finalizado, deixaria a parte de viagens de seu trabalho para outros. Ela não poderia mais manter a fachada e as mentiras. Estar apaixonada por dois homens ao mesmo tempo não era o que ela tinha pedido ao começar esse relacionamento. Tinha que parar de agir e começar a pensar; ela se deixara levar pela corrente sem se preocupar com as consequências por tempo demais. Como concordar em se casar com Bran em

apenas um mês, ou transar com seu irmão depois de acabar de conhecê-lo na festa. Ela tinha que organizar sua vida e se comprometer com a direção escolhida, o que significava se casar com Bran em setembro. As coisas estavam ótimas até ela conhecer Killian. Ela estava feliz, estava apaixonada, e então ele entrou na história, mas ela lembrou que fora ela mesma quem permitira que ele entrasse na sua vida.

Finalmente ela se deixou embalar pelo sono assim que a manhã nasceu e, quando acordou, a tarde já tinha chegado. Ouviu Ingrid zanzando no *closet*, examinando os cabides de roupas.

— Que horas são? — ela perguntou à irmã.

— Cinco horas. Você dormiu o dia inteiro. Vamos, levante-se, a festa começa às seis. Quero chegar cedo.

Freya esfregou os olhos e saiu da cama vagarosamente. Foi até a cozinha e se serviu de uma xícara de café de um bule que Ingrid havia preparado.

— Você tem algo que não seja transparente, curto ou de frente única? — Ingrid perguntou, procurando em vão algo que pudesse vestir. Muitos vestidos de Freya preenchiam os três requisitos. — Você está ciente de que se veste como uma...

— Puta? — Freya sugeriu animada, bebericando o café e se sentindo subitamente desperta. Ela se juntou a Ingrid no exame do closet e começou a vasculhar suas coisas. — Não, você não vai achar nada aqui que não revele alguma parte do corpo, e não, nunca recebi uma reclamação sobre como me visto. Puxa, você é pior que a mamãe — recriminou Freya, tirando o roupão e entrando em um vestido preto minúsculo.

Ingrid soltou um gemido escandalizado.

— Não diga "puta"; é vulgar.

— Dama da noite, então? — Freya riu, deixando sua irmã se afligir procurando um vestido sozinha. Ela se sentou à penteadeira e começou a aplicar a maquiagem.

— Que tal este? — Ingrid perguntou, saindo para mostrar o que tinha encontrado. Ela usava um vestido escuro simples, com mangas longas e a bainha mais comprida. — Tive sorte em encontrá-lo. Não achava que você tinha algo que cobrisse os braços.

— Você parece uma freira — recriminou Freya enquanto pincelava as bochechas com blush. — Comprei isso para uma festa à fantasia. Estamos em Nova York, Ingrid, e essa festa é na cobertura do hotel Standard. Você não pode aparentar ter vindo direto do interior. Além disso, é agosto. Você vai cozinhar aí dentro.

— Mas eu me sinto mais confortável assim.

— Freira.

Ingrid examinou o decote vertiginoso de Freya com um olhar cético.

— Tem certeza de que não colocou o vestido de trás para frente?

— Você é hilária. Vamos — disse ela, tirando o excesso do batom com um lenço de papel. — Tente não me envergonhar.

capítulo trinta e quatro

Os vampiros de Manhattan



O Hotel Standard localizava-se no extremo oeste da cidade, junto ao rio Hudson. Ingrid não era de frequentar eventos da moda, assim a visão dos imensos seguranças tipo gorilas e de uma barracuda com vestido de noite preto empunhando uma prancheta na entrada a deixou um tanto nervosa.

— Você acha que vamos conseguir entrar? Na verdade, não temos convites — sussurrou Ingrid. — E aquela lá se parece com o Fafnir de saia — disse ela, referindo-se ao lendário dragão que zelosamente guardava um tesouro de ouro.

— Relaxe, aquela lá é apenas a recepcionista da porta; elas vêm com o território. Ela não tem poder algum sobre nós — respondeu Freya, caminhando com confiança até a corda de veludo. — Freya e Ingrid Beauchamp, estamos aqui para a festa do Banco de Sangue. Você não precisa verificar a lista.

— Viu só? — Freya riu, conforme a corda de veludo era desenganchada, e elas se dirigiram para os elevadores que as levariam até a cobertura. A festa já estava em andamento, a hidromassagem interna borbulhando. Ingrid tentou não encarar as meninas na banheira, algumas pareciam ter perdido a parte de cima do biquíni, era difícil dizer com as bolhas na água. Era uma cena diferente do ambiente sério habitual de North Hampton; os vampiros eram de tirar o fôlego, vestidos de linho branco, com rostos pálidos entediados, e Ingrid se sentiu um pouco deslocada com o vestido de mangas compridas.

— Vamos pegar uma bebida — sugeriu Freya, dirigindo-se ao balcão comprido e preto e pegando rapidamente duas taças cheias de martíni. Ingrid deu um gole.

— Que é essa espuma salgada? — ela perguntou, enxugando os lábios com um guardanapo.

— Beba — respondeu Freya, olhando para a multidão, procurando pela princesa-vampira. — Você a vê em algum lugar?

Ingrid balançou a cabeça.

— Milhares de Blue Bloods e seus familiares, mas nada de Azrael.

— Ela tem que estar aqui em algum lugar — insistiu Freya. — Ela deveria ser a *anfitriã* desta festa. — Embora como já tivesse morado na cidade, ela sabia que nomes em negrito em convites não significavam necessariamente a presença das pessoas na festa; era um daqueles acordos sociais implícitos.

Em toda a cobertura, pequenos grupos se reuniam sobre grandes blocos cor de laranja em forma de lírios, sobre a grama sintética do piso. Alguns se divertiam com os telescópios instalados na borda. A vista da cidade era deslumbrante, mas Freya ficou mais fascinada pela visão de um rosto familiar, que a fez estancar sobre seus saltos agulha.

— Aonde você vai? — Ingrid quis saber.

— Já volto — respondeu a irmã, indo em direção ao homem de cabelos escuros que falava atentamente com uma morena alta em uma das mesas de coquetéis. A mulher exibia uma beleza fria e imponente, Freya pensou que ela parecia um pouco familiar, mas não sabia de onde.

— Bran?

Ao ouvir seu nome, ele ergueu o olhar, e sua confusão logo se derreteu em um sorriso. Vestia um blazer azul com costuras esgarçadas e uma camisa de algodão desbotada.

— Freya! O que faz aqui? — Ele se desculpou com a companheira, levantou-se, conduzindo Freya para o lado.

— Eu poderia perguntar a mesma coisa.

Ela não queria sentir ciúmes, mas o ciúme se infiltrava em cada parte do seu corpo. Quem era aquela mulher que estava com ele? Por que Bran falava com ela de forma tão intensa? Parecia estar

brigando, e a mulher tinha um ar possessivo sobre Bran, que Freya não gostou muito.

— Você está em Nova York? Pensei que estivesse na Ásia.

— Acabamos de voltar, um dos membros do Conselho não conseguiu ir, então decidimos vir para cá e fazer a reunião nos escritórios do Rockefeller Center. É muito bom te ver — disse ele, sorrindo. — Por que está por aqui?

— Ingrid tinha alguns assuntos a resolver e pensei em vir junto. — Era muita coisa a explicar e, pela primeira vez, ela se sentia tímida perto dele. Depois de longa saudade, era estranho estar na presença dele novamente, como se ele não fosse muito real. Queria beijá-lo, ou tocar o rosto dele, mas não conseguiu. Não suportaria se ele soubesse o que fizera em sua longa ausência, dormindo com o irmão, traíndo todas as promessas feitas desde o início.

— Vamos voltar para Jacarta amanhã para a apresentação, mas vou dizer que eles podem seguir sem mim — informou ele, como se pudesse ler sua mente.

— Não, não... não faça isso. Só estou aqui por uma noite e não quero afastá-lo do trabalho. — Ela se obrigou a parar de parecer indiferente e o beijou ardentemente. Ele suave e estava nervoso, tão fofo. — Vá sim; você estará de volta à cidade na próxima semana. Daí eu vejo você. Na verdade, tenho que ir embora.

— Tem certeza? — Bran parecia confuso e magoado. — Você pode esperar um minuto? Eu tenho que falar com Julia sobre o projeto, ela é uma de nossas analistas, mas quero ficar mais tempo com você. — A mulher com quem ele estava os olhou com impaciência e caminhou na direção deles. Ele olhou por cima do ombro e ergueu um dedo.

— Não se preocupe comigo... A gente se vê quando você voltar, tudo bem? — disse Freya, aliviada por não haver motivo para ciúmes, afinal. Bran estava, como sempre, envolvido com o serviço. Beijou-o pela última vez e se afastou à procura da Ingrid e a encontrou conversando com um grupo de Blue Bloods.

— O Bran está aqui — sussurrou. — Mas tudo bem, ele está com os figurões de caridade. Falei que o veria lá em casa.

— Estão procurando a minha filha? Desculpe interromper. — A *socialite* Blue Blood que se dirigiu a elas era nobre e elegante, com um modo majestoso de falar.

— Sou Trinity Burden Force — declarou, olhando para as duas sutilmente. — Freya e Ingrid Beauchamp, as feiticeiras de East End. A que devemos o prazer?

— Mimi visitou nossa cidade e se encontrou com a minha irmã. Precisamos perguntar algo para ela — explicou Freya. — Sabe onde podemos encontrá-la?

— Terá que ir ao Cairo, ela saiu da cidade outro dia com seu conduto humano. Disse ter assuntos pendentes no Egito que eram mais importantes que a formatura do ensino médio. Não, não sei quando ela voltará, ela tem uma programação própria e não me informa qualquer mudança — Trinity sorriu irônica. — Como sua mãe pode confirmar, sou a última a saber.

— Ótimo — avaliou Freya, quando Trinity se foi. — Se Mimi levou a Molly, agora elas estão do outro lado do mundo, e ela já pode tê-la entregue a Helda em troca de qualquer um que ela queira tirar de lá. Em quanto tempo você acha que chegamos ao Cairo?

Ingrid balançou a cabeça.

— Não temos tempo agora. Vamos resolver isso depois. Agora, precisamos encontrar Lionel. A Emily acabou de me enviar uma mensagem. Ela acha que pode tê-lo visto na fazenda.

— Que alívio — suspirou Freya.

— Não, você não entendeu — todos os animais da fazenda deles estão mortos, e ela acha que o Lionel pode tê-los matado.

capítulo trinta e cinco

O pacto dos mortos



Lionel Horning e Emily Foster moravam em um antigo casarão em terras que antes faziam parte da fazenda de gado leiteiro dos avós, e os dois artistas tinham uma pequena criação com galinhas, cabras e uma vaca leiteira. Lionel converteu a casa em um espaço tipo *loft*, onde moravam e trabalhavam. Quando as irmãs chegaram, Emily as recebeu com um chá com biscoitos.

— Obrigada por virem logo. — Como voltaram tão rápido? Achei que a Ingrid disse que você estava em Nova York? — perguntou ela, enchendo as xícaras de chá.

— Estávamos voltando quando você ligou — explicou Freya. Não havia necessidade de explicar como o armário em seu quarto tornava a viagem de North Hampton a Nova York tão fácil quanto cruzar o corredor.

— Quando você descobriu os animais? — Ingrid a interrogou.

— Esta tarde, quando fui completar a água das galinhas. — As mãos de Emily tremiam tanto que a xícara balançava no pires. — Eu pretendia chamar o serviço de zoonose, mas pensei que quisessem dar uma olhada antes.

— Nada como estar aqui. Vamos lá — decidiu Freya com impaciência, se levantando. A atitude de Emily Foster era tão ao estilo de North Hampton, oferecer chá e bater papo quando elas precisavam descobrir se o marido se transformara em um zumbi sedento de sangue. Emily as conduziu pela porta dos fundos em direção ao celeiro.

— Espere... O que é isto? Vocês estão ouvindo? Parece água escorrendo, abaixo do solo. — Abaixando, Freya tocou o chão, a terra parecia úmida e o barulho ficou mais alto.

— Parecem ondas — concordou Ingrid.

— É o rio subterrâneo que corre exatamente abaixo do celeiro — esclareceu Emily. — Foi construído um poço neste local na década de 1850. Não sei como consegue ouvir a água. Eu nunca consegui escutar nada. Lionel dizia que podia ouvi-la enquanto pintava, mas ele costumava dizer muitas coisas — comentou Emily, chegando à porta do celeiro. Seus dedos agarraram a maçaneta brilhante galvanizada e puxaram. A porta enorme se ergueu e começou a se mover lateralmente sobre o trilho de metal. Rolou um pouco e parou. Emily fez uma careta.

— É melhor taparem o nariz. O cheiro é terrível. De qualquer forma, se entrarem e seguirem a parede por alguns passos verão um interruptor do lado direito. Preparem-se: eu entraria com vocês, mas não conseguiria passar por tudo isso novamente. — Ela se virou e se afastou rapidamente da porta, esfregando as mãos na jaqueta duas vezes e sacudindo-as no ar conforme se afastava. Freya a viu suspirar com alívio por sair do celeiro.

Ingrid franziu o rosto. Um cheiro enjoativo e adocicado, acre e podre emanava de dentro.

— Você primeiro! — ela ordenou à irmã.

Freya sorriu sem graça ao deslizar lentamente pela abertura. Estava escuro lá dentro. Na penumbra ela pôde ver uma espécie de amontoado no chão, mas estava escuro demais para discernir algo mais. Ficou arrepiada ao sentir algo roçar em seu ombro esquerdo, mas era apenas Ingrid, avançando a seu lado.

— O interruptor — sussurrou Ingrid.

Freya já tateava a parede em grandes arcos para cima e para baixo. Seus dedos arranhavam a parede conforme ela procurava o pequeno botão.

— O que é *isto*? — perguntou Ingrid. O amontoado do lado distante do aposento se movia claramente, a superfície ondulava, mas podia ser uma ilusão da luz.

— Será que dá para você acender logo essa porcaria de luz? — Ingrid implorou, desejando que tivessem trazido suas varinhas mágicas.

Finalmente, os dedos de Freya apalparam o espelho do interruptor. Clique, pausa, e o reator da velha lâmpada fluorescente zumbiu e estalou antes de pegar. A luz piscou e finalmente o local se inundou de um tom azulado pálido. O amontoado no canto afastado do local era uma pilha de carcaças de animais, despedaçadas e sangrentas, pelos e penas misturados com sangue e entranhas em uma meleca de pedaços de carne em decomposição. Havia respingos de sangue nas paredes e no chão, e minúsculas larvas rastejavam em tudo. Freya tentou conter o vômito, e Ingrid empalideceu diante da cena.

— Chega! — disse Ingrid, parecendo enjoada. — Vamos sair daqui.

Do lado de fora, Emily esperava por elas e logo fechou a porta, empurrando-a.

— Sinto muito por vocês verem aquilo.

— Então, o que a faz pensar que o Lionel fez aquilo? — indagou Ingrid, enquanto Emily as levava a um segundo celeiro, menor, que abrigava os estúdios dos artistas.

— Hoje de manhã eu estava à janela, lavando pratos, quando pensei ter visto um homem aí fora. De trás, ele se parecia com o Lionel, então eu o chamei. Ele não se virou, mas vem agindo de forma tão estranha desde que voltou do hospital que eu o deixei em paz.

— Há quanto tempo ele desapareceu?

Emily ficou sem graça.

— Há algumas semanas. Quase um mês inteiro. Ele dizia que não se sentia bem desde pouco antes de Quatro de Julho. Então, na sexta-feira eu cheguei em casa do mercado e encontrei tudo desarrumado. — Ela abriu a porta e as conduziu para os fundos da aconchegante casa de fazenda, onde Lionel mantinha seu estúdio.

— Desculpem por não ter dito nada antes, mas ele faz isso de vez em quando.

Na parede oposta havia várias telas grandes que retratavam um portal prateado, a montanha alta acima da colina, trilhas que levavam ao desconhecido, assustadoramente relacionados ao Reino dos Mortos. Uma das telas estava rasgada e exibia tinta espalhada em movimentos aleatórios, em contraste com a qualidade quase fotográfica da pintura por baixo.

— Mas você só me procurou semana passada — enfatizou Ingrid.
— Por quê?

Emily encolheu os ombros e endireitou uma cadeira.

— Ele é um pouco distraído e damos muita liberdade ao outro. Não precisamos ficar em cima do outro. Achei que ele tinha ido a Nova York. Às vezes, ele fica no hotel Chelsea, mas liguei lá e ele não fez reserva, e ninguém de sua galeria o viu tampouco. Foi quando comecei a me preocupar. Não houve nenhum movimento nas contas, e não é típico dele ficar fora tanto tempo. Eu tinha certeza de que ele estaria em casa agora. Então, hoje de manhã, pensei que ele estivesse de volta e quisesse ver os animais. Parece que me esqueci do assunto... Ando trabalhando, por isso também estou um pouco distraída... Então, esta tarde, quando eu vi o que havia lá... acho que me apavorei.

— Existe um lugar onde você possa ficar? Acho que seria melhor você não ficar aqui — disse Ingrid.

— Acho que posso ficar com minha irmã. A Ann está em Wainscott, não é muito longe. Por quê? Você não acha que ele viria me pegar, acha? Nem tenho certeza se foi o Lionel, pode ter sido outra pessoa. — Ela balançou a cabeça. — Você acha que isso pode ter relação com o que sua mãe fez para o Lionel?

— Emily...

Emily cerrou os punhos.

— É tudo culpa minha. Eu pedi ajuda. — Ela parecia travar uma batalha interna. — Vou para a casa da Ann. — Ela olhou para as irmãs melancolicamente. — Vocês vão tentar encontrá-lo? Talvez ajudá-lo? Não o machuquem, por favor.

Elas tentaram acalmá-la, dizendo que tudo ficaria bem ao se despedirem. Quando se viram sozinhas no carro, Ingrid trocou um

olhar com a irmã. As cabeças de todos os animais foram arrancadas, suas entranhas cortadas.

— Se alguma coisa deu errado com a ressurreição, é possível que agora ele esteja preso entre a vida e a morte — avaliou ela. — Ele está vivo, mas seu corpo está em decomposição e ele vai precisar...

— Se alimentar, eu sei. Aqueles animais pareciam semidevorados. — Freya ficou em silêncio por um instante enquanto tentava pensar.

— Já faz muito tempo que a mamãe fez algo do tipo, é possível que algo tenha dado errado.

Ingrid pisou no acelerador e arrancou ladeira abaixo pela estrada da fazenda. Elas ainda puderam ver Emily na janela da sala, observando-as.

— Zumbis — murmurou Ingrid. — O que sabemos sobre eles?

— Além de serem descoordenados e não saberem o que estão fazendo, são basicamente corpos ambulantes loucos por um cérebro? — perguntou Freya.

— Então, Lionel Horning virou um zumbi, matou Molly Lancaster, escondeu o corpo, depois voltou para a fazenda e abateu seus animais? — indagou Ingrid. — Para mim parece demais para um só zumbi. Nem andar direito eles conseguem. A menos que...

— A menos que o quê?

— Lembra-se do caso Fontanier? — perguntou Freya. — Quando vivíamos na França, no século XII?

— Pode me ajudar a lembrar? — pediu Ingrid.

— Jean-Fontanier era um fazendeiro; ele foi morto acidentalmente quando seu cavalo se assustou e o atirou ao chão. Sua viúva veio até a nossa mãe, mas ela se recusou a trazê-lo de volta já que estava morto há mais de vinte e quatro horas. Então a viúva procurou Lambert de Fois.

Ingrid balançou a cabeça. Estava começando a recordar. Lambert de Fois era o chefe de seu clã na época.

— Sei...

— O *warlock* estúpido o ressuscitou dos mortos, mas não deu certo. Todos pensamos que Fontanier se tornara um zumbi, mas o problema não foi bem este.

Ingrid suspirou. Agora, se lembrava muito bem. Por ressuscitar o agricultor depois que seu corpo estivera frio por um dia, Lambert de Fois quebrara o Pacto dos Mortos, e Helda não ficara feliz.

— Não. Não. Esse foi o problema.

— Jean-Fontanier não era um zumbi. Helda o fez voltar à vida como algo diferente. Um demônio.

capítulo trinta e seis

Segredos de família



Um dos maiores prazeres da vida é voltar para casa após uma longa viagem, Joanna pensou, colocando a valise de tapeçaria no chão da entrada e pendurando o chapéu no gancho. Gilly voou para o poleiro habitual no abrigo do telhado assim que Joanna acendeu as luzes. Ficou surpresa ao ver a sala bagunçada, travesseiros pelo chão, garrafas de água e taças de vinho na mesa de centro. A cozinha estava pior, com a pilha habitual de pratos sujos e panelas usadas sobre o fogão. Joanna se acostumara com os Alvarez cuidando de tudo e com Gracella mantendo a casa em ordem. Ela telefonou para o chalé, mas não houve resposta. De qualquer forma, estava tarde demais para dizer oi para o Tyler, ponderou. Ouviu um carro encostando e as vozes das filhas da entrada da garagem. Que bom, estavam em casa, tinha muito a contar.

— Meninas — chamou, escancarando a porta.

— Mamãe! — respondeu Freya, sentindo vergonha ao ver a mãe, embora nada do que aconteceu fosse, tecnicamente, sua culpa e pelo menos uma coisa, com certeza, era coisa da Joanna. Mesmo assim, ela não sentiu satisfação em contar à mãe que, em sua ausência, Ingrid ajudara uma vampira que visitara sua cidade e que o rapaz simpático que Joanna ressuscitara agora era um zumbi ou, com mais certeza, estava possuído por um demônio.

— Onde você esteve? — Ingrid quis saber.

Joanna apressou-se em entrar e fechou a porta.

— Estive procurando seu pai — falou ela, agitando as mãos. — Precisei da ajuda dele. Escutem, há algo que precisam saber sobre ele...

— Eu sei onde ele está — interrompeu Ingrid.

— Como assim, sabe onde papai está? — Freya questionou, encarando a irmã. — E você não falou nada? Como pôde fazer isso?

— Sinto muito. Ele me escreveu há alguns meses. Queria entrar em contato conosco, mas resolveu tentar falar comigo antes. Pensou que a mamãe ficaria louca da vida e que Freya simplesmente queimaria suas cartas.

Freya cruzou os braços e se jogou na poltrona mais próxima.

— Ele tinha razão. Ele nos deixou, Ingrid. Ele abandonou a nossa família! Você não entende?

— Sinto muito, mamãe e Freya. Eu não queria contar... sabia que ficariam bravas, mas sinto tanta falta dele. E ele também sente falta de nós, ele só gostaria que voltássemos a ser uma família novamente.

— Sim, em relação a seu pai — disse Joanna, franzindo a testa. — Preciso contar uma coisa. É muito difícil dizer isso, espero que consigam me perdoar.

— Por quê? Do que está falando? — perguntou Freya.

Joanna olhou-as nos olhos, com a cabeça erguida, como se estivesse colocando o pescoço na forca.

— Seu pai não nos abandonou; eu que o expulsei. Disse que ele deveria nos deixar em paz e que se ele tentasse entrar em contato com qualquer uma de nós eu o faria se arrepender para todo o sempre.

Por um momento, nenhuma das garotas disse nada e houve um silêncio pesado, carregado de séculos de perda, amargura e ressentimento. Ingrid pensou em tudo o que perdeu: anos de conselhos sábios do pai, sua proteção, seu amor. Freya não conseguia nem falar. A traição era tão cruel que sentiu dor na boca do estômago como se fosse vomitar.

— Mas por quê, mãe? — finalmente ela sussurrou.

— Eu sinto tanto, minhas queridas. Não consegui evitar, estava com tanta raiva com o que aconteceu durante os julgamentos.

Queria que ele fizesse algo — que libertasse as duas, que usasse seu poder para manipular o juiz —, mas ele não quis. Por causa das leis da Terra do Meio, é claro. Mas eu não estava pensando racionalmente.

Freya conteve as lágrimas.

— Você mentiu para a gente. Disse que ele havia nos deixado, que ele sentiu vergonha de nós. Que ele não queria mais saber da família.

— Não importa agora — argumentou Ingrid, sentada na poltrona e colocando os braços ao redor da irmã. — Não podemos fazer todos esses anos retornarem. Mas há algo mais que precisam saber. Papai estava me ajudando com algo importante, e acho que alguma coisa pode ter acontecido a ele. Há dias que ele não responde a nenhuma das minhas mensagens.

— Algo aconteceu a ele — disse Joanna, inspirando profundamente. Freya se perguntou se conseguiria aguentar ouvir ou-tra revelação.

— Ele foi ao Conselho Branco — contou a mãe. — Fui ao apartamento dele e esperei por ele. Um mensageiro do Conselho passou, com uma carta concedendo permissão para falar, mas é óbvio que ele decidiu não esperar por ela. Ele saiu para consultar o oráculo. É provável que já esteja lá.

Freya engasgou.

— Mas por que ele faria isto?

— Não sei. A menos que algo sobre nossas ações aqui tenha chegado aos seus ouvidos, de alguma forma; talvez ele esteja reportando nossas violações à restrição. — Joanna cruzou os braços.

— Papai não faria isso — rebateu Ingrid, defendendo-o. — Se ele foi ao oráculo, deve ter tido um bom motivo.

— Com o que ele estava te ajudando? — especulou Freya.

— As plantas de Fair Haven. Eu encontrei algo: umas marcas de articulação estranhas. Papai estava tentando decifrá-las para mim. Ele disse ter descoberto do que se tratava, mas então desapareceu.

— Então, talvez ele quisesse falar com eles sobre isso? — sugeriu Freya.

Joanna virou bruscamente para falar com Ingrid.

— Fair Haven? Você e o papai estavam fazendo algo com Fair Haven?

Ingrid descreveu as marcas de articulação com os arabescos decorativos.

— Acho que deveria ter perguntado primeiro para você, mamãe, já que você pode saber se há algo estranho em Fair Haven que devêssemos saber.

Joanna sacudiu a cabeça.

— Apenas o que o Conselho nos contou quando nos instalamos aqui em North Hampton, que a junção se localizava aqui, a fronteira onde os mundos dos vivos e das sombras se encontram. Mas acho que pode haver algo mais. Antes de partir, fui até Fair Haven, onde a escuridão cinzenta na água parece ter se concentrado.

— Não está só aqui, também está no Pacífico Sul e perto do Alasca — completou Ingrid. — Vi outro dia na TV que eles acham ter descoberto uma mancha perto de Reykjavík.

Joanna inspirou fundo com as notícias.

— Qualquer coisa que esteja no oceano não é deste planeta, tenho absoluta certeza. Fui procurar seu pai porque tinha esperança de que ele pudesse me ajudar a descobrir o que era e de onde vinha, para que pudéssemos impedi-la. O feitiço que coloquei não vai durar. Precisarei de vocês duas para me ajudar a contê-la.

— Vamos começar imediatamente — concordou Freya.

— Bom. Com nós três juntas, acho que podemos mantê-la afastada um pouco mais, até descobrirmos como nos livrarmos dela por completo. — Joanna encarou as meninas.

— Mais uma coisa: o que aconteceu com a casa? A Gracella não andou vindo para limpá-la, e como está o meu Tyler?

— Tyler está no hospital — respondeu Freya. — Não se preocupe, eu o visitei. Ele está com febre e infecção, mas os médicos dizem que está tudo sob controle.

Joanna tentou manter a calma. Se Tyler estava doente, o hospital era o lugar mais seguro para ele ficar.

— Vamos por partes: primeiro a ilha Gardiner e depois o hospital.

Elas estavam se preparando para sair quando escutaram uma forte batida à porta, o que as fez saltar e trocar olhares,

amedrontadas.

— O Conselho! — gemeu Ingrid.

— O Oráculo não bate à porta. — Freya ironizou. Ela espiou pela janela e viu vários carros de polícia estacionados na entrada da garagem, com as luzes piscando. — Mas o que é isso?

— Abram a porta — instruiu Joanna.

Ingrid se encaminhou para a porta da frente e a escancarou.

— Matt! — exclamou ela, pegando os óculos. De todas as maneiras que ela imaginara Matthew Noble a visitando em casa, certamente esta não era uma delas. O investigador pareceu se desculpar ao entrar na casa com dois policiais logo atrás.

— Oi, Ingrid. Peço mil desculpas por estar perturbando, mas espero que a sua família tenha tempo esta tarde para dar uma passada na delegacia e responder algumas perguntas — explicou, com ar cansado e ansioso.

— Por quê?

— Podemos falar a respeito quando chegarmos lá?

— Temos mesmo que ir? — Freya exigiu saber. — Vocês não precisam de mandado ou algo assim?

— Não, queremos apenas fazer algumas perguntas — ele respondeu com firmeza. — É procedimento padrão.

— Matt, o que está acontecendo? — Ingrid perguntou, temerosa.

— Por que vocês precisam falar com as garotas? — Joanna questionou, com seu jeito e tom imperioso, como se o investigador policial fosse um subalterno que ousava se dirigir à rainha.

— Estamos sendo presas, não é? — bufou Freya.

— Não, de forma alguma. Veja, apenas queremos fazer algumas perguntas — repetiu Matt pela terceira vez, balançando ligeiramente a cabeça para Ingrid, como se quisesse dizer que não podia falar abertamente naquele momento.

— Tudo bem — respondeu Freya. — Ingrid, vamos. Vamos ver o que eles têm a dizer.

Elas caminharam para a porta, mas o investigador parou e olhou, desculpando-se para a mãe delas.

— Sinto muito, senhora Beauchamp, mas gostaríamos de falar com a senhora também — explicou.

— Comigo? Por quê? — A testa de Joanna enrugou de preocupação.

— Nós vamos levá-las à delegacia. Senhoras? — convidou Matt, conduzindo-as para os carros-patrolha estacionados diante da casa. Uma a uma, as mulheres Beauchamp foram colocadas nos assentos traseiros, e os carros de polícia se afastaram com as sirenes ligadas e as luzes piscando. Talvez não estivessem presas, mas certamente estavam em apuros, ponderou Freya.

Dia do trabalho

*Os deuses
devem estar
loucos*

∞∞∞

capítulo trinta e sete

Os julgamentos de Salem



Freya fez uma careta para a irmã, sentada estoicamente a seu lado no banco traseiro do carro-patrolha. A mãe estava do outro lado, e nenhuma proferiu qualquer palavra desde que foram levadas em custódia. Ao chegarem à delegacia, as três foram separadas, e Freya foi deixada sozinha em uma saleta, ponderando sobre a situação dela e da família. Os patrulheiros que eram seus amigos não a olharam nos olhos quando foi conduzida para dentro, um mau sinal. Estava se perguntando o que aconteceria quando a porta se abriu, mas era apenas Ingrid, que entrou com o rosto macilento.

— O que está acontecendo? Você conversou com o Matt? Qual é o problema?

Ingrid balançou a cabeça.

— Não. Eles queriam falar com a mamãe antes. Tinham que usar a sala para interrogar outra pessoa, então me transferiram para cá, não tenho ideia do que está acontecendo.

— Você tem alguns amigos aí — murmurou Freya, inclinando-se para trás na cadeira e olhando ao redor da saleta, com um espelho que reflete a imagem de um lado só. Pensou em quem estaria observando.

— Olhe, isto me faz lembrar...

A irmã fechou os olhos e mordiscou a ponta do dedão.

— Sei.

Freya suspirou. Em 1690, elas se estabeleceram no pequenino e belo vilarejo de Salem, em Massachusetts. As circunstâncias as conduziram ao Novo Mundo como curandeiras. A mãe foi uma das

parteiras mais procuradas, ajudando no nascimento de bebês saudáveis numa época em que tantas mulheres morriam ao dar à luz e tantos recém-nascidos morriam de febre e varíola. Ingrid trabalhou na comunidade da mesma forma que fazia agora, distribuindo encantos e feitiços domésticos. O pai era pescador, devido à habilidade de controlar as águas e trazer as redes repletas.

Então, algo horrível aconteceu. Bridget Bishop, que ajudava Joanna a lavar a roupa a procurou buscando auxílio durante a gravidez e morreu ao dar à luz. Bridget era muito querida pela família, e Joanna não conseguiu ajudá-la. Então, os boatos começaram: diziam que Freya teve um relacionamento com um rapaz que estava comprometido para se casar com Ann Putnam, que se tornaria a líder dos acusadores. Ann e sua amiga, Mercy Lewis, testemunharam ter visto Freya e Ingrid “voando pelo ar, através da neblina de inverno”. Os julgamentos foram uma farsa, mas eficientes. A comunidade se virou contra elas, estigmatizando Freya como vadia, Ingrid como puta e Joanna, um monstro. Norman e Joanna foram poupados, mas tiveram uma punição mais terrível ainda. Foram forçados a ver suas filhas serem enforcadas em Gallows Hill, em 1692.

Freya se arrepiou; ainda se lembrava da sensação do nó ao redor do pescoço, a corda arranhando e fazendo a pele coçar. Como a multidão cuspiu e atirou comida estragada na carroça que as conduziu, o ódio, o medo e a histeria.

— Pare com isso — brigou Ingrid, pois sabia exatamente o que Freya estava pensando. — Não ajuda em nada.

Os julgamentos de Salem foram o início do fim da prática de magia na Terra do Meio. Quando as garotas renasceram, encontraram um mundo novo e novas regras à espera. A família tinha se estabelecido em New Hampton, e Joanna explicou que o Conselho Branco as visitara logo após o funeral. O Conselho disse que, para continuar a viver na Terra do Meio, cada uma das Valquírias teria de aderir a novas condições: a Restrição aos Poderes Mágicos. Na verdade, isto significava que não poderiam mais praticar a arte da magia e da feitiçaria sem punição e recriminações do Conselho. Deveriam viver como humanos, levando a vida mais

comum possível. Não poderia haver mais atenção indevida que pudesse pôr em risco o conhecimento de sua existência. Para continuar a sobreviver na Terra do Meio, teriam de concordar em viver nas sombras. Aqueles que não se sujeitassem estariam violando as leis do Conselho e seriam severamente punidos.

Sua mãe lhes contou ainda que Norman as deixara para sempre, e elas nunca mais o viram.

De volta a Salem, como agora em North Hampton, Freya entendeu que elas não teriam permissão de usar a magia para se salvarem. Isso ficou claro desde o começo, quando se viram presas do outro lado da ponte, bem no início do mundo. Às vezes, Freya se perguntava como era possível ela ser tão velha e, ao mesmo tempo, tão jovem na época em que se viu na mesma situação de séculos atrás. Será que ela nunca aprenderia? Talvez o Conselho estivesse certo, talvez a magia não pertencesse à Terra do Meio. Cada vez que a usavam abertamente, acontecia isso: uma multidão ansiosa, um processo rápido para julgamento e o resultado era sempre o mesmo: bruxas pendendo nas forcas, ou queimadas em estacas, suas cinzas dispersas aos quatro ventos.

Elas ficaram sentadas na sala pelo que pareceu uma eternidade, mas na verdade foram algumas horas. Os policiais foram simpáticos e educados, principalmente os que trabalharam antes com Freya, trazendo sanduíches da lanchonete e bebidas da máquina. Mas elas não tinham permissão de sair. Matt Noble passou algumas vezes para vê-las, mas Freya entendeu, pelos lábios contraídos de ansiedade dele e pelos olhares tristes de Ingrid, que, embora ele não estivesse contente com o que acontecia, tampouco tinha poder de impedir.

Finalmente, a porta se abriu e sua mãe pôde entrar na sala.

— O que está acontecendo? — indagou Freya, conduzindo Joanna para uma cadeira ao lado.

— É algo muito absurdo — respondeu Joanna. Ela olhou para as filhas, completamente iludida pela situação em que se encontravam. Aqui estavam elas, com medo das recriminações do Conselho, temendo relâmpagos no céu e acabaram se esquecendo que historicamente foi o reino humano que lhes causou dor no passado.

— Tudo bem, qual é o problema? O que eles queriam falar com você?

Joanna olhou para as garotas com uma expressão incrédula.

— Maura Thatcher acordou do coma.

— Isso é bom, não é? — perguntou Ingrid.

— Bom, sim, só que ela contou aos investigadores que fui eu quem os atacou na noite em que o Bill morreu, que ela me viu acertando a nuca dele com uma pedra e que depois fiz o mesmo com ela. Vocês podem imaginar? Segundo ela, eu o matei!

capítulo trinta e oito

Uma boa ofensa é
uma boa defesa



Antes que as garotas pudessem reagir, a porta se abriu novamente. Matt Noble entrou e falou às três mulheres agrupadas ao redor da mesa.

— Sinto muito. Já é bem tarde e teremos que continuar isso em outro dia — disse, olhando tristemente para a Ingrid, que se recusou a olhá-lo de volta.

— Então temos permissão de sair? — perguntou Freya.

— Inclusive eu? — acrescentou Joanna, esperançosa.

— Inclusive a senhora — concordou Matt. — Desculpem mais uma vez pelo incômodo. Esperamos que possam retornar amanhã e responder então às perguntas.

Freya balançou a cabeça.

— Vamos, Ingrid, mamãe — chamou ela, conduzindo a mãe e a irmã para fora da sala. Ingrid parecia estar catatônica, e Joanna parecia muito exausta.

— Nós não vamos voltar amanhã — retrucou Ingrid, recuperando a voz e olhando o investigador nos olhos. — Não sem nosso advogado.

INGRID PENSOU que uma boa coisa sobre os advogados é que eles sempre são pontuais. Advogados e contas a pagar sempre chegam na hora. Antonio Forseti era advogado de defesa com reputação de ouro. Também era um *warlock* e um velho amigo da família. Como os Beauchamp, não pudera praticar magia desde que a restrição fora

imposta sobre todos de sua espécie. Ele usava seus talentos naturais para negociar, influenciar resultados e usar mediação para construir um dos maiores e mais bem-sucedidos escritórios de advocacia da cidade de Nova York. Ele chegou na tarde seguinte, armado de notícias.

— Então, conversei com o Promotor Distrital daqui — informou ele, tomando o assento na cabeceira da sala de jantar formal. Forseti era um homem grande com um tórax poderoso em forma de barril, e a cabeça com fartos cabelos escuros, seu aperto de mão deixou a de Ingrid um pouco dolorida.

— O que ele disse? — Joanna quis saber, a voz dela se elevando algumas oitavas. — Vou ser presa?

As garotas passaram a noite toda acalmando a mãe que esteve à beira da histeria. Joanna tinha brigado com elas para deixar a cidade assim que possível, e apenas quando Ingrid a lembrou de que deixá-la significava nunca mais ver Tyler, foi que ela parou de pressioná-las para fugir.

— Ainda não. Agora é apenas a palavra de Maura Thatcher contra a sua, e ela acabou de sair de um coma. Eles não têm nada que prove que isso seja verdade, pelo menos nada que possam apresentar ao tribunal. Ainda não.

— E nós? O que eles querem nos perguntar? — Freya quis saber.

Forseti olhou para elas atentamente.

— Eles querem questionar você sobre as poções e Ingrid sobre seus nós. — Ele tomou um longo gole da xícara de café. — Encontraram o corpo de Molly Lancaster enterrado a alguns quilômetros da praia. Ela foi espancada até morrer. O garoto dos Adams confessou, disse que foi ele, que ele a matou naquela noite.

Freya levou as mãos à boca, horrorizada com o pensamento do destino terrível que recaía sobre a garota. Até Forseti falar, ela esperava que Molly tivesse de algum modo deixado a cidade por conta própria, que tivesse apenas fugido.

— Então, Derek confessou. Mas e Freya? O que ela tem a ver com isso? — Ingrid questionou.

— O advogado dele está argumentando que Derek é uma vítima. Que ele não tinha controle de suas ações, elas eram uma reação por

Molly ter tomado uma das poções mágicas de Freya — ele prosseguiu. — Se provarem que ele foi vítima de sua bruxaria, então esta condenação vai a terceiro grau. Sem dolo, apenas delinquência, como réu primário, e ele pode pegar um ano.

— E eu? É isso que eles pensam também? Que eu matei o prefeito? — Ingrid perguntou.

O enorme advogado concordou com a cabeça.

— Sim, eles acham que podem provar que o seu amuleto levou o prefeito a tirar sua própria vida.

— Tudo isso é absurdo! — Freya riu. — Magia negra? Eles estão loucos? Eles vão argumentar isso num tribunal? Em que século estamos vivendo?

Ele suspirou e ergueu as mãos para sinalizar que não tinha terminado.

— O pai de Corky Hutchinson é juiz aposentado com alguma influência no escritório do Promotor Distrital, e os pais do garoto Adams contrataram um figurão muito caro, que vai recorrer a leis que não são invocadas há séculos. Mas só porque não foram usadas não significa que não sejam válidas. Há muitas leis antiquadas em nossos livros. E não se esqueçam, em Salem, eles enforcaram dezenove de nós sem motivo.

Isso amainou a revolta de Freya por um instante, enquanto Joanna começou a soluçar, e Ingrid pegou na mão dela. Era exatamente como antes. A única diferença era que Forseti vestia um terno mais caro. Era Salem novamente. Uma pequena cidade em histeria. Acusações de famílias de poder em uma comunidade bem unida. Bruxas em julgamento. Magia como raiz de todo o mal. Os humanos temiam o que não entendiam. As Beauchamp acreditavam que o povo de North Hampton era diferente; estavam enganadas.

— Qual é a pior coisa que podem fazer?

— Se provarem o caso, e eu não estou afirmando que eles vão conseguir, vocês duas podem ser condenadas por serem cúmplices de assassinato, que é gravíssimo, e, dependendo do que conseguirem provar, pode levar à sentença de prisão perpétua.

— E a mamãe? O testemunho de Maura vai prevalecer?

— É possível, se encontrarem mais evidências para fortalecer o caso. No momento, podemos argumentar que ela está confusa, que não se trata de testemunha confiável. Segundo a senhora Thatcher, eles se encontraram com Joanna naquela noite e quando eles se viraram para continuar o caminho, Joanna os atacou. É bom observar que eles não a estão acusando de ser bruxa, então o seu caso é bem direto. Se eles só tiverem a Maura Thatcher, o que não é muita coisa, então, no momento, não estou tão preocupado.

— Mas eu não estava nem perto da praia naquela noite! Era janeiro, eu estava dormindo naquela hora! Por que eu os machucaria? — Joanna perguntou, abanando-se.

— Você consegue provar?

— Não sei. Tenho que verificar meu calendário, ver onde as garotas estavam naquela noite e do que elas conseguem lembrar.

Freya franziu a testa.

— Tenho quase certeza de estar trabalhando naquela noite.

— E eu estaria dormindo — Ingrid suspirou. — Não há muita esperança.

— Tudo bem, então eles acham que mamãe é uma assassina que sai por aí batendo na cabeça de velinhos, e que Ingrid e eu somos bruxas horrorosas. O que fazemos agora? — Freya indagou.

Forseti tomou outro gole grande de café.

— Querem meu conselho? E sei que querem, senão Joanna não teria ligado para meu escritório às duas da manhã. A saída é fácil. Estão prontas?

As garotas assentiram.

— Vocês respondem as perguntas deles, dizem o que sabem, mas martelam no mesmo ponto. Magia. Não. Existe. O quê, eles estavam loucos? Suas poções eram apenas coqueteizinhos lindos, e Ingrid é maluca, sabem, dessas mulheres da biblioteca que leem muito sobre zoroastrismo. — Forseti ergueu os ombros. — Isto não é Salem. É uma época diferente. Uma época secular.

— Parece bem razoável — Joanna concordou. — O que as garotas acham?

Freya ergueu os ombros.

— Acho... quero dizer, concordo com tudo, senhor Forseti, não vejo como as acusações podem ir tão longe no tribunal, mas...

— Mas?

— Estou preocupada.

— Claro que está, querida. Ser interrogada pela polícia não é motivo de risadas. Eu não estou rindo. Mas acredite, este está no papo.

Ingrid franziu a testa. Com certeza, Forseti parecia diferente da última vez que o tinham visto, mas sua confiança absurda na capacidade de o sistema legal lhes propiciar um julgamento justo era exatamente a mesma.

— Com todo o devido respeito, senhor Forseti, na última vez que nos aconselhou, o senhor também argumentou que a magia não era real, e fomos enforcadas assim mesmo — apontou Ingrid.

— Então, você está dizendo... — o advogado perguntou, parecendo ofendido.

Ingrid olhou para a família. A mãe tinha envelhecido cem anos em uma noite, e Freya parecia prestes a desmaiar.

— Vamos falar a verdade desta vez. Nossa magia é real. *Somos* bruxas. Mas não temos nada a ver com isso. Não praticamos magia negra e não provocamos o assassinato de Molly nem o suicídio do prefeito.

Freya concordou lentamente, e a cor retornou ao rosto.

O senhor Forseti balançou a cabeça.

— Perigoso, perigoso, perigoso.

— Você tem certeza, Ingrid? — Joanna perguntou. — Espero que saiba o que está fazendo.

— Tenho certeza. — Ingrid assentiu. Ela se lembrava tão bem de Salem, sentada na pequena cela da prisão por oito meses, vivendo a pão e água. Tinha visto suas colegas bruxas descartadas colina abaixo, para nunca mais retornarem. Ela se sentara na sala do tribunal e ouviu uma sucessão de queridas amigas a xingarem, a culparem por toda a doença e falta de sorte que experimentaram, transformando seus conselhos úteis em um conto desvirtuado de magia negra e bruxaria demoníaca. Todos os dias, ela esperava o som das carruagens que a levariam para a morte. Ela não temia a

morte, mas tinha muito medo da dor. Uma rodada de interrogatórios foi apenas o começo; logo haveria a prisão, um julgamento, a condenação se não fossem cuidadosos. As árvores de enforcados já não existiam mais, mas ainda era possível ficar a vida toda na cela da prisão. Prisão perpétua significava algo diferente para os imortais.

Talvez a mãe estivesse certa: a única chance delas era fugir, esconder-se nas sombras e desaparecer. Mas esta era a sua casa. Ela pensou nos amigos e em Matt, que sussurrou na sua orelha quando ela fora conduzida para fora:

— Eu acredito em você.

Ela olhou para sua família.

— Está na hora de sustentar a verdade. Quando perguntarem o que fizemos, vamos dizer. Vamos admitir quem somos. Freya?

A irmã concordou.

— Não vejo alternativa. E Ingrid está certa. Não quero mais viver na mentira. O que temos a perder?

Tudo, Ingrid pensou. Mas ela estava disposta a correr o risco.

capítulo trinta e nove

A breve e maravilhosa
vida de Tyler Alvarez



Como Forseti ainda negociava um momento mais propício para as mulheres prestarem depoimento na delegacia, no dia seguinte, Joanna usou a oportunidade para visitar Tyler no hospital. A ala infantil era pintada de um azul e rosa alegres, mas Joanna pensou que nunca entrara em local mais depressivo. Tantas falsas esperanças e promessas quando, na verdade, havia em toda parte o espectro da morte à soleira, roubando as vidas mais preciosas. Crianças não deveriam ficar doentes ou morrer; deveria ser a regra, Joanna se enfureceu. As pessoas não deveriam deixar a Terra do Meio até que se tivessem uma vida completa... pelo menos até os dezoito? Trinta? Sessenta anos? O tempo não significava nada para aqueles que tinham muito dele, mas era ainda mais precioso se fosse limitado.

Ela tinha se prometido nunca mais amar outra criança. Após o que acontecera com seu garoto, sabia que não ficaria surpresa se perdesse outro. Como pôde deixar aquilo acontecer? E as garotas? Ela não conseguia nem pensar na investigação em curso e no próximo depoimento das meninas. Esperava que elas soubessem o que estavam fazendo, mas estava preocupada que estivessem otimistas demais quanto às chances. O mundo não havia mudado; ela já estivera bastante tempo nele para compreender isso. As crianças morriam. Seja nos patíbulos ou em um hospital.

Joanna olhou para o pacotinho encolhido na cama enorme, conectado a um labirinto de fios e cateteres. Ficou no extremo

oposto da cama enquanto os pais mantinham vigília no outro; a mãe segurava a mão dele. Tyler fora transferido para a UTI há alguns dias. Depois que Freya e Gracella o levaram, ele tinha melhorado e depois teve recaída, desta vez com uma infecção mais séria. Os médicos não tinham explicação: não havia infecção bacteriana, e ele também não respondera ao tratamento antiviral. Mas Tyler não era o único: havia duas outras crianças na enfermaria com os mesmos sintomas, e, no hospital principal, adultos estavam com o mesmo catarro e acessos de tosse, a mesma respiração entrecortada. Como Tyler, as vítimas demonstravam sintomas leves no início que poderiam ser atribuídos a alergias ou gripe, mas uma a uma pioravam muito, com complicações que afetavam as funções pulmonares e cerebrais. Freya visitou o patrão, Sal McLaughlin, que estava no corredor de baixo, e Joanna se deparou com Dan Jerrods, cuja esposa, Amanda, agora estava com respiração artificial.

Ela observou o peito de Tyler subindo e descendo, percebeu sua dificuldade para respirar. O médico responsável entrou.

— Diga a verdade... o caso dele é sério? — perguntou ela.

O jovem residente olhou para os pés, com a voz tensa.

— Não há nada que possamos fazer por ele além de deixá-lo confortável. Sinto muito.

Os Alvarez se viraram para que ela traduzisse. O que o médico disse? O que ele quis dizer? Joanna balançou a cabeça e começou a chorar baixinho, e foi quando Gracella começou a gritar. Hector tentou acalmar a esposa, e as enfermeiras os cercaram. Foram levados para outro quarto enquanto Gracella recebia um sedativo.

Joanna se levantou, plantada no local, ainda tentando processar as palavras do médico. *Deixá-lo confortável. Nada a fazer.* Será que este era realmente o fim? Não havia nada que alguém pudesse fazer por ele? Ela cerrou os punhos e amaldiçoou os deuses que não a ouviam. Era como antes. Ela ainda conseguia ouvir a voz que condenou seu filho à eternidade, como o seu garoto fora envolvido pela fumaça que se ergueu do chão e depois fora levado para o limbo, para lugar nenhum, para cumprir sua sentença.

A porta se abriu, e Ingrid surgiu com uma cesta de frutas.

— É de Tabitha e Hudson. Eles souberam. Como ele está?

— Na mesma. Não, na verdade, não é isso. Ele está pior.

— Sinto tanto, mamãe. — Ingrid apertou seu ombro, mas ela mesma chorava.

— Sei disso, querida. — Joanna bateu na mão da filha e conteve um soluço.

— E não tem nada... Quero dizer. Sei que não há nada que você possa fazer... mas...?

Joanna balançou a cabeça. Ela amaldiçoou a magia dentro dela. Sua magia inútil, totalmente inútil. Esta era a grande tragédia de seu dom: Joanna só conseguia trazer alguém de volta à vida, curar qualquer doença e trazer saúde e alegria à pessoa que morria na sala ao lado. Ela tinha salvo Lionel Horning do Reino dos Mortos.

Mas sua magia era imune àqueles a quem ela amava. Ela se lembrou daquela garota em Salem, Bridget Bishop, a quem ela amava tanto quanto às suas filhas. Bridget morreu em um rio de seu próprio sangue enquanto Joanna permanecia chocada e perdida, incapaz de fazer qualquer coisa para salvá-la.

Nos vários dias seguintes, as Beauchamp trouxeram o Natal em agosto para as enfermarias infantis, especialmente no quarto de Tyler. Enquanto os advogados negociavam, Freya organizou lindas festas, bolos enormes com cobertura de *chantilly* a pingar, bombas gordinhas com cobertura de chocolate, as tortas mais suculentas e os maiores *cookies* com pedacinhos de chocolate. Ingrid fez encantamentos para manter os travesseiros de Tyler gordos e fofos, magia que permitiu que seus lençóis permanecessem secos mesmo com os suores noturnos. Joanna comprou fantoches dançantes, os soldadinhos de combate.

Certa noite, Tyler abriu os olhos. Ao ver Joanna, sorriu.

— O que você quer, querido? Meu docinho? Meu amor mais fofo?
— ela perguntou enquanto alisava seus cabelos.

— Quero voar — ele falou, olhando ao longe para a janela. — Lá fora, como você.

Assim, naquela noite, Joanna encantou a vassoura. Embora não precisasse dela, seria mais fácil para Tyler ter algo para se apoiar.

Eles voaram para fora da cama do hospital até as estrelas, a risada do garoto se espalhando sobre as copas das árvores.

capítulo quarenta

Vinte perguntas



Já que Freya não tinha nada apropriado para vestir para uma reunião na polícia, era a vez de ela pegar algo emprestado do armário de Ingrid.

— Aí está — Ingrid falou. — Agora você parece inocente.

— Nós *somos* inocentes — Freya revirou os olhos. Ela se olhou no espelho. Usava um *twinsset* de cashmere, uma saia pregueada que batia nos joelhos e sapatos baixos. — Todos pensam assim. — Ela deu uma espiada nos cartões que chegavam desde que a notícia que a polícia estava interessada em conversar com as mulheres Beauchamp sobre a sua assim chamada magia se espalhou.

Ingrid assentiu. Muitos amigos da cidade enviaram bilhetes de incentivo e amor. Havia uma mensagem carinhosa de Tabitha, um engraçado de Hudson e até mesmo de Sal, que continuava no hospital. Kristy deixou um recado no computador mais cedo, dizendo que se houvesse uma caça às bruxas, as Beauchamp eram bem-vindas para se esconderem em sua casa até tudo passar. Elas não tinham nada a temer, a cidade as apoiava, ao contrário de Salem, onde ficaram sem amigos e sozinhas. Isso lhes deu coragem para enfrentar o dia à frente. Forseti esperava por elas no carro dele.

— Cadê Joanna? — perguntou ele, ao ver apenas Ingrid e Freya.

— É melhor ela não vir conosco — respondeu Freya. Ela e Ingrid decidiram na noite anterior que seria melhor se elas enfrentassem o interrogatório sozinhas. Joanna era muito temperamental, e elas não queriam deixar a mãe ainda mais abatida; ela já estava inconsolável com a doença de Tyler.

Na delegacia, elas foram conduzidas para a mesma salinha de interrogatório onde tinham esperado antes.

— Cadê o Matt? — Ingrid perguntou ao investigador que seguiu com elas até a sala. — Pensei que estivéssemos aqui para conversar com ele.

— O investigador Noble está fora, em outra missão — o policial respondeu com um sorriso afetado. — Podemos começar?

Ingrid empalideceu ao se sentar. Freya sentiu um apertão no estômago. O policial era do tipo sem humor, com cabelos repuxados pela calva. Ele dispensou o aperto de mão de Forseti e não encarou os olhos de nenhuma das garotas. Freya o reconheceu do bar. (Sua perversão sexual secreta: ver mulheres de salto alto tirar a vida de pequenos animais: doentio!)

Freya foi a primeira.

— Senhorita Beauchamp, estou com um cardápio de coquetéis do bar North Inn. Foi a senhorita que preparou? — começou ele, deslizando o cardápio plastificado pela mesa.

Freya olhou para Forseti, que assentiu com cabeça. Eles tinham repassado a rotina várias vezes agora, e ela estava preparada.

— Sim — ela respondeu. *Admita a bruxaria, mas enfatize que se trata de magia inocente.*

— Deixe-me ler o cardápio: *Irresistível*: vodca, purê de cerejas, taboa em pó e suco de limão. Não é para tímidos. Prepare-se para perder as inibições. Pode me dizer o que isto significa?

— É uma poção do amor — disse ela lentamente.

— É claro. — O investigador zombou. — E deve tornar a pessoa que bebe — irresistível? Como exatamente?

— Os remédios de ervas criam um brilho ao redor da pessoa: aumenta os feromônios — o quociente de atratividade, vamos dizer.

— Por magia.

— Sim, se magia for a palavra que significa tornar o impossível possível. Eu realço a magia interna da pessoa e a torno visível. A poção deixa todos verem a melhor parte das pessoas e, portanto, torna-as mais atraentes — explicou ela, usando as palavras cuidadosamente ensaiadas e aprovadas pelo advogado.

— Então funciona.

— Sim.

— Existe algum perigo que possa surgir por alguém ser tão atraente? Por exemplo, alguma pessoa poderia achar alguém tão atraente que isso levaria à perda de controle por sua parte? — indagou o policial.

Forseti tossiu.

— Minha cliente não vai responder especulações como essa.

— Desculpe, vou explicar melhor... Como esse poder pode ser quantificado? Como pode ter certeza de que não há efeitos adversos no público inocente? Essa poção poderia, por exemplo... levar um homem a fazer algo que ele não faria de outro modo?

O advogado encarou o investigador e se virou para Freya:

— Não precisa responder essa também.

— Eu sei, mas vou responder assim mesmo. Não, não poderia jamais prejudicar a pessoa que a tomou. Tenho certeza — Freya respondeu.

— Você não consegue explicar, mas tem certeza absoluta de que não levaria à violência? — ele vociferou.

— Não funciona assim.

— Como funciona, então?

— Já disse, não sei. É só... — Freya suspirou. — Magia.

O investigador assentiu com a cabeça, escrevendo as anotações.

— Exatamente. Obrigada, senhorita Beauchamp.

INGRID ERA A PRÓXIMA. O policial sisudo pediu-lhe para se virar para o computador montado na mesa. Na tela havia duas fotografias. Uma era do nó de fidelidade que ela tinha dado a Corky Hutchinson, aumentado para que todos vissem cada laço claramente. Do outro lado estava o nó corrediço que Todd Hutchinson usou para se enforcar. O nó era réplica exata do outro ao lado.

— Fale-me de sua magia — ele começou.

— Eu costumo trabalhar com pequenos amuletos, talismãs e encantamentos. Faço bastante magia usando nós. É o que os marinheiros usavam para predizer os ventos.

— Você deu este nó para a esposa do prefeito, não foi? — ele questionou, apontando para o primeiro nó.

— Foi.

— Com que propósito?

— Ela suspeitava que o marido a estivesse traindo. Fiz o nó e pedi que ela o pusesse embaixo do travesseiro dele. Isso o impediria de sair por aí; isso o manteria em casa. Mas apenas se ela estivesse em casa também.

— Você admite que o nó corrediço se parece muito com o nó que você fez?

— Sim, mas... os nós não funcionam dessa maneira — Ingrid protestou. — Eles nunca levariam ninguém ao suicídio. Na melhor das hipóteses, eles se desfa...

— Então você está dizendo que este pequeno talismã, como o chamou, não provocou nada que levasse à morte do prefeito? Que é mera coincidência que se pareça exatamente com o nó usado para ele se enforcar?

— Sim.

— Que o nó que você fez não o deixou sem sono, ou mudou a sua personalidade nem provocou nada que o afastasse da esposa? Então, o que ele faz?

— Não sei, mas sei que ele mantém as pessoas juntas se querem ficar juntas. Deixa as coisas que estão lá mais visíveis.

— E não existe nenhuma possibilidade de dar errado?

— Bem, eu não disse isso...

— Então, existe!

— Não sei — Ingrid falou, encolhida na cadeira. — Isso nunca aconteceu antes. Praticamos magia branca. Não praticamos...

— Magia branca! — o investigador zombou. Ele fechou o *notebook* na mesa com um baque. — Acho que terminamos por aqui.

ENQUANTO SAÍAM da delegacia, Ingrid se virou para Forseti, que enxugava a testa com um lenço.

— Não acredito que Matt não estava aqui para nos ajudar. Você acha que fizemos a coisa certa admitindo que somos bruxas? — ela

perguntou.

Freya suspirou. A irmã era tão teimosa, às vezes.

— Se não era, é tarde demais para mudar as coisas.

— Você realmente acha que seremos presas? — Ingrid questionou, horrorizada, já que o advogado tinha emudecido.

Freya ergueu os ombros:

— O que você acha?

Ingrid teve de admitir que talvez elas tivessem errado de estratégia.

capítulo quarenta e um

A árvore envenenada



O fim de agosto chegou úmido e grudento, mas não houve prisões. Joanna, Freya e Ingrid se recolheram a seus próprios cantos para lidar com a ansiedade e frustração privadamente. Freya voltou ao bar, auxiliando discretamente no serviço, enquanto Joanna passava a maior parte do tempo visitando Tyler no hospital, e Ingrid trabalhava na biblioteca.

O expediente já tinha se encerrado, e a biblioteca estava silenciosa e deserta, mas Ingrid se sentia confortável no ambiente familiar e adorado. Ela estava à escrivaninha e repassava tudo que aconteceu naquele verão em North Hampton. Os tumores prateados que encontrou nas mulheres; o surto de doenças inexplicáveis que afetava o povo da cidade; os animais mortos no celeiro de Lionel Horning, a explosão subterrânea que liberou toxinas venenosas, semelhantes a outras encontradas pelo mundo — será que tudo estava ligado? Faltava alguma coisa, algo que permitisse que ela juntasse tudo.

Tudo se amarrava em Fair Haven e nas plantas desaparecidas, ela tinha certeza. Mamãe disse que Fair Haven mantinha a junção, mas devia haver algo mais. Tinha algo lá que alguém não queria que ela visse, não queria que ela descobrisse — e em um lampejo, Ingrid se lembrou da foto que ela tinha tirado pelo celular mais no começo do verão. Não só tinha uma fotografia da porta, mas de toda a planta do piso do salão de baile, que enviara ao pai. Ela mudou a lâmpada da escrivaninha para uma configuração mais clara e retirou o celular da bolsa. Os dedos rapidamente tocaram e vasculharam a tela até a

pequena imagem da planta aparecer. Sim! Ela a enviou para o terminal do computador e, em poucos minutos, a página das plantas arquitetônicas desaparecidas rolava da impressora de dez anos da biblioteca.

Ingrid examinou o papel. A impressora aumentou automaticamente a minúscula foto para o tamanho de papel-carta, e a imagem era granulosa, como se tivesse sido aumentada várias vezes o tamanho normal. Ela descobriu os arabescos na pequena marca de articulação, uma voluta de linhas escuras e caracteres crípticos. Enquanto examinava os arabescos curvos, percebeu outra imagem apagada, linhas e texto correndo em um ângulo estranho de um lado a outro da imagem. Esses caracteres eram menores e mais fracos que o resto do texto, e alguns pareciam diferentes dos da articulação.

Ela levou o desenho de volta para a velha impressora, colocou-a sobre o vidro e ajustou o tamanho para duzentos por cento e a luminosidade para a mais suave possível. Uma imagem escurecida enorme rolou da extremidade do equipamento e quando ela olhou de perto, percebeu que o segundo conjunto de texto na verdade estava escrito ao contrário, como se refletido de um espelho. Ela ficou intrigada com aquilo por um instante, até perceber que a luzinha brilhante de seu celular novo deveria ter refletido sobre o papel, revelando as linhas escritas no verso da folha. Ela pensou se já tinha examinado o outro lado das plantas e não conseguiu se lembrar de tê-lo feito. As plantas tinham vários centímetros de comprimento e de largura, e uma pessoa que as analisasse tendia a apenas abrir a página ao meio para examinar alguma parte do desenho. Para abrir as páginas completamente seria preciso uma mesa de dois metros e meio de largura.

Ingrid agarrou o papel e correu até o banheiro, agitada com a nova ideia. Ela o segurou no espelho e tirou nova foto com uma máquina fotográfica com resolução melhor. Ao usar o espelho, o texto ficaria invertido e poderia ser lido. Ela levou a máquina de volta à escrivaninha e imprimiu a nova foto.

Agora ela entendeu. O texto estava separado em duas tiras: a de cima estava em norueguês, idioma que ela aprendeu quando criança

com o pai. A segunda linha continha as mesmas letras que circundavam as marcas de articulação, em uma língua que ela não entendia. Os caracteres se correspondiam como uma pedra de Rosetta. Como ela entendia o primeiro idioma, tudo que precisava era decifrar os códigos.

Ingrid trabalhou rapidamente na tradução. As letras eram tênues, e havia lugares onde faltavam palavras e caracteres, mas ela ainda conseguiu deduzir uma compreensão geral. A primeira, um tipo de título dizia: Yggdrasil.

Yggdrasil.

Ingrid saltou da escrivaninha e correu para os fundos da biblioteca, onde eles mantinham os livros reservados que ninguém tinha permissão de levar emprestado. Havia um livro lá, um que ela herdara do pai há muitos anos e que ela doara para a biblioteca logo que começou a trabalhar ali. Um livro que continha a história deles. A capa da frente quase foi rasgada quando ela o tirou da prateleira, embora parecesse que ele passou a maior parte das últimas décadas totalmente imperturbado.

Yggdrasil.

A palavra ressoava com poder. Ingrid sentou-se no chão diante da prateleira, descansando o pesado livro sobre as pernas dobradas. Passou pelas páginas, virando-as adiante e para trás, até encontrar a sessão que procurava.

Yggdrasil: a Árvore do Mundo que mantinha os Nove Mundos do Universo Conhecido.

Havia a figura de uma árvore poderosa crescendo no vazio do espaço. Livre de terra, sua forma desenhava uma ampulheta perfeita, com um círculo de galhos em uma extremidade e uma bola de raízes na outra. A árvore flutuava, com seus ramos densamente tecidos formando uma espiral que a fez lembrar a planta de Fair Haven. Comparou a imagem do livro com a dos desenhos arquitetônicos e, de repente, tudo fez sentido.

De alguma forma, Fair Haven fazia parte dessa enorme e antiga árvore; ela abrigava uma entrada para o esqueleto do Universo. Ela começou a traduzir as marcas de articulação, encontrando seu significado correspondente em norueguês. Ingrid estudou os termos

um por um, anotando as traduções enquanto trabalhou com afinco durante quase uma hora. A cabeça doía um pouco, e os olhos estavam secos de esforçarem com os símbolos sutis. Ingrid anotou a última letra e então se afastou, com a coluna doendo de ficar sentada curvada em uma única posição por tanto tempo, mas ela encontrou o que se propusera a descobrir.

Ela leu a tradução novamente, e sua mente girou, lembrando a visita clandestina a Fair Haven quando descobriu a porta escondida. Na época, ela adivinhou que a casa fora construída para criar uma passagem mística. Mas, ao ler os símbolos, ela compreendeu que a casa não era uma entrada para a árvore, mas fora criada como uma fortaleza para protegê-la. A casa era uma barreira, não uma porta.

Ingrid arfava. Tudo estava tão claro. Agora ela sabia o que provocava todos os problemas: a escuridão prateada, a explosão subterrânea, as mulheres estéreis, os animais mortos, a toxina na água e no ar. Tudo apontava para a mesma direção, para o homem que lhe entregou as plantas do local, desde o começo.

Killian Gardiner. Ele era o Guardião, um imortal que estava destinado historicamente a proteger Fair Haven e a árvore. Mas e se em vez de proteger a árvore, ele de alguma forma a colocou em perigo?

Ele voltou para Fair Haven após viajar pelo mundo. Trabalhou na costa da Austrália e em um cargueiro no Alasca — locais onde a toxina também fora encontrada. Ela não sabia se ele esteve próximo de Reykjavík, mas apostava que sim. Ele viajava pelo mundo, espalhando a toxina.

Enquanto lia as palavras novamente, ela se viu quase sem fôlego: *“A hora de Ragnarok estará à mão quando a Terra estiver submersa em água envenenada. Então começará a era do lobo, quando irmão se voltará contra irmão, e o mundo deixará de ser. Para que o veneno dos Nove se disperse, os vivos não deverão ultrapassar o caminho de Yggdrasil”*.

capítulo quarenta e dois

Götterdämmerung — Crepúsculo dos deuses



Durante milênios, no tempo em que a Terra era jovem, Asgard e Midgard estavam ligadas pela ponte Bofrir, feita de ossos de dragões que viveram antes ainda. Num dia terrível, a ponte foi destruída. O dano foi permanente, e o motivo da destruição surpreendeu a todos, pois revelaram os culpados como sendo Fryr, da tribo Vanes, e seu grande amigo Loki, da tribo Ases, dois jovens deuses ousados cuja brincadeira infantil levou a um resultado horrível. A ponte era a raiz do poder dos deuses, e Loki e Fryr foram acusados de tentar tomar o poder para eles.

Como punição por suas ações, Loki foi banido para as profundezas geladas por cinco mil anos, enquanto Fryr foi destinado ao limbo por um período indefinido já que seu crime tinha sido mais grave. Foi seu tridente que enviou a ponte para o abismo.

Com a ponte destruída, os deuses foram separados. Os Vanes, deuses e deusas do lar e da Terra, ficaram presos em Midgard; enquanto entre os Ases, deuses guerreiros do céu e da luz, apenas Odin e sua esposa Frigg permaneceram em Asgard, sendo que os dois filhos se perderam deles por milhares de anos. Seus *filhos*: Balder e Loki. Branford e Killian Gardiner.

Killian Gardiner. Loki. Killian. Loki.

Seu amante. Freya sabia o que deveria fazer assim que Ingrid lhe contou sobre a ruptura de *Yggdrasil*. A toxina era a seiva da árvore envenenada, e havia apenas um homem em todo o Universo que acharia graça em destruir a própria base de seu mundo e trazer

Ragnarok. O fim dos tempos. A condenação dos deuses. Freya percebeu que os gigantes de areia eram os Gigantes de Neve de Loki, seus guardas. Eles retornaram e rodearam a casa em Fair Haven, para ficarem mais próximos de seu mestre. Ela correu o mais rápido que pôde até Fair Haven e encontrou Killian em seu local de sempre, a bordo de seu barco amado.

Ela subiu a bordo e o enfrentou.

— Saiba que eu sei — disse ela. — Sei quem você é e o que esteve fazendo. — A percepção tinha sido uma lenta revelação. Ela a negou, nunca ousou admitir para si mesma, mesmo em particular, mas agora não havia como ignorá-la.

Killian tomou a mão dela na dele.

— Estou tão feliz. Eu espero há tanto tempo... cinco mil anos, apenas com a lembrança de seu beijo para me confortar... — Ele a puxou para seus braços e beijou-lhe a testa. — Senti tanto a sua falta. Mais do que você poderá imaginar — prosseguiu.

Embora ardesse de ódio, ela se deixou beijar e se levar para a cabine abaixo. Ela tinha de mantê-lo ali até Ingrid descobrir como arrumar o que ele tinha quebrado. Ela precisava distraí-lo e lhe fazer companhia. Havia a mesma urgência em seus beijos que naquela noite no bosque, a mesma intensidade apaixonada.

Então, Freya percebeu que não estava sozinha.

— Madame disse que eu a encontraria aqui, mas não acreditei no começo. — Bran Gardiner estava em pé diante da entrada da cabine com uma arma na mão. Seus olhos castanhos brilhavam com um desespero profundo. — Então, você conseguiu o que queria afinal, irmão. — Freya tinha esquecido que deveria tê-lo encontrado no North Inn há uma hora e claro que ele tinha ido lá, procurando-a. Deveria ter sido um encontro bem feliz.

Bran Gardiner. Balder. O deus da Alegria e Paz, da Beleza e da Luz, que personificava tudo que era bom e verdadeiro no mundo. O melhor de todos. Seu companheiro gentil e amável. Eles foram feitos para ficarem juntos. A mãe dele, Frigg, decretou que nada na Terra poderia feri-lo. No entanto, ela se esquecerá de protegê-lo da coisa mais perigosa de todas. O visco. Seu beijo. Seu amor.

Certa vez, em Asgard, a deusa Freya tinha dois pretendentes, dois lindos irmãos que queriam a sua mão. Raivoso e ciumento, Loki fez votos de vingança; e na véspera de seu casamento, sua flecha com ponta venenosa encontrou o alvo. A seta perfurou o coração de Balder e o enviou para o Reino dos Mortos.

Freya se perdeu em tristeza e loucura até que a irmã, Erda (Ingrid), que conseguia prever o futuro, deu-lhe um raio de esperança. Ela confortou Freya, dizendo-lhe que, em sua linha da vida, ela viu que certo dia, em um Universo diferente, em um local e tempo diferentes, ela e Balder se encontrariam novamente.

Milhares de anos mais tarde, ela encontrou Bran Gardiner e sabia que ele era aquele pelo qual aguardava. Seu próprio querido Balder. Eles se encontraram, apenas para serem destruídos por Loki novamente. Desta vez, ela mesma permitira que a cobra entrasse em sua cama.

Freya ficou em pé diante da cama e começou a falar, mas Bran balançou a cabeça.

— Não — ele falou para Freya. — Nem consigo olhar para você.

— Bran, abaixe a arma, acabou — Killian falou com a voz rouca enquanto se afastava lentamente da cama na direção do irmão. Os dois homens se encararam, e Killian pareceu maior do que era apenas alguns minutos atrás, enfrentando Bran com força inesperada.

Bran hesitou, e a arma pendeu de sua mão. Killian aproveitou a oportunidade e derrubou a arma da mão do irmão. A arma foi desviada, os dedos de Killian envolveram o gatilho e ele apertou. O som foi de trovão, como um romper dos céus. Não era uma arma comum. Freya gritou. A bala voou pouco acima do ombro de Bran, passando de raspão no seu pescoço, tirando sangue. Sangue vermelho e espesso vertia do corte, espalhando-se em um círculo carmesim que rapidamente envolveu seu ombro.

Freya ouviu um estrépito, como o de ossos se partindo, quando os dois homens se pressionaram peito contra peito; quatro mãos envolviam a arma, os dois homens seguravam com força o revólver enquanto tentavam ao mesmo tempo controlar o gatilho e apontar o cano para o outro. Killian gritou de dor e se afastou com força para

trás, depois se impulsionou adiante com as duas pernas. A violência de seu golpe lançou os dois rolando pelo chão, com Killian por cima.

A arma disparou mais duas vezes, e os tiros cortaram as cortinas e explodiram o painel de vidro. Ela não conseguia dizer qual dedo puxou o gatilho, pois os corpos de ambos escondiam a arma. Qualquer um podia estar no controle. Bran liberou a mão esquerda da arma; afastando-se rapidamente, ele desfechou um golpe forte no queixo de Killian. Sem parar, ele disparou mais dois golpes potentes contra o rosto de Killian. Houve mais dois tiros. Um pedaço de acabamento se soltou do teto da cabine.

Quem atirou? Freya pensava. Quem ganhou? Ela mergulhou na direção dos homens, as mãos buscando a arma, mas chegou tarde demais. O tambor continha seis balas. O último tiro soou, mas desta vez não houve janelas quebradas ou teto estilhaçado. A bala se alojou em um dos irmãos.

Com força descomunal, Freya puxou Killian de Bran, que estava imóvel no chão; quando Killian se virou, a perna estava coberta de sangue. Um buraco rasgava a perna que se mexia, e a ferida aberta vertia sangue. Sem pensar, ela pressionou a mão na ferida, estancando o fluxo por um instante.

Killian grunhiu, e toda a cor sumiu de seu rosto, mas ele viveria, Freya pensou satisfeita. Ela se ergueu para cuidar de Bran, mas chocada, viu que ele tinha desaparecido.

Não havia mais ninguém no aposento.

capítulo quarenta e três

A maldição de
Freya e Balder



— **L**oki! O que você fez? Onde ele está? — ela gritou. Onde estava o amado dela? Ele partiu para sempre?

Killian piscou os olhos e os abriu, encarando Freya.

— Loki? Ele escapou? Você tem que pegá-lo... vá atrás dele... — Ele tossiu. — Antes que ele...

— Pare! Pare de mentir. Como você está dizendo que Loki escapou? — ela falou, sentindo que estava para perder a cabeça bem quando tudo começava a fazer sentido.

Killian balançou a cabeça, e ele parecia tão magoado que era como se uma luz começasse a pegar fogo na mente dela. Tudo que tinha sido nebuloso, confuso e equivocado antes começou a se dissipar à luz fria e clara da verdade. Quando ela disse seu nome, foi como se estivesse acordando do sono mais profundo.

— Balder, é realmente você?

— Sim. Sim, claro. — O rosto de Killian ensanguentado e cansado abriu-se em um lindo sorriso. O sorriso do garoto que tinha conquistado seu coração em Asgard. O sorriso de seu amado. Ele parecia exatamente como ela o vira pela primeira vez, um lindo garoto tocando sua lira na beira da floresta. Com aqueles olhos azuis-esverdeados maravilhosos, alegres, brincalhões e claros.

Então Freya percebeu — ela o *tinha reconhecido* desde o começo, na festa de noivado. Foi por isso que se sentiu atraída desde o início, no minuto em que o viu, porque seu amor por Bran tinha sido

conflituoso e confuso, carregado de culpa e tristeza. Agora ela compreendeu por que ficou tão agitada naquela noite.

Bran Gardiner era Loki. O deus do Dano e do Caos. Trapaceiro. Metamórfico. O ardiloso. O enganador. O mentiroso. O ladrão. Loki teceu uma teia de mentiras desde o começo, enganou-a, fazendo com que ela se apaixonasse, tinha jogado um feitiço no seu coração, um poderoso encanto que a amarrou a ele. Naquela primeira noite em que o encontrou, quando o vestido dela escorregou, ela percebia agora, fora sua ação, para que ele tivesse uma desculpa para tocá-la. Depois aquelas noites no bar, sete ao todo, nas quais ele a encarava enquanto a hipnotizava para que ela fosse a primeira a tomar iniciativa, completando o feitiço.

— Não há palavras... — Freya baixou a cabeça com tristeza.

— Não esperei cinco mil anos por uma desculpa — ele disse com carinho.

— Não mereço você.

— Você não está entendendo. Nós nos pertencemos. Sempre — Killian falou. — Eu não podia dizer nada. Estava preso à profecia e não podia me revelar até que você me reconhecesse pelo que sou. Só podia ter esperança embora eu tivesse tentado avisá-la sobre o perigo à minha própria maneira.

— Os pássaros mortos na praia que Joanna encontrou no início do verão. Foi você?

Killian concordou com a cabeça.

— Como você sabia que eu estava aqui? Como me encontrou?

— Bran conseguiu me achar e me enviou um convite para a festa de noivado. Acho que ele não conseguiu se conter. Ele queria que eu visse a vitória dele, mostrar que ele encontrou você primeiro, queria que eu soubesse que ele tinha o que eu mais queria no mundo. Ele sempre me culpou pela sua prisão em Helheim.

Freya percebeu que o plano de Bran teria funcionado se ele não estivesse tão certo da vitória. Mas seu orgulho tornou-se sua destruição, ao arriscar o destino e convidar Killian para testemunhar seu triunfo; o feitiço que ele lançou sobre seu coração começou a se desfazer no momento em que ela o viu. Ela tinha até tentado casar-

se com ele naquela noite na floresta. No fundo, ela sabia quem ele era, parte dela sempre soube.

— Quando cheguei, ele me disse que a sentença dele tinha terminado, que fora libertado por Helda. Mas comecei a suspeitar. Veja, abra a porta do armário, há um saco no chão.

Freya fez o que ele mandou e trouxe um saco de papel pardo. Dentro havia um chapéu de lã, manchado e com sangue coagulado.

— São de Bill Thatcher! — exclamou ela.

— Encontrei no porão logo que cheguei e escondi até descobrir a quem pertencia e de onde vinha.

— Foi ele que matou Bill. Ele e Maura sempre caminhavam naquele cume, do outro lado de Fair Haven.

Killian assentiu.

— Bran veio para Fair Haven em meados de janeiro, na véspera de uma lua cheia. Ele deve ter ficado preocupado que eles o tivessem visto na sua forma verdadeira quando ele chegou na casa, então, ele os atacou.

Agora ela entendia por que ela não conseguia ver quem assassinara Bill, a magia de Loki a tinha impedido de fazê-lo.

— Ele se disfarçou da minha mãe — Freya contou para Killian o que tinha acontecido — que Maura Thatcher se recuperou do coma e apontou Joanna como assassina de Bill.

— Eu fiquei para descobrir o que ele estava planejando e porque não queria ficar longe de você, claro. Suspeitei que ele estivesse mentindo, que ele não fora liberado e tivesse fugido da prisão, e ao fazê-lo ele liberou a escuridão neste mundo. Ainda não sei como ele fez — ele deve ter uma arma poderosa à disposição, algo que o permitiu viajar entre os reinos.

— O anel. Ele carrega um anel com ele. — Freya se lembrou. *É do meu pai, Bran tinha lhe dito. É muito especial para mim; é tudo que tenho dele.* — O anel de Odin, feito de osso de dragão, ele pode levar o dono através dos Nove Mundos.

— Então é assim que ele rompeu o confinamento. Pensei que tinha sido algo relacionado a Fair Haven, onde ele morava, e como palpite, enviei as plantas para Ingrid, pensando que ela poderia decifrar o código.

— Ela decifrou. Ela sabe o que existe em Fair Haven. A casa tem um galho de *Yggdrasil*.

— Então esse era o segredo — Killian falou. — Ele usou o caminho da árvore para chegar a Fair Haven, pois sabia da lenda dos Guardiões e que, como um de nós, a casa o aceitaria.

— Eu contei para ele que você entregou as plantas para Ingrid e que ela estava perto de descobrir — ele deve tê-la roubado de volta, e foi por isso que ele a atacou, usando a forma de seu corpo. Ai, Killian, estou tão...

— Pare. Ele sempre nos engana. É o jeito dele. Ele sabia o que estava fazendo quando rompeu a árvore e liberou a seiva envenenada em Midgard.

— Então estamos perdidos — Freya sussurrou. Sua alegria em encontrar o amor verdadeiro foi amortecida pelo conhecimento da escuridão que Loki liberou no mundo.

Ingrid apareceu na porta:

— Desculpe interromper, mas Freya...

— O que aconteceu? — A irmã parecia fragilizada.

— É o Tyler. Ele morreu há alguns minutos.

capítulo quarenta e quatro

O labirinto



— Não, não temos muito tempo — Killian falou. — É o veneno.
— Está mais forte agora. As crianças são mais vulneráveis, mas haverá mais vítimas, mais mortes se não pararmos com isso.

— Ingrid... Killian é...

— Eu sei. — Ingrid respondeu com um leve aceno de cabeça. — Também descobri isso. Lembra-se do que falei sobre *Ragnarok*? Primeiro os oceanos vão morrer? E como a toxina que está em North Hampton é semelhante às encontradas perto de Sydney, Groenlândia e Reykjavík? Acabaram de encontrá-la perto do Vietnã. Bran vem espalhando-a pelo mundo desde que chegou a Fair Haven em janeiro. — Ela explicou como no início ela tentou relacioná-la às viagens de Killian, mas ela não descobriu o cargueiro do Alasca onde ele deveria ter servido nem o resort em Sydney onde ele deveria ter trabalhado como instrutor de mergulho. Pelo que pesquisou, Killian nunca esteve em todos esses lugares e, de repente, ela percebeu que a pessoa que lhe disse que Killian viajava pelo mundo todo era Bran.

Ela começou a investigar o histórico de Bran e de suas viagens e percebeu o engano em identificar os irmãos logo que ela juntou os resumos de noticiários sobre os locais da toxina com uma cópia do itinerário de Bran da Fundação Gardiner, publicada no site. As datas e locais combinavam perfeitamente. Sob a cobertura de serviço de caridade, Bran viajou para todos os lugares do mapa em que a toxina fora encontrada. A explosão em meados do verão significava que a árvore estava começando a desabar internamente. Suas

suspeitas se confirmaram, ela investigou um pouco mais a fundação e descobriu que apesar de toda a agitação, ela não fazia muita coisa de bom, a maior parte do trabalho parecia estar ligada a reuniões burocráticas infundáveis; a fundação quase não dava dinheiro para quaisquer das causas que apoiava. Era uma empresa de fachada, uma fraude, uma forma de esconder a fortuna dos Gardiner.

Ela contou tudo isso para Freya e Killian. Agora ela entendeu que Bran era Loki o tempo todo. Como a irmã e a mãe, ela fora enganada. Devido à restrição, elas ficaram enferrujadas, cegas e perdidas sem a magia, e não sentiram o uso do feitiço poderoso. Ela corou ao pensar no sonho que teve com Killian na outra noite. Claro que fora outro dos truques de Loki, para tirá-las do caminho.

— Sei para onde ele vai — Ingrid completou. — Para a porta secreta em Fair Haven. No salão de baile. Vamos lá.

— Vá — Killian falou para Freya. — Ele está com o anel de Odin; ele pode estar em qualquer parte do mundo agora.

— Não posso deixar você aqui — Freya respondeu.

— Minha perna está baleada, mas consigo controlar o sangramento, não se preocupe comigo, eu só vou atrapalhar.

Freya beijou Killian mais uma vez e foi com a irmã.

— Vamos lá. Está na hora de terminar isso.

INGRID CONDUZIU O CAMINHO no salão de baile. Jogou um feitiço que quebrou o gesso e revelou a porta-fantasma que tinha encontrado por baixo.

— Tudo bem, agora como abrimos? — Freya perguntou.

— Observe — Ingrid tinha lido sobre a árvore no livro do pai. Agora ela entendia a língua que não tinha conseguido decifrar; era o idioma dos dragões e gigantes que vieram antes dos deuses. Ela colocou as mãos na porta e murmurou algumas palavras.

A porta rangeu ao abrir, revelando nada além da escuridão. Ingrid segurou a mão de Freya e juntas elas entraram furtivamente pelo portal. Conforme seus olhos se ajustavam à escuridão, ela viu que um brilho pálido azulado iluminava a sebe áspera que as cercava. O vão, se pudesse ser chamado assim, cheirava a terra úmida e

madeira. Havia um caminho que conduzia adiante, mais profundamente na sebe.

No entanto, antes que pudessem seguir, elas se depararam com Lionel Horning. Ele estava coberto de sangue, e deu para ver que ele apodrecia de dentro para fora; metade de seu rosto faltava e ele olhava enviesado com o único olho bom.

— Parem! — ele disse com a voz rouca, erguendo a mão na qual faltavam dois dedos. — Vocês não podem entrar. — O amigo delas tinha se transformado em um cão de guarda, um obstáculo para bloquear o caminho.

— Ah, Lionel... — Ingrid suspirou. — A toxina. Deve estar no sangue dele, no sistema, quando ele engoliu toda aquela água do mar, por isso a ressurreição não deu certo.

— Então, estou errada. Ele não é um demônio. — Freya constatou.

— Não, um zumbi, com certeza — Ingrid respondeu. — O rio subterrâneo na fazenda... ele leva ao mar. A toxina deve ser forte por lá. Ele vem respirando aquilo, engoliu a água e ainda estava morando em um espaço envenenado. Não é de se espantar.

— Lionel, me desculpe, mas preciso fazer isso — Ingrid falou, elevando a varinha. Surgiu uma corda branca da ponta da varinha e se enrolou, apertando Lionel e fazendo uma camisa de força. — Isso vai imobilizá-lo. Acho que não vamos conseguir levá-lo de volta, o corpo está apodrecido demais. Mas se detivermos Loki, isso vai restaurar o espírito de Lionel e enviá-lo para Helda como ele era antes.

Houve um grito do além, do outro lado do caminho que conduzia para longe da árvore.

— É Tyler. Ingrid, pegue o menino. Temos vinte e quatro horas antes que a Morte o reclame para sempre.

— E você? — Ingrid perguntou, já se virando para o som dos gritos do garoto.

— Eu cuido de Loki — Freya falou, adentrando na escuridão.

capítulo quarenta e cinco

Rainha dos trapaceiros



Freya passou a mão sobre o que parecia ser um viveiro denso de trepadeiras, mas conforme a escuridão deu lugar à luz das estrelas, ela se viu em pé em meio a um enorme labirinto aberto no oco das raízes de uma árvore que parecia maior que o próprio céu. As raízes maciças se espalhavam até onde a vista dela alcançava, por todas as direções. Acima dela havia um manto de estrelas. As luzinhas azuis não piscavam; o brilho era forte e constante.

Freya olhou para as estrelas incomuns. Já não estava em Midgard, tampouco no Mundo da Ligação, disso ela tinha certeza. Estava em outro lugar, algum lugar além do próprio Universo.

Ela descobriu uma linha escura que cortava o céu como uma versão escurecida da Via Láctea, e sabia que deveria ser o tronco da árvore. Conforme se encaminhou para o centro, o campo de raízes nodosas se abria e deixava que ela avançasse — apenas para conduzi-la a um beco sem saída, onde ela precisava forçar o caminho para o outro lado. A madeira era dura e machucava sua pele; os braços estavam com crostas de terra enquanto ela abria caminho em frente.

A distância, ela ouviu uma débil voz lançando um encanto, e uma passagem se abriu diante dela. Livre do mato, por um instante, ela correu pela escuridão. Uma voz potente surgiu do fim da passagem.

— Freya, meu amor, venha comigo! — Bran apareceu da escuridão, com os olhos brilhando de maldade. Freya percebia agora que o brilho de gentileza ao redor dele fazia parte do glamour do

feitiço. Sua estranheza e nervos eram sinal de como tinha sido difícil para ele manter o encantamento intacto.

— De jeito algum — respondeu Freya, segurando a varinha ao ar. O osso de marfim brilhava na escuridão.

— Sua magia não funciona em mim — zombou ele. O homem que ela conhecia como Bran Gardiner se fora. Sempre que olhava para ele, ela compreendia algo novo. Madame Grobadan era a gigante Angrboda, a eterna amante de Loki. Por isso ela não gostava de Freya.

— De jeito algum; acho que você esteve fora por tanto tempo que se esqueceu quem eu sou — Freya retrucou, aprumando-se até mostrar sua altura. Como seu amante, ele estava condenado a ser subserviente para ela para sempre; esse era o poder que ela exercia sobre os homens, o jeito como fora feita desde o princípio. — Me dê o anel, Bran — ela falou baixinho. — Você não pode me negar.

Bran ficou diante dela na forma verdadeira de Loki, os traços alongados de modo estranho, quase grotescos. Ele se adiantou na direção da sombra para se esconder enquanto falava.

— Você pode levar o anel, mas não há motivo para ter uma vida com o seu querido Balder se o mundo em que vive estiver envenenado. Deixe-me ficar com ele e poderei estancar o sangramento. — Ele olhou para Freya, mas o olhar dela não dizia nada.

— Me dê o anel. — Era a ordem de uma deusa.

Bran não conseguia resistir. Freya sentiu um ar quente e pútrido envolvê-la e quando se dissipou, o anel de Odin estava na palma da sua mão. Ela viu que não era feito de ouro, a superfície era branca e porosa, um anel de osso escavado dos últimos fragmentos da ponte. Um amuleto final de um poder mais antigo que os próprios deuses, que fora perdido por Odin durante a última batalha de Asgard. Ele não pertencia a este mundo ou a nenhum outro. Seu tempo era o passado. Ela o segurou entre os dedos e começou a esmagar a forma frágil. Pequenos estilhaços encheram a mão dela. O anel era tão macio, como se fosse esculpido de uma pena, podia ser reduzido a pó ao menor toque.

— Não o destrua. Devolva para mim e eu darei o que desejar — Loki sussurrou. — Se os que me colocaram no abismo me encontrarem aqui, não serei mais enviado para lá, simplesmente serei varrido da existência. Espero que ainda tenha sobrado um pouco de amor por mim.

Cada palavra dele era uma mentira, ela pensou: ele não fará nada para ajudar. Freya olhou para ele mais uma vez, mas não viu nada do Bran que ela conhecia. Segurou o minúsculo anel entre os dedos e vagarosamente o reduziu a pó.

— Não vou ser mais uma bobinha para você, Loki.

— Idiota! — gritou ele, jogando-se adiante para pegar quaisquer cinzas que pudesse enquanto elas flutuavam para o chão. Loki se ergueu do terreno úmido e a encarou. — Então você passará o resto de sua existência em um mundo à morte.

— Não, Loki, não vou. Você vai sair assim como entrou em Midgard, pelo buraco que fez no tronco, e a saída vai se fechar após isso. A Árvore do Mundo ficará inteira novamente. — Esta era a ideia de Ingrid, e ela esperava que a irmã estivesse certa — que assim que ele cruzasse *Yggdrasil* mais uma vez, a ferida se fechasse e a toxina desaparecesse.

Loki hesitou.

— É a sua única saída daqui, já que o anel se foi — Freya continuou. — Sem o anel, é o único caminho que permanece aberto para você. Só há um lugar para você ir. Acho que você não vai querer ficar por aqui para ver o que vai acontecer assim que Balder chegar. — O deus da Luz e da Fúria seria um inimigo temível agora que ele recuperou sua força total e não está mais preso aos limites da maldição.

Loki não respondeu por um tempo. Simplesmente ficou parado quieto, a mente fervilhando. Então, sorriu.

— Você é mais parecida comigo do que acredita, cara Freya. — Dito isso, ele girou e ficou diante do enorme tronco da árvore. Emitiu palavras desconexas em um idioma que Freya não entendeu.

As estrelas acima enfraqueceram conforme as trilhas através do enorme amontoado de raízes pareceram se mexer e mudar na escuridão, revelando uma cicatriz de rasgo negro na face da árvore.

A fenda parecia mais uma ferida, uma fenda poderosa, e uma força intensa emanou dela, soprando um redemoinho nocivo do caule. Loki colocou uma mão na casca rasgada e, por um instante, ele parou como se fosse virar e dar um adeus, mas não. Em vez disso, ele mordeu os lábios e se lançou no vazio. A fúria negra se elevou mais uma vez do buraco, como se ao consumir o deus escuro dos danos apenas aumentasse seu poder.

Freya foi atirada ao chão conforme o chão tremeu. Os céus enegreceram e a escuridão se espalhou em volta dela.

— Loki! — chamou ela. — Não houve resposta. Ela fechou os olhos e cavalgou a tempestade enquanto a fúria a envolvia como um tornado, girando em todas as direções. Finalmente o furacão cessou e quando ela abriu os olhos, a árvore estava inteira novamente.

Ela se recompôs e tirou a poeira dos joelhos.

— Ingrid! Você e Tyler estão bem?

— Estamos aqui!

Freya correu na direção do som das vozes. Ingrid estava sem fôlego.

— Eu o encontrei no caminho. Mas ele ainda não tinha passado pelo primeiro portal. Vamos logo, já é quase dia. O Pacto!

— E Lionel? — Freya perguntou.

— Não consegui achá-lo. Mas se Loki partiu, então Lionel deve estar a caminho de Helda como estava antes. E sem estar corrompido em sua alma!

— Vamos voltar para casa agora? — Tyler quis saber.

— Sim, segure a minha mão e não solte.

O garotinho parecia assustado, e Freya se lembrou que ele não gostava de ser tocado, mas após uma luta interna, ele pegou a mão de Freya e com a outra mão, a de Ingrid.

Elas caminharam assim, com a criança entre elas, até retornarem à casa.

capítulo quarenta e seis

O julgamento do Conselho



Joanna os viu saindo pela porta da frente de Fair Haven. Ela correu até Tyler, envolvendo-o com um abraço de urso.

— Vocês conseguiram! — ela falou em êxtase com as garotas.

— Sim — Freya respondeu, caminhando até Killian e pegando a mão dele. A perna ainda estava enrolada no torniquete que ela tinha feito. — Mas quem sabe onde Loki vai aparecer da próxima vez.

— Tudo bem, ele não vai se ver livre por muito tempo — falou uma voz nova.

Ingrid ergueu o olhar:

— Pai?

Um homem estava lá na sombra. Ele era alto e bonito, com cabelos grisalhos, mas o rosto era cansado e a barba um pouco desgrenhada. Usava um casaco surrado e calça cinza, o uniforme de acadêmico. Freya, tensa, cruzou os braços na frente, mas no fim ela saiu correndo na direção dele, como Ingrid.

— Minhas garotas — foi tudo que Norman Beauchamp conseguiu falar naquele momento enquanto as abraçava, e até Joanna ficou piscando, disfarçando as lágrimas.

— *Skadi*, você está chorando — Norman zombou.

O deus dos mares soltou-se das filhas e olhou para elas com seriedade.

— Sua mãe me contou que vocês foram atrás de Loki sozinhas. Fiquei preocupado, mas vocês duas conseguiram fazer muito mais que eu esperava. Midgard está inteira mais uma vez.

— Para onde você foi, pai? Você realmente conseguiu uma audiência com o Conselho Branco?

— Sim. Fui até o oráculo e falei com o próprio Odin. Assim que decifrei o código naquelas plantas que Erda me enviou, vi que as raízes da árvore estavam em Fair Haven; quando vi as reportagens sobre os distúrbios no mar, comecei a pensar que talvez a toxina de *Ragnarok* fora encontrada em nosso mundo, o que só podia significar uma coisa: Loki tinha escapado das correntes e surgiu para soltar a vingança dele sobre nós.

— Mentres poderosas pensam de modo semelhante — Freya falou, acariciando Ingrid.

Norman suspirou.

— Também trago outras notícias. O Conselho está ciente de suas constantes e repetidas violações da restrição mágica que vem acontecendo desde os julgamentos de Salem.

— Ai, que ótimo.

— O que eles vão fazer? — Ingrid perguntou temerosa.

— Na verdade, é bastante simples — Norman falou. — Para viver neste mundo, vocês devem continuar a respeitar os regulamentos e leis de seus cidadãos, como sempre fizemos. Se não houver acusações contra vocês, a restrição será suspensa e vocês poderão continuar a praticar magia desde que não chamem muita atenção para as suas aptidões supernaturais. Isto se aplicará a todos de nossa espécie que ainda estão deste lado da ponte de Bofrir.

Freya trocou um sorriso com Ingrid e Joanna. Elas podiam praticar magia novamente! Antes de conseguirem comemorar, Norman ergueu a mão. — Mas se forem presas, julgadas e condenadas por um tribunal, vocês terão violado a restrição e poderão ser enviadas para a o Reino dos Mortos para dez mil anos a serviço de Helda.

— Então se nada acontecer, estamos livres. Poderemos ser feiticeiras novamente, todas nós. — Freya sorriu, pensando em tudo que lhe tinha sido negado por centenas de anos. Ela teria de tirar a vassoura do depósito e arranjar um caldeirão decente que aguentasse as poções que estava ansiosa para criar.

— Sim! — O pai assentiu com a cabeça. Ingrid também balançou a cabeça:

— Mas se eles nos acusarem e formos condenadas, iremos para Helda como escravas.

— Certo.

— Mas e Loki? Ele ainda está por lá.

— As Valquírias vão encontrá-lo.

Freya pensou na mulher que tinha visitado o bar procurando Killian após o feriado, e percebeu que ela era da mesma tribo que a mulher que ela vira em Nova York, conversando com Bran. Ela se lembrou como Bran ficara nervoso naquela noite, ansioso para se livrar da Valquíria. Freya não se sentiu tão mal assim agora que sabia que Loki conseguia enganar as corajosas guerreiras também.

Killian apertou a mão dela, mas ela não pensava nele ou no amor deles naquela hora. Nada fora decidido ainda. O destino, mais uma vez, estava nas mãos do reino humano.

capítulo quarenta e sete

Lei e ordem



O evento anual de levantamento de fundos acontecia no jardim dos fundos do prédio principal, diante da vista que quase condenou a existência da biblioteca. No entanto, ela não mais estava ameaçada, pois o novo prefeito estava mais interessado em preservar North Hampton como ela era que em criar novos empreendimentos. Blake Aland agora construía seus próprios condomínios novos nos arredores da cidade.

Ingrid andava pela festa, sorrindo para os convidados, sentindo-se satisfeita e feliz. A exibição fora elogiada pelos historiadores de arte e de arquitetura como pesquisa significativa sobre obras arquitetônicas. Todas as casas e projetos importantes estavam representados em impressões emolduradas de forma elegante e expostas nas paredes. Freya a convenceu a usar um vestido decotado de cores vivas, e ela soltou os cabelos pela primeira vez. Ela se sentia com a cabeça leve sem o seu coque severo, e ficou surpresa ao descobrir o comprimento dos cabelos.

Ela acenou para a irmã do outro lado da sala. Freya estava com os lábios colados aos de Killian: os dois planejavam se casar em algum ponto do próximo verão. Eles deviam mesmo procurar um quarto. Bibliotecas não eram hotéis.

Os pais dela estavam comportados, lado a lado, perto da poncheira. Pelo menos pareciam civilizados. Ingrid pensou quantos anos ela teria quando parasse de desejar que os dois ficassem juntos.

Todos seus amigos estavam lá: Hudson agitava a festa, oferecendo champanhe, enquanto Tabitha equipava a mesa de doces com um sorriso radiante.

— Ingrid? — Matt Noble parecia bonito e leve no terno cáqui, muito mais elegante que suas habituais roupas amassadas. — Quase não a reconheci.

Ela não corou e estendeu a mão para ele.

— É muito bom te ver.

— Igualmente.

— Só queria dizer...

— Não diga nada, por favor — retrucou ele. — Você não precisa ficar agradecendo toda vez que me vê. Não fiz nada, sério.

Não é bem isso. Há algumas semanas, os assassinatos foram resolvidos. Primeiro, Maura Thatcher se recuperou completamente e corrigiu seu depoimento. Ela não tinha ideia por que dissera que Joanna Beauchamp tinha atacado eles. Killian entregou o boné ensanguentado usado por Bill Thatcher, além de uma pilha de roupas que ele achou no porão, perto do incinerador, em Fair Haven. Sem dúvida o casaco e a calça eram de Bran e estavam com respingos de sangue que combinavam com os de Bill e Maura.

Molly Lancaster tinha sofrido abuso sexual e fora surrada, assim como Derek confessou. No entanto, os incansáveis investigadores descobriram que os registros do celular mostravam que o último número que Molly discara pertencia a uma conta de Todd Hutchinson. Quando os testes de DNA voltaram, era seu DNA que foi encontrado no corpo dela e não o de Derek. O pobre garoto tinha cedido e fornecido uma falsa confissão como parte do plano de seu advogado de jogar a culpa em Freya.

Então descobriram tudo: Molly Lancaster e Todd Hutchinson estavam tendo um caso. Quando Freya viu o prefeito se masturbando diante de pornografia *on-line*, na verdade, ele estava vendo Molly na tela. Após assediá-la o verão inteiro, ele começou uma relação abusiva com a jovem estagiária. Arquivos tirados de seu computador confirmaram isso, além de *e-mails* de Molly que diziam que ela tinha rompido com ele pouco antes do Quatro de Julho. O diário dela, que ela mantinha *on-line* com um código, documentava

todo o caso sórdido. Ela escrevia que estava indo para o North Inn naquela noite para encontrar alguém novo, alguém da idade dela.

O telefone de Molly mostrava vários textos do prefeito perguntando onde estava e mandando que ela esperasse por ele na praia. Ao chegar lá, ele a matou por ciúmes, pois a viu beijando outro.

Freya não conseguiu ler os desejos do prefeito, eles foram bloqueados pelo nó de fidelidade de Ingrid: a magia de uma irmã anulava a da outra. Uma semana mais tarde, ele fugiu e se escondeu. Ele mandou a esposa encontrá-lo no motel. Quando Corky chegou, ela o descobriu enforcado no teto, com um bilhete confessando toda a sujeira. Quando ela desceu o corpo, fez um nó ao redor do pescoço dele semelhante ao que recebeu da feiticeira. Ninguém sabe por que Corky Hutchinson quis colocar a culpa da morte do marido em Ingrid, mas o advogado pleiteou insanidade, devido ao choque e tristeza.

O assassinato de Molly e o suicídio do prefeito não estavam relacionados com a magia. Ou com vampiros. Ou com zumbis. Se Azrael levou um refém humano, não foi de North Hampton, foi fora dessa jurisdição. Mas Ingrid ficou triste com Emily e Lionel. O corpo de Lionel apareceu em um campo, e eles o enterraram com uma pequena cerimônia no cemitério local. Emily saiu da cidade após a morte dos animais e de seu parceiro. North Hampton já não era a mesma coisa para ela. Ingrid sentiria sua falta, mas não havia mais nada que pudesse fazer. Ela tentou confortá-la dizendo que Lionel agora descansava em paz, embarcando em uma nova jornada sozinho e não seria amaldiçoado pela eternidade.

Só quando tudo terminou que Ingrid descobriu que longe de tê-las abandonado, foi Matt quem pressionou a polícia para buscar mais evidências e esquecer o interrogatório. Ele trabalhou o tempo todo para ajudá-las. Agora ele estava diante dela segurando uma taça de vinho e sorrindo.

— Matt! — Caitlin os interrompeu. Ela estava deslumbrante com um vestido vermelho e saltos altos. — Encontrei você. Eu queria...

Ingrid sentiu o coração bater um pouco mais acelerado, mas manteve o sorriso no rosto. Então eles tinham reatado afinal. Talvez

o fim de semana romântico em Martha's Vineyard ainda pudesse acontecer logo. Ela se desculpou e saiu de perto.

Alguns minutos depois, Matt apareceu a seu lado novamente.

— Oi!

— Oi!

— Então, Caitlin e eu...

— Você não precisa dizer nada, sério. Fico contente que você e Caitlin estejam reatando.

— Verdade? Porque eu queria que você não ficasse — ele falou, franzindo a testa.

— Como assim?

— Se você me deixasse terminar uma sentença de vez em quando — prosseguiu ele, olhando para os olhos dela — você saberia.

— Saberia o quê?

— Caitlin e eu não estamos juntos. Ela quer, mas... — Matt ergueu os ombros.

Ingrid sentiu um raio de esperança começando a florescer no seu coração.

— Mas...

— Mas eu não quero — Matt terminou, colocando a bebida de lado e enfiando as mãos no bolso como um garotinho. — Olha, você se lembra daquela vez... quando eu pedi... se você podia me ajudar a convidar alguém para sair?

Claro que ela se lembrava.

— Não sei o que deu em mim, mas você parecia tão zangada e distante que acabei falando o primeiro nome que me veio à cabeça. E depois você não pareceu incomodada por eu estar saindo com a Caitlin, mas...

— Mas?

— Eu deveria ter sido honesto desde o começo. Dizer com quem eu estava a fim de sair. É só que... você nunca pareceu gostar de mim. Houve uma época em que pensei que eu realmente a irritava.

Ingrid ficou constrangida por suas ações. Ela fora cruel com Matt e sem outro motivo a não ser gostar dele, e como ela nunca se sentira assim com ninguém, isso a deixava nervosa.

— Mas então o Hudson disse...

— O que o Hudson disse? — Ingrid perguntou ansiosa.

— Ele disse que você ficou contente de verdade quando soube que Caitlin e eu rompemos, então pensei que eu deveria ter motivo, sabe, de ter esperança novamente.

— Sei...

— Somos terríveis, não é? — Matt colocou a mão sob o queixo dela, e Ingrid sentiu o corpo todo tremer ao toque dele. Ele a ajudara. Ele havia pressionado a polícia a descobrir alguma coisa — brigou por evidências mais concretas. Ele acreditava nela, ele acreditava nela! — Então, eu queria dizer... gosto de você há muito tempo, Ingrid. Li todos aqueles livros horríveis que você ficava empurrando para mim. Você não acha que talvez...

Então foi a vez de Ingrid, e ela colocou a mão no rosto dele e, no meio da festa, diante de todo mundo no evento, ela o beijou.

Matt sorriu.

Ingrid enrubesceu.

— Não sei o que deu em mim — balbuciou ela.

Ele segurou a mão dela e a manteve.

— Não sei quem você é, Ingrid Beauchamp, se você é bruxa ou não, mas espero que você saia comigo algum dia.

Então ele a beijou, e em meio aos beijos, ela murmurou que sim.

Ingrid não sabia o que o futuro traria. Ela nunca tinha se apaixonado antes, por um humano muito menos. Mas, pela primeira vez, ela não estava nem aí. Deixaria as coisas rolarem, como Freya gostava de dizer, e só curtir.

Epílogo



O turno acabava à meia-noite, e Freya saiu para o estacionamento. Assim que buscou as chaves na bolsa, uma mão surgiu das sombras e agarrou seu punho. Ela queria gritar, mas quando viu quem a segurava, não conseguiu nem falar. Não conseguia acreditar.

O garoto na sombra colocou a mão nos lábios. Ele tinha cabelos dourados e era lindo como o sol. Olhar para ele não era muito diferente de olhar para o espelho.

— Fryr! — ela sussurrou. — É você mesmo? — O irmão gêmeo. — Você voltou! Mamãe vai surtar! — Ela tentou abraçá-lo, mas algo no rosto dele dizia que não era uma boa ideia.

— Não! — ele a preveniu. — Ninguém pode saber que estou aqui. Senão não vou conseguir me vingar.

— Vingar? Do que está falando?

— Caí numa emboscada. No dia em que a ponte caiu, quando fui até lá, ela já estava quebrada. Alguém já tinha retirado seu poder. O rosto dele ficou sombrio. — Freya, se você me ama, você vai me ajudar a encontrar o responsável por tudo. Aquele que destruiu Bofrir e que me deixou apodrecendo no limbo pela eternidade.

— Se você está falando de Loki, ele se foi, e as Valquírias vão encontrá-lo.

— Não, Loki não passa de um idiota. Não estou brigando com ele. Estou à procura de Balder. Neste mundo ele é conhecido como Killian Gardiner. Foi ele quem usurpou o poder de Bofrir e me emboscou para a queda. Me ajude a matá-lo, Freya. Se você me ama, me ajude a destruí-lo.

Agradecimentos



Obrigada a meu marido e colaborador, Mike Johnston, sem o qual o meu livro simplesmente não existiria. Sou grata a você, Mattie, por ser tão paciente quando mamãe estava “atrasada”, e por querer crescer e ser um “escritor de livraria”. Agradeço à minha família e meus amigos, que aguentaram semanas sem me ver enquanto eu estava escrevendo. Obrigada pelo apoio enquanto o livro estava sendo preparado.

Agradeço à incrível equipe da Hyperion[3]: Ellen Archer, que acreditou no livro desde o primeiro momento; Barbara Jones, Kristin Kiser, Marie Coolman, Bryan Christian, Sarah Rucker, Maha Khalil, Katherine Tasheff e Mindy Stockfield. Agradecimentos especiais às minhas editoras: Jill Schwartzman, Elisabeth Dyssegaard e Brenda Copeland. Obrigada a Richard Abate, agente, amigo e defensor.

NOTAS

8003

[*] O *Memorial Day* é um feriado nacional norte-americano que acontece anualmente na última segunda-feira de maio. Ele homenageia os militares que morreram em combate. (N.E.)

[1] Espécie de roedor. (N.E.)

[2] Referência à fotografia *V-J Day in times Square* (1945), do fotógrafo Alfred Eisenstaedt. (N.E.)

[3] *Hyperion* é a editora norte-americana do livro.

para minha família

Sobre a autora



melissa de la cruz é autora da série *Blue Bloods*, também publicada pela editora iD, que figurou na lista dos mais vendidos do *New York Times* e do *USA Today* e teve três milhões de exemplares impressos. Ex-jornalista, ela contribuiu com várias publicações, inclusive *Glamour*, *Cosmopolitan*, *Harper's Bazaar*, *Allure* e *Marie Claire*. Passou vários verões em Shelter Island, que serviu de inspiração para a cidade fictícia de North Hampton. Mora em Los Angeles e Palm Springs com a família enquanto espera a publicação do segundo livro da série sobre a família Beauchamp. Conheça melhor a autora e suas obras no site www.melissadelacruz.com.

Saiba mais no nosso site:

www.editoraid.com.br

© 2011 Melissa de la Cruz
Publicado originalmente nos Estados Unidos e no Canadá como
WITCHES OF EAST END.

Esta edição traduzida foi publicada mediante acordo com a
Hyperion.

Todos os direitos reservados.

1ª edição digital 2013

Design da capa: Laura Klynstra

Foto da capa: Marta Bevacqua/Arcangel Images

Tradução: Áurea Akemi Arata

ISBN 978-85-16-08718-0

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19
de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.editoraid.com.br

DE ACORDO COM AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

De La Cruz, Melissa
As feiticeiras de East End [livro eletrônico] /
Melissa De La Cruz ; tradução Aúrea Akemi
Arata. -- São Paulo : Moderna, 2013.
1,2 MB ; ePUB.

Título original: Witches of East End.
ISBN 978-85-16-08718-0

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-01366

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813